

CLAUDIA DIAS DE MENEZES BRONZEADO MACHADO

**A SEXUALIDADE EM TEMPOS DE INTERNET:
representações sociais de estudantes do Curso de
Enfermagem acerca da sexualidade feminina**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Área de Ciências da Educação**



**Lisboa
2009**

CLÁUDIA DIAS DE MENEZES BRONZEADO MACHADO

**A SEXUALIDADE EM TEMPOS DE INTERNET:
representações sociais de estudantes do Curso de
Enfermagem acerca da sexualidade feminina**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Área de Ciências da Educação**

**Lisboa
2009**

CLÁUDIA DIAS DE MENEZES BRONZEADO MACHADO

**A SEXUALIDADE EM TEMPOS DE INTERNET:
representações sociais de estudantes do Curso de
Enfermagem acerca da sexualidade feminina**

Dissertação apresentada à Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias
para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação, Desenvolvimento e
Políticas Educativas.

Orientador: Prof^o. Doutor Roberto Jarry Richardson – Universidade Federal da
Paraíba

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Área de Ciências da Educação**

**Lisboa
2009**

CLÁUDIA DIAS DE MENEZES BRONZEADO MACHADO

**A SEXUALIDADE EM TEMPOS DE INTERNET:
representações sociais de estudantes do Curso de
Enfermagem acerca da sexualidade feminina**

Aprovamos o título da dissertação proposta.

Lisboa, _____ de _____ de 20 _____

Orientador

Coordenação do Mestrado

**Lisboa
2009**

O que pedem os homens da vida e o que desejam nela realizar? A resposta de Sigmund Freud é contundente: “Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”. Os meios para isso seriam dois: “uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer.” O que determinaria o propósito da vida seria, então, o chamado “princípio do prazer” .

(Freud, 1987)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que são a minha vida, Arlindo Menezes e Maria do Carmo (Duquinha), por terem se empenhado material, psicológica e emocionalmente, para que eu pudesse vencer mais uma etapa da minha vida, e por me fazerem acreditar nos sonhos como algo tangível.

"Viver apenas um dia ou ouvir um bom ensinamento é melhor do que viver um século sem conhecer tal ensinamento. "

(Sakyamuni)

AGRADECIMENTOS

“Há duas fontes perenes de alegria pura: o bem realizado e o dever cumprido.”

(Eduardo Girão)

Agradecimento é uma comemoração, o que torna esse um momento sempre especial e delicado. São tantas as pequenas e grandes dívidas que acumulamos nessa trajetória que é quase impossível referir-se a todas;

Agradeço a Deus, por ter criado as possibilidades para a realização do meu desejo de tornar-me Mestre em Educação;

Aos meus filhos e amigos, Gabriela, Ricardo e Rafael, por terem estado ao meu lado, em um dos momentos mais difíceis da minha vida, apoiando-me e incentivando-me para a continuação do desenvolvimento desta pesquisa;

À minha irmãzinha Maria Inês que apostou, incondicionalmente, no sucesso desse estudo ao presentear-me com o livro “História das Mulheres no Brasil”;

Agradeço, imensamente, ao meu amigo e orientador, Professor Doutor Roberto Jarry que, com seu jeito ‘especial’ de orientar, ajudou-me a concretizar esse grande sonho;

À Professora Rejane Araújo, pela paciência que me foi dispensada, por ocasião da revisão lingüística do texto desta dissertação;

Ao amigo Ivanildo que, nos bastidores, foi peça importantíssima, com seu trabalho de digitação e de organização;

A todas as alunas por nós entrevistadas que, amparadas pelo sigilo, colaboraram de forma extremamente transparente tornando, assim, essa tarefa muito mais leve;

E por fim, agradeço aos amigos invisíveis, nem por isso menos presentes.

RESUMO

O tema Sexualidade abrange diversos aspectos que passam pelas características físicas e pela subjetividade do ser humano, envolvendo percepções e significados. O objetivo deste trabalho é o de analisar as representações de alunas do Curso de Enfermagem acerca da sexualidade feminina, em tempos de internet. Para isso, recorreremos à 'Teoria das Representações Sociais', por ser um fenômeno sempre ativo dentro da vida social, a partir das contribuições de Moscovici, de Jodelet e de outros. A análise dessas representações, na realidade física e virtual, permite identificar fatores que facilitem ou dificultem a vivência da sexualidade, particularmente, os motivos que levam essas alunas a buscarem relacionamentos virtuais. Optamos pela pesquisa descritiva, com caráter qualitativo, e pela análise de conteúdo para as entrevistas não dirigidas a cinco estudantes da Escola de Enfermagem Materdei em João Pessoa, PB. Buscamos captar, através dos conteúdos de suas falas, gestos, expressões, silêncios e as realidades dos seus discursos, de acordo com Bardin. Constatamos que as alunas do Curso de Enfermagem procuram a Internet para esclarecer dúvidas sobre a sexualidade e, em relação a sexo, consideram importante a privacidade das relações virtuais. Contudo, na relação homem e mulher, contemplam os valores tradicionais de masculinidade e feminilidade.

Palavras-chave: Representações sociais – Sexualidade feminina – Internet.

ABSTRACT

The theme Sexuality includes several aspects that go by the physical characteristics and for the human being's subjectivity, involving perceptions and meanings. The objective of this work is it of analyzing the students' of the Course of Nursing representations concerning the feminine sexuality, in times of internet. For that, we appealed to the 'Theory of the Social Representations', for being a phenomenon I always activate inside of the social life, starting from the contributions of Moscovici, of Jodelet and of other. The analysis of those representations, in the physical and virtual reality, allows to identify factors that facilitate or hinder the existence of the sexuality, particularly, the reasons that take those students to look for her/it virtual relationships. We opted for the descriptive research, with qualitative character, and for the content analysis for the interviews not driven five students of Nursing Materdei's School in João Pessoa, PB. We looked for to capture, through the contents of their speeches, gestures, expressions, silences and the realities of their speeches, in agreement with Bardin. We verified that the students of Nursing seek the Internet for us to explain doubts about the sexuality and, in relation to sex, they consider important the privacy of the virtual relationships. However, in the relationship man and woman, they contemplate the traditional values of manliness and femininity.

Key-Words: Social representations – Feminine sexuality – Internet.

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ABRAPSO – Associação brasileira de Psicologia Social

APA – Associação Americana de Psicologia

ARPA – Advance Research Projects Agency (Agência de Projetos Avançados de Pesquisa)

ARPANET – Advanced Research Projects Agency Network (Agência de Projetos Avançados de rede)

BBN – Bolt Beranek and Newman

BBS – Bulletin Board System

E-MAIL – (Eletronic MAIL) Correio Eletrônico

FTP – File Transfer Protocol

HTTP – Hypertext Transfer Protocol

IRC – Internet Relay Chat

LOGIN – Autenticar (LOG) + dentro (IN).

MODEM – Modulator/Demodulator

MUD – Multi-User Dungeon

NASA – National Aeronautics and Space Administration

NPPI – Núcleo de Pesquisas de Psicologia em Informática

PAISM – Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher

PCs – personal computers

PIU – Pathological Internet Use

PTV– PAID TO VISIT (pago para visitar)

SBRASH – Sociedade Brasileira de Estudos da Sexualidade Humana

SITE (SÍTIO) – Endereço na World Wide Web

SPAM – Abreviatura em inglês de “spiced ham” (presunto condimentado), mensagem eletrônica não-solicitada enviada em massa.

SPEI – Sociedade Paranaense de Ensino e Informática

TCP/IP – Transmission Protocol/Internet Protocol

UOL – É a abreviatura de Universo Online.

WEB – Em inglês = WWW

WWW – (World Wide Web)

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	17
1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	18
1.1 ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	18
1.2 MULTIDIMENSIONALIDADE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	36
1.3 O PROCESSO DAS DINÂMICAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	40
1.3.1 Processo de objetivação	41
1.3.2 Processo de ancoragem	45
1.4 FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	47
CAPÍTULO II	50
2 SEXO E SEXUALIDADE	51
2.1 CONCEITO DE SEXUALIDADE	51
2.1.1 O sexo como ato	52
2.1.2 O sexo como pecado	59
2.1.3 O sexo como doença	64
2.1.4 O sexo como linguagem	67
2.2 A SEXUALIDADE FEMININA	73
2.2.1 O papel da mulher na sociedade: da sociedade colonial aos dias atuais	76
2.3 A SEXUALIDADE	84
2.3.1 Do sexo ao gênero	84
2.3.2 A influência do Cristianismo	88
CAPÍTULO III	93
3 INTERNET E SEXUALIDADE	94
3.1 INTERNET	94
3.2 O CIBERESPAÇO E O 'BATE-PAPO NA INTERNET'	106
3.2.1 A sexualidade virtual	123
3.2.2 Cibersexo	135

CAPÍTULO IV	147
4 METODOLOGIA	148
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	148
4.2 OBJETIVOS	149
4.2.1 Objetivo geral	149
4.2.2 Objetivos específicos	150
4.3 UNIVERSO E GRUPO DE PESSOAS ENTREVISTADAS	150
4.3.1 O universo	150
4.3.2 Grupo de pessoas entrevistadas	151
4.3.2.1 Perfil das entrevistadas	153
4.4 INSTRUMENTOS S COLETA DE DADOS	155
CAPÍTULO V	157
5 ANÁLISES DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	158
5.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SEXUALIDADE E O CONTEXTO SOCIAL	161
5.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SEXUALIDADE COM O RELACIONAMENTOS: (DO VIRTUAL AO REAL)	173
5.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SEXUALIDADE COMO FANTASIA SEXUAL	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
REFERÊNCIAS	228
ANEXOS	243
ANEXO 1 – Glossário	
ANEXO 2 – Como Ingressar na Sala de Bate-Papo	
ANEXO 3 – Utilizando os Emoticons	

INTRODUÇÃO

“Amar o perdido / deixa confundido / este coração. Nada pode o olvido / contra o sem sentido / apelo do não”.

(Carlos Drummond de Andrade, “Memória”)

Os temas ‘sexo e sexualidade’ conduzem a destinos muito diferentes. Enquanto a sexualidade está intimamente relacionada com o tocar e ser tocado, acariciar e ser acariciado, ter e dar prazer, o sexo relaciona-se, simplesmente, a uma prática: fala-se de sexo bom ou ruim, de sexo moralmente aprovado ou desaprovado, de sexo seguro, de sexo arriscado, de sexo depravado ou patológico. Portanto, quando se fala ou se trata de sexualidade, automaticamente, reporta-se às energias que são canalizadas no corpo, na forma de desejos e de sensações prazerosas, que envolvem a maneira de sentir e de lidar com questões que envolvem essas energias, ou seja, o controle dos impulsos relativos ao sexo, a forma pública ou íntima de expressá-lo, as manifestações decorrentes de sua vivência, a percepção das energias nos corpos etc.

Refletindo a afirmação incisiva: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, de Beauvoir (1997), a nossa curiosidade em saber como as mulheres estão percebendo, hoje, a sexualidade transformou-se em motivo de investigação. Quando abrimos o caminho para a curiosidade acerca da sexualidade, abrimos também caminhos para a curiosidade sobre o mundo, curiosidade científica, curiosidade filosófica, enfim, curiosidade sobre a busca de conhecimentos. Na nossa cultura, uma das portas mais fechadas para a curiosidade é a que diz respeito à sexualidade e assim como já dizia Freire (2003), nós educadores temos também o papel de desenvolver a curiosidade crítica, ‘critização da curiosidade’ insatisfeita e indócil dos nossos alunos.

O interesse pelo tema partiu da nossa vivência como mulher, educadora e enfermeira, frente às dificuldades de se trabalhar com a sexualidade feminina e com seus temas correlatos Tanto nas salas de aula, quanto no PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher), sentimos um desconforto por parte das mulheres em exporem problemas e dúvidas relacionadas à vivência da sexualidade.

Pelá et al (1995) em "A sexualidade humana no contexto da enfermagem" bem descrevem situações constrangedoras as quais, nós profissionais da saúde constantemente deparamos no exercício da nossa profissão, por ser tratar ainda de tema ladeado por tabus.

Na esfera da saúde, a enfermagem é entendida como uma prática de relações. Isso significa dizer, em última instância que nós, enquanto enfermeiras estamos inseridas em contextos historicamente determinados e trabalhamos com representações simbólicas, para muito além de corpos estáticos. Desta forma, a prática da enfermagem, enquanto prática social é condicionada e construída nas relações sociais, em um momento histórico e em uma sociedade concreta. A enfermagem, portanto, tem o cuidado, como núcleo de competência e responsabilidade, de manifestar potencial para transitar em diferentes campos do conhecimento para a prestação deste cuidado, tendo como foco a pessoa a ser cuidada.

A sexualidade em suas variadas formas de expressão apresenta-se como um vasto campo a ser investigado evidenciado pela importância de elaborarmos diagnósticos de enfermagem para nortearmos ações intelectuo-procedimentais no contexto nosocomial, coletivo e pessoal. Para isso, estabelecemos relações com toda a equipe profissional e com as famílias para buscarmos em conjunto, novas maneiras de cuidar acreditando sempre na educação como um processo de transformação da realidade. Realidade esta, não mais capaz de desconsiderar a intervenção do meio informático atuando no rotulado fenômeno social, ou seja, na sexualidade onde o corpo até pouco tempo era visto apenas como espaço priorizado do individual.

A ausência corporal hoje, tem tornado cada vez mais uma particularidade de muitas trocas relacionais e assim, no desempenho da nossa função como enfermeira voltada à saúde das mulheres percebemos que, para muitas delas a sexualidade real e a virtual, já se encontram muito próximas evidenciadas pelos meios de comunicação tornando imprescindível a compreensão dessa evolução tecnológica nas percepções e vivências das sexualidades femininas.

Por termos a função social de intervir nos corpos e nas pessoas, no sentido de melhorá-los desempenhamos o compromisso que está na origem da nossa profissão, assim sendo, não há como o profissional da saúde se furtar dessa

atividade educadora. Sem dúvidas, o ato de educar acontece diariamente seja no papel de profissionais, pais ou meramente espectadores de situações cotidianas.

Acreditamos que os conhecimentos gerados dentro das Instituições Educacionais devam ser disponibilizados além dos portões da Academia, uma das razões pelas quais nos sentimos motivadas a investigar as representações sociais de estudantes do Curso de Enfermagem sobre a sexualidade feminina em tempos de Internet. Freire (2003) na sua obra 'Pedagogia da Autonomia' bem descreve a prática de educar, bem como, o homem como ser consciente de suas ações e ressalta a pureza e a transparência que devemos ter, enquanto educadores, assumindo-nos como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos.

Com o surgimento desta nova maneira de viver a sexualidade, ou seja, a virtual, consideramos pertinente ligar a sexualidade (com sua carga cultural e ideológica) à Internet, a fim de podermos perceber como é entendida essa relação com seus aspectos positivos e negativos. Assim sendo, empenhamo-nos em analisar a sexualidade feminina mediada pela Internet, a partir das representações de mulheres que, como nós, sorriem, choram, lutam por seus direitos e, sobretudo, acreditam na felicidade. Segundo Galante (2000), é importante a ecletização do enfermeiro na paradigmática das suas atividades, o que lhe permite identificar aspectos culturais, geográficos e psíquicos que influenciam o comportamento hominal, assim sendo, procuramos analisar como as alunas do Curso de Enfermagem percebem as questões que relacionam sexualidade feminina e Internet, para isso, buscamos entender como essas estudantes foram criadas, educadas e que condutas morais viveram e ainda vivem.

Como em todas as etapas de uma pesquisa, é preciso dirigir o olhar e a sensibilidade para um referencial teórico, operando com seus conceitos e aportes, que servem como um fio condutor para a entrada no labirinto e a saída dele. Desta forma, apoiamo-nos na Teoria das Representações Sociais, a partir dos ensinamentos de Moscovici (1978), Jodelet (1990), Sá (1996), Nóbrega (1990), dentre outros estudiosos da área, para entender e avaliar a relação existente entre a sexualidade feminina e a tecnologia virtual, com seus aspectos positivos e negativos, para as alunas do Curso de Enfermagem da Escola Técnica Materdei, localizada em João Pessoa, Pb. Portanto, procuramos apreender como as alunas

falam, sentem, argumentam, contra-argumentam, discutem e percebem a sexualidade no mundo virtual, por considerarmos que é por intermédio das interações e das relações pessoais que os indivíduos encontram a expressão de suas subjetividades.

Elegemos essa teoria de Moscovici (1978) como aporte para a nossa pesquisa, por entendermos que é o saber do senso comum, elaborado e compartilhado pelos indivíduos, em suas vidas diárias, que rege e ordena seus pensamentos e ações, construindo ou reconstruindo, criando ou recriando conhecimentos. Desta forma, buscamos identificar não só os perfis das estudantes, participantes da pesquisa, como também as suas idéias, imagens e conceitos, ressaltando, sobretudo, as suas interpretações diante da relação entre 'sexualidade e Internet', a fim de servirem como fio condutor para uma realidade mais conscientizada das questões que rondam esse tema.

Para o estudo do sexo, da sexualidade e de temas correlatos, baseamo-nos em diversos autores como Foucault (1984), Beauvoir (1997), Catnné (1994), Del Priore (1997), dentre outros; e para os temas referentes à 'era tecnológica', valemo-nos dos ensinamentos de Carvalheira (2003), Lévy (1996), Nicolaci-da-Costa (2005), Castells (2003), etc.

A sexualidade virtual é um novo horizonte que surge na vida de todos, sobretudo, na vida das mulheres que, historicamente, tiveram suas sexualidades anuladas pelo simples fato de serem mulheres. A Internet, através dos sites de relacionamentos, ajudou a democratizar o sexo, haja vista que, pressionando algumas teclas, entra-se em um mundo sem censuras, do desejo expresso em imagens e sons que podem aliar-se ao erotismo, com uma pitada de realidade. De acordo com Porter e Teich (1998), o conhecimento acerca das possibilidades que existem para se viver a sexualidade conduz a uma maior liberdade e intensifica o prazer possibilitando, desta forma, a busca dos desejos, dos impulsos e da verdadeira e plena satisfação sexual tanto do homem quanto da mulher. .

O presente trabalho apresenta-se disposto da seguinte maneira:

Nessa parte introdutória explanamos, de forma geral, o conteúdo do estudo, a descrição da justificativa inerente à dissertação, a escolha do tema, sua importância e as nossas experiências profissionais.

O primeiro capítulo, intitulado 'As Representações Sociais', versa sobre a importância da utilização da teoria de Moscovici (1978) para o referido estudo, sua multidimensionalidade, os processos de objetivação e de ancoragem e, por fim, evidencia as suas funções. Nessa etapa, justificamos a escolha desse aporte teórico no campo da pesquisa qualitativa, bem como suas contribuições para a percepção da sexualidade virtual.

No segundo capítulo, 'Sexo e Sexualidade', fizemos importantes abordagens acerca dos referidos temas, como também, um breve percurso histórico enfocando, em especial, a Sexualidade Feminina. Dirigimos o olhar para a idéia de inferioridade feminina no contexto histórico, as transformações ocorridas na sexualidade e o surgimento da "terceira mulher" exercendo novos papéis imbricados em papéis sexuais tradicionais.

No terceiro capítulo, que trata de 'Internet e Sexualidade', trouxemos um estudo sobre a sexualidade no mundo virtual, enfocando o Ciberespaço, com suas salas de 'bate-papo', e as particularidades dos relacionamentos no ambiente virtual. Ressaltamos, também, a prática do sexo virtual, o Cibersexo. Concluimos o capítulo enfatizando a importância do estudo dessa nova maneira de vivenciar a sexualidade.

O quarto capítulo, 'Metodologia', dedicamos à apresentação do caminho metodológico trilhado para a apreensão das representações sociais das estudantes do Curso de Enfermagem. Iniciamos com a apresentação de algumas questões de ordem metodológica, como os objetivos, problema e hipótese, postos ao estudo das representações. Apresentamos o universo e os sujeitos de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e os métodos de tratamentos dos dados coletados.

No quinto capítulo, 'Análises dos dados e discussão dos resultados', apresentamos as análises das representações construídas pelas entrevistadas acerca da sexualidade feminina, no ambiente virtual. Houve uma análise minuciosa das entrevistas, com a ajuda dos ensinamentos de Bardin (1979). Ainda, neste capítulo, apresentamos as opções quanto aos aportes teóricos utilizados na revisão da literatura que fundamentaram o estudo. Tais análises foram cotejadas com o apoio da Teoria das Representações Sociais, articulada à problemática, aos objetivos e a hipótese que a pesquisa objetivou responder. Finalizando, descrevemos as características das alunas participantes do estudo, contemplando, assim, o trabalho como um todo.

CAPÍTULO I

“Não há uma fronteira perfeitamente identificável entre a realidade e a ficção, entre o real e a representação que dela podemos fazer” (FERREIRA & COSTA)

1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

1.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O estudo das representações sociais¹ suscita-nos a possibilidade de investigar um mundo permeado de 'sinais', de 'símbolos' e de 'linguagens' que expressam diferentes formas de interpretar uma mesma realidade. Através das representações, é possível compreender como os sujeitos se apropriam de sua própria realidade, dando pistas aos pesquisadores sobre a natureza das relações sociais.

Sá (1996) aponta que a relevância e a consistência do estudo, nessa área, estão vinculadas ao grau de articulação entre o pensamento social e a prática, compreendendo a realidade cotidiana² dos grupos sociais, ou seja, para o autor, o objeto em questão deve se encontrar implicado, de forma consistente, em alguma prática do grupo. Assim, as representações sociais são construídas no cotidiano dos sujeitos e dos grupos sociais, referendadas pelas visões de seus mundos, estando intrinsecamente relacionadas às maneiras pelas quais esses sujeitos interpretam a realidade. Devemos, então, enfatizar a importância das representações sociais, já que elas são, inegavelmente, formas de conhecimentos da vida cotidiana. Nesse sentido, Franco (2004) nos esclarece: que a vida cotidiana não se resume no aqui e agora, pois ela, é, fruto de um longo, conflitivo e complexo processo histórico e social. Portanto, para compreendermos as situações que ocorrem cotidianamente, é indispensável considerarmos que essas situações ocorrem em determinado ambiente, ou seja, situações, espaços temporais específicos e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional que, são mediados por modalidades técnicas de construção e transmissão de mensagens, cada vez mais complexas nos dias atuais.

¹ Representação social é um termo filosófico, que significa a reprodução de uma percepção anterior à do conteúdo do pensamento. As representações sociais são fenômenos complexos, sempre ativos dentro da vida social, sendo que, a investigação científica tem por tarefa descrever, analisar e explicar suas dimensões, formas, seus processos e funcionamento.

² A realidade da vida cotidiana é um mundo intersubjetivo, o mundo de que cada um que participa junto com outros indivíduos. Essa participação inclui o compartilhar de atitudes naturais em relação ao mundo. Um elemento essencial da realidade na vida cotidiana é a estrutura social. É através da sociedade, da interação e das relações pessoais que o indivíduo encontra a expressão de sua subjetividade.

As representações sociais servem tanto para os indivíduos compreenderem suas próprias realidades como também para se comunicarem e interagirem com indivíduos do mesmo ou de outros grupos sociais. Por isso, é importante apreender o pensamento dos sujeitos, dos grupos sociais e das coletividades acerca dos objetos de sua intervenção e de suas relações. Cabe, pois, às representações sociais desempenharem uma função importante na comunicação entre os sujeitos e/ou grupos, como também, formar opiniões, comportamentos e atitudes frente às exigências da realidade. Através das representações, percebemos, claramente, o grau de pertencimento de um sujeito ao seu grupo social, fato que denota a necessidade de apreendê-las sempre, de forma vinculada ao contexto sóciohistórico e cultural que as engendrou.

O emprego da Teoria das Representações Sociais como nosso aporte teórico é, sem sombra de dúvidas, relevante, na medida em que as representações sociais produzem e determinam os comportamentos de indivíduos e/ou grupos sociais. Elas são, também, fundamentais porquanto definem a natureza dos estímulos que envolvem e provocam os indivíduos, buscando as significações de suas respostas. Além disso, tendem a tornar as relações mais estáveis e eficazes. Reforçando essa idéia, Lane (1982) ressalta que a representação implica na ação, na experiência com um objeto ou situação. Ela também envolve os significados atribuídos ao objeto representado, pelas pessoas com que nos relacionamos, ou seja, a representação, para esta autora, é o sentido pessoal que se atribui aos significados elaborados socialmente.

Sabemos que as sociedades contemporâneas, a todo instante, são marcadas pelo surgimento de novos fenômenos representacionais de origem e abrangência diversificadas. Diante disso, estudiosos da área procuram explicações para ‘esses movimentos’ dentro da malha social, a partir da influência ativa dos sujeitos na sociedade. De acordo com o exposto, Moscovici (1978) alerta-nos que esses novos fenômenos que surgem e que, a cada dia, integram-se ao perfil das sociedades, devem ser sempre analisados à luz do contexto histórico.

Abric (1996) no prefácio à obra de Sá (1996) – “Núcleo Central das Representações Sociais” – reafirma a importância do estudo dessa temática na atualidade. Na visão desse autor, para além das tomadas de posições ideológicas, a análise científica das mentalidades e das práticas sociais será um dos elementos

indispensáveis à evolução e ao progresso social. Assim, o autor esclarece que uma das vantagens da perspectiva das representações sociais é de que ela se nutre de abordagens diversas e complementares: estruturais, por certo, mas igualmente etnológicas e antropológicas, sociológicas e históricas.

Indiscutivelmente, a Teoria das Representações Sociais é, atualmente, considerada como o fio condutor para debates interdisciplinares, pois, através de seu entendimento, ampliam-se as possibilidades de compreensão das relações entre o conhecimento e as práticas sociais que lhes dão origem. O estudo das representações oportuniza, também, construções teórico-metodológicas muito ricas, pois faz emergir concepções, reflexões, discursos... enfim, significados sobre determinados fenômenos sociais que resultam de experiências atuais, vivenciadas no cotidiano e nas tramas das relações e das interações sociais.

A busca da compreensão da teoria moscoviciana justifica-se por entendermos que as representações sociais desempenham, realmente, funções importantes na comunicação entre os sujeitos e os grupos sociais. Acreditamos, também, nas representações atuando na formação de opiniões, de comportamentos e de atitudes frente às exigências da realidade. Entendemos que essa teoria moscoviciana deve atuar como facilitadora na apreensão e análise das representações sociais das estudantes do Curso de Enfermagem acerca da sexualidade feminina em tempos de Internet, assunto da nossa investigação. No entanto, essas proposições, reações e avaliações, indiscutivelmente, se apresentam de forma muito diversificada, na medida em que acontecem dentro de um contexto.

O estudo das representações sociais requer que se observe o contexto social e histórico, com suas classes, culturas e grupos sociais, como nos ensina Moscovici (1978). Segundo, ainda, o mesmo autor, no nosso dia-a-dia, podem ser constituídos infinitos universos de opiniões, de acordo com o infinito número de classes, culturas e grupos sociais que possam existir. Entendemos, também, que os temas relacionados às representações sociais devem ser orientados pelo princípio da práxis.³ Observamos que essa prática é envolvida por um processo permanente de transformação das ações e, assim sendo, das próprias representações.

³ Práxis é uma categoria filosófica que demonstra que há uma estreita articulação entre a ação e o conhecimento.

A produção das representações é uma dimensão da práxis social tanto quanto as ações efetivamente realizadas pelos agentes sociais. Pensar e representar são momentos da práxis tanto quanto agir, este e aqueles exprimindo, dramatizando ou ocultando uns aos outros no movimento pelo qual uma sociedade se efetua como sociedade determinada (CHAUI, 1985, p. 9).

Sintetizando, acreditamos que, por intermédio do aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, será possível penetrar no cotidiano das alunas do Curso de Enfermagem da Escola Técnica Materdei e, então, compreender, dentre outros aspectos, seus valores e identidades culturais, a fim de que possamos compreender a maneira pela qual elas percebem a sexualidade feminina mediada pela tecnologia virtual. Partimos, então, da premissa de que a representação social informa uma construção social da realidade e tem como objetivo promover as condições para que os indivíduos nela inseridos possam nomear e classificar as partes do seu mundo. Dito de outra forma, os indivíduos produzem opiniões, imagens, percepções, crenças, atitudes e comportamentos, referendados ou suscitados por suas características culturais, educacionais, econômicas e políticas que circunstanciam as suas realidades.

Relevante ressaltar que, a partir da década de setenta e, principalmente, na de oitenta, houve uma grande procura e expansão de pesquisas que tomavam como referencial a Teoria das Representações Sociais. Diante disso, estudiosos discutiam se essa teoria se constituía como uma teoria psicossocial consistente ou como modismo. Estabeleceu-se, então, a formação de uma mesa redonda no VI Encontro de Psicologia Social – Abrapso (Rio de Janeiro, 1991) cujas discussões apontaram que a Teoria das Representações Sociais, era, de fato, uma teoria consistente.

Émile Durkheim foi, em 1898, o primeiro autor que, do ponto de vista sociológico, desenvolveu a concepção de representações sociais. Ele concebia que as representações tinham uma natureza dupla, ou seja, eram, ao mesmo tempo, coletivas e individuais. A distinção operada por esse autor entre representações individuais (objeto da psicologia) e representações coletivas (objeto da sociologia) pode ter sido baseada numa possível dificuldade de se definir a psicologia social como ciência ou de uma suposta incapacidade dos psicólogos para considerarem a dimensão social presente nos atos individuais.

Com ele, o termo representação social ganhou a expressão 'representação coletiva'. Na concepção durkheimiana é a sociedade que pensa. Assim, para Durkheim, nem sempre as representações são conscientes do ponto de vista individual. O indivíduo, segundo essa teoria, é visto como "impotente", diante do poder absoluto e sistêmico da sociedade (DURKHEIM, 1978). Desta forma, quando propôs a expressão 'representação coletiva', enfatizou que as categorias básicas do pensamento humano teriam origem na sociedade. Para o mesmo autor, o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, ou seja, a vida social seria a condição de todo pensamento organizado e vice-versa. Portanto, as representações coletivas, no entender durkheimiano, designavam um conjunto de conhecimentos e crenças (mitos, religião, ciência...).

Entusiasta dos estudos sociológicos, Durkheim procurava designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual, para ele a representação social seria uma modalidade de pensamento particular, que resultaria nas formas de comportamento dos indivíduos, bem como na comunicação entre eles. Durkheim propôs uma condição essencial para a elaboração do conhecimento: a formação de conceitos, que deveriam ser repartidos pelos membros do grupo com origem nas características da vida na coletividade. Prosseguindo, de acordo com o autor, era através da linguagem e dos símbolos que os indivíduos expressariam conceitos, valores e normas capazes de retratar a sociedade na sua totalidade. Para Durkheim (1992), um homem que não pensasse por meio de conceitos não seria um homem, pois não seria um ser social, reduzido apenas aos objetos da percepção individual, seria, pois, indistinto e animal. É importante enfatizar que, para Durkheim, a individualidade humana se constituía a partir da sociedade.

Dessa forma, a 'representação coletiva' não se reduzia à soma das representações dos indivíduos que compunham essa sociedade. Segundo Chartier (1990) na concepção durkheimiana, a transmissão da herança coletiva dos antepassados constitui uma função primordial da "representação coletiva". Esta herança adquirida ao longo dos anos era, pois, acrescentada às experiências individuais, ou seja, era transmitido tudo que a sociedade acumulava de sabedoria e ciência, com o passar dos anos.

O autor aponta, ainda, que, através da linguagem e dos símbolos, os indivíduos expressam conceitos, valores e normas capazes de retratar a sociedade na sua totalidade. As representações eram, assim, consideradas as manifestações da consciência coletiva e eram universais, enquanto que as representações individuais, no entender durkheimiano, eram produzidas nas consciências individuais, embora fossem determinadas pelo coletivo. Elas eram partilhadas nas relações estabelecidas pelos indivíduos. Percebe-se, então, uma função de coerção em relação às representações individuais, porquanto elas eram determinadas pelo coletivo. Rodrigues (1978) explica que as 'representações coletivas' eram estáveis e duradouras, enquanto as individuais eram efêmeras.

Do ponto de vista moscoviciano, Durkheim apresentou uma concepção de representação que não correspondeu e não corresponde à dinâmica da sociedade moderna, muito menos ao grau cada vez mais complexo dos processos de comunicação entre indivíduos, grupos sociais e comunidades. Farr (1995) reforça isso, ao afirmar que a teoria durkheimiana acaba por não ser capaz de acompanhar o desenvolvimento de civilizações mais complexas. Moscovici (1976) observou que Émile Durkheim deu aos fenômenos sociais uma roupagem ideológica, unificadora, exterior, coercitiva e autônoma. Estudos apontam que Serge Moscovici divergiu de Durkheim no momento em que evidenciou a função de representação coletiva como sendo a transmissão de herança coletiva dos antepassados às experiências individuais.

O conceito, de fato, de representação social nasceu do estudo de Moscovici (apud GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1994), romeno, naturalizado francês, dono de uma obra considerada tão importante para a psicologia (seu campo de formação e atuação) como para outras áreas. Em 1961, esse psicólogo social desenvolveu uma importante teoria sobre Representações Sociais prestando a averiguar em que se convertia uma disciplina científica e técnica, quando passava ao domínio comum, e como o grande público a representava e a modelava, além das vias que constituíam a imagem que dela se fazia. No entanto, o próprio Moscovici faz um alerta para o fato de que o termo é complexo, polifacetado e difícil de sintetizar e ressalta o autor:

(...) se a realidade das representações sociais é fácil de apreender, não o é o conceito. Isto porque se situa numa encruzilhada de conceitos de

natureza sociológica, antropológica, filosófica e psicológica, e é preciso mergulhar nestes ramos das Ciências Humanas e Sociais (MOSCOVICI, 1978, p. 41 – 42).

Para Moscovici (1978), as representações sociais, na sociedade atual, são equivalentes aos mitos e às crenças, nas sociedades chamadas primitivas, e nos lembra de que a memória prevalece sobre a dedução; o passado, sobre o presente, a resposta, sobre o estímulo e as imagens, sobre a realidade. Ele ressalta que a herança coletiva que os antepassados adquiriam não era, simplesmente, transmitida de maneira determinista e estática, como colocava Durkheim, assim, Moscovici (1976), contrapondo-se a esse pensamento, enfatiza também a participação do indivíduo assumindo um papel ativo e autônomo no processo de construção da sociedade. Diante dessas e de outras observações. Moscovici propõe-se a quebrar essa rigidez conceitual desenvolvendo a sua Teoria das Representações Sociais que conseguiu, de modo integrador, adotar uma visão psicossociológica da realidade. Assim, quando Moscovici propôs um novo conceito para representação, ele não o fez apenas com o intuito de se distanciar de seu mestre Durkheim, pelo contrário, pretendeu também explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas. Desta forma, o referido autor constrói sua teoria tendo como referência o conceito de representações coletivas desenvolvido por Durkheim na sociologia e Lévi-Bruhl na antropologia, portanto, essa teoria teve como pontos centrais a atividade do sujeito e a realidade do mundo. Mesmo fundamentando-se na conceituação de Durkheim para construir sua teoria, Moscovici também o critica, chamando atenção para,

(...) o perigo implícito de esquecer que a força do que é coletivo (...), encontra a sua mobilidade na dinâmica do social, que é consensual, é reificado, mas abre-se permanentemente para os esforços de sujeitos sociais, que o desafiam e se necessário o transformam (In: GUARENSCHI & JOVCHELOVITCH, 1995, p.19).

Incontestavelmente, a substituição do termo "coletivas" por "sociais" marca, com Moscovici, a original diferença da visão societal por ele estabelecida em relação àquela visão ideológica de Émile Durkheim. Moscovici (2003, p. 49) sintetiza assim as transformações do conceito de representações coletivas:

(...) se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”.

Moscovici (1978, p. 420) retomou o conceito de representação e o modificou, quando transformou o que era concebido apenas de modo abstrato e relativo, em relação à sociedade, em algo determinado por lugares sociais de grupos de indivíduos. Segundo o mesmo autor, Durkheim também não ressaltou o caráter plural e dinâmico nas representações coletivas, conforme aponta:

na medida em que ele não aborda frontalmente nem explica a pluralidade de modos de organização do pensamento, mesmo que sejam todos sociais, a noção de representação perde, nesses casos, boa parte de sua nitidez.

Moscovici (1978, p. 50), assim, evidencia o caráter dinâmico das representações sociais e critica o caráter estático da definição durkheimiana das representações coletivas, nos seguintes termos:

Os grupos são encarados a posteriori, de maneira estática, não na medida em que criam e se comunicam, mas enquanto utilizam e selecionam uma informação que circula na sociedade. Em contrapartida, as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior.

Em seus estudos, o referido autor, enfatiza a possibilidade de se representar o ‘não usual’ e de reproduzi-lo como réplica de um modelo familiar, na medida em que o ‘desconhecido’ é falado, avaliado e comunicado através e pelo grupo. Segundo o referido autor, desde o momento em que falamos sobre algo, avaliamos e comunicamos, podemos fazer uma representação em nosso mundo usual e reproduzi-lo de maneira familiarizada, assim, podemos representá-lo, socialmente. O autor ressaltava ainda que, para compreendermos esse fenômeno devemos a priori, indagar o ‘porquê’ dessas representações e prosseguir em seus ensinamentos respondendo a esse questionamento, ao mesmo tempo reafirmando, de forma muito

simples, sua convicção, ou seja, o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, em familiar, facilitando, desta maneira, as relações sociais.

Moscovici (1978) também esclarece que, no todo, a dinâmica dos relacionamentos tende a ser uma dinâmica de familiarização, em que objetos, indivíduos e eventos são percebidos e compreendidos em relação a encontros ou paradigmas prévios.

De acordo com Spink (1999), Moscovici é o responsável por uma “virada metodológica”, no âmbito da Psicologia Social, quanto à valorização do senso comum.⁴ De fato, durante a década de cinquenta, começaram a surgir incisivas críticas contra a abordagem hegemônica da Psicologia Social da Escola Norteamericana calcada na ciência moderna. Segundo Lane (1984, p. 76 – 77).

A sociedade era um dado, um pano de fundo de um cenário, onde o indivíduo atuava, e desta forma procurava-se explicar o seu comportamento por causas internas, tais como traços de personalidade, atitudes, motivos, quando não por instintos. É uma Psicologia Social que isola o indivíduo, criando uma dicotomia entre ele e a sociedade – um poderia influenciar o outro, mas se tratavam de dois fenômenos distintos.

Moscovici (1976) ao dar início a elaboração da Teoria das Representações Sociais, situa-a no âmbito das sociedades contemporâneas e no campo da vida cotidiana dos indivíduos e segundo Mazotti (1994, p. 62), esse autor buscou “(...) dialetizar as relações entre indivíduo e sociedade, afastando-se igualmente da visão sociologizante de Durkheim e da perspectiva psicologizante da psicologia social da época”.

Ao dialetizar as relações indivíduo/sociedade e elevar o senso comum a campo de identificação de representações, Moscovici busca a superação das dicotomias citadas. Segundo a perspectiva teórica assumida pela Teoria das Representações Sociais, procura-se romper com tais dicotomias por se entender

⁴ O senso comum é um saber que nasce da experiência quotidiana, da vida que os homens levam em sociedade. É, assim, um saber acerca dos elementos da realidade em que vivemos; um saber sobre os hábitos, os costumes, as práticas, as tradições, as regras de conduta, enfim, sobre tudo o de que necessitamos para podermos nos orientar no nosso dia-a-dia. Por isso é um saber informal, que se adquire de forma natural (espontâneo), através do nosso contato com os outros, com as situações e com os objetos que nos rodeiam.

que elas se tornaram lentes deformadoras que nos impedem de ver fenômenos reais, tais como os conflitos e as dissonâncias, em toda sua amplitude e significado (MOSCOVICI, 1995).

O mesmo autor esclarece, ainda, que as explicações, as afirmações e os conceitos emitidos pelas pessoas sobre certos temas correspondem a "teorias" do senso comum e que os indivíduos, na condição de pensadores ativos, reelaboram as informações que são frutos de "n" episódios ao nível das interações sociais e, ao estabelecerem um diálogo do individual com o social, tratam de construir as suas próprias representações e de comunicá-las para os demais indivíduos, fomentando, assim, um ciclo que se retroalimenta constantemente concebendo que as pessoas leigas que não dispõem de um arsenal de instrumentos científicos tendem a analisar o mundo de forma semelhante, porque o mundo em que vivem é eminentemente social.

Portanto, as representações não são criadas por um indivíduo de forma isolada. Pessoas e grupos as criam ao longo da comunicação e da cooperação. Ao serem criadas, as representações acabam ganhando vida própria, circulam, encontram-se, atraem-se, repelem-se e abrem espaço para o surgimento de novas representações, enquanto outras, mais antigas, acabam desaparecendo. Diante do exposto, Moscovici (1995) considera indispensável a interação entre o individual e o social, que passam a ser percebidos e analisados, em diversas áreas de estudo, como um todo pois, o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas sim uma realidade fundamental da vida social, onde todas as culturas possuem instituições e normas formais que conduzem, de uma parte, à individualização, e de outra, à socialização. Assim sendo, as representações que elas elaboram carregam a marca desta tensão conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Desta forma, não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar uma coexistência possível.

Spink (1999) ressalta que Moscovici derrubou a fronteira entre razão e senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto e concebeu uma realidade socialmente construída e um saber como uma construção do sujeito jamais desligado da sua inscrição social. É nessa perspectiva de Moscovici que Farr (1995) entende o indivíduo como fruto do social e, ao mesmo tempo, agente passível de provocar

mudanças nesse contexto social. O autor prossegue reforçando a idéia de Moscovici (1995) apontando que há interesse na relação entre o indivíduo e a sociedade, para a Psicologia Social, onde os dois devem manter-se no mesmo patamar e onde um não deve dominar o outro. Porém enfatiza a necessidade da ciência não ‘vulgarizar’ o termo ‘representação social’, como se ela fosse, simplesmente, o conhecimento do senso comum. Segundo esse estudioso, não se pode desprezar a vinculação do senso comum a um determinado contexto histórico, muito menos, desmerecer seu conteúdo cognitivo⁵.

Evidencia-se a importância da representação social, na medida em que ela produz e determina comportamentos, definindo, ao mesmo tempo, a natureza dos estímulos que envolvem e provocam os indivíduos, bem como, o significado de suas respostas. Como exemplo, citamos passagens da obra de Valladares (2003), que expõe e discute a construção das representações sociais sobre a ‘favela carioca ao longo dos últimos cem anos’. A autora enfatiza que, no Rio de Janeiro, uma das experiências percebidas e vividas pelos seus moradores, como grande potencial para gerar conflitos, é a relação entre as favelas e a cidade e, principalmente, entre uma favela e o bairro no qual ela está inserida. Isso parte de uma representação da cidade ‘[bi]partida’, que opõe favela e asfalto. O asfalto símbolo de ordem e de medo enquanto a favela, sinônimo de carência, desordem e violência.

Compreendamos, então, o vigor dessa representação social. Segundo Valladares⁶, as representações sociais surgiram com o fenômeno da ocupação dos morros cariocas (chamados genericamente de favelas) por uma população pobre. As favelas passaram a ser vistas como locais onde imperariam inúmeras ‘carências’, não só de bens materiais, mas também de civilidade. Sua população passa a ser, então, representada como marginal, perigosa e carente de moralidade. Em decorrência dessas representações, muitas favelas cariocas são percebidas como

⁵ A cognição é derivada da palavra latina *cognitione*, que significa a aquisição de um conhecimento através da percepção. É o conjunto dos processos mentais usados no pensamento e na percepção, também na classificação, reconhecimento e compreensão para o julgamento através do raciocínio para o aprendizado de determinados sistemas e soluções de problemas. Vale ressaltar que a construção cognitiva de um indivíduo pode estabelecer conceitos diferentes entre “certo” e “errado”, mesmo que contrários as leis. Assim, a construção cognitiva sofre influência direta da capacidade de aprendizado do indivíduo.

⁶ A obra da socióloga Lícia do Prado Valladares é fruto de 40 anos de reflexões, pesquisas quantitativas, trabalhos de campo e revisões bibliográficas analíticas, que foram apresentados pela autora em diversos artigos e livros, e cujo objeto são as favelas cariocas.

símbolos do atraso, como um entrave para o desenvolvimento e a modernização do país, sendo, portanto, incluídas no rol dos problemas sociais. Diante dessas representações sociais acerca das favelas cariocas, podemos perceber como elas foram inventadas e socialmente construídas ao longo dos anos, bem como são percebidas pela sociedade carioca.

A representação social é, portanto, uma forma de conhecimento prático, de senso comum, que circula na sociedade. Esse conhecimento é constituído de conceitos e imagens sobre pessoas, papéis e fenômenos do cotidiano. As pessoas constroem suas representações nos seus grupos sociais, através das conversas, das visões, das crenças que veiculam. Assim, os conceitos e as imagens vão sendo aceitos, naturalizados, considerados verdadeiros, embora sejam apenas representações. Muitos dos preconceitos, dos estigmas, das exclusões de pessoas decorreram desse processo e dos equívocos que ele pode gerar.

Abric (1998) esclarece que as representações sociais são elaboradas pelas atividades simbólicas dos indivíduos que, assim, apreendem o seu ambiente. Portanto, elas só podem ser compreendidas se também forem buscadas histórias individuais relacionadas às histórias da sociedade às quais os indivíduos pertencem. As representações são pois, o processo e o produto das relações entre as atividades mentais e as práxis sociais. Moscovici (1976, p. 25) nos lembra que é por meio dessas representações que os indivíduos são orientados e organizam os seus comportamentos, intervindo sobremaneira nos comportamentos coletivos e individuais, nas transformações sociais, como também na definição de identidades pessoais e sociais enfatizando a amplitude do termo ao afirmar que, “toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagens, porque ela realça e simboliza atos e situações”.

Desta forma, as representações sociais remetem-se à maneira pela qual os homens pensam, agem e procuram compreender o sentido de suas ações e de seus pensamentos, assim, elas se focalizam na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam (MOSCOVICI, 1976).

Na mesma linha de raciocínio, outra psicóloga social se destaca e fornece elementos para a compreensão das representações: Denise Jodelet⁷, também reconhece a importância da visão de Durkheim, primeiro estudioso a identificar as representações como fundamentais no estudo do pensamento coletivo. No entanto, a autora defende a reelaboração feita por Moscovici, que destaca a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, caracterizados por intensidade e fluidez das trocas e das comunicações, o desenvolvimento da ciência, a pluralidade e a mobilidade social.

Jodelet (1992) aponta as representações sociais como formas de conhecimentos socializados (isto é, partilhados por grupos), que têm seu lado social e seu lado afetivo/simbólico, atrelados às relações sujeito/objeto. De acordo com a mesma autora, as representações sociais têm vida independente, reproduzem-se e misturam-se, tendo como causa não só a estrutura social, mas também, outras representações. Prosseguindo, Jodelet enfatiza que o conceito de representação social não deve separar o indivíduo do grupo nem o universal do particular. Ao contrário, esse conceito deve ter a capacidade de unificar todas as dimensões simbólicas, afetivas e sociais do grupo.

Resumindo, as representações devem estar sempre revestidas de seus aspectos sociais, contando, assim, com seus importantes componentes: o simbólico e o afetivo. Assim, quer seja no rumor das conversas que fundamentam o senso comum, na literatura, no discurso científico, em tudo o que é impresso ou falado, podemos encontrar representações sociais que instituem o mundo em suas clivagens valorativas, nos recortes significativos que definem as categorias de percepção, de análise e de definição do social. Observa-se que, nas representações, há sempre uma idéia norteadora, que pode ser mais ou menos importante para este ou aquele grupo. Esse limiar norteador está diretamente ligado às experiências, aos valores e ao contexto social do grupo em questão. Por isso está, constantemente, sujeito a variações.

⁷ A pesquisadora (Denise Jodelet) tem sido considerada como divulgadora e explanadora da obra de Moscovici. Seu interesse genuíno e caloroso pelos latino-americanos, com os quais abriu largas vias de comunicação científica e humana, foi acompanhado por seu trabalho continuado de explicar e propor a TRS como alternativa teórica às análises sobre fatos sociais nas mais diversas áreas de aplicação.

Segundo Jodelet (1992) nas representações sociais as definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo (comunicação) constroem uma visão consensual da realidade para o grupo (formação de condutas). Essa visão pode entrar em conflito com outras visões formadas por outros grupos, servindo, assim, de guia para a ação. Sendo a representação social considerada uma 'representação para a ação', ela não o é somente porque guia comportamentos, mas, sobretudo, porque remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que os comportamentos devem ter lugar.

No dia-a-dia, a 'conduta e a comunicação' se entrelaçam uma à outra, ou seja, o conteúdo das comunicações se faz de acordo com a conduta assumida em relação a determinadas questões e a conduta por sua vez, estrutura-se e se estabelece a partir dessa comunicação que se configura entre os indivíduos de uma comunidade. As atitudes e os comportamentos dos indivíduos e do grupo decorrem, de fato, na maneira como esses indivíduos se enxergam e enxergam o contexto em que se encontram. Por exemplo, dependendo da maneira como as alunas do Curso de Enfermagem percebem a sexualidade virtual é que florescerão as suas idéias, os conceitos, as imagens, bem como, as suas condutas. Desta maneira, torna-se evidente que as representações sociais encaminham a formação de conduta dos sujeitos, ao mesmo tempo em que dão forma e orientação aos processos de comportamento, justificando, sobremaneira, a sua expressão.

As representações sociais, tal como as opiniões e as atitudes, são, de fato, uma preparação para a ação, mas, ao contrário das opiniões e atitudes, não o são apenas porque orientam o comportamento do sujeito, mas, principalmente, porque reconstituem os elementos do ambiente no qual o comportamento terá lugar, integrando-o a uma rede de relações às quais está vinculado o seu objeto e de acordo com os ensinamentos de Nóbrega (1996), as representações sociais circulam nos discursos e se materializam nas condutas. Para Jodelet, a representação apresenta-se, ainda, como uma construção de conhecimentos que possibilita aos homens tornarem inteligível a sua realidade física e social, permitindo, assim, uma possível inserção em determinados grupos ou uma ligação cotidiana de trocas. Assim, a mesma autora realça que a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada e tem um objetivo prático

concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, apud SÁ, 1996).

Diante dessas explanações, podemos sintetizar o aprendizado afirmando que as representações sociais são saberes do senso comum, construídos e partilhados nas relações entre os indivíduos e se encontram intimamente ligados aos momentos históricos, sociais e culturais. Assim, em seus cotidianos, as pessoas analisam, conversam e pensam sobre os mais diferentes temas e elaboram as representações. Não se pode esquecer, conforme nos ensina Jodelet (2001), que a representação social liga um sujeito (epistêmico, psicológico, social, coletivo) a um objeto (humano, social, ideal, material). Desta maneira, as representações sociais tendem a influenciar as relações e os comportamentos sociais. Doise & Palmonari (1986, p. 89) afirmam que as representações sociais são “(...) princípios geradores de tomada de posições que estão ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais”.

Sabemos que as representações podem ser tanto positivas quanto negativas. Quando negativas, podem criar verdadeiras resistências entre os membros do grupo, e quando positivas, são partilhadas e vivenciadas por eles de forma satisfatória. Exemplificando, citamos o artigo elaborado por Gregio (2003), intitulado as ‘Representações Sociais da Informática no contexto da Educação’⁸. De acordo com os resultados obtidos pela pesquisa realizada por Gregio, percebe-se que grande parte dos educadores resiste à tecnologia. Além disso, Chaib (2002) confirma o despreparo dos professores na adaptação à modernidade e ressalta sua preocupação com a aversão que eles têm às mudanças necessárias e impostas pela evolução tecnológica. Diante dos resultados apresentados, podemos afirmar que as representações sociais desses professores estão fortemente arraigadas à concepção tradicional do seu papel e dos métodos de ensino. Observamos também que a resistência é uma característica da representação social que, contraditoriamente, garante heterogeneidade dos grupos, evitando a aculturação imposta pelas ideologias dominantes. Nesse sentido, Madeira (1998, p. 239) assevera que

⁸ Esse artigo foi elaborado a partir do estudo realizado na disciplina Novas Tecnologias e Educação Escolar do Programa de Mestrado em Educação/UCDB, 2003.

a representação social traz em si a história, na história particular de cada um. Nas variâncias de sua estrutura estão as particularidades de cada sujeito e, em suas invariâncias, as marcas do sentido atribuído, por determinados segmentos ou grupos ou, por sua totalidade, a dado um objeto.

No âmbito da Educação, tem sido crescente o número de pesquisas que apontam para a natureza desse objeto de estudo, novo e instigante, ou seja, a Representação Social. Inegavelmente, isso acontece porque vivemos um período de intensas mudanças nos valores da sociedade, os quais são formas de representações sociais. As representações sociais, como vimos anteriormente, tiveram origem com Moscovici, que se propôs a investigar o modo pelo qual a Teoria Psicanalítica adentrava no pensamento popular francês e como esse saber científico se transformava à medida que os sujeitos dele se apropriavam. Para tanto, Moscovici utilizou-se de três relacionamentos comunicativos diferentes, ou seja, a imprensa responsável pela divulgação do Partido Comunista, a imprensa da Igreja Católica e alguns jornais de grande circulação da época. Esses três setores da imprensa francesa diferiam amplamente tanto no que se referia aos seus leitores quanto ao ambiente social e cultural ao qual eram veiculados. Devido a isso, aportou-se de três diferentes sistemas de comunicação, a saber: a difusão, a propagação e a propaganda, que atingiam grupos sociais diferenciados. De acordo com Moscovici (1976, p. 497),

(...) considerados sob o ângulo da estrutura das mensagens, da elaboração das estruturas sociais, dos laços entre emissor e receptor, do comportamento desejado, os três sistemas de comunicação conservam uma grande individualidade. Ora, é justamente esta particularidade que nos autoriza a aproximar termo a termo a difusão, a propagação e a propaganda, da opinião, da atitude e do estereótipo.

A obra de Moscovici, *La psychanalyse son image et son public*, contém a matriz da sua teoria e surgiu em 1961 na França. Seu trabalho causou certa inquietação nos meios intelectuais pela novidade da proposta apresentada. No entanto, foi um rápido momento de impacto que não produziu, naquela época, desdobramentos visíveis. Dessa forma, a perspectiva moscoviciano permaneceu encerrada no Laboratório de Psicologia Social da École de Hautes Études em

Sciences Sociales – Paris - e nos laboratórios de colegas como Flament e Jean Claude Abric.

Aparentemente, a teoria de Moscovici não foi assimilada de imediato. Sua pesquisa foi voltada para fenômenos marcados pelo subjetivo captados indiretamente. O estudo era baseado em metodologias não muito utilizadas na psicologia da época e dependia, diretamente, da interpretação do pesquisador. A Teoria das Representações Sociais constituiu-se, sobremaneira, uma crítica ao caráter individualista da Psicologia Social, pois o objeto do estudo era o indivíduo (fatores internos), porém desconsiderava-se o importante papel da sociedade que era, apenas, um pano de fundo onde Farr (1998, p. 136), denominou essa abordagem de individualização da Psicologia Social. Essa perspectiva individualista, predominante nos Estados Unidos, “recortava” o indivíduo do contexto social. De acordo com esse autor, “as raízes do individualismo estão enterradas no solo de toda a tradição intelectual do ocidente, mas seu florescimento é um fenômeno caracteristicamente americano.”

Conforme aponta Sá (1993), o trabalho de Moscovici (1976) baseia-se em uma perspectiva sociológica que é completamente oposta à concepção individualista da Psicologia Social, haja vista que, na teoria durkheimiana, os fatos sociais não podiam ser explicados a partir do indivíduo, mas da sociedade. Infelizmente foi preciso esperar quase vinte anos, a fim de que certos paradigmas fossem revistos para o despontar de possibilidades divergentes. Diante do exposto, somente no início dos anos oitenta foi que a teoria moscovicianiana reapareceu com força total, tomando diversos campos da Ciência. Na realidade, o fato é que, segundo Sader (1988), desde o fim dos anos 60 ao início dos anos 80, vieram à cena novos personagens, isto é, atores sociais que explicitavam energicamente suas demandas, propondo à ciência novos conceitos a serem incorporados na análise da realidade.

Retomando as idéias moscovicianas, as representações coletivas são superadas pelas sociais, devido ao seu conteúdo social e ao seu processo constante de renovação. Diante de atos e fatos analisados, Moscovici (1976) sentiu a necessidade de estudar a sociedade pensante, rica em dinamismos políticos, científicos e humanos. Em seus estudos, o autor, nos alerta para dois questionamentos essenciais à compreensão da natureza das representações, ou seja, em que sentido uma representação é social e quais são os significados que o

adjetivo 'social' adiciona ao substantivo 'representação'? Segundo o mesmo autor, as representações sociais expressam a forma como cada grupo social se organiza e constrói seus significados, através de interações dinâmicas e determinadas historicamente, e são 'sociais' porque se trata de um esforço coletivo de construção de conhecimentos que permite aos indivíduos, aos grupos e às comunidades lidarem com situações e fenômenos que fazem parte de suas realidades cotidianas. Assim, qualificar uma representação social equivale a optar pela hipótese de que ela é produzida, engendrada coletivamente (MOSCOVICI, 1978).

Buscando, ainda, elucidar a dimensão das representações como 'sociais', apresentamos concepções de autores que, sem dúvidas, contribuem, positivamente, para o avanço das discussões sobre essa temática. Como exemplo, temos Jodelet que afirma que a representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada e que tem um objetivo prático concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET apud SÁ, 1996), enquanto para Abric (1998) as representações são 'sociais', pois têm origem dentro de grupos numa determinada cultura, em indivíduos que ocupam diferentes posições sociais, imersos em relações sociais e práticas específicas a seu grupo, o que marca o tipo de representação realizada e os comportamentos delas decorrentes.

Para Guareschi (1997), as produções das representações sociais acontecem nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais, sendo também produzidas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano etc. As representações são então a passarela entre o mundo individual e o mundo social. De acordo com Moscovici (1978) a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos tendo sua origem na vida cotidiana e nos processos de interação social e para Sá (1993) a representação social é algo que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultura que as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para sua própria transformação.

Como vários outros conceitos que surgem numa área e ganham uma teoria em outra, foi na Psicologia Social que a representação social ganhou, de fato, uma teorização, ao ser desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise

Jodelet, conforme os apontamentos supracitados. Assim, conforme vimos, essa pesquisa fundadora tratava de como os conceitos da Psicanálise deixavam seu território original povoado por especialistas e passava a integrar o pensamento comum, presente na vida cotidiana das pessoas. Essa teorização passou a servir de ferramenta para outros campos de pesquisa, como a Saúde e a Educação, dentre outras áreas. Relembrando, com Durkheim as representações detinham um caráter estático e, com Moscovici, elas passaram a ser consideradas dinâmicas. É importante ressaltar que um dos objetivos primordiais da pesquisa de Moscovici (1978) foi substituir um conceito teórico e abstrato pela análise de um objeto real. Com essa visão, o autor conseguiu elaborar a construção de um modelo teórico mais abrangente.

Lagache (1978, p.11), no prefácio da obra “A representação social da Psicanálise”, diz que

(...) o pensamento de Moscovici é um pensamento que estimula e incita o diálogo [e prossegue afirmando]... foi um empreendimento novo e audacioso atacar os problemas da Sociologia do Conhecimento no terreno de uma atualidade próxima e viva, por vezes, cadente...

Moscovici (1976), que começou por analisar, na França, as representações de determinados grupos sociais relativamente à Teoria Psicanalítica, acaba por concluir que as representações sociais não se alimentam apenas das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, de ideologias formalizadas, bem como das experiências e das comunicações quotidianas e nesse sentido Vala (1993) reforça a concepção de Moscovici.

1.2 MULTIDIMENSIONALIDADE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Neste trabalho, fizemos referências aos papéis das representações sociais, enquanto ‘sistemas de interpretação da realidade’ e como ‘organizadoras de comportamentos e práticas sociais’. Levando-se em consideração o grau de complexidade que envolve o entendimento das representações sociais, cabe, naturalmente, à investigação científica o papel de descrevê-las e analisá-las em todas as suas dimensões.

Segundo Jodelet para se apreenderem as representações sociais, é necessário que o pesquisador esteja atento a três dimensões essenciais, ou seja, as condições sócio-culturais em que elas se produzem; seu conteúdo cognitivo e a experiência social dos sujeitos que as representam. Diante disso, a autora aponta para a necessidade de se articularem os elementos afetivos, sociais e cognitivos e sua exposição através da linguagem e da comunicação. Esses elementos participam ativamente da construção dos significados que os sujeitos atribuem ao social.

(...) as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais vão intervir (JODELET apud LANE, 1995, p. 61).

Moscovici (1978) nos ensina que as proposições, as reações e as avaliações que fazem parte da representação se organizam de forma diversa em diferentes classes sociais, culturas e grupos, constituindo diferentes universos de opinião. Cada universo, por sua vez, apresenta três dimensões: a atitude, a informação e o campo de representação ou imagem. Vejamos:

A atitude – Corresponde à orientação global, favorável ou desfavorável a respeito do objeto da representação. O mesmo autor destaca a dimensão/atitude como sendo, talvez, geneticamente, a que dá início ao processo da representação, dessa forma, primeiro as pessoas adotam uma posição e, em função dela, informam e representam alguma coisa socialmente.

A informação – Essa dimensão está relacionada à organização dos conhecimentos de determinado grupo acerca do objeto social.

A imagem ou campo de representação – Cumpridas essas etapas anteriores, entra-se no campo da representação propriamente dito, ou seja, o objeto social focado é percebido pelo grupo que produz idéias, imagens e conceitos a fim de representá-lo. Essas imagens, esses modelos sociais, idealizados pelo grupo, são revestidos com conteúdos concretos e limitados, acerca de determinados aspectos precisos, que impulsionam a representação social. Portanto essas três dimensões da representação social possibilitam uma visão global de seu conteúdo e sentido.

A fim de detalhar mais o assunto, buscamos os estudos relacionados e recorremos ao Programa de Pós-graduação em Psicologia – FFCLRP – USP, onde selecionamos um trabalho sobre as representações sociais acerca da prostituição juvenil⁹. Neste estudo, a prostituição juvenil foi percebida pelas participantes, como uma estratégia de intervenção sobre a vida possibilitando uma transformação de realidades pessoais e sociais, conforme expressam os exemplos seguintes: A Atitude:

“... ao invés de dar de graça dou por dinheiro...” (MF).

Esse discurso foi articulado pela junção sexo/dinheiro, como elementos que potencializava a história pessoal e social da jovem prostituta – participante da pesquisa. Segundo Moscovici (1978) primeiro as pessoas adotam uma posição e, em função dela, informam e representam alguma coisa socialmente.

A informação:

No estudo em pauta, o dinheiro é o objeto que possibilita o comércio da prostituição, pelo agenciamento da realidade social, articulada com a sexualidade das meninas de programa.

A representação:

Para as meninas de programa, participantes desse estudo, a prostituição é percebida como uma estratégia para o enfrentamento do cotidiano, devido ao modo como as jovens profissionais do sexo lidam com o exercício de suas sexualidades:

“(...) prá mim... a prostituição é dinheiro rápido e fácil...” (MF).

Esse exercício livre do sexo rompendo com as representações sobre o corpo purificado, amor romântico e monogamia, agenciou a singularidade do posicionamento da entrevistada. Vejamos:

⁹ Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil, segundo suas participantes Ana Maria Ricci Molina - Mestre em Psicologia pela FFCLRP – USP.

“... como foi a decisão de ir pra rua? Ao invés de dar de graça, dou por dinheiro...” (MF).

Diante do exposto, indubitavelmente, as representações são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, das funções simbólicas e ideológicas a que servem e pelas formas de comunicação interpostas. De acordo com Nóbrega (1996), toda forma de comunicação produz representações sociais específicas, conforme a dinâmica das interações realizadas entre os sujeitos e o objeto articulado no âmbito do pensamento social.

Sintetizando, podemos reafirmar que as representações sociais são concretizadas através das experiências dos sujeitos envolvidos na relação e dos processos de comunicação que os envolvem. Portanto, buscar conceitos que nos levem à compreensão dos infinitos aspectos das representações sociais ajuda-nos a resolver alguns problemas relativos à dicotomia ‘sujeito-grupo’, evidenciada na tese de doutoramento de Serge Moscovici, haja vista serem as representações, ao mesmo tempo, individuais e sociais. Jodelet (1991, p. 43 – 45) nos aponta os eixos necessários à compreensão da dimensionalidade das representações sociais:

- As representações sociais são sempre representativas de alguma coisa ou de alguém, ou seja, de um objeto ou de um sujeito;
- As representações sociais envolvem uma atividade de simbolização do objeto e de sua interpretação, dando-lhes significados. Esses significados nada mais são do que as construções cognitivas¹⁰ do sujeito;
- O estudo das representações deve envolver todos os aspectos que demonstrem o grau de pertença dos sujeitos a um grupo social e de que maneira esses sujeitos participam da vida social, como também, que tipo de cultura expressam;
- As representações se apóiam em suportes lingüísticos e em comportamentos que dão forma ao objeto e o caracterizam;
- Sinteticamente, analisar as representações significa responder a questões como: ‘Quem sabe?’, ‘Como sabe?’, “Com qual efeito?” ,para que possamos compreendê-las, a partir das condições de sua produção e circulação, de seus processos, de suas etapas e de seu estatuto epistemológico¹¹.

¹⁰ De acordo com Godoy (2006) a cognição começa com a captação dos sentidos ocorrendo, logo em seguida, a percepção. É, portanto, um processo de conhecimento, que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória.

¹¹ A epistemologia estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento (daí também se designar por filosofia do conhecimento). Segundo Trindade (2007), todo o conhecimento torna-se um autoconhecimento.

As representações sociais fazem uma ponte entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico¹² na medida em que são sistemas de acolhida das informações que circulam no meio social. Incontestavelmente, elas têm uma carga emocional muito grande, o que facilita as trocas e as partilhas de conhecimentos elaborados socialmente, entre diferentes indivíduos, grupos e comunidades. Diante de tamanha complexidade que envolve a compreensão da natureza das representações sociais, os estudiosos da área são incitados a mergulharem nas múltiplas dimensões que os indivíduos atribuem às suas realidades, já que, as relações sociais são passíveis de serem mobilizadas e transformadas ao longo dos tempos e a qualquer momento.

1.3 O PROCESSO DAS DINÂMICAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nóbrega (1996), discorrendo sobre o processo de formação das representações sociais elaboradas por Moscovici (1976), refere que esse processo se dá através da objetivação e da ancoragem, que articulam o ato cognitivo com o contexto social de onde emergem as representações sociais. O processo de representar apresenta uma seqüência lógica, a fim de tornar familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo, ou seja, a amarração (amarrar um barco a um porto seguro) conceito que logo evoluiu para ancoragem, e a objetivação que é o processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar.

Para compreender a dinâmica das representações sociais, é preciso analisar esses processos que intervêm na sua formação, pois eles “indicam a maneira como o social transforma um conhecimento em representação e como esta representação transforma o social” (JODELET, 1992, p. 367). Sem dúvidas, através desses processos, as funções de base das representações sociais, ou seja, a integração, a

¹² Enquanto o saber científico é estruturado como um universo ao qual os integrantes só têm acesso a partir do nível pessoal de qualificação, o mundo onde predomina o senso comum é integrado por todos, independentemente de suas formações, que compartilham idéias e interpretações do mundo.

interpretação e a partilha do até então desconhecido, 'do novo', podem ser, didaticamente, demonstradas da seguinte maneira:

1.3.1 Processo de objetivação

A objetivação, como entende Moscovici (1978), é o mecanismo que possibilita a corporificação daquilo que é abstrato; é o processo básico das concepções sociais compartilhadas, pois a passagem do dado fenomênico ao modelo figurativo transformando em imagens as noções abstratas, materializando coisas e palavras. Para melhor compreensão, podemos, seguindo os ensinamentos do mesmo autor definir a objetivação como uma operação imaginante e estruturante, que dá corpo aos esquemas conceituais, reabsorvendo o excesso de significações, procedimento necessário ao fluxo das comunicações. O referido autor aponta também que é através do processo cognitivo que ocorre a apropriação de saberes e de idéias que, inicialmente, encontram-se restritos ao espaço científico. Assim, há uma descentralização da linguagem científica, que passa para a linguagem corrente, obedecendo a novas convenções.

Prosseguindo em seu raciocínio, o referido autor esclarece o conhecimento científico, quando passa a circular na sociedade, fora do seu contexto de construção é transformado, ou seja, acontece uma reelaboração desse conhecimento, que é, então, adaptado a outras necessidades, seguindo as próprias conveniências do momento. Assim, na objetivação, materializamos o que é abstrato, corporificamos os pensamentos, tornamos físico e visível o, até então, impalpável. Dessa forma, as palavras são acopladas às coisas, e o abstrato é tornado concreto. Portanto, a fase de objetivação se processa em três outras fases, que se interligam entre si: a primeira é a de 'construção seletiva', a segunda, de 'esquematização estruturante', e a terceira, de 'naturalização', descritas a seguir:

– A Construção seletiva:

Essa fase pode ser caracterizada como o meio pelo qual os indivíduos se apoderam das informações, das comunicações e dos saberes vinculados

socialmente sobre determinado objeto. Ela compreende a apropriação, pelas pessoas, de certo corpus teórico-científicos, comumente divulgados pelos meios de comunicação de massa, constituindo-se no senso comum. No entanto, esses valores não são absorvidos pelos indivíduos na sua forma imediata de apresentação. Eles passam, entretanto, por uma espécie de peneira, por uma seleção dos elementos que o constituem ficando alguns desses elementos retidos, e outros excluídos. Essa seleção acontece mediante os condicionamentos culturais e políticos e se baseiam também em padrões naturais que, em geral, são estabelecidos pelas desigualdades sociais e conseqüente pelas dificuldades de acesso às informações, bem como, pelas necessidades, pelos valores e pelas crenças de cada grupo social.

Em síntese, a objetivação corresponde ao processo pelo qual o sujeito se apropria das informações e dos saberes sobre um dado objeto. Nessa apropriação (fase da construção seletiva), alguns elementos são retidos, enquanto outros são ignorados ou rapidamente esquecidos. As informações que circulam sobre o objeto vão sofrer uma triagem em função de condicionantes culturais (acesso diferenciado das informações em decorrência da inserção grupal do sujeito) e, sobretudo, de critérios normativos (só se retém o que está de acordo com o sistema de valores circundante). Por exemplo, de acordo com ensinamentos, a tradição judaico-cristã determina regras de condutas segundo suas formas de expressão, desta forma, o que é sexualmente excitante e estimulante numa cultura pode ser repelente e vergonhoso em outra. Portanto, os indivíduos nascidos em sociedades diversas, sujeitos a diferentes tradições, apresentam hábitos e costumes corporais distintos. Tal afirmativa se justifica na medida em que esses indivíduos ou grupos sociais se apropriam ou não de certos valores, de acordo com o contexto sócio-cultural em que vivem, frente ao processo de objetivação nas representações sociais.

– A Esquematização estruturante:

A esquematização estruturante é também conhecida como 'núcleo figurativo', ela é considerada o elemento mais consistente e estável da representação sendo determinada pela natureza do objeto (fenômeno). Portanto, constitui o núcleo central da representação e tem como funções gerar, organizar e

imbuir de sentidos as representações. Evidentemente, as representações sociais são estruturadas a partir de um núcleo que encerra as funções geradoras e organizadoras do processo articulando-se a uma rede de elementos periféricos. Assim na esquematização, uma estrutura imaginante reproduz, de forma visível, a estrutura conceitual para proporcionar uma imagem coerente e facilmente exprimível dos elementos que constituem o objeto da representação, permitindo assim, ao sujeito, apreendê-los individualmente e em suas relações. O resultado dessa organização é chamado de núcleo ou esquema figurativo. A estabilidade do núcleo figurativo e sua materialidade conferem às representações sociais um referencial para orientar percepções e julgamentos sobre a realidade. Tal fato tem importantes implicações para a intervenção social. Desta forma, qualquer ação que pretenda modificar uma representação só terá êxito se for dirigida, a priori, ao 'núcleo figurativo' uma vez que este não é somente uma parte mais sólida e estável da representação dele depende também o seu significado (IBÁÑEZ, 1988).

– A Naturalização

Essa fase consiste no reflexo do abstrato sobre o real, materializando-se e determinando o espaço das concepções. Assim, naturalizam-se as concepções, adquirindo-se um status de realidade, isto é, uma existência concreta. Assim, a naturalização é a materialização do que foi apreendido como abstrato. Segundo Moscovici (1978, p. 173), essa fase "(...) confere uma realidade plena ao que era uma abstração...", ou seja, é a concretude dos elementos que formam o pensamento e sua absorção pelo senso comum. A generalidade da naturalização, sua importância em contextos sociais reais tem sido amplamente demonstrada. Andrade (1992) exemplifica essa generalidade da naturalização ao evidenciar que, ao longo dos séculos as mulheres sempre foram vistas como frágeis, pois o discurso transmitido e assimilado consistia num sexo feminino incapaz de pensar, criar ou sobreviver sem a presença do homem.

Diante dessa representação social, houve a naturalização da mulher, que passou a ser percebida como um ser impotente e indefeso. Assim, os conceitos e as imagens do objeto vão sendo aceitos, naturalizados, considerados verdadeiros, embora sejam apenas representações. Muitos dos preconceitos e dos estigmas

decorrem desse processo e dos equívocos que eles podem gerar, assim, para se desnaturalizar a condição da mulher, desestigmatizando-a é preciso enxergá-la como agente integrante que participa da sociedade, com direitos e obrigações.

A objetivação é, em síntese, o processo que torna concreto o que é abstrato, que materializa a palavra, que transforma os conceitos em objetos e os torna intercambiáveis. Na realidade, a objetivação substitui o 'conceito' pelo que é 'percebido' e o 'objeto' pela sua 'imagem'. Assim, a imagem torna-se o próprio objeto, e não, a sua representação. Ela pode ser entendida como uma simplificação, por vezes, deformada daquele conceito que lhe deu origem. A objetivação pode gerar a opacidade das representações sociais, pois ela, por vezes, não se coloca no discurso como uma representação, e sim, como forma de verdade sendo moldada pelo contexto social que a produziu. Para Rouquette (1994, p. 72), na maior parte do tempo, cada um está convencido de que fala da realidade das coisas, quando apenas exprime sua própria compreensão daquilo que percebe.

Uma das funções da objetivação é a de facilitar a comunicação entre os indivíduos ou grupos sociais, embora que isso, na realidade, aconteça através da dissociação, do próprio objeto ou do seu conceito, do quadro científico ou ideológico que lhe deu sentido. Uma outra função do processo de objetivação, ligada à anterior e sendo, talvez, a mais fundamental, é a função de caracterizar, de evidenciar uma inscrição psicossocial ao objeto.

Diante disso, o 'objeto apropriado' pelos indivíduos ou grupo social não se distingue da 'representação desse objeto', pois não existe o sentimento de 'arbitrário' ou 'relativo', com respeito à representação do mesmo. Assim, essa imagem passa a ser o próprio objeto. Jodelet (1992) afirma que, no processo de objetivação, a intervenção do social ocorre no agenciamento e na forma dos conhecimentos que se referem ao objeto da representação.

Essa autora esclarece, ainda, que, embora a objetivação tenha sido descrita por Moscovici, com referência à representação de uma teoria científica, o processo de construção seletiva, de esquematização estruturante e de naturalização parecem generalizáveis à formação de qualquer representação.

1.3.2 Processo de ancoragem

Esse processo diz respeito ao enraizamento social da representação. Sua função é de realizar a integração cognitiva do objeto representado, num sistema de pensamentos preexistentes nos indivíduos ou nos grupos sociais. Ela permite agregar-se algo de novo a algo antigo, a fim de fornecer subsídios para poder interpretar esse novo e assegurar a orientação do comportamento e das relações sociais. Doise & Palmonari (1986, p. 14) afirmam que “a ancoragem consiste na incorporação de novos elementos do saber em uma rede de categorias mais familiares” e, de acordo com Jodelet (1992).

O sistema de classificação utilizado supõe uma base de representação partilhada coletivamente, isto é, categorias socialmente estabelecidas pelos grupos. Esses grupos exprimem, então, suas identidades com base no sentido que eles dão às representações. Assim, a ancoragem refere-se a significações distintas daquelas internas ao conteúdo de uma representação. São essas significações que intervêm nas relações simbólicas dos grupos sociais que representam o objeto. A ancoragem se traduz, portanto, no modo pelo qual as novas informações são agrupadas e modificadas em um conjunto de conhecimentos socialmente estabelecidos, bem como, no conjunto das significações disponíveis que permitem interpretar o real; ela apresenta uma relação dialética com a objetivação, garantindo a apreensão do novo, a compreensão da realidade e o direcionamento dos comportamentos. Situa-se no ponto de interseção entre o psicológico e o social.

A ancoragem, para Moscovici (1985), consiste em se saber como certas categorias sociais (por exemplo: ricos, pobres, artistas etc.) classificam, situam, hierarquizam certas imagens no sistema de representações já existente. Assim, a objetivação busca criar a realidade em si, enquanto a ancoragem lhe dá significação. Na atualidade, algumas pesquisas empíricas que são desenvolvidas com a finalidade de compreender as representações sociais têm, por vezes, posto em evidência apenas o produto da ‘objetivação’. No entanto, procedendo dessa forma, os pesquisadores acabam por reduzir o conceito de representação social a uma estrutura hierarquizada de palavras e imagens. Doise (1990) ressalta, ainda, a importância de se estudar os aspectos da realidade social aos quais as representações estão ancoradas. As representações sociais estabelecidas por

esses dois processos (objetivação e ancoragem) garantem certa coerência epistemológica ao objeto representado. De acordo com Doise & Palmari (1986) enquanto no processo de objetivação há uma transformação do relacional em uma estrutura figurativa ou simbólica, na ancoragem, os conteúdos são atribuídos a esta estrutura simbolizada.

O mundo modifica-se muito mais depressa do que a própria idéia que fazemos dele, e as representações sociais, por sua vez, conseguem transformar o complexo em simples, pelo processo da objetivação, e o estranho em familiar, pela ancoragem, permitindo uma integração 'suave' do novo e do desconhecido. Segundo Doise (1990, p. 147), "Durante a própria atividade científica, as representações sociais continuam a funcionar, de modo que existe uma continuidade entre o antes e o depois da atividade científica".

Recapitulando, Moscovici (1985, p. 22), aponta os dois processos que geram as representações sociais propiciando a familiarização do desconhecido, ou seja, a Objetivação e a Ancoragem. Segundo o autor, o primeiro processo (objetivação) confecciona um cenário familiar ao que outrora era desconhecido, e isso ocorre em dois momentos, a saber: em um primeiro momento relaciona-se o conceito com a imagem, assim sendo, as palavras são incorporadas no "núcleo figurativo, uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceptual de uma maneira visível". Isso, evidentemente, facilita a comunicação do que está sendo representado, pois deixa de ser uma entidade abstrata e assume uma existência com caráter autônomo.

No momento seguinte, os elementos do pensamento são transpostos para a realidade, não havendo mais separação entre a representação e o objeto representado. No segundo processo (ancoragem) transfere-se o 'estranho' para um referencial que possibilite a sua interpretação e comparação, e isso acontece através de uma relação entre "categorias e rótulos". Assim sendo, Moscovici ressalta que ancorar é, pois, classificar, nomear, rotular e, obviamente, representar.

Os processos de constituição das representações sociais, aqui estudados, indicam que, para o conhecimento 'estranho' se tornar 'familiarizado' e, conseqüentemente, utilizável é necessária uma determinação do indivíduo ou grupo evitando, assim, que haja apenas o predomínio dos conhecimentos antigos, já solidificados. Esses processos, aqui mencionados, indicam também que além de se

buscar o desenvolvimento do aspecto criativo, deverá ser permitida não só a absorção do “novo”, mas também sua reelaboração. Nesse sentido, não há dúvidas de que a ancoragem e a objetivação são fundamentais para a construção das representações sociais. Evidentemente que ‘continuidade’ não significa rigidez nem implica determinação, portanto, as representações sociais evoluem, tornam-se específicas, mas mantêm, sempre, suas características fundamentais iniciais.

1.4 FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais são sistemas de valores, noções e práticas que têm uma dupla tendência, ou seja, instaurar uma ordem que permita aos indivíduos a possibilidade de se orientarem no ambiente social e material dominando-os, bem como, assegurar a comunicação entre os indivíduos propondo-lhes um código para suas trocas e um código para nomear e classificar, de maneira unívoca, as partes dos seus mundos, das suas histórias individuais ou coletivas. Prosseguindo em seus ensinamentos, o referido autor aponta, de forma mais clara, as duas funções básicas da representação social, ou seja, a formação de condutas, modelando os comportamentos e justificando as suas expressões, e a orientação das representações sociais, em que a linguagem assume o papel de mediadora das relações entre os sujeitos.

Seguindo as proposições moscovicianas, Abric (1998, p. 28) assevera que, “se as representações têm um papel fundamental nas dinâmicas das relações sociais e nas práticas é porque elas respondem a quatro funções essenciais”:

a) Função de saber:

Através das representações, é possível compreender e explicar a realidade. Dessa maneira, os indivíduos adquirem conhecimentos e os integram num quadro assimilável e compreensível por eles, ou seja, buscam o saber prático do senso comum, o ‘saber ingênuo’, de modo coerente com seus valores e seus funcionamentos cognitivos. As representações sociais facilitam e são necessárias

para a comunicação social e definem também, o quadro de referência comum que permite a troca social e a transmissão desse saber ingênuo.

b) Função identitária:

As representações sociais situam os indivíduos e o grupo no campo social, como também definem a identidade social e pessoal, permitindo a salvaguarda da especificidade dos grupos. Como são consideradas um referencial, desempenham papel importante no controle social, exercido pela coletividade sobre cada um dos seus membros e, em particular, nos seus processos de socialização. A partir das representações sociais, segundo Mugny e Carugaty (1985. p. 183), os indivíduos ou o grupo social são capazes “de elaborar uma identidade social compatível com os sistemas de normas e valores socialmente e historicamente determinados”.

c) Função de orientação:

Como já exposto, as representações sociais guiam os comportamentos e as práticas sociais, sendo, pois, prescritivas de comportamentos ou de práticas tidas como obrigatórias. Esses ‘comportamentos e práticas’, guiados pelas representações sociais são resultados, segundo Abric (1998) de três fatores, ou seja, a definição da finalidade da situação, o sistema de antecipações e expectativas, e a prescrição de comportamentos, a saber:

– A definição da finalidade da situação:

As representações sociais determinam, a priori, os tipos de relações pertinentes a um indivíduo ou grupo social, como também são capazes de sugerir as estratégias cognitivas a serem adotadas frente às tarefas a serem realizadas;

– O sistema de antecipações e expectativas:

Uma representação não segue e não depende do desenrolar de uma interação, ela a precede e a determina, sendo, então, uma ação sobre a realidade. Através das representações, os indivíduos ou grupos fazem seleção, filtragem de informações e interpretações que buscam amoldar a realidade às representações;

– A prescrição de comportamentos:

As representações sociais refletem a natureza das regras e das relações sociais, pois elas são prescritivas de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Elas definem o que é lícito, tolerável ou aceitável em um dado contexto social e em um dado momento histórico.

d) Funções justificatórias:

Os indivíduos e grupos sociais são capazes de justificar essas ou aquelas atitudes, esses ou aqueles comportamentos, já que as representações sociais permitem explicar e justificar as tomadas de posições dos indivíduos ou do grupo social, acerca de determinadas situações, ou até mesmo em relação aos próprios componentes do grupo.

Concluindo, as representações sociais podem ser responsabilizadas pelas incontáveis diferenças de comportamentos produzidos entre os mais diversos grupos, pois elas funcionam como uma espécie de 'filtragem', impedindo a incorporação de conhecimentos sem, antes, sofrer uma 'tradução' que os convertam em conhecimentos consensuais, neste ou naquele grupo social, assim Moscovici (1978, p.15) assevera que:

A representação torna possível a reconstrução do real através da interpretação dos elementos constitutivos do meio ambiente, em uma dimensão ordenada e significativa dos membros de uma comunidade determinada. Esta interpretação da realidade é traduzida em um conjunto lógico de pensamentos que vai constituir a visão de mundo para uma certa coletividade.

CAPÍTULO II

"Sexo, esse minúsculo ponto feminino, em torno do qual gira a máquina do mundo."
(Carlos Drummond de Andrade)

2 SEXO E SEXUALIDADE

2.1 CONCEITO DE SEXUALIDADE

A sexualidade é uma representação, uma tradução das relações sociais, parte integrante de qualquer indivíduo. Ela reflete o conjunto de fenômenos da vida sexual. Conforme aponta Costa (1994), a sexualidade é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar. No entanto, para abordarmos o enigma da sexualidade, um pequeno desvio pela história da Cultura Ocidental poderá ajudar-nos a elucidar alguns fatos. Não se trata de refazer uma história da sexualidade – tarefa muito bem desenvolvida por Foucault e outros estudiosos – mas apenas verificar alguns aspectos de como ela tem sido tratada ao longo da história e quais as consequências das mudanças que lhe foram impressas com o surgimento da Teoria Psicanalítica de Freud¹.

Didaticamente, Ferraz (1996) divide a história da sexualidade em quatro momentos significantes, ou seja, descreve o sexo como ato (na Cultura antiga), como pecado (no início do Cristianismo), como doença (nos primórdios do Período Vitoriano²) e como linguagem, com o advento da Psicanálise¹³ e dessa maneira também faremos:

¹ Freud, suas teorias e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam a ser muito debatidos hoje. Suas idéias são freqüentemente discutidas e analisadas como obras de literatura e cultura geral em adição ao contínuo debate ao redor delas no uso como tratamento científico e médico. http://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud.

² O reinado da rainha Vitória é marcado pela instalação moral e pelo puritanismo. Ela era uma figura solene. Em 1840, casa-se com Albert, que se torna o Príncipe Consorte. Essa época é tida como o apogeu das atitudes vitorianas, período pudico, com um código moral estrito. Isso dura, aproximadamente, até 1890.

¹³ Considerado o pai da psicanálise, Freud enfocava o sexo como um dos sentimentos reprimidos mais importantes. Naquela época (início do Séc. XX), essa afirmação gerou um grande escândalo na sociedade, entretanto, não demorou muito para que outros estudiosos aderissem à idéia de Freud, dentre eles: Jung, Reich e Rank.

2.1.1 O sexo como ato

A época descrita por Foucault (1984) como antigüidade Grega e Romana seria o momento de maior liberdade, no qual a sexualidade nem mesmo “existia” enquanto conceito separado da vida comum e já era tratada como mais um dos aspectos do homem. Costa (1994) bem retrata esse quadro, em seu artigo ‘Os gregos antigos e o prazer homoerótico’. Na Grécia Antiga, não existiam palavras para designar o que chamamos de ‘homossexualidade’ ou ‘heterossexualidade’ porque, simplesmente, não havia a idéia de sexualidade assim como hoje é percebida.

No período clássico da Grécia antiga, a pederastia era uma prática comum, com função pedagógica e com a finalidade de transmitir conhecimentos de homens mais experientes aos mais jovens. Nesse caso, o homem mais velho admirava o mais jovem por suas qualidades masculinas, enquanto que o mais jovem respeitava o mais velho por sua experiência, sabedoria e comando. De acordo com Bremmer (1995), no cotidiano da Grécia antiga, a relação sexual entre um homem mais velho e um rapaz jovem (denominados erastes e erômenos, respectivamente) recebia aprovação e era tomada como modelo de ética amorosa. Tal circunstância se justificava pelo fato da sociedade encarar essa situação como sendo a mais nobre forma de aparecimento do Eros⁴ aos mortais. Catonné (1994), em seu livro “Sexualidade: ontem e hoje”, aponta que, na Grécia antiga, o rapaz, o amado, o erômenos, ocupava uma posição passiva, e o homem adulto, o amante, o erastes, uma posição ativa. A função social da pederastia era a de ensinar o rapaz a tornar-se um cidadão e, conseqüentemente, um homem sexualmente ativo, por meio de uma situação paradoxal de passividade na relação amorosa.

Dessa forma, o rapaz era levado a dar prazer, e não, a obtê-lo ou, ao menos, não muito ostensivamente. Essa relação se desfazia num processo de passagem, determinado pela idade do rapaz. Assim, esse relacionamento tinha um tempo certo para terminar, ou seja, quando o jovem se tornasse adulto. Assim, a relação ‘amante/pupilo’ se transformava em uma relação de amizade. O sinal da metamorfose era indicado pelo surgimento de pêlos no queixo e nas pernas desses

⁴ Em grego, eros significa desejo incoercível dos sentidos. Personificado, é o deus do amor. O mais belo entre os deuses imortais, segundo Hesíodo. Eros dilacera os membros e transtorna o juízo dos deuses e dos homens.

rapazes. Essa metamorfose, tão significativa, acontecia, via de regra, entre os doze anos – idade da flor e os dezessete anos – idade dos pêlos. Assim, a relação cessava quando esse jovem rapaz se tornava um adulto. A partir daí, ele deveria buscar o próprio erômenos e, no devido tempo, encontrar uma fêmea, casar e ter filhos.

Esse relacionamento supracitado era chamado de 'paiderastia' (amor a meninos), que tinha como finalidade a transmissão de conhecimentos do erastes ao erômenos. Essa cessão de conhecimentos compunha o paradigma da educação masculina, ou seja, a 'Paidéia' (educação), que só se realizava pela paiderastia. O que percebemos, nessa 'relação amorosa', especificamente, é a presença de um homem mais velho, revelando sua virilidade, e um jovem em formação de caráter. Assim, cada um acabava por assumir uma posição diante da sociedade. Porém, caso um homem mais velho fosse encontrado na posição comumente adotada pelo mais jovem, tal conduta social seria tratada como indigna, já que não atenderia aos fins de formação de caráter e aprendizado de valores.

Vale a pena lembrar que, na relação 'erastes-erômenos', só o erastes deveria buscar a satisfação nessa prática. O erômenos, conforme o exposto, não deveria nunca demonstrar qualquer tipo de prazer e sim, mostrar-se apenas passivo. Os estudos apontam que os erômenos não eram obrigados a aceitar esses relacionamentos. Para isso, era necessário que os erastes cortejassem seus futuros 'pupilos', dando-lhes presentes até que eles concordassem com a relação. Esses presentes deveriam ter caracteres simbólicos e pedagógicos, como por exemplo, um galo, simbolizando a força e a virilidade ou uma lebre despertando o sabor da caçada. Dentre os objetos que tinham valor pedagógico, havia as tabuletas para escrever, os instrumentos musicais, os discos de arremesso, e outros mais.

De acordo com Veyne (1986), é preciso que se entenda que o objeto em questão não era a afirmação das características de gênero, mas sim, uma prática através da qual o homem exercia sua liberdade em busca de um prazer não só para si, mas também voltado para a honra do cidadão. Na verdade, o que estava em jogo, nessa relação, era a educação do cidadão. Por isso, toda conduta entre o erastes e o erômenos que não correspondesse aos ditames de uma boa formação era considerada antinatural, sem valor. Vale ressaltar que os erastes eram encarados como homens ativos e másculos, por manterem relações sexuais com

jovens, moças, mulheres e escravos. Desta forma, as práticas sexuais eram, portanto, a maneira mais evidente de demonstração desses valores.

Bremmer (1995, p. 26) ressalta que a pederastia não era só recomendada, como também, era louvável e, por isso, praticada por toda a elite moral, intelectual, política, artística, guerreira e religiosa de uma sociedade culturalmente sofisticada como a grega. Diante do exposto, vimos que era inaceitável, na Grécia antiga, uma liberdade sexual privada na forma como as múltiplas homossexualidades são vividas na contemporaneidade, tendo em vista que o uso dos prazeres estava a serviço da honra do cidadão.

(...) enquanto os homossexuais modernos ocupam uma posição marginal na sociedade e são normalmente considerados como efeminados, na Grécia, era a pederastia que propiciava acesso ao mundo da elite social; era apenas a relação pederasta que transformava o rapaz em um verdadeiro homem.

As mulheres atenienses eram destinadas apenas a uma função cívica, ou seja, a de reproduzir. Assim sendo, após gerarem os filhos, seus papéis dentro da sociedade estavam terminados, já que elas não possuíam 'Paidéia' para transmitir qualquer tipo de conhecimento. Essa era uma função que cabia aos pais que, por sua vez, via de regra, ocupados com a política, delegavam essa missão ao Estado e, posteriormente, ao erastes.

Para Foucault (2003), o comportamento sexual entre os gregos foi constituído como um domínio de prática moral. Em sua análise acerca da história da sexualidade, o autor esclarece que sexualidade é aquilo que a cultura greco-romana chamou de 'artes da existência'. O objeto da preocupação moral era, antes, a honra do amado, e não, necessariamente, seu sexo biológico, ou seja, não importava se sua herança genética o determinasse homem ou mulher. Os gregos, via de regra, relacionavam-se com mulheres visando à procriação e, com homens, visando à busca do prazer e do amor filosófico que perpassava corpo físico. De acordo com os referenciais teóricos gregos que tratam de sexo e de prazer, a mulher grega jamais atenderia àqueles propósitos, a não ser as chamadas heitaras. Somente essas mulheres pareciam ser uma exceção, já que eram possuidoras de um grande número de atributos e habilidades. As heitaras eram extremamente cultas e até participavam de conversas filosóficas. Pode-se dizer que elas seriam uma espécie

de prostitutas da época, porém, dotadas de atributos que iam além da dimensão puramente sexual⁵.

A historiadora Roberts (1998), em seu livro *“As prostitutas na História”* ressalta que as prostitutas gregas eram divididas de acordo com seus dotes físicos, intelectuais e amorosos. Algumas eram respeitadas e famosas. Elas eram pois, as únicas mulheres da sociedade ateniense que podiam administrar seus próprios negócios e andar pelas ruas, em qualquer lugar e a qualquer hora. De acordo com a referida historiadora, a prostituição foi reconhecida oficialmente a partir do Século III a.C.

Apesar de, na antiguidade, a sexualidade ter sido vivida de forma livre, podemos perceber nuances que diferenciam essa vivência entre as civilizações gregas e romanas. Em Roma, a virilidade era concebida como um bem que podia e devia ser ressaltado na sociedade. Porém, tanto na Grécia quanto em Roma eram seguidas regras rígidas no tocante ao “uso dos prazeres”. De acordo com Veyne (1986, p. 40):

(...) ser penetrado por seu escravo não é bom; é uma investida, e isso indica desprezo por parte do escravo. As relações contrárias à norma são incestuosas. As que são contrárias à natureza compreendem a bestialidade, a necrofilia e as uniões com as divindades.

Portanto, aos olhos do povo romano, a virilidade se apresentava como um requisito essencial que todo homem adulto deveria ter, além do poder, do domínio e da capacidade de ser, nas batalhas, um grande conquistador. Seguindo os ditames da sociedade romana, os meninos seriam educados para governar o mundo, através da força física, da superioridade, de suas leis e da autoridade da linguagem. Por isso, desde cedo cabia, ao cidadão romano, a obrigação de se impor sobre os escravos e sobre as pessoas de classes inferiores (SPENCER, 1996).

Conforme o exposto, nas sociedades greco-romanas, havia certas semelhanças nas práticas sexuais. Porém, para melhor compreensão desse fenômeno, é importante que ressaltemos algumas situações que as diferenciam,

⁵ A efeito de ilustração, citamos o filme “Em luta pelo amor” (A Destiny of Her Own) que desenvolve uma trama inspirada no livro *The Honest Courtesan*, de Margaret Rosenthal, que versa sobre a biografia de uma famosa poetisa e prostituta veneziana condenada pela inquisição no séc. XVI.

como por exemplo, o valor diferenciado concedido aos rapazes nas relações sexuais vividas na Grécia e em Roma:

Na primeira, o relacionamento erastes-erômenos era considerado elemento fundamental no processo de educação e sociabilização, sendo idealizado na arte e na literatura. Em Roma, não existia ideologia comparável, mas, antes, a homossexualidade era simplesmente um dos meios de obter prazer casual, sem reivindicação artística ou literária, ou proclamação pública de ser outra coisa (LIEBERT, 1989, p. 171).

Spencer (1996) ressalta que a idéia de se cortejar um jovem rapaz era profundamente repugnante aos olhos dos cidadãos romanos. Para eles, esse comportamento traduzia uma idéia de submetimento (de fraqueza), incompatível com o ideal de virilidade romana evidenciado naquela época, enquanto que aos cidadãos gregos cabia cortejar os seus erômenos, procedimento bem visto na sociedade grega. Segundo Roberts (1998), os exércitos romanos quando deslocavam suas campanhas, levavam haréns compostos de mulheres e rapazes para satisfazerem sexualmente os comandantes. Os imperadores eram revestidos de poder divino e político que legitimavam os seus comportamentos sociais e morais, permitindo-lhes, assim, viverem todos os tipos de fantasia sexual. Estes cidadãos romanos se satisfaziam com as escravas, os escravos e, até mesmo, com as próprias irmãs. Os romanos aceitavam naturalmente a prostituição como justificativa para a manutenção e proteção dos casamentos. Percebe-se, nitidamente, que, na Roma antiga, o sentido da sexualidade remetia a uma simples busca do prazer, que estava ao alcance de qualquer cidadão romano.

Diferentemente da realidade romana, na Grécia antiga, como pudemos perceber, cabia a uma parcela da elite cultivar a relação amorosa erastes – erômenos que, segundo Bremmer (1995), era voltada para a formação do cidadão. O cidadão do império romano dispunha de grande tolerância e permissividade sexual desde que obedecidas algumas regras, ou seja, eles deveriam manter sempre a pureza do sangue, pois o homem era quem deveria doar ‘o seu dom’ e, conseqüentemente, quem o recebesse teria seu sangue maculado.

Desta maneira, o homem romano deveria sempre ser o ativo em uma relação sexual, pois isso significava ser másculo, independentemente do sexo do parceiro passivo. Ao homem romano, também não era permitida nenhuma

preocupação com o prazer do parceiro passivo. Essa máxima se apoiava na posição ocupada pelos parceiros dentro da sociedade. Assim, tanto uma parceira quanto um parceiro, na posição de passivos, estariam a serviço do prazer de seu senhor e, por isso, só a ele caberia o prazer. Assim sendo, a esses homens romanos eram permitidas todas as práticas e fantasias sexuais. Salles (1982) aponta que, entre os Séculos III e IV a. C., algumas ruas de Roma já serviam de palco onde meninos e meninas eram oferecidos a quaisquer cidadãos que quisessem se divertir sexualmente em troca de algo que lhes garantissem a sobrevivência.

É importante registrar que, em momento algum, o homem romano deveria perder a qualidade de “macho”, de dominante, para não ser comparado à mulher, ao escravo ou mesmo a um homem mais jovem, vistos como submissos dentro de uma sociedade extremamente machista. Essas imposições decorriam de uma possível imputação de uma imagem frágil e afeminada, abominável nessa civilização. Vale a pena ressaltar que, em Roma, a condição das mulheres era também, somente, de procriação para dar continuidade a uma linhagem, por vezes, de reis ou nobres, imperadores e militares. Como aponta Veyne, as mulheres romanas deveriam estar sempre à espera e a serviço do desejo do homem, na medida em que todas as formas de prazer sexual feminino eram tidas com moralmente suspeitas. Assim, o que se percebe no mundo antigo é que os ‘amores’ se consolidavam através de relações de poder e, assim, os parceiros dessas relações sempre estariam subjugados aos poderes e aos prazeres do senhor.

Nesse mundo não se classificam as condutas de acordo com o sexo, amor pelas mulheres ou pelos homens, e sim, em atividade e passividade: ser ativo é ser másculo, seja qual for o sexo do parceiro chamado passivo. Ter prazer de modo viril, ou dar prazer servilmente, tudo está neste ponto. A mulher é passiva por definição, a menos que seja um monstro, e não tem voz ativa neste caso específico. (...). As crianças não são levadas em conta mais que as mulheres, (...) essas crianças, em Roma, são escravos, que não são levados em conta, e na Grécia, efêbos⁶, que não são ainda cidadãos, tanto que podem ainda ser passivos sem desonra (VEYNE, 1986, p. 43).

Convém enfatizar que, para a sociedade romana, a relação sexual entre os homens não era tida como desonra e sim, a passividade, ou seja, estar a serviço do

⁶ Foi entre os gregos que surgiu o termo “efebo”, que designa o jovem do sexo masculino que era iniciado na vida sexual e social por um homem mais velho.

parceiro. De acordo com Reale (1993), Sêneca, 'o retórico', um dos mais célebres escritores e intelectuais do Império Romano - evidenciava a passividade sexual como um crime no homem livre por nascimento; no escravo, como unicamente seu dever e no liberto, como uma deferência, uma obrigação moral que ele tinha para com o seu amo. Portanto, na Roma antiga, a prática da homofilia pautava-se em uma aceitação social.

Contrariando esses valores, podiam existir, nas relações sexuais, elementos que perturbassem a sociedade romana, ou seja, relações que se sujeitassem a duas idéias principais: a de servilidade e a de sofisticação. A primeira idéia perturbadora trazia à cena cidadãos com "complacências servilmente passivas" com escravos ou sendo penetrados fisicamente por homens mais jovens, remetendo-os à humilhação e ao desprezo. Outra idéia perturbadora seria a que realçava um indivíduo libertino, motivado pelo instinto sexual, cujos gestos e atitudes iam de encontro aos anseios sociais (VEYNE, 1986).

André (1995) destaca que na antiguidade romana, não era o fato em si de manter relações sexuais com um parceiro do mesmo sexo que era questionado, mas o ato de aceitar uma posição passiva, enquanto homem livre. Prossegue o referido autor, enfatizando que o importante para aquela sociedade era preservar o ideal viril do cidadão e a liberdade do senhor, ou seja, não ser escravo e tampouco passivo. Esse comportamento se justifica na medida em que a escolha sexual, na época, adquiria um caráter secundário em relação a essa preocupação considerada como essencial.

Assim, na antigüidade greco-romana, o sexo não era entendido como aprendemos nos últimos 200 anos, haja vista as práticas homoeróticas terem sido, naturalmente, admissíveis aos jovens cidadãos no contexto de suas iniciações sexuais e políticas sendo, notadamente, desprovidas de cargas ideológicas, diferentemente das práticas sexuais atuais que são capazes de obstacular a livre expressão da sexualidade. Por isso há um grande engano quando são projetados hábitos mentais do presente relacionando a homossexualidade dos nossos dias, às relações pederásticas da Grécia antiga. Por essa razão é sempre necessário contextualizar os fatos e o tempo quando pensamos no tema sexualidade.

Observamos que, mergulhados em concepções judaico-cristãs, certos estudiosos do mundo antigo caracterizam a antiguidade greco-romana como sendo

um recanto de “orgias” e “sodomias”. No entanto, precisamos atentar para as peculiaridades culturais daquelas civilizações e, com um olhar histórico, voltado no tempo e no espaço, devemos buscar compreendê-las. Somente dessa forma conseguiremos perceber as suas particularidades desprovidas dos mitos e dos preconceitos próprios da nossa sociedade. Segundo Brandão (1996), o mito expressa o mundo e a realidade humana, porém a essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações e, na medida em que pretendemos explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico. Portanto, se assim não o fizermos, correremos o risco de perceber a sexualidade na antiguidade com um caráter demasiadamente etnocêntrico.

2.1.2 O sexo como pecado

Com a queda do Império Romano e a ascensão da Igreja Católica ao poder, as instituições judaico-cristãs passaram a sustentar, ideologicamente, as relações no interior das sociedades medievais, expressas num juramento de fidelidade que há muito permeava o ethos⁷ da classe dominante feudal. Por causa disso, bispos e abades – cuja maioria era composta de senhores feudais – tinham a prerrogativa de colocar o poder eclesiástico como centro de uma força onipresente no desenvolvimento financeiro e jurídico da época.

Assim, como a Igreja era detentora de grande parte dos latifúndios, comprometia-se, ativamente, tanto com a manutenção quanto com a condução daquele regime. Para a Igreja Católica, evidentemente, o uso do sexo para comungar diretamente com Deus representava uma séria ameaça à base do seu poder. Por certo, esse procedimento autônomo deixava a Igreja escanteada, debilitando o status que ela mesma lhe conferira como sendo o único e possível caminho para se chegar a Deus. Assim, a Igreja reconstruiu o sexo desclassificandoreinterpretando-o como um ato pecaminoso e repulsivo, reduzindo-

⁷ Ethos é um termo genérico que designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Designa uma espécie de síntese dos costumes de um povo. Portanto, o ethos é a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros, ele pode assim incluir temas culturais, padrões culturais e valores.

o, assim, à genitalidade. Esse subterfúgio foi necessário para que a Igreja tomasse o controle da situação, através da imposição dos seus códigos morais. Segundo os preceitos da antiga moral cristã, o objetivo da sexualidade seria, unicamente, o de procriar. Qualquer atitude contrária seria uma perversão da obra de Deus (ARAÚJO, In: DEL PRIORE, 2007).

Segundo Foucault (1999), o que a religião cristã nos trouxe, na verdade, foram novas técnicas de repressão e de controle da moral sexual, visto que as pressões morais da sexualidade já existiam na antiguidade. Assim, os mecanismos de poder modificaram-se bastante com o Cristianismo na proporção que foram nascendo novas idéias de sociedade. No século XII, a Igreja Católica instituiu o casamento monogâmico e indissolúvel voltado para disciplinar e reger as vidas na sociedade, consideradas pelas autoridades eclesiásticas, desordenadas. Diante disso, o matrimônio passou a ser considerado um remédio, um freio contra a concupiscência. Seu objetivo fundamental voltou-se, assim, à procriação ficando a felicidade e o desejo em segundo plano.

De acordo com o historiador Araújo, as Igrejas exerciam fortes pressões sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido por ela para justificar a repressão da mulher era simples, ou seja, o homem era superior e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade. O referido historiador, a fim de ilustrar a sua matéria ressalta o seguinte trecho da Bíblia Sagrada “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... “Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (SÃO PAULO, 5:21-22 apud ARAÚJO In: DEL PRIORE, 2007). Prossegue o historiador na “Arte da Sedução” enfatizando que a Igreja Católica condenava todo amor profano como contrário ao amor sagrado. Insistia, inclusive, sobre os perigos do amor entre esposos. Segundo os ditames da Igreja só se deveria amar a Deus. Desta forma, São Jerônimo desde o ano de 392, já condenava os excessos e os erotismos entre os casais

escandaloso é também o marido demasiado ardente para com sua própria mulher, porque nada é mais imundo do que amar a sua mulher como uma amante (...) que se apresentem à suas esposas não como amantes, mas como maridos (ARAÚJO In: DEL PRIORE, 2007, p. 52).

Ainda de acordo com o referido historiador, a moderação, o freio dos sentidos e o controle da carne eram fatores esperados tanto dos homens quanto das mulheres, já que o ato sexual não se destinava ao prazer e sim à procriação de filhos.

Invadindo as civilizações medievais, o Cristianismo afirmou-se como religião e regras de cunho moralista foram espalhadas aos adeptos dessa doutrina. Por exemplo, com as constantes guerras entre os senhores feudais, foram notórios os êxodos rurais em direção às cidades. Êxodos, sobretudo, de viúvas e filhas dos servos mortos nas batalhas. Para sobreviver, essas mulheres começaram a se prostituir. Porém, a prostituição passou a ser considerada moralmente repreensível, e a Igreja começou a perseguir as mulheres que exerciam essa atividade (ROBERTS, 1998).

Com o fortalecimento da Igreja, o amor passou a ser valorizado na sua forma mais espiritual, voltada para Deus, marcado pela dedicação e pela renúncia, ao mesmo tempo em que houve uma forte repressão aos prazeres da carne. Portanto, o amor sexualizado passou a ser visto como algo inferior, indigno dos amores sublimes. Assim sendo ele passou a ser praticado somente com as prostitutas, mesmo sendo esse ato pecaminoso às vistas da Igreja. Para a mesma autora, a posição da Igreja, no Século XIII, era hipócrita, pois, ao mesmo tempo em que condenava a prostituição, considerava-a como um mal necessário.

Diante do exposto, percebe-se que, a partir do momento em que a Igreja deteve o poder, a moral cristã passou a funcionar não sobre os atos livres de escolhas, mas sim, sobre pura obediência, não às afrodísias⁸, mas às leis divinas. Essa sujeição privava os homens daquilo que o Cristianismo denominava de 'prazeres da carne', ou seja, da concupiscência da carne. Essa imposição moral se dava através de normas morais, que privavam o sujeito de uma liberdade que obtivera na antiguidade. Assim, no mundo cristão, houve a passagem de uma ética pessoal, elaborada, do sujeito para o próprio sujeito, para uma moral de obediência a um sistema de regras e de condutas morais (ROBERTS, 1998).

⁸ Michel Foucault (1984), em *História da Sexualidade II (O uso dos prazeres)*, ao problematizar o conceito de afrodísia, ressaltava-a como atos, gestos e contatos, que proporcionam certa forma de prazer.

Segundo Araújo (In: DEL PRIORE, 2007), a moralidade judaico-cristã reprimiu, substancialmente, a sexualidade, associando-a ao proibido e ao pecado. Com essa moralidade estabelecida pela Igreja, somente era aceito e valorizado no matrimônio o 'sexo-reprodução', e o prazer sexual ficou sendo alvo de enorme carga de repressão, a tal ponto que as mulheres sérias não deveriam, jamais, sentir prazer no sexo. Também não era conveniente e, tampouco, permitido que elas demonstrassem interesse por esse assunto ou falassem sobre ele. Entretanto, as mulheres casadas deveriam aceitá-lo como um dever conjugal a ser cumprido – o débito conjugal – que seria recompensado com a santidade da maternidade espelhada no símbolo do Cristianismo, ou seja, em Maria, a Virgem-mãe.

De acordo com Cunha (1999), a ideologia centralizadora do patriarcado, o autoritarismo da 'lei do Pai' e o 'cerceamento dogmático da Igreja Católica' condenavam qualquer forma de prazer, principalmente, os que fossem relacionados ao sexo. Frente aos novos padrões de comportamento da época impostos pela igreja, Bellini (1989) esclarece que o uso da sexualidade sem a sua verdadeira finalidade – a procriação - levava algumas mulheres a serem taxadas e perseguidas como bruxas, na medida em que se valiam de sua sexualidade como arma de sedução.

Na época da inquisição, que se estendeu do Século XIV até o XVII, certos comportamentos femininos, considerados 'desviantes', quando não compreendidos, conduziam as mulheres aos Tribunais do Santo Ofício, acusadas de bruxaria ou de possessão diabólica. Ao Tribunal cabia julgar essas 'bruxas'. Dependendo da sentença, poderiam até ser condenadas à fogueira, em nome da moralidade cristã. A inquisição foi, então, estabelecida com o firme propósito de perseguir os cristãos, julgando, dentre outros comportamentos reprováveis pela Igreja, os desvios de conduta familiar ou sexual que, por vários meios e modos, eram considerados heresia. Assim, eram acusados não apenas os pecados mortais, mas os de erros de fé, desafios conscientes e obstinados à doutrina e à moral do Catolicismo, como aponta Vainfas (1997).

Ainda de acordo com o mesmo autor, o mais perseguido desvio de conduta transformada em erro de crença e mais violentamente perseguido teria sido a sodomia, também chamado de 'abominável pecado nefando'. Esse desvio levava à castração do culpado ou à morte na fogueira. O regimento do Santo Ofício (Século

XVII) não explicava a diferença entre a sodomia praticada por homens e a praticada por mulheres. Recorria-se, então, ao conceito de molície, que implicava um vasto leque de pecados contra a natureza. Segundo Bellini (1989, p. 39).

(...) especificamente em relação à sodomia, o uso de critérios que tinham a anatomia masculina como referência e a falta de um vocabulário e conceitos precisos obscureceram as tentativas de compreender o modo como podia ser cometida entre mulheres.

Existe um fator que desperta o interesse de todos os estudiosos, ou seja, o tratamento historicamente dispensado à figura feminina no ocidente cristão. De acordo com Del Priore (2007) surpreendentemente, a mulher era vista como um objeto ambíguo, ou seja, ao mesmo tempo angelical e especialmente lascivo, portanto esse tema enigmático confundiu, por centenas de anos, aqueles que procuravam entender seus vícios. Desta forma, prossegue a autora ressaltando que esse questionamento perseguiu desde os doutores da teologia moral aos mais modestos confessores, bem como, os legisladores laicos e assim, para representar a figura feminina, o Cristianismo criou dois modelos radicais: o de Maria, Mãe de Deus e símbolo da pureza, e o de Eva, a causadora do pecado da humanidade. Desta forma, esse ser imperfeito chamado mulher, podia levar o homem à danação e, por isso, era considerada infiel, fútil, inconstante, astuciosa e perigosamente sensual segundo relata a historiadora supracitada. Nota-se, com isso, que o pecado da luxúria esteve no centro das preocupações e das reprovações sociais até poucas décadas atrás.

Em seu livro 'Repressão Sexual', Chauí (1990) ao tratar do tema sexo e pecado evidencia que a vinculação do sexo à procriação de conformidade com a religião Cristã faz ainda com que a sexualidade se restrinja à função reprodutiva. Desta forma, estando o sexo essencialmente ligado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidades procriadoras são consideradas, por vezes, pecaminosas e são colocadas sob a categoria da concupiscência e da luxúria. Há toda uma pedagogia cristã que incentiva e estimula a prática da continência, ou seja, da moderação sexual, bem como, da abstinência ou supressão sexual. Assim, através de uma disciplina espiritual, a elevação espiritual traz como consequência a diminuição da intensidade do desejo e, conforme a mesma mecânica, a elevação da intensidade do desejo sexual traz a diminuição espiritual.

De fato, no período da estruturação do Catolicismo, durante a Idade Média, a Igreja exerceu um grande controle sobre todos os membros da sociedade. Por essa razão criou-se no imaginário social um Deus, pai punitivo e coercitivo, que protegia, punia e exigia a submissão de seus filhos. Com isto, através desse dogma a Igreja Cristã, claramente, controlou a civilização da época pregando, assim, toda a moralidade sexual cristã.

2.1.3 O sexo como doença

Segundo Del Priore (2007) nos tempos medievais e modernos, o corpo e o espírito estavam intrinsecamente associados e, por isso, corpo/espírito era a via de entrada e de saída das doenças. As técnicas e os rituais empregados para combater as enfermidades nem sempre alcançavam o resultado almejado, contudo eles eram legitimados por um saber corrente na sociedade, onde as explicações perpassavam pelas crenças espirituais. Os rituais de cura aconteciam nos lares, nas igrejas, nas tavernas, nas ruas e nos campos e assim, essa cultura se materializava, sobretudo, através do uso de amuletos, de poções mágicas, adivinhações, milagres de reis e de santos, de profecias, beberagens feitas com ervas e com objetos encantados, benzeduras, dentre outras práticas.

Entre os Séculos XVIII e XIX, a mulher era vista como um ser naturalmente impuro e pecaminoso e continuava com a sua função primeira, ou seja, a de mera procriadora já que, ela só deveria usar o sexo com esse objetivo. Desta forma, o corpo da mulher era tido como um espaço de lutas entre Deus e o diabo, assim sendo, estava sempre sujeito à afecções como as menstruações e outros fenômenos considerados, na época, patológicos. A impotência sexual era percebida como um grande mal sendo considerada como um desregramento do espírito. Portanto, este mal deveria ser punido com o açoite divino, haja vista ser um mau demoníaco ou feitiço diabólico. Desta forma, esse imaginário tornava o corpo um extrato do céu ou do inferno (DEL PRIORE, 2007)

Em nome da sacralidade e da finalidade primeira, única e última do matrimônio, Ranke-Heinemann (1996) aponta que a impotência de ambos os sexos constituía-se, aos olhos da Igreja, em 'impedimento dirimente', cabível de anulação matrimonial. No Brasil Colônia, de acordo com mesmo o autor, a esterilidade era

concebida como uma maldição, que recaía mais comumente sobre as mulheres sendo combatida com práticas simbólicas, bem como, com o emprego da medicina fitoterápica objetivando ‘desobstruir’ ou ‘desenfeitiçar’ o berço da criação. Prossegue o referido autor, evidenciando que diante do ‘crescei e multiplicai-vos’, buscava-se toda sorte de simpatia, remédio analógico ou mezinha milagrosa capaz de combater o ‘mal’ – a esterilidade - que ameaçava a função de homens e de mulheres sobre a face da Terra. Existiam ‘fenômenos’ ou ‘doenças’ que também mereciam atenção especial por parte dos ‘entendidos’, como a ‘erotomania ou a melancolia amorosa’. Esse mal atingia tanto os homens, quanto as mulheres obcecados por questões de virilidade e de fecundidade por isso era combatido com sangrias copiosas, realizadas nos braços, nos pés ou atrás das orelhas (BROWN, 1990).

De acordo com Catonné (1994) o excesso de interesse pelo sexo, visto por padres e médicos como desordenamento, tanto podia atrasar quanto impedir um gravidez e, por isso, era associado pelos tratadistas da época a um castigo divino e, assim, os portadores desse mal deveriam submeter-se à continência ou moderação sexual devido a necessidade de um autocontrole para manter a energia vital, porquanto, o prazer sexual se caracterizava por um ato convulsivo semelhante a uma explosão de raiva e muito próximo à epilepsia.

As mulheres, segundo Del Priore (2007) eram consideradas como ‘acólitos de Satã’ por serem portadoras de uma porta úmida, que se abria para o inferno onde no obscuro golfo da vagina escondiam em suas águas lívidas, seivas nefastas impregnadas de pecado e de doenças ignóbeis. Prosseguindo a autora esclarece que o corpo da mulher era ladeado de tantos segredos que tornava-se necessário reduzi-lo e adestrá-lo. Portanto, por trás de um corpo feminino, visto como terreno desconhecido e com uma cartografia ilegível a ser devassado pelo conhecimento objetivo, existia o reconhecimento de um corpo, enquanto potência, que desafiava as argúcias do saber.

De acordo com a obra: Observações Médico-doutrinais de cem gravíssimos casos escrita por Semedo (1707), enquanto em países europeus, a experimentação científica orientava as pesquisas sobre o corpo e as doenças, no Brasil, ambiente de atraso científico e de crenças em poderes mágicos, os argumentos e as noções sobre o funcionamento do corpo da mulher foram sendo lentamente fabricados. Portanto, o discurso dos médicos inscrevia-se, naturalmente, no discurso da Igreja

onde a 'doença e cura' estavam relacionadas ao maior ou ao menor número de pecados cometidos. O autor ressalta que os médicos reforçavam a idéia de que o estatuto biológico da mulher, a procriação, estaria ligado a um outro estatuto moral e metafísico, ou seja, o de ser mãe, ser frágil e submissa, ter bons sentimentos etc. (apud DEL PRIORE, 2007).

Incontestavelmente, um dos grandes mistérios que assolava os estudiosos da época era o enigmático 'útero feminino', conhecido por 'madre'. A madre era capaz de provocar na mulher uma série de males desencadeando enfermidades que variavam da loucura à ninfomania. Desta forma, a doença mental em fins do Século XIX, deixava clara a principal dimensão da intervenção da medicina na sexualidade. O útero, ou seja, 'órgão misterioso', apresentava-se de forma inatingível e assim suscitou fórmulas 'mágicas' que foram descritas, a fim de incentivar seu funcionamento para o bem geral.

Semedo nos relata que a madre como possuidora de faculdades adormecidas devia ser despertada pela ação de piolhos e percevejos metidos no orifício do cano para que, através de mordeduras e movimentos que fizessem excitar a faculdade repelente adormecida. Diante disto, sua desobstrução se faria metendolhe na boca uma pequena castanha-da-índia, furando-a e atando-a bem com fio de retrós e deixando-a ficar por quatro ou seis horas, porque não só provoca bem a conjunção, mas limpava a madre de todos os maus humores que eram quase sempre a causa de muitas mulheres não conceberem (SEMEDO, 1707, apud DEL PRIORE, 2007).

No final do Século XIX, cresce, pois a necessidade de se conhecer, realmente, os mistérios que circundavam os corpos, sobretudo, os femininos. Os corpos femininos precisavam ser conhecidos nas suas entranhas para que fossem submetidos a uma normatização, a fim de que pudessem ser esvaziados de todo e qualquer poder que, por ventura, viesse ameaçar a ordem dominante. Desta maneira, os aspectos inerentes ao universo feminino, incompreendidos na sua quase totalidade deveriam ser conhecidos e controlados por uma outra esfera, já que as explicações para os descaminhos fisiológicos do corpo faziam-se, até então, impregnadas de magia (MURARO, 1996).

Como vimos, no momento em que o sexo foi voltado exclusivamente para a procriação, tornou-se um importante assunto para médicos e teólogos que percebiam a chamada 'cópula carnal' revestida de grandes riscos.

2.1.4 O sexo como linguagem

Nos primórdios do Século XX, Sigmund Freud (1976 [1908]) inovou a concepção de sexualidade, separando a sexualidade humana do instinto. A Psicanálise tomou da tese freudiana o conceito mais alargado da sexualidade. Para Freud (1987) a sexualidade não se confunde com o instinto sexual na medida em este é fixo e pré-formado característico de uma espécie, já a sexualidade se caracteriza por grande plasticidade e invenção e, além disso, está intimamente ligada à história pessoal de cada indivíduo. De acordo com o referido autor, a sexualidade designa toda uma série de excitações e atividades presentes ocorridas durante a vida, englobando todos os acontecimentos desde a infância do indivíduo. Desta forma, a sexualidade não se confunde com o objeto (parceiro) nem com o objetivo (união dos órgãos genitais no coito), ela, pois polivalente, capaz de ultrapassar as necessidades fisiológicas, ao mesmo tempo em que se vincula à simbolização do desejo.

A obra de Freud, intitulada 'Três ensaios sobre a teoria da sexualidade', publicada em 1905, é uma ótima referência para se ilustrar o nascimento de um novo campo de conhecimento das artimanhas sexuais. Com seus estudos, Freud priorizou a aproximação do chamado 'desvio da normalidade' com uma verdadeira inversão de sentidos. Tomemos como exemplo a atividade sexual manifestada pelas crianças, tomadas de seus impulsos parciais onde Freud julga ser esse ato normal e universal, pautado no modelo da sexualidade adulta (FREUD, 1976 [1908]). Assim sendo, sob o ponto de vista psicanalítico do referido autor, a sexualidade visa priorizar o prazer, e não, a reprodução, desta forma, se nos colocarmos dentro dos moldes psicanalíticos, certas condutas, que seriam consideradas perversas, tendo o instinto como referencial, deixam de sê-las, enquanto pulsão⁹.

⁹ A pulsão sexual pode ser entendida como uma pressão ininterrupta, que flui continuamente, impulsionando o sujeito na busca de sua satisfação, que é obtida sempre parcialmente, através da descarga de energia acumulada, que ultrapassa os limites estabelecidos pelo princípio de constância.

Com a evolução científica houve, indiscutivelmente, um significativo progresso social, haja vista, numa relação, a reprodução ter sido relegada a um plano secundário, ressaltando agora uma finalidade primeira, ou seja, a obtenção do prazer sexual. Porém, as carícias e os gestos preliminares que conduzem ao orgasmo, anteriormente tachados de imorais e pecaminosos, hoje se manifestam via de regra, sem nenhum tipo de censura, já que são aceitos, autorizados e incentivados pela Ciência Médica. Os corpos passam, então, a serem vistos como espaços constitutivos de laços sociais assim, os atos, os gestos e as práticas passam a ser elementos de uma cultura retratando sistemas de valores específicos que buscam organizar novos modos de vida (CATONNÈ, 1994).

De acordo com Del Priore (1995) por meio das palavras, o corpo se constrói e desconstrói infatigavelmente, num complexo jogo de equivalências e correspondências, de transbordamentos e de nivelamentos e é nessa linha fronteira que as imagens da vida interior/exterior do corpo ganham sentido. A sexualidade hoje é, pois, uma das mais intensas e vitais experiências do homem e se exprime por forças agregadoras que levam as pessoas a entrarem em contato direto umas com as outras. Entretanto, durante milhares de anos, as convenções religiosas, sociais e políticas deturparam, radicalmente, essa visão.

Segundo Vidal (1978) o fenômeno da sexualidade dentro da realidade humana nos últimos anos, tem adquirido uma nova valorização. De fato, nas últimas décadas, o quadro de repressão sexual tem sido substituído, em parte, pela valorização da sexualidade. Porém, encontramos, ainda, diversas formas de repressão sexual, como por exemplo, a postura da Igreja, em relação ao uso da camisinha, a homofobia, a forma pela qual a sexualidade é levada às crianças, a não aceitação da sexualidade na velhice, dentre outras. Liberadas dos entraves éticos, a sexualidade assume, atualmente, de acordo com o mesmo autor, uma configuração humana, e é esse um dos aspectos em que mais se insiste hoje em dia. Sabemos que as práticas sexuais de hoje estão bem mais "liberadas", porém a sexualidade continua sendo um grande problema, porquanto não se oferece uma educação sexual à altura da liberdade concedida.

Com o advento da psicanálise no início do Século XX, a sexualidade passou a ser entendida com um sentido mais amplo e não apenas, como sinônimo de genitalidade, como ocorria no passado. A partir de então a sexualidade passa a ser

percebida como tudo o que dá prazer assim como, comer, dormir, dançar etc. enfim, como verdadeira energia vital. Desta forma, a partir da primeira metade do século passado e mais tarde graças aos movimentos feministas, os papéis sociais, culturalmente determinados, vêm tendo a oportunidade de serem reavaliados. Os movimentos feministas da década de sessenta tentaram recuperar a dignidade e a autonomia da mulher, buscando seu direito ao prazer sexual, até então sucumbido pela vergonha, pelo medo e pela hipocrisia de uma época não muito distante (PORTER; THEICH, 1998).

Há, sem dúvidas, uma luta travada para romper com certos paradigmas impostos à sexualidade feminina de séculos atrás. É certo que verdades milenarmente arraigadas no espírito humano não são facilmente extirpadas ou modificadas em curto prazo. A literatura vem dando voz a nós, mulheres, a fim de que possamos expressar as nossas condições na sociedade, como também, questionar valores e, sobretudo, buscar resgatar as nossas sexualidades esquecidas ao longo dos tempos. Na década de setenta, no Brasil, muitas mulheres fizeram da literatura uma forma de luta emancipatória. Por causa disso, o erotismo¹⁰ foi eleito como tema e foi uma forma da mulher se livrar da posição imposta pelo paradigma patriarcal. De acordo com Soares (1999, p. 58).

A mulher que pensa e diz o erotismo livremente é a mesma que pensa e diz o seu papel, enquanto construtora da sociedade. São faces do mesmo processo. O autoconhecimento erótico leva ao conhecimento do outro e do mundo e à consciência do poder de transformá-lo com vontade própria.

Finalizando, para entendermos as estruturas antigas e que são ainda muito profundas em nossas vidas, comecemos pelas mais recentes. Em torno dos últimos quarenta anos, graças à pílula anticoncepcional, uma transformação sexual 'silenciosa' teve lugar, conduzindo as mulheres a serem mais ativas nas relações sexuais e, conseqüentemente, mais exigentes em relação aos seus parceiros, o que desencadeou um prolongamento de sua vida sexual (MURARO, 1996). Diferentemente de nossos antepassados, vivemos, hoje, homens e mulheres, uma

¹⁰ Erotismo é a excitação dos desejos sexuais, lubricidade. O erotismo está, geralmente, associado a imagens sugestivas ou simbólicas mais do que a imagens puramente gráficas. Enciclopédia Microsoft® Encarta®. © 1993-2001 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados.

sexualidade assertiva, que desejamos fazer durar para além do limite biológico-social da menopausa ou da andropausa. Esse prolongamento da vida sexual inscreve-se na revolução que transformou o sexo em fonte de bem-estar e de prazer, diferentemente do que significou para nossos ancestrais, ou seja, o medo, a culpa ou o problema moral.

Após esse breve percurso pela história, buscamos os ensinamentos de Foucault (1984, vol. 1 p. 9 – 10). onde ele afirma que,

(...) O termo sexualidade surgiu tardiamente, no início do Século XIX. (...) ele [o termo] assinala algo diferente de um remanejamento de vocábulo, (...) trata-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos de sua sexualidade, que se constitui hoje um dispositivo de poder, seja porque ela está fortemente impregnada por relações assimétricas entre os sexos, seja porque, dentre todos os domínios sociais, ela faz aparecer, de forma mais contundente, as relações entre o biológico e o social.

Complementando o pensamento de Foucault (1984), Faria (1998, p. 12) aponta que “a sexualidade, tal como a vivemos hoje, é marcada pela interação de múltiplas tradições e práticas sociais, religiosas, morais, familiares, médicas e jurídicas.”

Como efeito ilustrativo, recorremos a uma dissertação defendida na Universidade Federal da Paraíba por Eulálio (1988) intitulada: “A velhice e suas representações sociais”. No referido trabalho, a autora enfatiza que o sexo e a sexualidade, via de regra, são experiências prazerosas, gratificantes e reconfortantes, porém a sexualidade vivida na idade avançada apresenta-se impregnada por uma série de fatores construídos ao longo dos anos, responsáveis por marcas profundas na vivência da sexualidade. Assim, as entrevistadas percebem a sexualidade:

.. Sexo na velhice é acompanhado do medo de falhar... Sexo na velhice é impossível... Sexo na velhice é desnecessário, desagradável... Sexo na velhice é pecado... Sexo é coisa que homem conhece mais do que a mulher... Sexo é algo que o homem sempre deve tomar iniciativa... passou dos sessenta anos, a mulher já fica sem vontade dessas coisas... (In: EULÁLIO, 1988)

Diante do exposto, observamos que as posturas assumidas por aquelas idosas, em relação ao sexo, estão presas a um contexto notadamente preconceituoso, marcado por estruturas familiares, religiosas, morais, dentre outras, visivelmente presentes em suas falas. O tema 'sexualidade humana', diante da amplitude e diversidade das reflexões que mobiliza, tem sido motivo de pesquisas e de busca da construção coletiva de um novo conhecimento. Muitas áreas tomam a sexualidade como objeto de pesquisa. A Biologia e a Medicina, estudando os aspectos anatômicos e fisiológicos; a Sociologia e a História, preocupando-se com a gênese da repressão do comportamento sexual; a Antropologia, tentando mostrar a evolução cultural da sexualidade, e a Educação, buscando abranger todas as vertentes conceituais do termo (CAVALCANTI, 1990). Observa-se que a maneira de perceber a sexualidade foi construída com base em um elemento transformador das sociedades – o conhecimento. De acordo com Loyola (1998) a sexualidade tem sido concebida e descrita de formas bastante distintas por inúmeras vertentes conceituais. Citaremos alguns conceitos que consideramos pertinentes no presente momento.

Nunes (1987) e Loyola (1998) afirmam que, a Antropologia concebe a sexualidade como o sustentáculo da sociedade e ela se encontra envolta em um feixe de valores, comportamentos e costumes morais e sociais. Já para Costa (1994), sexualidade reflete-se ao conjunto de fenômenos da vida sexual sendo, então, o centro de nossa personalidade conduzindo-nos, por meio de uma relação, ao amor, ao prazer e, por vezes, à procriação.

Foucault (2003) entende que a sexualidade se subordina às condições de reprodução das relações sociais, visto que é uma forma de poder que está muito marcada pelas relações assimétricas entre os sexos fazendo aparecer, notadamente, as relações entre o biológico e o social, enquanto que Catonné (1994) percebe a sexualidade como sendo parte integrante de qualquer indivíduo, influenciando, sobremaneira, seu modo de ser e estando intimamente relacionada com os padrões culturais de sua formação e, de acordo com Fucs (1987), a sexualidade nem sempre está ligada a ereção ou a orgasmos, pois, segundo esse autor, ela está diretamente relacionada com o tocar e ser tocado, acariciar e ser acariciado, ter e dar prazer. Já Cavalcanti (1990) aponta que sem deixar de ser as duas coisas, reprodução e prazer, a sexualidade humana numa concepção mais

profunda e mais abrangente é, sobretudo, uma forma de comunicação. Complementando essas definições, o Grupo Ceres (1981, p. 307) assevera que

O conceito de sexualidade é um conceito complexo, na medida em que se situa entre a natureza e a cultura. Ele seria natureza no que se refere ao biológico, mas sendo o biológico traduzido e reinterpretado pela cultura, a sexualidade é uma construção social. Neste sentido, a sexualidade é uma representação, é uma tradução de relações sociais. E como estas se dão dentro de um campo de poder, o conceito de sexualidade comporta também uma dimensão política: a relação de poder entre os sexos.

Percebe-se, com as definições expostas que a sexualidade se apresenta como uma produção da cultura e não apenas como um instinto biologicamente determinado. Enfatizando esse aspecto, Cavalcanti (1998) destina um capítulo de sua tese intitulada “Gosto de ser mulher”: representação da sexualidade feminina em uma comunidade rural, para discorrer sobre a cultura, por acreditar que esta favorece a compreensão da sexualidade, enquanto elemento cultural. De acordo com a autora é importante salientar que o conceito de sexualidade deve induzir a uma flexibilidade bem ampla, haja vista poder tanto refletir as funções sexuais em si mesmas quanto significar o elenco de valores pelos quais se pensa e se pratica o sexo em uma determinada sociedade ou época. Segundo Catonné (1994) foram a história, as crenças religiosas, as lições e a sociedade que colocaram em muitas mentes a sexualidade como sinônimo de genitalidade, reduzindo-a a uma expressão carnal.

Na realidade, quando enfocamos o ser humano, percebemos a sexualidade como um processo de transformação contínua, cujas características peculiares são semelhantes às transformações que ocorrem em toda a sua estrutura biopsicossocial. Desta forma, Incontestavelmente, a sexualidade traz toda uma carga cultural e ideológica. Costa (1994) refere-se à sexualidade apontando três componentes básicos, ou seja, o biológico, o psicológico e o social que interpenetram-se, formando bases que são inter-relacionadas e inseparáveis, assim, de acordo com a mesma autora, quando esses componentes se interligam formam verdadeiros caleidoscópios originando as mais diversas imagens da sexualidade humana ou as suas múltiplas faces.

Segundo Werebe (1998) todo indivíduo nasce num determinado momento da história, no meio de uma cultura distinta. Os seus desejos, suas emoções e suas

relações interpessoais são formadas pelas suas interações com a cultura, dentro da sociedade em que vive. Essa autora prossegue seus estudos enfatizando que cada cultura determina quais as práticas sexuais que são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou pervertidas, legais ou ilegais. Reforçando o pensamento da autora, Foucault (1984) afirma que a sexualidade se constitui de uma construção cultural, histórica e social. Ela é, pois, notadamente, um fenômeno cultural.

Segundo Nunes (1987) e Loyola (1998), a sexualidade constitui o pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade e que, portanto, está sujeita à normas estando envolta por um feixe de valores, comportamentos e costumes morais e sociais. Assim sendo, como outros aspectos da vida cotidiana, ela está sempre subordinada às condições de reprodução das relações sociais. A sexualidade é, então, um fenômeno socialmente construído mesmo sendo, muitas vezes, tido como uma evidência natural (LHOMOND, 1999). A referida autora concebe a sexualidade como um conjunto de leis, costumes, regras e normas variáveis no tempo e no espaço, que refletem o pensamento social. Reforçando este ensinamento, Foucault (1984) afirma que a sexualidade se constitui de uma construção cultural, histórica e social sendo, assim, um fenômeno cultural. Para o mesmo autor, a sexualidade incorpora uma visão que não se limita e, por isso mesmo, não deve ser compreendida como um impulso individual a ser contido, assim sendo, precisa ser subordinada e disciplinada a fim de servir ao controle social. Enfatizando essa visão foucaultiana, Giddens (1993) aponta que a sexualidade se apresenta como um instrumento de gerenciamento social, inserido em um sistema que busca a ordem pública. Concluindo, Louro (1999) enfatiza que a sexualidade deve ser entendida como diferentes formas através das quais homens e mulheres vivem seus desejos e seus prazeres corporais em sentido .

2.2 A SEXUALIDADE FEMININA

O modelo que postula a essência de 'dois sexos' é relativamente recente na história. Podemos claramente observar que a sexualidade esteve, durante muito tempo, calcada naquilo que se chamou de 'monismo sexual' ou 'one-sex-model', segundo nos apontam Birman (1977), Badinter (1993), Almeida (1995) e Foucault (1984).

No one-sex-model, que dominou o pensamento anatômico por dois milênios, a mulher era entendida como sendo um homem invertido. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva, um prepúcio, e a vagina era um pênis (LAQUEUR, 2001, apud COSTA, 1995, p. 100).

Segundo Costa (1995) havia no passado, um único modelo ideal do corpo humano cujo grau de perfeição seria alcançado, única e exclusivamente, através do corpo do homem enfatizando que a mulher não passava de um homem invertido e, portanto, socialmente inferior. Portanto, a forma feminina do sexo ocupava um lugar de inferioridade na escala de perfeição metafísica. De acordo com a mesma autora, explicação para essa inferioridade encontrava-se respaldada, unicamente, na construção da visão do sexo sendo a mulher, então, percebida apenas como um complemento do homem.

Para Werebe (1998), as atitudes em relação à mulher são em geral contraditórias, ou seja, por um lado, as suas qualidades de mãe e de esposa são exaltadas e veneradas, de acordo com a visão cristã da Virgem Maria e por outro lado, representa a imagem de Eva, a tentação do diabo.

Diante disso, para que se possa entender a sexualidade feminina, é necessário compreender como as mulheres foram criadas, educadas, bem como as normas de condutas morais e sociais viveram e ainda vivem, pois a sociedade humana é histórica e muda conforme o padrão de desenvolvimento da produção, dos valores e das normas sociais vivenciadas (FARIA, 1998). Assim sendo, a sexualidade é vista como resultado de um meio cultural e é herdeira de um longo processo cumulativo, que reflete os conhecimentos e as experiências adquiridas das gerações que a antecedeu.

Ao procurar compreender a percepção da sexualidade das estudantes do curso de Enfermagem, mediada pela tecnologia buscaremos, de acordo com Geertz (1989) 'ler por sobre os ombros', haja vista depararmos com componentes biológicos, psicológicos, religiosos, sociais e outros vividos e compartilhados pelo grupo das alunas estudado.

Segundo Muraro (1996), a sexualidade feminina, diferentemente da masculina, aparece menos centrada nos órgãos genitais. Para a referida autora, as mulheres, via de regra, desejam erotizar uma relação que leve em conta não só o

corpo, mas também o psiquismo como zonas erógenas. Dessa forma, elas buscam extrapolar a 'unidimensionalidade' de um corpo reprodutor e multidimensioná-lo num corpo de prazer e de criação. Complementando a idéia dessa autora, Fucs (1987) bem explica que a sexualidade feminina é difusa por todo o corpo, porém está vinculada ao afeto e tem um significado baseado na troca, na entrega e na comunhão.

Reconhecemos que a liberdade gozada hoje, mesmo que de forma ainda reprimida, deve-se à 'Revolução Sexual' ocorrida por volta dos anos sessenta¹², que transformou a compreensão e a vivência da sexualidade.

Sob o ponto de vista de Range (1995), a vivência da sexualidade pode ser relacionada a dois fatores que são a identidade sexual e o comportamento sexual. A identidade sexual refere-se às características sexuais biológicas e psicológicas que marcam a auto-imagem e a imagem-social de um indivíduo, no que diz respeito à sua definição sexual e o comportamento sexual está ligado a toda e qualquer resposta aberta ou encoberta que envolva alguma excitação na direção de um objeto sexual. Relacionando os dois fatores busca-se uma vivência plena da sexualidade que deve ser pautada em valores e conceitos que favoreçam a aquisição do prazer de viver, de amar e de sentir.

Nos dias de hoje, essa vivência pode ser gozada, mesmo que de forma ainda reprimida, graças à Revolução Sexual ocorrida por volta dos anos sessenta¹¹ que buscou o projeto de uma bela existência pautada em uma livre sexualidade. De acordo com Werebe (1998) com uso de sua capacidade natural, ou seja, do conhecimento, o homem vem modificando, substancialmente, a natureza, com o intuito de se beneficiar, procurando viver melhor, desta forma cria linguagens, conceitos e preconceitos os mais diversos possíveis, visando à convivência harmônica em seu meio, com seus valores, regras e princípios morais.

¹¹ A década de 60 teve grande efervescência política, social, cultural e ideológica em diversos países. Acentuou-se a rebeldia de valores existentes, ditos tradicionais. No Brasil, por exemplo, essa década foi reconhecida como de mudança com transformações na estrutura da sociedade, nos comportamentos políticos e nas manifestações culturais. Entretanto para uns, esse período representou a idade áurea de novas liberdades; para outros, uma época sombria, que provocou o desmoronamento da moral, da autoridade e da disciplina. Certamente, o que fica evidente são as mudanças e as conseqüências sociais, políticas e culturais refletidas até hoje na sociedade.

Beauvoir (1997), em seu livro, 'O segundo sexo', examinando a condição feminina em todas as suas dimensões: sexual, psicológica, social e política, conclui que ninguém nasce mulher e sim torna-se, ou seja, a identidade sexual é uma construção social, e não, um dado natural ou biológico, como já mencionamos anteriormente. A autora em sua obra ressalta que as possibilidades das mulheres, ao longo dos anos, foram sufocadas e perdidas para a humanidade enfatizando que já é tempo de nós mulheres, correremos todos os riscos, enfim, de tentarmos a própria sorte.

2.2.1 O Papel da mulher na sociedade brasileira: da Sociedade Colonial aos dias atuais

A historiadora, mencionada várias vezes no presente trabalho - Mary Del Priore – da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, é estudiosa dos assuntos femininos da atualidade. Ela concebe que a mulher brasileira tem algumas centenas de anos, ou seja, os seus hábitos atuais e suas maneiras de ser, na verdade, foram moldados a partir do Século XVII (DEL PRIORE, 2007).

Ao longo dos tempos, encontramos as mais variadas formas de expressão da sexualidade ocidental, carregada de valores, estigmas e preconceitos de cada época e de cada sociedade. Nos três últimos séculos, houve uma valorização exagerada do sexo tornando-o um segredo para não dizer um problema que até as palavras para expressá-lo foram controladas. Definiu-se onde, quando, em quais situações e quem poderia falar sobre sexo (FOUCAULT, 1984). Assim, as escolas passaram a ser as únicas instituições 'liberadas' para falar do assunto. De acordo com Foucault (1999), a partir do Século XVIII, as escolas multiplicaram-se, aperfeiçoaram-se e apareceram como um 'dispositivo de poder'. A sua função era, sobretudo, a de disciplinar os corpos e os sexos dos homens e das mulheres. A sexualidade das crianças, no entanto, era tida como um dos alvos principais de preocupação, afinal, nas crianças estavam os futuros cidadãos. O referido autor aponta que foi no Século XVII que surgiu a 'idade da repressão', após centenas de anos de arejamento e de expressão livre do sexo e com essa 'repressão' a

sexualidade, aos poucos, foi cuidadosamente encerrada atendendo, assim, a propósitos superiores (FOUCAULT, 1984).

Entendemos que, ao longo desses anos, poucas mudanças aconteceram, pois homens e mulheres reconhecem ainda com grande dificuldade, a existência e a autonomia do desejo sexual feminino como se o jogo erótico das mulheres tivesse que se esconder por trás da afetividade. Nesse sentido, Foucault (1999, p. 9) assevera que “A pudicícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade, contida, muda, hipócrita”.

Assim, como o Brasil é um país de tradição católica, escravagista e patriarcal, não é de se admirar que aqui fosse incentivada a repressão sexual, já que toda a fornicção¹² na Colônia, no Império e na República fora sempre encoberta pelo manto da hipocrisia com as bênçãos da Igreja. Então, atendendo aos anseios patriarcais, as mulheres foram moldadas para serem ‘verdadeiras rainhas do lar’. Vale lembrar que o discurso disseminado ao longo dos séculos foi aquele em que as mulheres eram frágeis, sem condições de pensar, criar ou sobreviver sem a presença do sexo masculino (ANDRADE, 1992).

Sabemos que todo o presente, sem dúvidas, está calcado em um passado. Portanto, cabe-nos passar uma vista no ‘ontem’ a fim de que possamos melhor compreender o porquê do ‘hoje’, haja vista ser a sexualidade humana um fenômeno complexo, no qual estão presentes fatores biológicos, psicológicos, sócio-culturais tendo, de fato, uma história que, segundo Muraro (1996), vem sendo construída ao longo de milhares de anos.

Adentrando no Brasil – colônia, Freire (1997) aponta que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, não havia mulheres brancas. Isso fez com que os colonizadores se relacionassem, ‘a priori’, com as índias. Abriu-se espaço para a entrada de novos estrangeiros e estrangeiras que, com o passar dos tempos, juntamente com negros e negras, popularizaram nossas terras. Prosseguindo, esse

¹² Fornicari (latim) ou pornoi (grego) eram termos que, inicialmente, designavam os pecadores carnavais em geral. Durante muito tempo, a palavra fornicção conservou esse significado genérico próximo ao da luxúria. Às vezes, porém, era usada como sinônimo de adultério, no sentido de quebra eventual da fidelidade. Com o passar do tempo, a fornicção adquiriu um sentido mais preciso, alusivo à cópula genital ilícita, isto é, efetuada fora do casamento, entre pessoas solteiras (fornicação simples), ou envolvendo situações pecaminosas como o incesto, o adultério, a violação, o rapto e o sacrilégio (fornicação qualificada).

autor ressalta, com clareza, a imagem que o Brasil propagava, então, aos estrangeiros, ou seja, de um país erótico, luxurioso, quente, cheio de nudez e emoldurado pela exótica natureza tropical.

Quando Portugal resolveu colonizar definitivamente o Brasil, exaltaram-se a Igreja¹³ e o Santo Ofício¹⁴, com o propósito de organizar e regradar a sociedade. Os portugueses impuseram os próprios padrões de conduta, em lugar daqueles que já existiam no país. Assim, instituiu-se o casamento à moda européia como forma de maior controle da sociedade, impondo-se às mulheres novas condutas de vida, a fim de que elas pudessem ser aceitas por aquela sociedade que estava se formando. Portanto, a Igreja e o Estado passaram a remodelar os seus papéis na sociedade (DEL PRIORE, 2007). Diante desse novo cenário, as mulheres foram perdendo, gradativamente, sua liberdade e sua autonomia econômica, ficando reduzidas, forçosamente, a uma condição de inferioridade. Foram ressaltados os valores hierárquicos e patriarcais, que se apoiavam em uma legislação, notadamente, severa. Desta forma, o confinamento caseiro foi imposto às mulheres e aquelas com o padrão dominante, a rigor, só deveriam sair de casa em poucas ocasiões, ou seja, para serem batizadas, freqüentarem missas, casarem e serem enterradas. Assim viviam as mulheres no Brasil - colônia, ou seja, sob constantes vigilâncias. Segundo a referida autora, a mulher de status elevado era reclusa (reclusão do serralho¹⁵) enquanto que a mulher pobre ou escrava, muitas vezes, não passava de um objeto de trabalho ou de prazer. Como as mulheres raramente apareciam às visitas ou iam à rua, quando isso acontecia, elas cobriam com véus o rosto e com a barra da saia, os pés (DEL PRIORE, 2007).

Segundo Freire (1997), a mentalidade da sexualidade colonial começou a se formar quando foram impostas às mulheres maneiras de se comportarem em público como andar, olhar e vestir. Para serem aceitas como 'direitas', as mulheres deveriam

¹³ A Igreja Católica, chamada também de Igreja Católica Romana ou Igreja Católica Apostólica Romana, é uma Igreja cristã regida pela autoridade suprema do Papa considerado pelos católicos como o autêntico representante de Deus na terra.

¹⁴ A primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil em 1591 foi comandada pelo inquisidor Heitor Furtado de Mendonça a fim de conter os supostos comportamentos heréticos. Os inquisidores moviam uma fortíssima campanha moralizante para controlar as condutas individuais.

¹⁵ De acordo com Del Priore (2007) os relatos dos viajantes que percorreram várias partes do Brasil trouxeram uma visão parcial da situação da mulher na família e na sociedade enfatizando a sua opressão, assim, interpretavam a ausência das mulheres das classes dominantes nos diversos ambientes, como um sintoma dos costumes patriarcais da época.

comportar-se como a Igreja determinasse. Logo, o modelo de feminilidade ideal apoiava-se na exploração do culto a Virgem Maria exaltando as virtudes femininas como docilidade, humildade, modéstia e delicadeza. De acordo com Del Priore (2007) sob a ótica da Igreja, as mulheres estavam condenadas a pagar, eternamente, pelo erro de Eva, primeira fêmea que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca, assim, por determinação da Igreja, as mulheres deveriam ser permanentemente controladas, já que partilhavam da essência de Eva.

Segundo Ecker (2002) as instituições religiosas daquela época caracterizavam-se pela predominância das ideologias dominantes, impondo condições diferentes a homens e a mulheres quanto às posições a serem ocupadas no contexto social. Desta forma, os discursos religiosos serviam para construir a imagem da mulher como santa ou demoníaca, mãe ou pecadora, na medida em que associava a figura feminina, ora com a imagem de Maria, mãe de Jesus, ora com Eva, a tentação de Adão.

A literatura também contribuiu para essa mudança radical nos costumes da sociedade da época. Assim, através de folhetins, a Igreja popularizou seus conceitos do certo e do errado, divulgando-os por toda parte. Segundo Pedro, o Jornal do Comércio de 1988 apontava os 'Dez mandamentos da mulher':

- 1- Amai a vosso marido sobre todas as coisas;
- 2- Não lhe jureis falso;
- 3- Preparai-lhe dias de festa;
- 4- Amai-o mais do que vosso pai e vossa mãe;
- 5- Não o atormentei com exigências, caprichos e amuos;
- 6- Não o enganeis;
- 7- Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis com futilidades;
- 8- Não resmungueis, nem finjais ataques nervosos;
- 9- Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o seu marido;
- 10- Não exijais luxo e não vos detenhais diante das virtudes.

(IN: DEL PRIORE, 2007, p. 285)

Prosseguindo, a referida historiadora, complementa que os dez mandamentos divulgados pelo jornal da época, deveriam ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia e depois das repetitivas leituras, serem muito bem guardados.

Conforme ressalta Kehl (1998) as mulheres deveriam ser especialmente domesticadas, para que seus 'desejos ilimitados' não destruíssem a ordem social e familiar. Assim, valores como recato, pudor, vergonha (mesmo não sendo

considerados inatos à mulher) deveriam ser cuidadosamente cultivados para servir de freios a seus desejos que diferentemente das fêmeas/animais, não se reduziam ao ciclo biológico. Para Del Priore (2007) o tratamento desigual entre os sexos apoiava-se nas idéias da época em que as mulheres se resumiam a um grande útero, e a infecundidade era um problema exclusivo delas, pois durante muito tempo na fase higienista, do século XVIII a ciência Médica passou a emitir um parecer acerca da fertilidade da mulher, que foi disseminado e aceito por toda a sociedade. A medicina, então, ajudou a Igreja a incutir na mentalidade das mulheres tabus e mitos que, durante muito tempo, as perseguiu.

Das leis do Estado e da Igreja, com freqüências bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e a coerção informal, mas forte, dos velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas. (ARAÚJO, In: DEL PRIORE, 2007, p. 45)

Del Priore (2007) esclarece que era admissível que os homens quisessem, antes do casamento, uma prova da capacidade geradora da mulher, sua futura esposa, haja vista, naquela época, a concepção ser muito importante. Assim, ficava a cargo da mulher provar ao homem que era fértil, engravidando antes do compromisso, portanto, essa era uma regra consentida por toda a comunidade, inclusive pela Igreja. Evidencia, a referida autora que a realização do casamento seria obrigatória mesmo que a mulher não engravidasse na tentativa pré-nupcial. Caso isso não acontecesse, o marido podia repudiá-la e não mais manter relações sexuais com ela, se assim desejasse. Conseqüentemente, ficava o marido autorizado a ter filhos com outra mulher, porém a esposa era obrigada a lhe ser fiel. Caso as mulheres viessem a contrair matrimônio, saíam do jugo de seus pais para entrarem no jugo de seus maridos. Percebe-se, desta forma, que na sociedade colonial brasileira, ao longo dos anos, foi introjetado um modelo patriarcal¹⁶, sempre amparado pela religião.

¹⁶ Para as autoras, Narvaz e Koller (2006), a supremacia masculina imposta pelo patriarcado valorizou as atividades masculinas em detrimento das atividades femininas e legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia das mulheres, estabelecendo lugares e papéis vantajosos para os representantes do universo masculino.

Prosseguindo, a autora aponta que as mulheres que, porventura, não conseguissem gerar filhos poderiam ser devolvidas por seus maridos às suas famílias ou seriam mantidas em casa sofrendo toda a sorte de humilhação. Outra saída seria enviar as mulheres consideradas improdutivas aos conventos ou até mesmo aos hospícios. As internações em conventos e recolhimentos femininos tornou-se comum naquele século pelo menos na Bahia, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Segundo Engel, "... de acordo com a percepção médica, a realização da maternidade seria capaz de prevenir e até mesmo de curar os distúrbios psíquicos relacionados direta ou indiretamente à sexualidade e à própria fisiologia femininas..." (In: DEL PRIORE, 2007, p. 336)

No Brasil – colônia, o amor era um sentimento que deveria ser devotado, exclusivamente, a Deus, por isso, a mulher devia mera obediência, reverência e temor ao seu marido e senhor. Na visão da Igreja, as relações sexuais dos cônjuges deveriam excluir o prazer, pois sua função era meramente procriativa. A própria paixão deveria ser combatida, pois, supostamente, arruinava o casamento. Diante de tantas regras e imposições, um casamento nesses moldes, sem excitação ou afeto, era considerado ideal aos olhos da Igreja. Então, o homem que sentisse prazer com sua esposa era considerado como um pecador e seria severamente punido. Assim sendo, os homens deveriam procurar se satisfazer com outras mulheres – mulheres "da vida", índias ou negras (FREIRE, 1997).

De acordo com o mesmo autor, as mulheres 'de família' escapavam da loucura graças ao confessional, local onde ela podia expurgar todos os seus ódios e suas frustrações. Desta forma, em nenhum outro local era permitido, às mulheres, falarem de seus anseios, sonhos e necessidades.

Nos primórdios do Brasil – república, as estratégias para educar, promover e controlar os sujeitos se traduziam em mecanismos de 'naturalização da heterossexualidade', além da 'reprodução', como função primordial das relações de 'conjugalidade monogâmica'. Esse novo modelo legitimou-se, sobretudo, a partir do final do Século XVIII e início do Século XIX. (DEL PRIORE, 2007).

Prosseguindo na história, observa-se que a 'Revolução Industrial'¹⁷ trouxe uma série de transformações para a humanidade, ora, consideradas boas, ora ruins. Um dos aspectos negativos desse processo foi a famigerada corrida imperialista entre as potências industrializadas, o que acabou gerando as guerras por disputas de territórios. Em contrapartida, de acordo com Muraro (1996) um aspecto positivo e de muita relevância, advindo da revolução industrial, foi o ressurgimento das mulheres nas sociedades devido às constantes guerras por disputas territoriais, momento em que estas mulheres passaram a ser personagens importantes nas nações beligerantes, pois sustentavam suas famílias com seu trabalho. Assim sendo, em suas labutas, com atribuições diversas e incansáveis, as mulheres, notadamente, contribuíram para o reerguimento dos Estados destruídos por anos de guerras.

Segundo Nakano (2003), outro momento historicamente, evidenciado na segunda metade do Século XX foi o movimento feminista e a propagação da pílula anticoncepcional. Naquele momento, o ato sexual perdeu sua função apenas reprodutiva e passou a ser um ato de prazer também para as mulheres, que adquiriram o controle de sua fecundidade, reapropriando-se não só de seus corpos, mas também da sua sexualidade. Segundo Ávila (1999) na década de 1970, a palavra de ordem das feministas era “nosso corpo nos pertence”, trazendo a idéia de reapropriação do corpo, que contemplava tanto os aspectos individuais da mulher, quanto suas relações na vida coletiva.

Louro (1997), recorrendo aos estudos feministas, lembra-nos das transformações supracitadas que apontaram possibilidades das mulheres viverem suas sexualidades de maneira mais livre, bem como, de se inserirem num contexto de transformações também, tecnológicas e políticas decorrentes das lutas dos movimentos sociais que foram articulados em que questionavam as diferenças e as desigualdades sociais impostas não só às mulheres, como também, a outros grupos minoritários.

¹⁷ A Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra, na segunda metade do Século XVIII, e encerrou a transição entre feudalismo e capitalismo, assim, ao longo desse processo, a era agrícola foi superada, a máquina foi suplantando o trabalho humano, uma nova relação entre capital e trabalho se impôs, novas relações entre nações se estabeleceram e surgiu o fenômeno da cultura de massa, entre outros eventos.

Uma das mais significativas transformações da sociedade brasileira, conforme apontou Nakato (2003) em linhas acima, aconteceu com o advento da pílula anticoncepcional. Com o direito a contracepção, pela primeira vez, grupos de mulheres puderam assumir um controle mais direto e mais seguro sobre seus processos reprodutivos buscando, desta forma, uma vivência plenamente da sexualidade usufruindo dos prazeres do sexo, sem o risco de uma gravidez indesejada. Enfim, houve um nítido rompimento entre as fronteiras do sexo procriação e do sexo prazer. Com estas transformações, as mulheres retomaram seus antigos papéis, voltando a participar ativamente da sociedade, retomando seus espaços, através de muita luta para adquirir seus direitos como cidadãs, como trabalhadoras, como mulheres, como companheiras e como mães. Com isso, as mulheres começaram a ser vistas e retratadas pela sociedade como realmente deveriam ser – com anseios, expectativas e desejos (CATONNÉ, 1994).

Desde os meados do século passado, as mulheres vêm conquistando espaços na busca do saber e não, apenas, na aceitação passiva dos fatos que as rodeiam. Diante deste novo cenário, têm oportunidades de se tornarem cientistas, romancistas, historiadoras, pesquisadoras, enfim, de vivenciar o efetivo exercício da cidadania, enquanto mulheres inseridas no contexto da sociedade atual, na qualidade de mães, trabalhadoras, administradoras e provedoras de suas proles. A nova imagem da mulher, como detentora de uma significativa dimensão sócio-político-econômico, fomentada pelas transformações sociais, políticas e econômicas fez com que as diferenças entre homens e mulheres, até então bastante evidenciadas, comesçassem a ser repensadas (COSTA, 1995). Dessa forma, fica fácil perceber que a mudança do olhar dos estudiosos sobre a sexualidade humana esteve sempre condicionada às mudanças sociais.

Resumindo, durante muito tempo, as mulheres foram muito massacradas, desde o momento em que a história reduziu a sexualidade feminina à procriação, seguindo os ditames da educação cristã. Porém, dentro da atual construção histórica da sexualidade, o 'hoje' é entendido como um momento em que os comportamentos femininos e as maneiras de amar mudaram. Houve, talvez, a mais importante de todas as mudanças que, até então, afetaram nossa civilização (DUBY, 1994, apud CATONNÉ, 1994). Essas transformações foram, especialmente, no campo da compreensão e da vivência da sexualidade como realidade. Diante do exposto,

podemos observar que, historicamente, houve uma notável mudança na vida das mulheres em um espaço de tempo bastante curto.

2.3 A SEXUALIDADE

2.3.1 Do sexo ao gênero

Biologicamente definidos, sexos só existem dois: homem e mulher. Da mesma forma, gêneros só existem dois: o masculino e o feminino. Mas, a partir de quando essa divisão, adotada até os dias atuais, passou a ser concebida? Spencer (1996, p. 201) sintetiza uma resposta, ao afirmar:

A divisão das pessoas em dois sexos biológicos, homem e mulher, e dois gêneros, masculino e feminino, é uma estrutura tão familiar que nem é preciso mencioná-la. Entretanto, essa é uma formulação que começou a predominar somente no Século XVIII (...) estava ligada à igualdade emergente dos dois gêneros, em seus novos papéis simbólicos do macho empreendedor e da fêmea passiva.

Desde que o homem começou a produzir seus alimentos, na sociedade agrícola, os papéis sociais do homem e da mulher começaram a ser definidos, o que culminou com a 'divisão sexual do trabalho'. A partir dessa divisão, evidenciou-se a capacidade reprodutora da mulher, tornando-a subordinada ao homem. Por conseguinte, ela passou a ser vista como uma pessoa frágil e indefesa voltando-se completamente para o lar (PEDRO, 1994)

De acordo com Simião (2000) diversas linhas interpretativas das questões de gênero enfatizam que foi através dessa apropriação da fecundidade feminina pelo sexo masculino que ocorreu, de fato, a origem da desigualdade entre os gêneros. A partir de então, o corpo passou a assumir um papel primordial nas relações, tornando-se a causa e a justificativa das diferenças entre homens e mulheres. Assim sendo, foram ressaltadas as características físicas que passaram a ser evidenciadas como as responsáveis pela origem das distinções entre os sexos e não mais, como um sinal, marca ou manifestação dessas diferenças.

Já no final do Século XVIII, e com a ideologia da Revolução Francesa¹⁸, a idéia de igualdade modificou o olhar sobre os sexos, aparecendo a distinção entre o masculino e o feminino. No entanto, a mulher ainda continuava ocupando lugares e funções sociais distintos, devido às diferenças impressas em seu corpo, em relação ao corpo masculino. Gestar e parir eram tarefas tão importantes pela natureza que tornavam as mulheres incapazes de desempenharem outras funções sociais (VILLELA, 2003).

Em seus estudos, Scott (1995) nos sugere reflexões em busca de explicações sobre o conceito de gênero, bem como se estruturou a relação entre os sexos ao longo da história, questionando se o gênero seria elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, ou seria uma forma primeira de significar as relações de poder sujeitos a mudanças ao mudarem as organizações das relações sociais. Buscamos, assim, com Beauvoir (1997) entender o significado da palavra gênero a partir da assertiva: 'não se nasce, torna se mulher', onde a autora do 'Segundo sexo'¹⁹ sugere a construção de um sujeito feminino, que ela chamou, mais tarde, de 'gênero feminino'. Sua assertiva incisiva provocou um primeiro impacto na história do pensamento social e científico, evidenciando os papéis atribuídos às mulheres (e aos homens) como historicamente construídos e em constante mutação.

Ao trabalhar com esse conceito, pesquisadores e estudiosos da área assumem uma visão construcionista, haja vista ser o gênero um conceito socialmente construído e diretamente ligado a momentos históricos e sociais. Segundo Butler (2003), não somos apenas culturalmente construídos, construímos a nós mesmos e muitas são as maneiras de concebermos esse processo de construção.

¹⁸ A Revolução francesa é considerada o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea abolindo a servidão e os direitos feudais proclamando os princípios universais de liberdade (comercial), igualdade (política) e fraternidade(sem exploração da nobreza), ela foi desencadeada entre 5 de Maio de 1789 e 9 de Novembro de 1799.

¹⁹ O livro "Segundo sexo" foi lançado pela pesquisadora e estudiosa Simone de Beauvoir, em 1949, quando o termo 'feminismo' nem sequer havia sido cunhado. Seus capítulos sobre a sexualidade feminina escandalizaram a sociedade e provocaram enorme polêmica nos círculos literários. A autora influenciou várias gerações de mulheres, com idéias de desconstrução de convenções e análises da condição feminina.

Ao evidenciarmos o tema gênero, reportamo-nos, automaticamente, à naturalização²⁰ do feminino e, obviamente, do masculino. Segundo Haraway (1995, p. 221) “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta”. Segundo Simião (2000), o termo gênero surgiu quando pesquisadoras femininas, como Scott (1995), Costa (1994), Louro (1997), Nicholson (2000) dentre outras buscavam, através de estudos, a ‘desnaturalização’ da condição da mulher. Dessa forma, ao ressaltarmos o tema gênero, reportamo-nos, automaticamente, à naturalização²¹ do feminino e, obviamente, do masculino. Segundo Haraway (1995, p. 221), “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta”. Desnaturalizar a condição da mulher significa, pois torná-la visível para a sociedade, ou seja, deixar de vê-la somente como mãe-amorosa e cumpridora de seus deveres – a ‘rainha do lar’ – passando a enxergá-la como agente integrante e participante dessa sociedade, com obrigações, mas também com direitos.

Ainda segundo Simião (2000) o termo gênero surgiu no mundo acadêmico e foi incorporado por diversas disciplinas, recebendo nuances diferentes em cada uma delas. O referido autor assevera que antropólogos, sociólogos, psicólogos e cientistas políticos foram modificando o conceito, de acordo com a abordagem conceitual específica de suas disciplinas, para atenderem a necessidade que se tinha de encontrar conceitos que permitissem diferenciar o que as mulheres tinham de natural, em todas as épocas (o sexo), daquilo que servia de base para discriminações (o gênero) variando de sociedade para sociedade e de tempos em tempos de acordo com o contexto histórico-social.

De acordo com Nicholson (2000) a diferença anatômica entre homens e mulheres serviu não só aos propósitos de diferenciação anátomo-fisiológica de cientistas, como também, de sustentáculo aos propósitos de filósofos e moralistas do Iluminismo, assim de conformidade com as diferenças existentes, uma mulher não deveria se assemelhar em perfeição a um homem, nem na mentalidade e,

²⁰ A naturalização dos papéis de gênero diz respeito a uma falsa concepção de uma realidade imutável, vista como pré-determinada, fazendo somente uma visão contemplativa sobre as relações de gênero.

tampouco na aparência, a fim de evitar ameaças ao '*status quo*' que o homem já havia conquistado, através dos séculos.

De acordo com Silva (1999) identidades sexuais²¹ são o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade, que definem quais são os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de vestir, falar e agir para homens e mulheres. As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito, porém não são estruturas fixas pelo contrário, podem e estão continuamente se renovando. O mesmo autor aponta que essas identidades são impostas pelo processo de socialização e apesar de não serem uma condição para a formação das identidades sexuais, elas estão intimamente ligadas à escolha afetiva sexual do sujeito. Porém, a divisão masculino/feminino, (divisão relacionada ao corpo) não sugere, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e as identidades sexuais sejam vistas igualmente em todas as culturas.

Os sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e, assim, constroem suas identidades de gênero. Essas identidades sexuais e de gênero estão profundamente inter-relacionadas. Frequentemente, porém, nossa linguagem e nossas práticas as misturam, tornando difícil pensá-las separadamente. De acordo com Louro (1997) o importante é considerar que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades estão sendo sempre construídas.

No Ocidente, onde perduram as tradições judaico-cristãs, o 'gênero' é visto como sendo capaz de tornar eficaz a significação do poder. Diante disso, torna-se necessário compreender a questão de gênero para que se possam entender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana. Assim, compreendendo que a construção da identidade de gênero decorre das relações sociais, somos remetidos à problematização dos aspectos culturais que sustentam as práticas sociais, educativas e discursivas de homens e de mulheres, sobretudo, no campo da sexualidade. O uso do conceito de gênero relativiza, questiona e distingue, portanto, a dimensão biológica dos atributos culturais de cada um dos sexos (BUTTLER, 2003).

²¹ A identidade sexual fundamenta-se na percepção individual sobre o próprio sexo, masculino ou feminino, percebido para si, manifestado no papel de gênero assumido nas relações sexuais.

Fica-nos muito evidente que os desafios relacionados à desigualdade de gênero ainda aparecem como uma problemática na nossa sociedade. Porém, essa problemática sugere uma real necessidade de superação de preconceitos e estereótipos impostos ao longo de muitos anos. Segundo Costa (1994, p. 161), “os gêneros passam a ser entendidos como processos também moldados por escolhas individuais e por pressões situacionais compreensíveis somente ao contexto da interação social” (1994, p. 161).

2.3.2 A Influência do Cristianismo na sexualidade

A história da humanidade viveu significativas mudanças, com a passagem do Paganismo²² para o Cristianismo²³. Buscaremos com uma visão panorâmica compreender as influências e as interferências do Cristianismo na história da sexualidade humana.

Estudos nos mostram que, na antiguidade, não era evidenciada uma problemática maior no tocante à sexualidade e à homossexualidade (SALLES, 1982). No entanto, com o advento do Cristianismo, surgiu uma correlação entre sexo e pecado evidenciada, sobretudo, por Santo Agostinho²⁴, Bispo de Hipona. A referência aos gregos é importante, na medida em que estudamos seus paradigmas de constituição dos sujeitos. Percebemos que, naquela civilização, a ética aparecia como um elemento-chave, evidenciando os princípios de condutas da época. Tratava-se, então, não da elaboração de preceitos de valor universal, mas de considerações úteis aos próprios indivíduos, a fim de que eles pudessem se constituir como sujeitos de uma conduta moral, com vistas a dar às suas existências a melhor forma possível. De acordo com os ensinamentos de Foucault (1999), na moral filosófica dos antigos, não se percebia a presença de ‘normalização’. O gênero da moral decorria unicamente de uma escolha pessoal regida pela vontade de se

²² A palavra ‘pagão’ vem do latim ‘paganus’ significando aquele que mora no “pagus”, ou seja, no campo, na natureza. Assim, o paganismo é o culto e o respeito às forças da natureza que para o pagão é viva e é sagrada, cujos seus deuses e deusas refletem essa crença ao oferecerem conforto e equilíbrio àqueles que compreendem o real significado de se respeitá-la.

²³ O Cristianismo é uma religião monoteísta, baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo que teria nascido por volta do ano VI, na cidade de Belém, na Judéia (Palestina). O Cristianismo chegou ao Brasil já no descobrimento e lançou profundas raízes na sociedade. Durante os Séculos XVI e XVII, através do cristianismo, o governo português (representado pelos governadores-gerais) buscou o equilíbrio entre o governo central e a Igreja Católica, com o intuito de diminuir e administrar os conflitos existentes entre os missionários, os colonos e os índios.

construir uma bela vida. O mesmo autor, ao estudar a história da moral antiga, faz questão de evidenciar as formas de subjetivação de uma época, ou seja, de constituição de sujeitos morais de um momento histórico.

Segundo Ranke-Heinemann (1996) foi no Cristianismo, através de Santo Agostinho²⁴ – Bispo de Hipona – que se deu a separação, de modo radical, do amor e do sexo, na reinterpretação do mito bíblico: ‘a expulsão do paraíso’ que advinha do ‘pecado da carne’. O Cristianismo associou ao ato sexual a idéia da serpente, do fruto proibido, da punição e passou a preconizar a extinção do desejo, na mesma medida em que criou um conjunto de regras com o objetivo de manter homens e mulheres, exclusivamente, a serviço dos dogmas cristãos. Coube também, a essa doutrina o resgate da delimitação de parceiros legítimos e monogâmicos, tornando o ato sexual aceito somente em casos de procriação. Também não eram aceitas as relações entre indivíduos do mesmo sexo, diferentemente da Grécia, onde esse comportamento era exaltado, devido ao seu fim educativo, e de Roma, cuja finalidade do ato era a busca de prazeres. Ambas as civilizações desfrutavam desse comportamento homossexual socialmente permitido. Surge, então, ‘a moral sexual cristã’, que veio se diferenciar, substancialmente, da ‘moral pagã’ (SPENCER, 1996).

A esse respeito, Brown (1990) mostra que, vista através da lente do Cristianismo, a imagem do corpo das pessoas do Século II parecia estranhamente indistinta, pois era turvada por uma sexualidade difusa. Assim, faltava ao desejo sexual o toque distintivo que seria adquirido nos círculos cristãos. Desta forma, nenhuma necessidade isolada de gratificação sensual era focalizada com mais nitidez do que outra. Nenhuma era considerada como tendo raízes particularmente profundas, ou sendo excepcionalmente reveladora da fragilidade humana.

(...) O desejo sexual em si não era problemático: constituía uma reação previsível à beleza física; sua satisfação era aceita como uma ocasião que trazia intenso prazer físico. Era seguro deixar a critério da cidade julgar as conseqüências adicionais de se haver cedido ao doce prazer das ‘coisas de Vênus’ (BROWN, 1990, p. 35).

²⁴ Santo Agostinho (354-430) considerado o último dos pensadores antigos, cronologicamente e tematicamente. Santo Agostinho desenvolveu as doutrinas do pecado original, graça divina, soberania divina e predestinação. Os aspectos institucionais de suas doutrinas foram especialmente proveitosos para a Igreja Católica Apostólica Romana.

Segundo Foucault (1999, p. 10), no paganismo, “(...) eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência (...), gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas (...) os corpos ‘pavoneavam’”. Enquanto no paganismo era consentido aos indivíduos escolherem suas práticas sexuais, no Cristianismo se construiu e se autorizou uma única prática, ou seja, a heterossexualidade como possibilidade sexual natural..

Vimos que no Cristianismo, o ato sexual fora associado ao mal e ao pecado contrapondo-se ao paganismo que dera ao ato sexual significações de cunho positivo na busca de realizações. Conseqüentemente, com o fim do paganismo, o sexo, sob diversas formas de expressão, a exemplo da homossexualidade, passou a ser um pecado exortado pela Igreja. A partir do momento em que o sexo passou a ser compreendido como pecado, foi marcada, definitivamente, a ruptura entre a tradição greco-romana e a tradição cristã (BROWN, 1990).

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 1999, p. 10)

Reforçando as explanações acima, podemos afirmar que a ética sexual do final da antiguidade começava a orientar a sociedade para uma heterossexualidade, cuja finalidade específica seria a reprodução. Foi, então, no Cristianismo, que essa orientação se intensificou, havendo, assim, uma mudança na perspectiva do pensamento social, que fez florescer a correlação entre o sexo e o pecado. Essa correlação, que foi capaz de mudar o curso da história da sexualidade, adveio, como apontamos anteriormente, com a reinterpretação de passagens da bíblia feita por Santo Agostinho, marcando, definitivamente, a passagem do sexo “puro” para o sexo “pecaminoso”. Segundo Ranke-Heinemann (1996), Santo Agostinho acreditava que o sexo (espontâneo) era pecado e, conforme suas interpretações do livro do Gênesis²⁵, a transmissão desse pecado se dava através da mulher. Assim, o prazer

²⁵ Gênesis que quer dizer origem, nascimento ou criação é o primeiro livro da Bíblia Sagrada e parte do Pentateuco (os cinco primeiros livros bíblicos) cuja autoria é atribuída, pela tradição judaicocristã, a Moisés. Seu título hebraico ‘Bereshit’ significa ‘no princípio’ que é tirado da primeira palavra de sua sentença onde narra acontecimentos, desde a criação do mundo, na perspectiva judaica, passando pelos patriarcas hebreus, até à fixação desse povo no Egito, depois da história de José.

sexual passou a ser chamado de 'pecado da carne', cuja transmissão deveria ser combatida pela Igreja e pela sociedade. Ainda de acordo com o referido autor foi Santo Agostinho quem consolidou as idéias centrais do Cristianismo da época, legitimando o casamento como um estado natural dos seres criados por Deus, legitimando, também, a dominação da mulher pelo marido, e dos filhos pelo pai – características fundamentais da sociedade medieval.

Catonné (1994) assevera que foi criado um rigoroso código que normatizava a prática heterossexual, na mesma medida em que ligava o sexo ao mal, como forma de controle da sociedade. Para tanto, coube à Igreja Católica o encorajamento de condutas, tais como: a abstinência sexual, a virgindade (e frigidez) nas mulheres e, nos homens, a impotência à semelhança dos monges. Diante de tantas 'sugestões' apresentadas pela igreja, a sexualidade assumiu uma perspectiva religiosa, por meio da qual o sexo foi traduzido como pecado, e o corpo condenado por ser visto como um possível instrumento dos vícios. No entanto, mesmo considerado pecado, segundo Vainfas (1997) o sexo poderia servir para a procriação, já que a fecundidade era indispensável ao casamento enquanto que a esterilidade era levada ao repúdio e o adultério ao abandono ou até mesmo à morte (se cometido pela mulher). Segundo Ranke-Heinemann (1996) foi Santo Agostinho quem consolidou as idéias centrais do Cristianismo da época, legitimando o casamento como um estado natural dos seres criados por Deus, como também, a dominação da mulher pelo marido, e dos filhos pelo pai – características fundamentais da sociedade medieval.

Como já foi visto anteriormente, no que diz respeito à sexualidade humana, a problemática girava em torno dos prazeres da carne, da volúpia e da concupiscência. Segundo Brown (1990) sob a perspectiva agostiniana, nem o livre arbítrio dos homens seria capaz de impedi-los de se desviarem da vontade de Deus, por isso eles precisavam ser mantidos sob um rigoroso controle. A lógica do pensamento de Agostinho baseava-se na hipótese de que Adão e Eva tinham livre arbítrio e, por isso, teriam pecado deliberadamente, assim, para Santo Agostinho o pecado não estava no fato de Adão e Eva terem experimentado do desejo sexual e sim, na experimentação do desejo sexual 'espontâneo', ou seja, do sexo pecaminoso. O mesmo autor relata que não foi o desejo sexual de Adão e de Eva que Santo Agostinho condenou, mas a espontaneidade desse desejo, já que, no

estado original de Adão e Eva o desejo sexual não era ausente, porém, coincidia com a vontade de suas consciências.

Assim sendo, o sexo na visão de Santo Agostinho representava uma ruptura do domínio que o homem (no paraíso) tinha sobre seu corpo, e isso fazia com que ele se afastasse de Deus, desta forma, o sexo espontâneo representava uma insubordinação do homem contra a vontade do criador. Santo Agostinho também acreditava que o clímax sexual, além de escapar ao controle do homem, era capaz de destruir a vigília mental e os sentidos intelectuais (RANKE-HEINNEMAN, 1996), assim, Santo Agostinho, associou o pecado à sexualidade, por intermédio da concupiscência²⁶, a qual seria responsável pela transmissão do pecado original, de geração em geração, pelo contato sexual. De acordo com Catonné (1994, p.54), Santo Agostinho concebia o pecado como “uma doença que se transmite por via sexual. Este pecado se insere na natureza humana, que é em si mesma doente”.

Para concluir, podemos ressaltar que, no Cristianismo de Santo Agostinho, quaisquer práticas sexuais que não tivessem por finalidade a procriação seriam vistas como antinaturais e, portanto, seriam, veementemente, condenáveis (VAINFAS, 1997).

Foucault (1984), sem sugerir a Cultura Antiga como um modelo para o homem atual, chama a atenção para a importância e para a necessidade que temos de nos redefinir como sujeitos, de repensar nossas condutas, nossos estilos de vida, nossos prazeres, enfim, medidas que devam ser distanciadas das imposições do controle social. Esse convite a um inventário existencial não significa a elaboração de um modelo de ética infundado. O referido autor, em seus estudos, deixa-nos bem clara a necessidade de, diante da realidade atual, construirmos uma ética capaz de viabilizar uma forma de constituição de nós mesmos, enquanto sujeitos. Essa ética deve ser desvinculada do poder normalizador onde não há lugar para a liberdade. A ética a ser construída, ainda segundo Foucault (1984), deveria ser aquela em que nós pudéssemos estabelecer uma relação conosco mesmos. Uma ética do pensamento e da responsabilidade individuais, que nos conduziria ao exercício da liberdade.

²⁶ Concupiscência é o desejo carnal incontrolável e está ligada não apenas aos apetites sexuais, como também, aos bens e gozos materiais. É, pois o desejo sem domínio de saciar, a qualquer custo, a vontade do corpo, da carne.

CAPÍTULO III

(...) E os dedos, ávidos de desejos, / a delinear as curvas, / os gestos, no teclado, /
noite adentro./ Vadios de nós... / Nos lençóis virtuais... / Amar o não visto. / Dos
gemidos dados, / ouvidos ao longe,/ oceanos adentro./ E nós, desse jeito... / sem
jeito algum./ Procurando um jeito de, / ao conquistar, / conquistar-se.

(Ivaldo Gomes)

3 INTERNET E SEXUALIDADE

3.1 INTERNET

Inicialmente, situaremos o surgimento da Internet concebida como instrumento de informação, passando para o ponto em que ela começa a ser utilizada como mediação para sociabilidade, chegando ao nosso tema onde a Sexualidade e algumas de suas vicissitudes entram em cena, num campo antes tido como, exclusivamente, técnico e objetivo.

De acordo com Silva (2003) a Internet teve sua origem na rede militar norteamericana 'ARPANET' e representa além de uma coleção de rede de computadores interconectada um universo ilimitado de informações, sendo que, inicialmente, apresentava-se como uma base de dados onde era possível encontrar qualquer tipo de informação que rapidamente evoluiu para um meio de partilha de idéias, gostos ou ideais comuns revelando-se, sobremaneira, como verdadeiro espelho de todas as interações sociais superando até mesmo as mais longas distancias. Segundo o autor supracitado, a Internet oferece, ainda, a partilha de culturas e de idéias num conjunto de sociedades bem heterogêneas.

A importância que as redes de informação suscitam na sociedade atual oferece não só um poderoso instrumento de consulta de informação (...), mas também uma nova ferramenta para o desenvolvimento de trabalho corporativo, para a troca de idéias e (...) afetividades (SILVA, 2003, p. 16).

As primeiras idéias que originaram a rede Internet surgiram durante a Guerra Fria, numa tentativa do governo americano de superar tecnologicamente a Rússia. Assim sendo, no ano de 1957, foi lançado o primeiro satélite soviético e, em resposta, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos formou a Agência de Projetos Avançados de Pesquisa – ARPA que, contando com o apoio militar desenvolveu vários projetos com grandes avanços tecnológicos, inclusive a criação da ARPANET, em 1967, que objetivava conectar computadores. Segundo Silva (2003) era fundamental não depender de apenas um servidor pela possibilidade de apresentar possíveis problemas técnicos, momento em que surgiu a idéia da existência de vários computadores compartilhando as mesmas informações.

O sociólogo espanhol e estudioso da rede, Castells (2003), aponta em seu livro "A Galáxia da Internet" que a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural, ou seja, é um esquema técnico denominado Protocolo de Internet (Internet Protocol) o qual permite que o tráfego de informações seja encaminhado de uma rede para outra. Segundo o mesmo autor, em 1970 foi criado o correio eletrônico por 'Ray Tomlinson'¹ que é até hoje, o recurso mais amplamente utilizado pelos usuários da Internet. A partir daí, estavam lançadas as ferramentas para a sociabilidade virtual.

À medida que estudantes e cientistas desenvolviam programas para a melhoria daqueles que já existiam e criavam tantos outros programas para a utilização da rede, a Internet ia, progressivamente, sendo modelada para alcançar os moldes que conhecemos hoje. Mesmo com o rápido crescimento da ARPANET, em 1971, com diversos servidores conectando Universidades e Centros de Pesquisa do governo americano, segundo Furtado (2002), a Internet ainda estava restrita ao universo da academia, mas ensaiava seus primeiros passos para o grande salto para muito além dos campus universitários.

No ano de 1974, com proximadamente 60 servidores interligados, a rede necessitava de um aperfeiçoamento no protocolo de comunicação foi então, que surgiu o Transmission Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) sendo utilizado juntamente com o protocolo criado pela Bolt Beranek and Newman (BBN), posteriormente substituído. Na realidade, a rede começou sua popularização na década de 1980 e o departamento de defesa (EUA) já estava em processo de expandir a 'ARPANET'. Assim em 1983 a ARPANET foi dividida, surgindo a Milnet e a nova 'ARPANET'. A 'Milnet', por sua vez, foi criada exclusivamente para servir a fins militares, enquanto que a 'ARPANET' transformou-se em Internet (CASTELLS, 2003).

Considerado um dos pensadores mais representativos do debate a cerca da revolução digital, o filósofo Lévy (1996) se mostra contra as teorias do virtual como oposição ao real e surge com o argumento de que a virtualidade, com suas infinitase

¹ Ray Tomlinson, inventou a killer application da internet, ou seja, o e-mail. Tomlinson era um funcionário da BBN (Bolt Beranek and Newman), empresa contratado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em 1968 para implantar a ARPANET. Tomlinson foi quem escolheu o símbolo @ para distinguir as mensagens destinadas as caixas de correio na máquina local daquelas que se dirigiam para a rede. O símbolo @ significa "at", que quer dizer estar em algum lugar. O primeiro endereço de e-mail criado foi o tomlinson@bbn-tenexa

crecentes possibilidades de interação, tem apenas a adicionar a todas as instâncias da vida, como expõe no livro *O que é o virtual?*

Portanto, a Internet, de acordo com Lévy (2000) é o conjunto de meios físicos (linhas digitais de alta capacidade, computadores, roteadores etc.) e de programas (protocolo TCP/IP) usados para o transporte das informações, enquanto que a 'Web' (WWW) é apenas um dos diversos serviços disponíveis através da Internet. No entanto, as duas palavras não têm o mesmo significado. Fazendo uma comparação simplificada, a Internet seria o equivalente à rede telefônica, com seus cabos, sistemas de discagem e encaminhamento de chamadas, enquanto que a Web seria similar ao uso do telefone para comunicações de voz.

Castells (2003) relata, conforme visto anteriormente, que a Internet foi originalmente criada para fins militares, visando à obtenção de um meio de comunicação que pudesse sobreviver até mesmo a um ataque nuclear, proporcionando troca rápida de informações, em tempo real, em um período de tensão e de instabilidade política. Com o passar dos anos, a Internet começou a ser utilizada para a troca de informações entre instituições acadêmicas, bem como, na realização de pesquisas científicas. Assim sendo, a utilização dessa tecnologia virtual estava voltada para a descentralização de informações, por meio do compartilhamento interativo entre as instituições visando à diminuição do tempo e das distâncias buscando manter uma comunicação livre de interrupções. Desta maneira, segundo Furtado (2002) os estudantes passaram a trocar mais do que informações de trabalho, conferindo a essa nova prática um caráter de comunicação social.

Diante do exposto e de conformidade com Castells (2003), podemos afirmar que a Internet se revela como um instrumento sócio-técnico, já que veio sendo construída à proporção que a sociedade necessitava de interação com ela e o seu desenvolvimento e a sua difusão foram realizados por empresários. Desta forma, a partir dos anos 90, o mundo dos negócios percebeu o potencial econômico da 'nova tecnologia', o que fez com que ela florescesse com a velocidade de um raio. A sociabilidade na Internet foi vista pelo mercado como uma poderosa fonte de divulgação e de comercialização de produtos, dentre os quais, os próprios computadores. Porém, para a veiculação da propaganda e para as transações financeiras foram criados outros programas, a fim de atenderem a essas

necessidades. A Inglaterra e a Noruega em 1993 incorporaram a ARPANET em seus territórios. Através do Protocolo de Transferência de Arquivos – FTP, quem estivesse ligado à ARPANET poderia conectar um computador e copiar arquivos e programas, como também, trocar correspondências

Prosseguindo Castells (2003) esclarece que a produção dos computadores pessoais ou 'PCs' (personal computers) demonstra que o mercado enxergou, com precisão, a autonomização dos indivíduos. Por essa razão, o mercado colocou à disposição um instrumento que, além de 'pessoal', trazia diversos recursos, a fim de que os usuários pudessem personalizá-lo ainda mais. Assim, essa característica da sociedade contemporânea, ou seja, a individualização, e a busca pela independência têm seu quinhão na produção de mercado, que sempre visou à utilização da tecnologia. É certo que a máquina pode ser utilizada por várias pessoas, porém as empresas costumam disponibilizar um aparelho para cada funcionário e para preservar a privacidade, quando o uso é coletivo, os programas dos computadores vêm equipados com 'cadeados' eletrônicos, ou seja, as senhas de acesso exclusivo. O termo 'Sociedade Informacional'², proposto pelo autor diz respeito a

(...) uma forma de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação se tornem as fontes fundamentais de produtividade e de poder, devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse momento histórico (CASTELLS, 1999a, p. 46).

E prossegue ressaltando que, na sociedade informacional, inaugura-se uma nova forma de comunicação, ou seja, a comunicação eletrônica e esse sistema de comunicação estabelece-se com base na interação 'humano-máquina' da seguinte forma: de um lado, as pessoas concebem, implementam, articulam, usam e até abusam dessa tecnologia, enquanto que, por outro lado e ao mesmo tempo, os computadores podem afetar os indivíduos, as organizações e as sociedades.

² A sociedade informacional apresenta variações consideráveis nos diferentes países ligadas à diversidades histórias, culturais, institucionais etc. A emergência do informacionalismo como nova base material/tecnológica da atividade econômica, bem como da organização social age, de fato, de diferentes maneiras, em cenários diferentes e com expressões culturais e institucionais específicas, visto que todas as sociedades afetadas pelo capitalismo geram o informacionalismo de acordo com o contexto social e atual.

Na verdade, a Internet se sobrepõe aos desejos meramente individuais, pois, quando se cria uma tecnologia como essa, incontestavelmente, existe uma série de representações e percepções politicamente informadas e coletivamente assumidas como necessárias gerando, desejos de consumo, subjetivando, desta forma, o controle das vontades. Diante do exposto, só deveria participar do mundo virtual quem estivesse disposto a experimentar aquilo que já é cultural, social e interpretado à luz de necessidades já estabelecidas, ou seja, as práticas de consumo sobre as emoções, a organização e a dinâmica das relações sociais (TAMANINI, 2003).

Ercília, em seu estudo sobre a Internet, evidencia o nome de Douglas Engelbart³, por ter sido ele, o técnico responsável pela invenção do 'mouse' quando atuava no laboratório da NASA.

Sinto que esta tecnologia (a Internet) vai causar uma mudança em nossa sociedade maior do que tudo, desde a transição para a agricultura. Vou fazer uma analogia. Você tem esses organismos curiosos. São organismos sociais chamados de organizações humanas, e eles vêm se desenvolvendo com conexões muito fracas entre eles, ao longo dos anos. Você pode falar, você pode acenar com as mãos, logo, você pode escrever: depois, você pode imprimir, duplicar com máquinas 'Xerox' e assim por diante. Subitamente, surgem o computador digital e a rede: eles trazem uma melhoria para o que você pode chamar de sistema nervoso organizacional. Isso é um grande passo. É como uma mutação que é simplesmente fantástica (ENGELBART, apud ERCÍLIA, 2000, p. 32).

Segundo Carvalheira⁴ (2003), atualmente, a Internet pode ser considerada como um poderoso meio de comunicação com fortes implicações nos relacionamentos interpessoais e assim ela é vista como um recurso que amplia as possibilidades de relacionamento social permitindo que seus usuários superem restrições geográficas, bem como, o isolamento social que pode ser calcado em infinitos motivos, dentre eles, os atribulados horários da vida cotidiana moderna, dificuldades de locomoção etc. Schnarch (1997), complementa a idéia da autora e

³ Entre as vinte tecnologias patenteadas por Engelbart estão a interface baseada em janelas (windows) e o mouse que em sua primeira versão era de madeira e tinha apenas um botão sendo movido sobre pequenas rodas. Esses sistemas se transformaram no que hoje forma a base da computação moderna e deram a Douglas a reputação de Pai da Interface contemporânea.

⁴ Ana Alexandra Carvalheira é psicóloga clínica, licenciada em Psicologia pela Universidade de Coimbra e tem o grau de Terapeuta Sexual pela Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica e Doutoramento em Psicologia.

aponta que devido os relacionamentos mediados pela rede por serem construídos em torno de interesses comuns, podem estar menos sujeitos às interferências advindas de questões relativas a tempo, espaço e aparência física que, constantemente permeiam as relações face a face, possibilitando aos sujeitos envolvidos nessa comunicação, uma interação mais franca e objetiva.

Outros autores, assim como Leon & Rotunga (2000) e Turke (1997) argumentam que a Internet isola os indivíduos, limita as suas relações sociais e pode levá-los à dependência e ao desinvestimento da realidade cotidiana, assim sendo, há autores que acreditam que a Internet estaria colocando em risco nossa vida privada. Para estes autores, as informações pessoais podem ser obtidas com o uso de má fé que sendo utilizadas com o intuito de causar danos às pessoas. Segundo Silva (2003), é necessário que se preste muita atenção aos possíveis efeitos invasivos aos direitos à privacidade e à cidadania e assim, os usuários devem estar especialmente alertados para a inevitável existência de materiais violentos e ilegais nesses ambientes virtuais, como também para a possibilidade de serem utilizadas de forma abusiva as informações pessoais fornecidas em rede.

Seguindo o mesmo ponto de vista, a Internet, como vimos, abre espaços para condutas e atividades ilegais, criando oportunidades para usuários sem escrúpulos se tornarem verdadeiros predadores sexuais voltados à perseguições obsessivas, pois no mundo virtual, é possível a monitorização de vítimas escolhidas por registros de suas atividades, no caso de se encontrarem 'on-line' (através do vírus Cavalo de Tróia⁵), até a própria perseguição real.

No mundo virtual é possível a realização de fantasias voyeristas⁶ onde os voyeres se comprazem pela sensação de poder sobre suas vítimas (MICHAEL, MC GRATH & CASEY, 2002) e, assim, afirma Virílio (1999) que a virtualidade do

⁵ Atualmente, o envio do 'cavalo de tróia', dentre outros recursos virtuais têm sido amplamente utilizados para invadir máquinas ligadas à Internet. A tática é simples: envia-se um programa, por exemplo, um screensaver que, na verdade, contém outro programa dando ao hacker acesso remoto à máquina onde o cavalo de Tróia foi instalado. Existem testes demonstrativos que o administrador remoto é capaz de aceder aos dados e efetuar tarefas com mais eficiência do que o próprio utilizador que está à frente da sua máquina.

⁶ O foco parafílico desse transtorno traduz-se no ato de observar as pessoas em situações diversas, sem que tais indivíduos suspeitem que estejam sendo observados. O mestre do suspense, Alfred Hitchcock deu destaque ao voyeurismo na obra "*Janela Indiscreta*" (1954).

Ciberespaço⁷, propositadamente ou não, tem a possibilidade de levar o usuário a crer naquilo que, de fato, não existe pelo efeito de uma ilusão.

Conforme esclarece Cristal (2001), o papel da Internet é visto cada vez mais por uma perspectiva social e através dessa tecnologia, os usuários são remetidos para um território sem fronteiras e sem limites cotidianamente, assim o homem contemporâneo é fundamentalmente um ser desterritorializado, ou seja, seus territórios existenciais originais a exemplo, do corpo e do espaço doméstico não são mais postos em solo estável, pois se integram em um mundo de representações precárias e em constante movimento.

A tecnologia trouxe novos termos para a linguagem que são nitidamente percebidos na área da sociabilidade, como os vocábulos: amor virtual, sociabilidade virtual (NICOLACI-DA-COSTA, 2002) cibersexo, dentre outros termos. Essa nova forma de expressão potencializa-se quando o fenômeno social recorre ao campo da linguagem para sua própria realização, haja vista o relacionamento virtual exigir uma comunicação lastreada na expressão escrita. Mesmo quando os indivíduos fazem uso das câmeras de vídeo 'online', 'Webcam', a diferença se faz pela necessidade da comunicação oral e não escrita; mas ainda assim, a interação se faz pela via privilegiada da linguagem. Nesse sentido, há pontos relevantes muito discutíveis entre a virtualidade e a realidade, o que suscita debates no campo das discussões sobre a utilização da informática.

Lévy (1996) coloca três significações para a palavra "virtual", assim, o referido autor a define como técnica, como senso comum, ou a percebe como uma significação filosófica. A primeira significação remete ao processo de digitalização da informação, utilizada no jargão dos profissionais da informática. A segunda refere-se à idéia corrente de que o virtual é imaginário opondo-se ao real, que consiste na existência material ou tangível das coisas. O terceiro sentido se origina de 'virtus', do latim, e significa aquilo que existe em potência, e não, em ato, assim, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual afirmando o mesmo autor que ... virtualidade e atualidade são apenas maneiras de ser diferentes.

⁷ O escritor americano William Gibson inventou o termo ciberespaço em 1982, para se referir ao ambiente virtual criado pelas redes de computadores. Dois anos depois, publicou seu romance de estréia, *Neuromancer*, que influenciou a trilogia *Matrix* e se tornou o trabalho mais conhecido do subgênero da ficção científica chamado cyberpunk.

De acordo com Silva (2003), a Internet é, simultaneamente, 'real e virtual' (representacional), 'informação e contexto de interação', 'espaço e tempo'. Para a mesma autora, a Internet é capaz de compactar, em um mesmo instante, o espaço e o tempo por ser considerada uma construção social partilhada, assim ela além de compactar pode também alterar as próprias coordenadas 'espaço-tempo' a que estamos habituados.

Furtado (2002) evidencia que a intermediação técnica possibilitada pelas novas máquinas midiáticas separa o homem do contato direto com seu outro e, conseqüentemente, com os territórios tradicionais, como as praças, as ruas e as esquinas e assim, o mundo se virtualizou desmaterializou-se por entre os pontos eletrônicos das telas dos computadores, transformando-se em telas pontilhadas de uma realidade que não existe, a não ser como possibilidade de ser. Assim, sempre que atravessamos o ecrã⁸, do computador para penetrarmos nesses mundos virtuais, podemos reconstruir uma nova identidade, ou seja, um novo 'eu'. De acordo com Turkle (1997), assim sendo trata-se de um laboratório social significativo voltado à realizações de experiências com as construções e reconstruções do 'eu', características da vida pós-moderna, portanto, na realidade virtual, os sujeitos são capazes de moldarem-se e recriarem-se a si próprios.

Segundo Simon (2000), basicamente todas as atividades na rede se desenvolvem em torno de alguma comunidade virtual tendo como o primeiro requisito para a formação da comunidade, a existência de um grupo de pessoas que estabeleçam, entre si, relações sociais. Essas relações, segundo Primo (1998) e Palácios (1996) devem se configurar através da interação entre os indivíduos, em um período de tempo, ou seja, deve haver um 'espaço – temporal' contínuo de relacionamento entre seus membros. Assim, pode-se verificar nas comunidades virtuais, a aplicabilidade do conceito de sociabilidade, definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas (LEMOS, 2002). Nestes espaços virtuais são produzidas relações de colaboração e cooperação entre as pessoas que acabam por tornando o ambiente em um espaço construtivo e principalmente participativo.

⁸ O ecrã é uma tela, ou seja, é uma superfície esticada, feita com tecido ou vidro, utilizada para cobrir um vão ou projetar uma imagem sem impedir a passagem de luz .

Assim, pode-se afirmar que as comunidades virtuais são o resultado do impacto das novas tecnologias de comunicação na estrutura social.

Lipovetsky (1989) expressa a sociedade virtual em sua obra “A era do vazio” da seguinte maneira: como ávida de identidade, de diferença, de conservação, de descontração e de realização pessoal imediata; nesse espaço virtual a confiança e a fé no futuro dissolvem-se; há uma descrença na revolução e no progresso; as vidas se resumem no viver já, aqui e agora; como desencanto e monotonia do que é novo; como o esgotamento de uma sociedade que conseguiu neutralizar apaticamente aquilo que a fundamenta, ou seja, a mudança; desprovida de ideologia política não sendo capaz de inflamar as multidões; não tem ídolos, tabus, nem um projeto histórico mobilizador; caracterizada pela co-presença flexível das antinomias, com o mínimo possível de coação e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, com o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão. Observa-se, que a maneira de se perceber as sociedades virtuais varia conforme, a natureza e o contexto de quem as representam.

Conforme afirma Lévy (1996), para que um indivíduo se integre em uma comunidade virtual, é necessário que este conheça seus membros, e que os membros o reconheçam como um dos seus. A partir daí, os indivíduos são imersos em um mundo virtual, onde possuem uma imagem de si mesmos e de sua situação, e assim, cada ato do indivíduo ou do grupo no mundo virtual modifica esse mundo e também sua imagem perante aos demais. Portanto, a finalidade de uma comunidade virtual, segundo o autor, é busca da reciprocidade através de trocas de mensagens, de informações e de posicionamentos diante de situações compartilhadas. A responsabilidade de cada envolvido no processo, a opinião pública e seu julgamento aparecem naturalmente no ciberespaço, pois, durante os processos de interação, os participantes ativos constroem e expressam competências, que são reconhecidas e valorizadas ou não de imediato pelas próprias comunidades (PALÁCIOS, 1996).

Vejamos um exemplo de grupos que compartilham conhecimentos via Internet: com mais de 21 milhões de usuários únicos nos EUA e 90 milhões ao redor do mundo, o ‘Yahoo! Respostas’. Este sítio é considerado um dos maiores que partilha conhecimentos na Internet. É uma comunidade online na qual qualquer pessoa pode perguntar e responder questões sobre qualquer assunto. Assim, através deste site é possível a conexão das pessoas que estão procurando outras

peessoas capazes de responder e de tirarem dúvidas sobre os mais diversos assuntos. Todo internauta tem, sem dúvidas, uma experiência de vida e algum conhecimento sobre alguma coisa, e o 'Yahoo! Respostas' dá suporte para aquelas pessoas que desejam partilhar experiências e pensamentos e se pronunciar através dele.

Considerado o pioneiro dos estudos sobre realidade virtual, Rheingold (1996) é o autor da obra emblemática 'A Comunidade Virtual', de 1993. Nesse livro, o autor regressa aos primórdios da comunicação mediada por computador, explicando-nos como era o terreno antes das grandes companhias terem descoberto as suas potencialidades. Sendo ele próprio um participante ativo deste tipo de comunicações, mostra como é, de fato, possível o estabelecimento de uma interação humana profunda, mediada pelos computadores.

(...) as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (RHEINGOLD, 1996).

Os líderes, nas comunidades virtuais assim como nas comunidades reais surgem naturalmente e, assim sendo os papéis na comunidade são assumidos claramente. Lévy (1996) reforça que os membros de uma comunidade virtual estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, com também pelos mesmos problemas, pois apesar de 'não presente', essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Diante disso, seus participantes recortam o 'espaço-tempo' clássico imergindo-se nos espaços virtuais, tidos, via de regra como reais.

Por certo, essa relação 'espaço-tempo' também contribui para a estruturação do ser humano em sua subjetividade e sociabilidade e em suas representações de mundo. Evidentemente que a Internet, em muitos momentos de interação age como facilitadora para adquirir uma multiplicidade de personagens que seus usuários podem representar. Fluem, dessa forma, inúmeras possibilidades de relacionamentos que são uma consequência direta do tipo de comunicação utilizada, sendo, totalmente, diferente da comunicação utilizada nos encontros face a face. Segundo o autor supracitado, em determinados sites percebemos a criação de um

tipo de interação social único, em que os atores constroem as suas identidades através de seus discursos. Assim, o 'eu' torna-se múltiplo, fluido e é constituído por interação com os outros, passando a ser formado, transformado e apresentado apenas através de palavras e de símbolos gráficos.

Para Silva (2003), as noções de espaço, tempo e realidade dão um novo status ao imaginário já que, nos 'nichos virtuais', é permitida a utilização do anonimato e de apelidos. Diante disso, os usuários podem adotar uma personalidade ou personalidades que, na realidade, talvez jamais pensassem em adotar. Podemos observar que Castells (2003; p.109). não discute especificamente esse assunto, mas analisa a criação de identidades fictícias que a Internet permite da seguinte maneira:

(...) na Internet, o melhor que você tem a fazer é mostrar para todo o mundo que é um cachorro, não um gato, sob pena de se ver imerso na vida íntima dos gatos, porque, na Internet, você é o que diz ser, já que é com base nessa presunção que uma rede de interação social é construída ao longo do tempo.

A Internet é, de fato, um mundo sem fronteiras geográficas, um território livre que, pela sua oportunidade fácil e de baixos custos, permite imensas possibilidades relacionais e o acesso a todas as formas de atividades, inclusive sexuais. Por conseguinte, o sexo, via Internet, pode assumir uma grande diversidade de formas e de objetivos, numa variedade de contextos (CARVALHEIRA, 2003).

Diante do exposto e ratificando os conceitos estudados, a referida autora aponta que a Internet ajudou a democratizar o sexo. Desta forma, basta pressionar algumas teclas para se entrar em um mundo 'supostamente' sem censuras, do desejo expresso em imagens, sons e movimentos, dentro da intimidade dos lares. Assim, com o uso da tecnologia virtual, encontra-se respaldo suficiente para os seus usuários dizerem não à repressão do desejo pois, conforme esclarece Carvalheira (2003) no ambiente virtual é viável aliar o erotismo⁹ a uma

⁹ O erotismo é o conjunto de expressões culturais e artísticas humanas referentes ao sexo e sua manifestação pode sofrer influência externa, através da educação, da ética e da moral. Via de regra, os homens apresentam um erotismo que enfatiza o visual e certas partes do corpo feminino, como podemos observar pelo grande número de revistas pornográficas, enquanto que as mulheres alimentam-se de imagens fantásticas e de um erotismo mais tátil sendo a pele considerada a maior zona erótica feminina.

pitada de realidade. Diante de tamanha facilidade, é importante refletirmos sobre as implicações da Internet na vida pessoal e social dos indivíduos.

Sendo a comunicação evidenciada na Internet, é evidente que essa tecnologia deva causar um impacto social positivo na vida das pessoas, visto que o ser humano é extraordinariamente comunicacional, voltado para o contato e para a vinculação. Contudo, o impacto social positivo ou negativo da Internet vai depender da qualidade das relações 'on-line' associadas a vários fatores. Assim, as diferenças individuais e personalíssimas merecem ser apreciadas, pois é facultada, sobretudo, às pessoas com dificuldades de relacionamento interpessoal ou com ansiedade social, a possibilidade de construírem relações muito significativas e importantes (PORTO, 1999).

De acordo com Kraut (1998) existem aqueles indivíduos que consideram as relações formadas 'on-line' impessoais e superficiais por levarem os seus usuários ao isolamento social, porém se contrapondo a essa visão há quem considere a Internet fundamental para a aquisição de melhores relações sociais por libertar seus usuários dos limites geográficos e do isolamento típico das grandes cidades e, ainda, por permitir a constituição de grupos sociais com interesses comuns.

Estudos realizados por Kraut (1998) indicaram que os utilizadores da Internet se tornavam menos envolvidos socialmente, mais solitários e mais deprimidos. Contudo, os autores prolongaram esse estudo com dados longitudinais da mesma amostra e, posteriormente, concluíram que o uso da Internet não trazia as conseqüências negativas que foram sugeridas nos primeiros estudos. De acordo com Mc Kenna, Green & Gleason (2002), algumas investigações apontam positivamente para a formação de relações mais íntimas mediadas pela Internet, valendo-se da prerrogativa do anonimato calcados na partilha de crenças pessoais e de aspectos emocionais, com muito menos medo da desaprovação e da sanção social e, afirmam que no ambiente 'on-line', estão ausentes certas características físicas, sinais de vergonha ou mesmo presença de estigmas sociais que prejudicam e, por vezes, até bloqueiam as pessoas menos atrativas ou com menos aptidões sociais de iniciarem ou desenvolverem uma relação.

Para concluir reportamo-nos a Virílio (1999, p. 21) que assevera que "... A famosa 'realidade virtual' não é tanto a navegação no CIBERESPAÇO das redes,

mas antes a AMPLIFICAÇÃO ÓTICA das aparências do mundo real”. (grifos do autor).

3.2 O CIBERESPAÇO E O “BATE-PAPO NA INTERNET”

O ciberespaço, definido por Fernandes (1998) é um espaço de convivência digital entre organismos pensantes (pessoas), conectados por uma estrutura virtual de troca de informações em escala mundial em constante evolução. Usaremos a palavra ciberespaço, já consagrada na língua corrente, para nos referirmos a esse espaço virtual, dando prioridade às salas de bate-papo também conhecidas como salas de conversação. Uma importante meta proposta pelo ciberespaço vincula-se à vivência de realidades virtuais compartilhadas, que evocam o conceito de comunidade. Isso se deve à interação desenvolvida entre os participantes, em que a frequência dos encontros cria uma identidade grupal. Na maioria dos casos, os participantes desses espaços estão unidos pelos mesmos interesses, quer seja uma discussão temática, um encontro amoroso ou simplesmente um ‘bate-papo’ (LÉVY, 1996). Para o referido autor, o ciberespaço permite a combinação de vários modos de comunicação,

(...) em graus de complexidade crescente, teremos: o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, o hiperdocumento compartilhado, os sistemas avançados de aprendizagem ou trabalho cooperativo e, enfim, os mundos virtuais multiusuários (LÉVY, 2000, p.104).

Pelo ciberespaço, circulam informações, bens imateriais e nele são sempre implementadas novas formas de vigilância, de controle e de poder. Segundo diversos autores (LÉVY, 1996/1999; CASTELLS, 2000/2003; RHEINGOLD, 1996, etc.) o ciberespaço também é o espaço no qual são colocadas em prática diferentes formas e manifestações de solidariedade e de coesão, assim as interações sociais que acontecem no ciberespaço envolvem imagens virtuais e projeções que cada um faz de si próprio, num lugar, literalmente, ‘a – espacial’ e ‘a – temporal’ e que não se localiza no mundo físico, não podendo ser observado, apenas, com os sentidos.

Nesse lugar de sociabilidade existe um recanto de conversação também chamado de ‘bate papo’, onde se pode comunicar, em tempo real, a priori, através

da escrita, o que permite que cada pessoa apresente e represente sua identidade o mais próximo ou mais distante possível da realidade. Esse recanto é chamado de Internet Relay Chat – IRC – (REID, 1991). Quando as pessoas entram na Internet e, mais especificamente, nos sites de encontros e de namoros, de acordo com Castells (2000), há uma intencionalidade em estabelecer um contato com outras pessoas que, por sua vez, também atribuem sentidos às suas ações, dirigindo-se para uma ou mais pessoas, estabelecendo, por vezes, uma reciprocidade de ações entre si. Assim sendo, o conceito de 'interação social', na Internet, pode ser pensado a partir da teoria weberiana, que postula se tratar de 'ação social', ou seja, "uma ação, com sentido próprio, dirigida para a ação de outros" (WEBER, 1977, p.139).

Nesse sentido, uns dos principais canais de vivência de realidades virtuais compartilhadas são, conforme mencionamos, os chats que são espaços de conversações síncronas e unidirecionais, mas não necessariamente com objetivos pré-definidos. Conforme esclarece Fernandes (1998), os usuários de um chat não deixam 'riscos nas paredes', 'objetos esquecidos em cantos da sala' e nem tão pouco 'traços de suas personalidades' ficam presentes após suas saídas. Desta forma, essas características possibilitam aos participantes assumirem identidades múltiplas, de acordo com os seus objetivos. Por exemplo, como aponta Carvalheira (2003), a identidade sexual exposta em um chat poderá, não necessariamente, corresponder à identidade real do participante.

Diante de tantas inovações pelas quais o mundo passa incessantemente, Castells (1999a) esclarece que o surgimento desse sistema eletrônico de comunicação virtual caracterizado tanto pelo seu alcance global, quanto por uma interação de todos os meios de comunicação remete, indubitavelmente, a uma interatividade potencial que está mudando e mudará para sempre nossa cultura.

As conversações virtuais, nomeadas no Brasil como 'bate-papo' virtual surgiu em 1988 e foi criado pelo finlandês Jarkko Oikarinen. O chat, ou conversa via teclado é uma diversão antiga. Os navegantes que entram pela primeira vez num desses endereços de conversação podem achar que foram parar no meio de uma grande linha cruzada, com todos falando ao mesmo tempo. Mas, aos poucos, eles vão se enturmando e começam a fazer amigos, a paquerar e a trocar informações e opiniões de todo tipo.

Inicialmente os chats funcionavam em pequenas redes, onde as pessoas podiam se comunicar instantaneamente. Segundo Pimentel (2002) a princípio, estes chats desenvolveram-se entre estudantes, com o objetivo de descontraí-los e relaxá-los através de 'bate-papos' escritos. Rapidamente, esses 'bate-papos' expandiram-se na comercialização da Internet, tornando-se quase que indispensável na maioria dos sítios (páginas eletrônicas) onde seus usuários se encontram 'on-line' para conversarem sobre os mais variados temas.

Prosseguindo, o mesmo autor esclarece que os chats conhecidos como 'salas de bate-papo' são divididos em grupos que são classificados de acordo com os temas de conversação que são voltados para os mais diversos interesses como: encontros, sexo, temas livres dentre outros, podendo, ainda, serem estratificados por idade e lugar. Cada grupo é dividido em subgrupos com interesses variados, tornando-se então específicos, o que facilita as entradas dos usuários nas salas de acordo com os seus interesses de conversação. Exemplificando, citamos a opção de bate-papo no 'BarBrasil.com.br'¹⁰. As salas virtuais possibilitam o encontro público de várias pessoas ao mesmo tempo assim, o comportamento habitual nessas salas é de restringir ao espaço privado às tentativas de flerte, sedução, bem como de sexo (dependendo da sala) (PIMENTEL, 2002).

Em relação ao tema 'sexo' existem os subgrupos gays, lésbicas, a dois, heterossexuais etc., e dentro desses subgrupos, existem as salas que recebem nomes designados pelos seus criadores. Esses nomes são bem sugestivos e, de alguma forma, procuram espelhar o interesse dominante da sala, como os subgrupos: 'Sozinha em casa'; 'casados que traem'; 'brincando de médico'; 'Korninhos vem cá', 'era uma vez um macho', 'múltiplos de dois', etc. Há também ditames a serem respeitados e assim, recorremos ao site quebraderegras@uol.com.br no qual extraímos as seguintes regras:

¹⁰ O BarBrasil.com.br é um barzinho aconchegante, virtual e discreto onde os solteiros namoram online. É um site para pessoas solteiras procurando relacionamentos com outros solteiros do sexo oposto

Não é permitido:

- Publicar mensagens e enviar spam ou mensagens para um grande número de usuários por sistemas automáticos;
- Publicar cenas de sexo explícito ou pornográficas envolvendo menores de 18 anos (crime sujeito a pena de reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa);
- Trocar mensagens ligadas a pornografia infantil, exploração sexual de menores ou pedofilia;
- Abrir salas de bate-papo com nomes que insinuem pedofilia, atividades ilegais ou que incitem crimes; uso de linguagens ofensivas, grosseiras ou racistas ou publicações de materiais caluniosos, abusivos ou que invadam a privacidade de alguém;
- Divulgar informações sobre atividades ilegais ou que incitem crimes.

Freqüentemente, os usuários assumem uma posição ativa de definir com precisão, os interesses que os levam aos chats. Assim, de acordo com Pimentel (2002) considera-se como 'ferramenta de bate-papo' todo programa computacional utilizado para trocar pequenas mensagens entre participantes conectados ao mesmo tempo (comunicação síncrona) de tal maneira que esses usuários tenham a sensação de estarem conversando presencialmente.

Antes de acessar as salas virtuais, existe um dispositivo eletrônico de controle e de censura de mensagens automáticas, inclusive de pornografias e propagandas não-autorizadas, como vimos anteriormente. No caso das salas de grupos de menor faixa etária, há também uma série de informes alertando sobre os riscos de pedofilia¹¹ e violência sexual virtual, indicando possíveis procedimentos para àqueles que se sentirem ameaçados. Esses dispositivos desfavorecem a noção da inexistência de censura e de controle desse acesso, veiculada no meio. Portanto,

¹¹ Sabe-se que um dos fatores que dificultam o combate à pedofilia é a distância entre o virtual e o real. A comunidade de pedófilos online foi analisada pelo jornal 'The New York Times' (30 de abril de 2007) onde no artigo 'PEDOPHILIA IN THE WONDERLAND' afirma que os membros desse grupo se vêem como a vanguarda de um movimento nascente que procura a legalização da pornografia infantil e a superação de leis de maioridade.

a fim de participar das salas virtuais, o participante identifica-se, fornecendo um nome, apelido ou pseudônimo que lhe dará acesso a essas salas. Segundo Carvalheira (2003), o 'nickname', ou apelido, é o elemento que identifica o usuário durante toda a conversação. Assim, os apelidos assumem as mais variadas formas e os mais variados significados. Na realidade, a definição do apelido e da forma como é expresso na tela é a única maneira inicial de apresentação e tem importância fundamental para o usuário das 'salas de bate-papo', pois tem a função de atrair ou repelir os pretensos parceiros conforme aponta a autora supracitada.

Dessa forma, no momento em que os pseudônimos escolhidos sugerem interesses em outros usuários a conversação virtual freqüentemente é iniciada, caso o apelido não desperte nenhum atrativo, o usuário correrá o risco de entrar na sala e manter-se esquecido (LÉVY, 1996). Ao entrar na 'sala de bate-papo' (ou canal de comunicação), a identificação do participante é adicionada à lista de participantes e uma mensagem é, automaticamente, enviada para avisar a entrada desse novo participante. Quando o usuário envia uma nova mensagem, todos a recebem, e esta é adicionada ao final da lista de mensagens. Assim sendo, qualquer usuário pode enviar mensagens a qualquer momento e a conversação é estabelecida com essa troca sincrônica de mensagens nessas 'salas de bate-papo'.

Geralmente, as pessoas que freqüentam as salas de 'bate-papo' na Internet acessam-nas construindo verdadeiras comunidades virtuais (LÉVY, 1996) que são regidas por normas de utilização. Diante disso os usuários, por vezes, criam laços afetivos e de amizades nessas salas virtuais que acabam virando ambientes para encontros e desencontros, tanto virtuais quanto reais, pois, em razão dos laços formados pelos constantes acessos, os encontros costumam ser marcados também, fora da "rede".

No entanto, os conflitos são parte integrante da vida de uma comunidade virtual, principalmente quando um dos participantes ofende as regras acordadas pela comunidade. Mas, como afirma Castells (2000) nas comunidades virtuais também se constroem afinidades, parcerias e alianças intelectuais, sentimentos de amizade e outros, que se desenvolvem nos grupos de interação, da mesma forma como acontece entre pessoas que se encontram fisicamente para conversar. A personalidade de cada participante acaba sendo expressa através do estilo de escrita, competências, tomadas de posição, evidenciadas nas relações humanas

presente nas interações, assim sendo, as comunidades não estão livres de manipulações e enganações como em qualquer outro espaço de interação social.

Os usuários das salas/canais de 'bate-papo', via de regra, estão em busca de expressão e diversão, sobretudo, os mais tímidos, que buscam através da tela do computador, liberar suas angústias, desejos e fantasias (CARVALHEIRA, 2003). Assim, nesses ambientes virtuais, muitos usuários marcam encontros para: 'ficar', namorar, conhecer melhor outras pessoas e, até mesmo, casar. O Ciberdating, por exemplo, é mais uma alternativa barata e conveniente para os relacionamentos entre as pessoas. Nesse site, os usuários pagam, praticamente, o custo da utilização de um serviço de namoro na vida real, porém, levando menos tempo para encontrar pessoas desejosas de conversa, de troca de idéias e mesmo de namoro. O Ciberdating é, pois, um serviço para aquelas pessoas que se sentem tímidas para travarem conversas face a face. No entanto, este nicho virtual é visto como um meio atípico de encontros, pelo fato de prezar pelos relacionamentos tradicionais 'à moda antiga', como uma espécie de casamento arranjado, em que os encontros têm hora e lugar marcados. Portanto, ele é mais um site de busca do 'mundo virtual' projetando relacionamentos para um 'mundo real'. Vejamos esse anúncio extraído do endereço <http://en.wikipedia.org/wiki/Dating>:

“Se você é um pouco tímida use e abuse do Ciberdating com guia completo para encontros e namoros online”

Dando continuidade ao raciocínio, nos programas mIRC, são sugeridas algumas normas de comportamento para melhor uso do ambiente, mais conhecidas como “etiquetas”, que são a proibição de insultos e palavrões e de propagandas de qualquer espécie. Nesses ambientes, não são permitidas expressões grosseiras conhecidas como expressões de 'baixo calão', que possam interferir na conversa dos demais usuários. Se, porventura, os participantes desse espaço se opuserem às regras do “canal”, podem ser banidos pelo operador (pessoa que mantém o “canal” em ordem). Porém, apesar dessas normas, muitos internautas acessam as “salas/canais” de 'bate-papo' para brigar, bagunçar e afrontar. Essas atitudes são vistas também como formas de liberar tensões, embora, via de regra, os usuários procurem o 'bate-papo' para desabafar seus problemas e encontrar amigos. (LÉVY, 1996). Pelo fato dessas salas de 'bate-papo' aproximarem as pessoas, fisicamente distantes, há cada vez mais, adeptos a esse ambiente virtual pela possibilidade de

se comunicarem com pessoas da mesma cidade, país, continente ou de quaisquer lugares do mundo (NICOLACI DA COSTA, 2005). Essa comunicação é rápida e tem uma linguagem própria, pois são utilizados sinais para expressar emoções, e abreviações, para acompanhar a dinâmica acelerada dos 'bate-papo'. Para ilustrar essa afirmativa, vejamos alguns exemplos de expressões e abreviações mais comuns: :) (feliz), :((triste), : * (beijo), |O (ressonar), tc (teclar), vc (você), Tb (também), kd (cadê), blz (beleza). A escrita de alguma frase ou palavra toda em letras maiúsculas significa que a pessoa está gritando com o grupo ou com alguém: NÃO DIGA ISSO!

Vale ressaltar que, cada vez mais, os 'sítios virtuais' vêm aderindo às diversas possibilidades que a Internet oferece, ou seja, passam de 'apenas páginas de informação' para também 'de comunicação'. Nos espaços virtuais, existe a possibilidade de criação de emails (correio eletrônico), participação em fóruns, assinatura em "livros de visitas" do sítio e em chats. Os 'webchats' são caminhos muito acessados em virtude da facilidade de conexão, tendo em vista que o programa necessário para o seu acesso é o navegador da Internet que esteja disponível. Em geral, esses 'webchats' têm como característica o livre acesso trazendo temas diversos, como amizade, cidade, encontros, idade, namoro, sexo e outros.

O termo "chat" significa, assim, a possibilidade de se "bater papo" com outros usuários da Internet que normalmente, é usado como forma de passatempo. Existem, porém, duas opções para se bater papo: uma é a 'webchat', em quem através de uma página na web, os internautas conversam com outros usuários que estejam na mesma página naquele momento; a outra opção requer um programa especial instalado no computador e no computador dos usuários com quem se pretende conversar (NEGROPONTE, 1995).

Resumindo, as 'salas de bate-papo' são espaços que, ao serem visitados, privilegiam o ocultamento de identidades assumidas socialmente facilitando, dessa forma, possíveis revelações que, por sua vez, se ocorressem pessoalmente, certamente estariam sujeitas a exigências sociais que restringiriam muito a sua espontaneidade. Portanto, nessas salas, os usuários do sistema interagem por meio de convenções, o que os torna muito sociais. As salas virtuais, sem dúvidas, guardam alguma semelhança com seu equivalente convencional, ou seja, com as

salas de visita do mundo real, onde as pessoas se reúnem desprovidas, via de regra, de preocupações, trabalhos tornando estes ambientes verdadeiros espaços de lazer. (LÉVY, 1996). Porém, as posturas e os papéis exercidos pelos visitantes virtuais e reais nas respectivas salas, em muito se divergem. Por exemplo, no espaço virtual, o sujeito é que escolhe quem ele quer ‘ser’, valendo-se do seu apelido.

Segundo Silva (2000, p. 12), “cada parceiro pode criar, apresentar e desenvolver o ‘eu’ ideal que mais agrada a si ou ao seu parceiro de interação”. Assim sendo, o apelido pelo qual ele será endereçado constitui-se uma prática simbólica, porque revela aspectos de uma produção de identidade que o próprio sujeito idealizou no mundo virtual. No entanto, na ‘vida real’ todos nós projetamos imagens, mas são imagens acopladas a um corpo físico, responsável por projetá-las e no mundo virtual estamos tratando de imagens desencarnadas, independentes de um corpo físico, existindo realmente enquanto ‘puras projeções’ no ciberespaço (PALÁCIOS, 1996).

De acordo com Semerene (1999), os apelidos escolhidos são uma autoatribuição dos usuários sendo que, de maneira geral, denotam quase sempre um tom de irreverência ou de expressiva sensualidade. Diante disso, podemos classificar esses pseudônimos como performativos, uma vez que, por si só, induzem ao estereótipo que os participantes das salas virtuais elegem para se exibir virtualmente durante a interação. As características pessoais são reveladas através de descrição de aparências, de hobbies, idade, lugar de origem, dentre outras. A fim de exemplificarmos citamos alguns apelidos, bem sugestivos, encontrados nas salas de bate-papo ‘UOL’ como: ‘gatinha 23’, ‘garanhãodopedaço’, ‘ Queromulher’, ‘lourasex, etc. De acordo com Silva (2000, p. 12) “Jogam-se nos chat-room todo o tipo de discurso erótico e trocam-se cenários imagéticos de fantasia, escondendo os cibernautas numa dramatização (...) longe dos olhares sancionários de tudo e de todos”. (SILVA, 2000, p. 12).

Observa-se, então, que os apelidos escolhidos pelos freqüentadores das salas são sempre sugestivos, posto que incitam julgamentos e posterior aceitação ou não pelo grupo. Evidentemente que os apelidos escolhidos pelos freqüentadores das salas representam a extensão de múltiplas identidades ou de identidades que, provavelmente, de uma forma ou de outra, gostariam de assumir. Assim, no

aconchego de suas casas ou na comodidade dos escritórios, valendo-se da Internet, as pessoas podem brincar de ser, fingir que são e podem, ainda, ter quantas idealizações quiserem construir. Assim, ao entrar nas salas virtuais, os usuários, segundo Tamanini (2003):

- Escolhem como querem ser imaginados (fazem suas próprias descrições);
- Escolhem como querem ser chamados (nomes fictícios);
- Direcionam perguntas para respostas que querem dar;
- Constroem identidades para lhes trazerem algum tipo de benefícios.

Diante do exposto, recorremos a Goffman (1983), quando aponta que, na vida social, os indivíduos tentam representar-se a si mesmos perante os outros, com base naquilo que supõem que o outro possa pensar, utilizando uma estratégia de controle das impressões. Embora o autor, na época desse trabalho acima citado, não tenha analisado a Internet, porque a sociabilidade virtual ainda não existia, podemos pensar que, nos sites de encontros, os usuários preenchem um perfil que será lido por outros usuários e, assim sendo eles o fazem de acordo com o desejo que têm de serem vistos pelos participantes desses nichos virtuais que, provavelmente, terão a mesma impressão perpassada por eles. Exemplificando essa idéia recorremos a Hamman (1996, p. 13) que aponta que nas salas de conversa em que os participantes têm o sexo como objetivo principal onde a imagem física criada e apresentada é fundamental. Verifica-se, desta forma, uma “maior tendência para se dilatar a verdade acerca da beleza física de cada um”. Assim, a conversação textual, a organização cronológica das mensagens, a presença de vários participantes ao mesmo tempo e a listagem de pseudônimos são algumas das características das ferramentas prototípicas evidentes nas ‘salas de bate-papo’.

A matéria-prima das ‘comunicações eróticas’ é a escrita, restrita a linhas de texto no ecrã. Portanto, faltando os sinais corporais, está ausente toda a expressividade da comunicação não-verbal. Diante dessa carência de expressões, é necessário que se recorra a uma nova maneira de comunicação, ou seja, aos emoticons (emotion + ícones). O ícone emocional, representado por figuras expressam as emoções ou dos sentimentos vividos no momento da interação. Eles aparecem, como vimos, através de símbolos que caracterizam: alegria, tristeza, ira,

decepção... e também enviam sorrisos, beijos, abraços ou gargalhadas, dentre muitas possibilidades de expressão (SILVA et al, 2002).

A crescente utilização da Internet, como ponto de encontro para conversas, romances ou sexo, tem incorporado novas formas de sociabilidade que passam pela redução dos contatos face-a-face, bem como, pela mobilidade física, ao mesmo tempo em que exige novas formas de corporeidade no ambiente virtual (SEMERENE, 1999). Assim, durante uma interação virtual é comum que as partes se valham do uso de clichês, chavões e estereótipos objetivando alcançarem sucesso nas relações. Desta forma, os participantes vestem 'as máscaras' e seguem o 'script' determinado pelas categorias escolhidas. Com isso, os papéis assumidos virtualmente devem estar bem definidos pelos usuários, porém estes papéis não precisam, necessariamente, de serem representados na vida real, já que os visitantes virtuais podem estar, ao mesmo tempo, em diferentes salas, ou seja, nas salas homossexuais, de sexo, de amizade, dentre outras (CARVALHEIRA, 2003).

De acordo com Schnarch (1997) nas salas de 'bate-papo' destinadas a sexo, há subgrupos que representam, virtualmente, as possibilidades de vários tipos de relacionamentos aceitos e não-aceitos na sociedade real. Essas salas oferecem o sexo como produto de consumo, para atender as mais variadas preferências e, ainda, incontáveis possibilidades de realizações de desejos que nem sempre podem ser satisfeitos no mundo real, haja vista, muitos desses desejos serem censurados com base em verdades construídas por saberes validados.

É importante frisar que, a qualquer momento e, conforme a conjuntura, o jogo de sedução virtual pode ser recommçado quantas vezes se desejar, utilizando-se novos personagens, novas posturas e comportamentos. Relatando suas experiências nos sites de encontros e namoros, Sampaio (2002, p. 15 – 16) expressa:

(...) aprendi a primeira lição do internauta: quando a pessoa resolve desaparecer, não há David Copperfield que faça a mágica de trazê-la de volta. Você escreve, escreve e simplesmente não obtém resposta. [...] Talvez não exista frustração internáutica maior que essa. Descobri que o endereço eletrônico não é um 'endereço' de verdade: é etéreo, quase invisível. E ainda pode ser bloqueado por seu dono.

No Brasil, o bate-papo “UOL” tornou-se uma das mais conhecidas ferramentas de conversa na Internet.. O ‘bate-papo’ UOL é o maior serviço de chat em língua portuguesa do mundo, com uma infinidade de salas divididas em temas como cidade, idade, sexo, imagens, que começou a funcionar na madrugada de 28 de abril de 1996. O ‘Bate-Papo UOL’ está dividido em 10 grandes grupos: por idade, cidades e regiões, temas livres, encontros, sexo, imagens eróticas, outras imagens, salas abertas por assinante e bate-papo com convidados (SEMERENE, 1999).

Portanto, as ‘salas de bate-papo’ são lugares onde os usuários do sistema interagem por meio de convenções, o que torna esse ‘sítio virtual’, sobremaneira, social. Como pudemos perceber, não há uma fronteira perfeitamente identificável entre a realidade e a ficção, entre o real e a representação que dele podemos fazer. Desta forma, a tecnologia virtual possibilita como vimos a criação de sítios virtuais muito parecidos com as salas de visita do mundo real. No entanto, cada qual tem suas nuances. De fato, as salas de ‘bate-papo’ da Internet são lugares que, quando visitados, priorizam o ‘ocultamento’ de identidades. Tanto as salas virtuais quanto as convencionais carregam em si funções sociais. De acordo com Goffman (1983, p. 13 – 14). “...quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir.”

Na organização social brasileira, ainda hoje, em diversos ambientes sociais, as pessoas se separam da seguinte forma: homens com homens e mulheres com mulheres. Será que é porque eles têm assuntos diferentes, ou será porque seus estilos são diferentes, ou, ainda, porque vivemos dos resquícios da construção de uma sociedade patriarcal? Percebemos, por outro lado, que, nas salas virtuais, por vezes, os usuários procuram interagir com parceiros, ‘supostamente’, do outro sexo, já que, esses ambientes são espaços voltados para a busca de parceiros ou parceiras (LIPOVESTSKY, 1989).

Diante do exposto, verificamos que há uma quebra dos protocolos que se instauram nas salas de visita do mundo real. Portanto, evidenciam-se nítidas diferenças de interação entre uma sala e outra. Podemos ressaltar outra diferença entre esses dois ambientes: no real, é de praxe respeitar a privacidade dos companheiros que se encontram para um ‘bate papo’, enquanto que, nas salas virtuais, a conduta normal e esperada é, a priori, a invasão da privacidade,

preliminarmente com indagações do tipo: '... 'você é virgem?'... 'como você está vestida agora?'...'por onde anda a sua mulher agora?'.

Evidentemente que em todas as relações estabelecidas, há sempre o que se desvendar. Porém, no espaço virtual, essa busca da descoberta acontece constantemente, uma vez que, sem o uso de periféricos, como por exemplo, a webcam¹¹, não se pode ver a pessoa com a qual se está interagindo e, tampouco, o que ela expressa no momento da comunicação, a não ser por emissão de ícones. Nessa relação, existe somente uma imaginação baseada nas informações enviadas pelas partes, como a idade, a aparência física e outros detalhes (BARBOSA, 1997). Nas situações presenciais, as pessoas, via de regra, prezam pelas suas condutas e se responsabilizam pelo que dizem e fazem (GOFFMAN, 1983). Porém, nas 'salas de bate-papo' virtual, ao contrário, há o ocultamento das pessoas 'online' que, muitas vezes, escondem-se atrás de máscaras, digitam as suas falas e se apoderam de certas liberdades ao tratar, principalmente, de assuntos tidos, ainda, como tabus sob o ponto de vista da moral social. Diante disso, buscamos nos ensinamentos de Foucault (1984) o esclarecimento sobre o que é próprio das sociedades modernas, ou seja, segundo esse autor a sociedade moderna não condena o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim, ressalta o devotamento de se falar dele sempre, valorizando-o como segredo.

Nesse contexto, a Internet, com seus chats, apresenta-se como um instrumento que confere a vantagem de não expôr seus usuários, permitindo que eles sejam atores e assumam diversos papéis, sem o perigo de serem desmascarados. Os usuários dos chats vão buscar nessa rede os significados compartilhados, para que possam ser compreendidos e, sobretudo, aceitos na comunidade virtual da qual fazem ou pretendem fazer parte (LÉVY, 1996). Para tanto, é preciso que os seus participantes 'falem a mesma língua', compactuem com as mesmas idéias, a fim de poderem iniciar uma relação. Segundo Goffman (1983) diante dos relacionamentos, independentemente do objetivo particular que o

¹¹ Webcam (Brasil) ou câmara web (Portugal) é uma câmera de vídeo de baixo custo, que capta imagens, transferindo-as de modo quase instantâneo para o computador, podendo ser empregada em uma grande gama de aplicativos, tais como videoconferências, editores de vídeo, editores de imagem, monitoramento de ambientes, entre outros (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Webcam>)

indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta do outro.

Nos processos de interlocução virtual para fins sexuais, nota-se a reprodução de estereótipos pré-fabricados, que atuam para valorizar tanto o corpo quanto o próprio encontro. O que se percebe, sobremaneira, é que certas formas de trocas verbais dadas no universo virtual têm a função específica de transformar o corpo em objeto a ser apreciado, mesmo que se trate de um corpo apenas visto, descrito e não tocado. Nota-se, então, que a linha divisória entre ‘vir a ser’ e ‘ser’ pode tornar-se muito tênue, como se aquilo que se diz ser, na Internet, fosse o que já se é, em potência, a realizar-se (GOFFMAN, 1983).

Quando falamos de Internet, parece-nos um contra senso falar de censura ou de liberdade vigiada. Ouvimos, não raras vezes, argumentos e pregações a respeito da Internet como sendo um meio liberto e democrático de se relacionar, em que todos os seus usuários têm as mesmas chances de participar e de interagir. Entretanto, ao que nos parece, as promessas de liberdade e de democracia não surgem de forma tão pura e ingênua como pensamos, já que há limites para a prática desse exercício virtual, muito semelhante aos limites que se estabelecem em nosso espaço real, bem como no cotidiano das convivências. Portanto, nem tudo se pode dizer, nem tudo se pode manifestar, pois há lugares reservados para cada tipo de conversa. A convivência no espaço virtual exige regras que devem ser respeitadas, caso não se deseje a exclusão e o alijamento do espaço cibernético. De acordo com Lipovetsky (2005), quanto maior a liberdade sexual, maior a necessidade de regras para evitar os abusos e enquadrar a convivência dentro de padrões socialmente saudáveis.

No espaço virtual a percepção que se faz ‘do outro’ é restringida pelo próprio nível textual da relação e, como estudamos, são utilizados signos especiais e absolutamente específicos das salas de chat. Recordando, os emoticons procuram representar iconicamente às emoções, substituindo expressões faciais, interjeições ou quaisquer outras possibilidades expressivas do corpo. Além dos emoticons, a escrita cheia de abreviaturas funciona como verdadeiros códigos entre os seus usuários e, para enfatizar as falas, a fim de chamar a atenção, a comunicação se dá através de gritos, ou seja, com a utilização de letras em caixa alta ou através de sussurros. Um dos aspectos característicos dessa interação é a dinâmica que com

elas são estabelecidas (FREITAS, 1996). No entanto, muitas interações começam e são encerradas em questões de segundo. De acordo com Castells (2000) a rapidez de perguntas e de respostas é importante para manter o “outro” preso à conversa, evitando uma dispersão diante das inúmeras opções oferecidas no chat.

A Internet, através de suas salas virtuais, cria oportunidades para que as pessoas liberem o que, porventura, possa estar reprimido nelas (PISCITELLI, 2005). Há bem pouco tempo, dar vazão a esse tipo de fantasias significava se expor. Hoje, ao contrário, no mundo virtual, conta-se com a vantagem do anonimato, que traz mais segurança tanto para quem procura, quanto para quem presta os serviços sexuais via Internet. Assim, de acordo com a mesma autora, a Internet contribui dando espaço para que as pessoas possam expressar a sua sexualidade, oferecendo estímulos para que suas fantasias se desenvolvam. Outro destaque a ser lembrado em relação às interações virtuais, refere-se à possibilidade de se ter uma multiplicidade de parceiros no decorrer das interações virtuais, bem como, a simplificação do vocabulário utilizado que procura, além de responder à velocidade da rede, tornar o mais próximo possível a linguagem natural das falas, característica predominante nas escritas utilizadas nessas salas de bate-papo virtual (CASTELLS, 2000).

De acordo com Lévy (1996) um ‘bate-papo’ funciona com várias ou até mesmo poucas pessoas escrevendo mensagens que são lidas instantaneamente. No princípio, os contatos ‘on line’, através dos ‘bate-papos’, podiam ser feitos apenas, através de programas como o mIRC e por meio de webchats, porém, com o passar dos tempos, outros recursos surgiram e recursos mais sofisticados foram surgindo com uma interface mais leve em cores e imagens e com características específicas (RECUERO, 2002).

A seguir, descrevemos algumas ferramentas de ‘bate-papo’ usadas pela Internet, a saber:

- mIRC (mIRC v 5.5 32bit/Na Internet Relay Chat Client)

De acordo com Recuero (2002), o mIRC, criado por Khaled Mardam-Bey em 1995 é uma ferramenta bastante utilizada, em virtude de sua rápida conexão, como

também, por ser uma das principais ferramentas que surgiram na rede. Muitos internautas aderem ao mIRC por ser uma ferramenta bem difundida com possibilidades de se criar 'canais', o que a torna bastante atrativa. Desta forma, os seus usuários podem criar e nomear os 'canais', bem como, marcarem encontros e fazerem novos amigos. Muitas vezes, os usuários deixam o canal permanente, possibilitando, assim, o encontro com diversas pessoas conhecidas ou não. Para se ter acesso ao programa mIRC, é preciso estar conectado a um servidor de IRC. Feito isso, escolhe-se o canal o qual se queira participar, podendo esta comunicação ser realizada de forma pública ou particular com as pessoas que estiverem conectadas no mesmo canal. Cada usuário pode participar de quantos canais desejar. Vale ressaltar que cada canal tem um operador, identificado pelo símbolo @ (arroba), antes do apelido e é somente ele quem pode excluir os visitantes indesejados. Nessa ferramenta, tem-se a possibilidade de gravar, em arquivos de texto, os bate-papos para possíveis discussões, podendo guardar um excelente registro para análise posterior.

- MS Chat (Microsoft Chat 2.5/Copyright © 1996-1998 Microsoft Corporation)

Semelhante ao mIRC na sua estrutura básica, o MS Chat apresenta mais um recurso, que é a criação de quadrinhos, com gravuras e expressões de sentimentos, dando a idéia da montagem de uma historinha. Assim como no mIRC também pode-se gravar as situações acontecidas em arquivos. Suas opções são variadas, pois pode-se mudar, com apenas um comando da ferramenta, a fonte e as cores, ou seja, formatar letras e imagens, inclusive som.

- Webchat:

Pela web chat, o usuário tem facilidade de acesso já que ele é aberto e disponível na maioria dos sítios. Através dele, seus usuários podem enviar "emoticons" com expressões de medo, alegria, raiva, susto etc.. Assim, seus usuários têm a opção de comunicação tanto com o grupo todo ou, reservadamente, com a pessoa escolhida. Em alguns sítios, não se tem a possibilidade de mudar a

fonte da letra nem as cores, ou inserir figuras ou arquivos. Pelo web chat também não há possibilidade de gravar discussões, mesmo se tentando copiar e colar em um programa de edição textual, enquanto que com outras ferramentas consegue-se realizar essa operação. Para utilizar o web chat, deve-se escolher algum sítio e, em seguida, acessar as salas de bate-papo disponíveis.

- TiVejo (v. 3.0):

Nesse programa pode-se usar som, imagem e texto ao mesmo tempo, porém, existem algumas regras que devem ser respeitadas, assim, por exemplo, para a utilização do microfone é necessário que os usuários entrem na fila e aguardem a sua vez. No ambiente TiVejo, com a utilização da webcam é possível visualizar a imagem de até três usuários diferentes. Vale ressaltar que, para usar todo o potencial desse programa, é preciso ter uma boa conexão na Internet, bem como, um microfone ligado ao computador e uma webcam disponível para o batepapo. Embora seja importante ter os recursos citados, estes não são necessariamente obrigatórios para que haja o bate-papo escrito.

- IntraNet (Intranet Chat/version 1.12b4-01.05.2001)

Essa é uma ferramenta que funciona sem a necessidade de se estar conectado à rede Internet, ou seja, basta estar ligado a uma rede interna. Porém, quando há necessidade de funcionar em uma rede externa necessita-se da conexão com a Internet. O referido programa apresenta-se de forma leve (cores, figuras e design), que oferece como recurso o diálogo individual e em grupo. O usuário pode também enviar, junto com o seu texto, “emoticons” com expressões de alegria, raiva, tristeza etc. Pode-se salvar o bate-papo selecionando o texto da conversa e salvando em um programa de edição textual. É um ambiente simples, mas que apresenta possibilidades importantes para o bate-papo devido a sua rapidez. Como é utilizado por uma rede interna, o nome que aparece na relação dos participantes é o login (senha) de acesso do usuário à rede.

- NetMeeting (versão 3.01 (4.4.3345) Microsoft Corporation 1996-1999)

Esse instrumento oferece recursos de imagem, som, texto e compartilhamento de arquivos e se diferencia do programa TiVejo no tocante ao número de participantes da conversa, ou seja, nos dois programas a imagem é apenas uma, como também o texto é de um usuário para outro, porém, Isso não impede que um usuário interaja com vários outros, no entanto, esta interação acontece com um de cada vez, diferentemente do TiVejo que é feito em grupo. Com esse programa pode-se compartilhar arquivos e programas, bem como ações. Isso significa dizer que, enquanto um usuário manipula, o outro pode observá-lo durante a manipulação. O NetMeeting é, pois, um software da Microsoft, de conferência via rede.

- Messenger (Yahoo/versão 5.0.0.1068 1996-1998 Distinct Corporation) e (MSN/versão 6.0 (6.0.0602) 1997-2003 Microsoft Corporation):

São vários os recursos desse programa. Através dele, pode-se salvar o bate-papo, imprimir, anexar arquivos, utilizar webcam, voz, formatar as fontes desejadas (negrito, itálico, sublinhado, mudar as cores, o tipo e o tamanho), emoticons (rosthinhos com expressões) e mudar o fundo como um papel de cartas.

O MSN Web – Messenger permite as conversas online e em tempo real usando-se, apenas, um navegador da Web, em qualquer computador compartilhado:

Desta forma, esse programa disponibiliza uma lista de contatos, que são adicionados (podendo também ser excluídos) pelo usuário do Messenger. Assim que esse programa é acessado, pode-se verificar quais os contatos cadastrados que estão disponíveis para conversar, ou seja, que estão 'on line'. Pode-se, ainda, fazer chamadas telefônicas, a partir de um número telefônico usando um o microfone. Pode-se com esse programa criar uma "sala" de bate-papo independente de todas as outras, bem como, convidar as pessoas as quais se queira conversar.

- TelEduc16 (v. 3.0; criado originalmente pelo grupo de pesquisa da Universidade de Campinas, NIED – Núcleo de Informática Aplicada à Educação)

O TelEduc é um ambiente de Educação a distância via Web. Ele possui vários recursos que auxiliam professor e aluno que estejam participando de cursos oferecidos por esse ambiente virtual, entre os quais, podemos citar: agenda, atividades, material de apoio, leituras, mural, fórum, correio e o bate-papo. No batepapo do TelEduc, conta-se com um ambiente leve (cores, estrutura e design). Vale ressaltar que, para acessar esse ambiente virtual, é necessário que o usuário tenha um login e uma senha para a sua identificação de acesso ao curso que, previamente, deverá estar inscrito.

De acordo com Lévy (1996) as experiências vividas no mundo virtual, através das ‘salas de bate papo’ alcançam sucesso, pois essa comunicação é facilitada por prerrogativas como: a comodidade de se poder estar em ambientes reservados; o recurso do anonimato; a ausência da visibilidade; a separação espacial; a multiplicidade de identidades e outras. Goffman (1993), em sua obra ‘A apresentação do eu na vida de todos os dias’ analisou a profundidade e a riqueza das interações quotidianas, bem como, o modo como as pessoas geram a sua identidade nos encontros face-a-face e também como são estabelecidos quadros ou esquemas interpretativos que definem as mais diversas situações, à luz de sistemas simbólicos de significados, cognições, normas e perspectivas estéticas. Diante da análise do referido autor que enfatiza a importância das interações cotidianas na formação das identidades nos encontros face a face, surge uma questão para reflexão: como assimilar a lógica dos encontros nas salas de bate-papo virtual?

3.2.1 A sexualidade virtual

Considerando que a palavra Sexo é referida ao ato biológico, ao ‘fazer sexo’; ao termo Sexualidade são acrescidos o impulso e a emoção que a relação pode proporcionar, bem como as forças culturais, políticas e sociais (CARIDADE, 1995).

A sexualidade de um indivíduo define-se como sendo as suas preferências, predisposições ou experiências sexuais, na experimentação e na descoberta da sua

identidade e atividade sexual, num determinado período da sua existência. A sexualidade é, pois, segundo Bozon (2004) uma espécie de encenação determinada por 'scripts sexuais', termo que utiliza em referência aos sociólogos americanos John Gagnon e Willian Simon. De acordo com o referido autor foi em 'Sexual Conduct: the social sources of human sexuality', publicada em 1973, que Gagnon e Simon apresentaram a primeira versão de sua sociologia da sexualidade, fundamentada em uma teoria de scripts sexuais

(...) Para esses dois autores, é impensável identificar um estado natural da sexualidade humana. Todas as nossas experiências sexuais são construídas como scripts, ou seja, foram ao mesmo tempo aprendidas, codificadas e inscritas na consciência, estruturadas e elaboradas como relatos (BOZON, 2004, p. 130).

Hoje, em pleno Século XXI, surge uma nova manifestação da sexualidade humana, ou seja, a sexualidade virtual, que traz consigo determinações que transformam os relacionamentos reais. No Brasil, há muito pouco tempo, a vivência do que era tido como o 'verdadeiro amor' acontecia com a dona-de-casa, a rainha do lar, enfim, com o complemento doméstico do marido (DEL PRIORE, 2007). No entanto, prossegue a mesma autora, para tornar-se rainha do lar, o namoro, que vinha depois do 'flerte', seguia regras muito definidas, por meio das quais a moça tinha que se mostrar recatada, ou seja, cuidar do linguajar e dos modos que não deveriam ser muito expansivos. Segundo a mesma historiadora, para garantir a virgindade até o casamento, tanto as 'liberdades' tomadas pelos rapazes, quanto aos beijos ou abraços, deveriam ser repelidas com tato e delicadeza, porém, de maneira firme. Caso contrário, a moça, corria o risco de ser taxada de 'moça fácil', não sendo, portanto, do tipo 'moça para casar'.

Contrapondo-se àquela maneira 'estigmatizada' da posição feminina na sociedade surge 'na era virtual', uma nova maneira de perceber e vivenciar a sexualidade. Nesse caso, a busca e os encontros de parceiros acontecem de modo totalmente inverso. Se a forma tradicional de busca de relacionamentos ocorria pela troca de olhares de modo presencial – nos ambientes sociais do mundo real – (DEL PRIORE, 2007), no ambiente virtual a aproximação ocorre mediada pela tecnologia, através da qual os parceiros iniciam seus diálogos por e-mails, por troca de fotos, ou através de conversas nas salas de bate-papo virtuais, culminando, por vezes, nos

encontros no mundo real. Assim sendo, o tempo entre cada uma dessas fases é determinado pelas expectativas individuais contemplando, via de regra, a condição do outro sob pena de interrupção do circuito.

Em síntese, o envolvimento sexual, como consequência posterior do relacionamento afetivo, ou seja, do namoro, já foi um dos fatores que entravam na conta da decisão pelo casamento, o que estava acorde com as regras de adiamento do desejo pregadas pela normatização social (DEL PRIORE, 2007). Atualmente, como foi visto, 'na era virtual', ocorre o oposto, pois se conhece o parceiro virtual, sexualmente, antes de se decidir por algum envolvimento mais profundo ou mesmo pela própria coabitação. Sem dúvidas, se a utilização da tecnologia não é uma novidade na vida do ser humano, a utilização dos sites de encontros e de namoros configura um modo diferente de busca e de aproximação em relação ao outro.

A partir dessa interação do homem com a máquina, a socióloga Turkle produziu um dos primeiros clássicos sobre a cibercultura e, em particular, acerca da interação homem/computador, no livro seminal 'A segunda subjectividade' (The Second Self) em 1984. Alguns anos mais tarde com a obra 'Vida no Écran' (Life in the Screen) a referida autora que é também professora de Estudos Sociais, traça um mapa temporal das últimas décadas quanto ao modo como os indivíduos relacionam-se com os computadores e a tecnologia e como tem-se pensado a máquina a partir da relação homem/máquina no campo da filosofia, na investigação científica, como também, na literatura e no cinema.

Para a autora supracitada, a rede instaura uma cultura da simulação em vez da mera representação da realidade, assim sendo, nesse contexto torna-se possível simular, então, até o próprio sexo onde, jogar com o gênero no ciberespaço permite uma melhor compreensão da articulação masculino/feminino na vida real.

A autora em sua obra fornece cita um homem que consegue se sobressair na Internet mais do que na vida real, quando se apresenta como uma 'mulher assertiva', acreditando que tal situação está na moda, pois apresentar-se como 'homem assertivo', hoje, já não é tão legitimado como em décadas passadas. (TURKE, 1997) e prossegue a autora apontando que a mulher pode fazer a experiência inversa, pois, segundo a socióloga, fingir ser homem no ciberespaço permite a mulher ser 'agressiva', mais facilmente do que na vida real que, provavelmente, poderia confundida com uma prostituta. Apoderando-se do jogo de

troca de identidades que a Internet faculta, o homem e a mulher se colocam em condições de expandir, com mais facilidade, suas emoções, suas fantasias, desejos etc. Nas palavras de Turkle (1997), cada vez mais, as pessoas vivem em um mundo no qual acordam como amantes, tomam café da manhã como mães e dirigem os seus carros para o trabalho como advogadas, por isso, em um mesmo dia, as pessoas passam por transições drásticas e é evidente que também desempenham múltiplas funções.

(...) Na internet, você se vê atuando em sete janelas abertas na tela, assumindo, literalmente, diferentes personalidades em cada uma dessas sete janelas, tendo todos os tipos de relacionamentos, alternando e desempenhando todas as funções simultaneamente, deixando partes de si nessas diferentes janelas, nos programas que escreveu e que o representam enquanto você está em outra janela. Sua identidade é distribuída em uma série de janelas. Cada vez mais, a vida na tela também oferece uma janela para o que somos na vida fora da tela: somos pessoas que alternamos aspectos do eu (TURKE, 1997, p. 264),

Os aspectos não convencionais da vivência da sexualidade - aqueles que não são aceitáveis socialmente ou são até desaprovados - podem se valer da possibilidade de emergirem mais facilmente no mundo virtual (LÉVY, 1996). Nos chats, os internautas, como já referimos, contam com as vantagens do recurso do anonimato. Para ilustrar essa colocação, em 2004, Sonsoles Fuentes e Laura Carrión publicaram o livro intitulado: *Dimelo al Oído: Las mujeres cuentan SUS fantasias sexuales* (Mulheres confessam: só o anonimato da Internet poderia permitir tanta sinceridade), contendo uma coletânea de sessenta depoimentos sobre fantasias sexuais de mulheres, vividas sob o véu do anonimato. No mundo ainda pouco explorado das fantasias sexuais, as jornalistas supracitadas com a colaboração de pesquisadores, psicólogos e sexólogos apresentaram, para homens e mulheres segredos que as mulheres não confessam nem a elas mesmas, pois valendo-se do anonimato mergulham nos anseios da alma e na própria libido.

A relação entre sexualidade e Internet é de certa forma, complexa porque abrange horizontes multidisciplinares, conduzindo-a a diversos níveis de análises sócio-culturais e históricas. Essa relação invade as áreas da saúde, da educação e outras ainda minadas por preconceitos, mitos e tabus. Assim, segundo Schnarch (1997) a Internet promove, ao máximo, a auto-apresentação – apresentar-se da

forma que se quer ser visto – e muito pouco o desenvolvimento da intimidade sendo, desta forma, importante que se observe a existência ou não de um consenso relativo à natureza das interações sociais ‘on-line’, com seus efeitos no envolvimento social e no bem-estar pessoal.

De acordo com Moita Lopes (2003), tanto a mídia quanto o desenvolvimento tecnológico têm sido co-responsáveis pela circulação de outras formas de perceber a sexualidade. Essas mudanças colaboram para a construção de uma identidade sexual menos aprisionadora e mais híbrida, permitindo pensá-las não mais como uma construção “biologizante” ou como uma essência a ser revelada, mas como característica temporária, construída discursivamente. Essa efemeridade possivelmente se liga ao tema da identidade, pois de acordo com Seremene (1999) sem identidade, todos estão completamente descompromissados e assim sendo podem, a qualquer momento, desligar o computador e mudar de parceiro.

É importante ressaltar que essas novas maneiras de se perceber a sexualidade, no mundo virtual, envolvem uma prática que não deve ser vivenciada só por meio dos órgãos sensoriais ou de modo puramente intelectual. Essas práticas virtuais, segundo Lévy (1996) implicam trocas intersubjetivas, que incluem motivações, estratégias de aproximação ou afastamento, critérios de escolha, expectativas, prazer, desprazer, representações acerca do que se experimenta e ressignificações do vivido nos sites de encontros e de namoros. Assim como os demais recursos da tecnologia, esses sites resultaram da construção social e do desenvolvimento meteórico que a Internet conheceu a partir dos anos noventa.

Na verdade, falar de sexualidade, atualmente, implica falar de sexo, de cultura e de Internet, visto que, de acordo com Fucs (1987), a sexualidade é um engenho de mudança social e um espaço privilegiado para a interação social e, conseqüentemente, para o sexo. (COSTA, 1994). Complementando o pensamento, Carvalheira (2003) aponta que a Internet é um mundo sem fronteiras geográficas, um território livre que, pela fácil acessibilidade e os baixos custos, permite uma enorme diversidade de relações e o acesso a todas as formas de atividade sexual.

Muito mais do que sexo, a sexualidade é um aspecto central da vida das pessoas, que pode envolver sexo, papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução (COSTA, 1994). A sexualidade envolve, pois, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas

relações afetivas e a nossa cultura. Desta forma, embora os atos sexuais possam ser realizados sem objetivo de reprodução há controvérsias sobre o vocábulo "sexo" como significante direto de ato sexual, já que o termo "sexo" (do latim: *sexus*) refere-se, originalmente, à dualidade biológica e reprodutiva. No entanto, a sexualidade tende a se referir ao plano psicológico do indivíduo e envolve os fatores biológicos (anatômicos, fisiológicos etc.), como já visto anteriormente.

A sexualidade de um indivíduo pode ser fortemente afetada pelo ambiente sócio-cultural e religioso em que ele se insere e a sexualidade virtual pode atuar na contemporaneidade dos arranjos familiares na medida em que o estabelecimento das relações, no espaço virtual, volta-se para satisfazer aos desejos individuais, destituídos das obrigações de reprodução e de conjugalidade (PALÁCIOS, 1996). Evidentemente que não podemos desconhecer as transformações pelas quais passa o exercício da sexualidade no espaço virtual, mas também não é adequado tratar a sexualidade virtual como algo exclusivamente “revolucionário” e inovador, pois a posição relativa de homens e de mulheres no ciberespaço ainda está longe de ser equivalente e igualitária, considerando que há situações radicalmente diferentes entre a sexualidade feminina e a masculina no mundo virtual (GONÇALVES, 2000). Por exemplo, há mulheres que procuram por seus ‘príncipes encantados’ na Internet, objetivando vivenciar sua sexualidade, enquanto os homens, via de regra, procuram vivenciá-la através de excitações movidas, exclusivamente, por fantasias sexuais. De acordo com Botti (2003) grande parte do material considerado erótico e/ou pornográfico é destinado ao público masculino heterossexual e esta pode ser uma das razões pela qual é criada divisão entre a mulher como objeto a ser olhado e o homem como espectador, como quem olha.

A sexualidade reprodutiva, segundo Caridade (1995) está estruturada numa relação binária entre homens e mulheres, pautada em uma concepção essencialista. Percebe-se, assim, diante dessa ‘nova maneira’ de viver a sexualidade, mais independência da mulher e mais efemeridade nas relações. Vejamos como exemplo, a mudança da posição da mulher brasileira: De acordo com Del Priore (2007) em séculos passados, quando os arroubos por sexo, tidos como bestiais, não compunham a imagem da feminilidade da mulher ideal – característica considerada eminentemente masculina – o desejo da mulher era sumariamente desconsiderado, em nome das dificuldades que ela deveria interpor antes do casamento para a

concretização de qualquer ato sexual, tido ali como desencantador e como sinônimo de falta de seriedade feminina. Ainda hoje, em algumas partes do mundo, a sexualidade feminina é considerada como uma ameaça aos valores político-sociais ou religiosos, como ocorre com a sexualidade vivida em partes do Oriente Médio.

Incontestavelmente, a rede iniciou um processo que revolucionou a sexualidade, tornando-se disponível para milhões de pessoas com os mais variados fetiches, o que contribuiu para aumentar a satisfação da vida sexual e abriu caminhos para novas relações virtuais. São características básicas da sexualidade virtual: a efemeridade, a sedução, o jogo, a velocidade, a multiplicidade, dentre outras (CARVALHEIRA, 2003).

Numa sociedade com avanços tecnológicos, como é a nossa, viabilizou-se esse novo modo de se encarar a sexualidade. A partir de meados do Século XX, o sexo ganhou uma expressão inusitada, porque começou a ser objeto de uma visibilidade pública muito maior e passou a ser uma temática de interesse social crescente. A valorização social do terreno sexual, de acordo com Pacheco (1998, p. 274), "... não teria sido possível se não se tivesse verificado um conjunto de fatores que, associados sinergicamente, possibilitaram esta autêntica 'revolução sexual'. Assim, a sexualidade virtual é vivida separada das secreções e das trocas de fluidos onde, a cada instante surgem milhões de pessoas, no mundo, dedicadas a essa prática virtual.

Sem dúvidas, as novas tecnologias trouxeram um imaginário novo e bem mais acessível ao homem. Assim, o relacionamento virtual é uma nova modalidade de ser e de comunicar-se, como vimos anteriormente. E sempre que as pessoas atravessam o ecrã de seus computadores para penetrar nesses mundos virtuais, estão, automaticamente, reconstruindo uma nova identidade, ou seja, um novo "Eu". Segundo Turkle (1997) trata-se de um laboratório social significativo para a realização de experiências com as construções e reconstruções do eu que caracteriza a vida pós-moderna. Desta maneira, na realidade virtual, moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos.

Efetivamente, a Internet contribuiu para que seus usuários pudessem encarar as suas identidades como uma multiplicidade de personagens que se pode representar no mundo virtual. Ela age como um campo de possibilidades – consequência direta do tipo de comunicação escolhida. Essa variação da forma de

comunicação virtual é, indiscutivelmente, bem diferente daquela utilizada nos encontros face a face. Diante disso, qualquer cibernauta¹² pode construir um imaginário e configurações imagéticas para além das fronteiras do real (CASTELLS, 2000).

Como aponta Palácios (1996) podemos afirmar que, hoje, é viável viver uma nova modalidade sexual, ou seja, a sexualidade virtual e através da mídia, sobretudo, da Internet, muitas mulheres, vem buscando resgatar seus anseios e desejos que, histórica e socialmente, foram frustrados. Segundo Del Priore (2007), em um passado muito próximo - década de sessenta – , ocorreram certas mudanças no horizonte feminino, sobretudo, com o advento da pílula anticoncepcional, que permitiu que as mulheres escolhessem se e quando desejavam ter filhos, porém, a partir daí, de forma implacável, foi redobrada a vigilância dos seus comportamentos, desta forma, como as mulheres já vinham a muito tempo, oprimidas sexualmente puderam encontrar, no mundo virtual, uma maneira de liberarem as suas veladas sexualidades. Com essa nova maneira de perceber e vivenciar a sexualidade é importante refletirmos se, de fato, faz sentido falarmos de uma ‘nova expressão de sexualidade’¹³, pois no espaço virtual das salas de ‘bate-papo’, os usuários, via de regra, priorizam a busca de parceiros e/ou parceiras através da linguagem da sedução (LÉVY, 1996) desta forma, acontece nessa prática virtual ‘inovadora’ é o velho jogo da sedução, cujos fins, sem dúvida, pertencem à mais antiga história do mundo.

A utilização da tecnologia não é uma novidade na vida do ser humano e a utilização dos sites de encontros e de namoros configura um modo diferente de busca, aproximação e relação com o outro. No entanto, no livro “Sexo, afeto e era tecnológica”, organizado por Porto (1999, p. 127), aborda os chats na Internet e com

¹² Alguém que passa muito tempo online, explorando a Internet, também conhecido por internauta.. Cibernauta – cuber, ou kuber, vem da palavra grega “timão” e nau de “nave”. Poder-se-ia traduzir para “timoneiro”, homem do leme. Aquele que dirige, ou melhor, que se dirige. (<http://www.estudar.org/pessoa/internet/01internet/conceito-cibernautas.html>)

¹³ Sabemos que o que ocorreu na ‘revolução sexual’ não foi mais do que um processo de individualização de comportamentos e de normas, concomitante às transformações da sociedade e da família, por meio da separação entre procriação e sexualidade. Assim, Bozon (2004) aponta que os anos de 1960 e 1970 não foram um marco de relaxamento ou de permissão de expressão de pulsões sexuais reprimidas, mas sim, um momento de substituição de controles e disciplinas externos aos indivíduos, por meio de controles e disciplinas internos, que aprofundaram as exigências sociais.

seguinte conclusão: “O mundo virtual não inova, ele simplesmente repete as imagens, os valores e os textos do mundo real”.

Todavia, conforme aponta Porto (1999) a sexualidade virtual é gerada fora do seio familiar e construída, evidentemente, em um espaço virtual. Percebe-se, atualmente, que a tecnologia domina um número cada vez maior de usuários, pelas facilidades dos envolvimento à distância e pela privacidade oferecidas. A sexualidade virtual é marcada pela liberação sexual e caracterizada pela desvinculação do casamento, da heterossexualidade compulsória e da procriação. Esse tipo de sexualidade assinala, ainda, uma crescente individualização dos relacionamentos, baseada nas relações interpessoais. A esses novos tipos de relacionamentos baseados numa busca da felicidade individual que ressaltam a igualdade sexual e emocional, libertos de compromisso pessoal ou implicação de laço afetivo, é que Giddens (1993), como já vimos, classifica como "sexualidade plástica" e "relacionamento puro". Para o referido autor, as relações perduram, enquanto os envolvidos estiverem tirando proveito delas. Isso acontece tanto nas relações entre pais e filhos, quanto nas relações de amizade e de casais. Nesse tipo de relação, cada parceiro delimita até que ponto vai expor sua intimidade e até que ponto vai se deixar envolver.

Portanto, nos relacionamentos ‘puros’ não há obrigações de qualquer das partes. Tudo o que se refere à relação, inclusive a importância da fidelidade, é decidido, de comum acordo, pelos parceiros. Conforme aponta Giddens (1993), hoje as mulheres se comportam de modo diferente daquele tradicional, quando eram passivas e tinham que seguir regras rígidas de comedimento e recato. Com a facilidade do virtual, grande número de mulheres, segundo os estudos realizados pela psicóloga Carvalheira (2003), buscam relações puramente sexuais e de acordo com Cooper et al. (2003), embora ambos os sexos sejam utilizadores desta prática on-line, as mulheres tendem a interessar-se mais por estas atividades sexuais interativas (apud DANEBACK, COOPER & MÄNSSON, 2005).

No entanto, pela própria natureza feminina as mulheres contemplam, via de regra, a afetividade nos relacionamentos mesmo não se envolvendo com compromissos pessoais de durabilidade ou fidelidade. Diante dessa nova realidade, Del Priore (2007) nos lembra que em tempos passados, o desejo da mulher era sumariamente desconsiderado, em nome das dificuldades que ela deveria interpor

antes do casamento na concretização de qualquer ato sexual que era visto como desencantador e como sinônimo de falta de seriedade feminina.

O “relacionamento puro” de Giddens (1993) é caracteristicamente moderno, pois é desincorporado das instituições tradicionais e de suas expectativas normativas. Nesse sentido, ao desvencilhar a relação – sexualidade e sentimentos – incorrem reflexos nas relações efêmeras travadas no espaço virtual. A esse respeito, Lipovetsky (2005), Sennett (1988) e afirmam que nada impede que se evitem as frustrações nos relacionamentos e esclarecem, ainda, que o grande problema está no momento em que os sujeitos se valem desses envolvimento efêmeros, a fim de justificarem os relacionamentos que não ultrapassam uma experimentação sistemática. Para Lipovetsky (2005) vivemos agora a era do vazio, um período de transformações, de transição, que significa a reformulação de toda a estruturação da sociedade e do modo como vivemos, onde tudo é provisório, até mesmo os valores, baseado em questões individuais ou em grupos cada vez mais reduzidos e específicos.

Então, a sexualidade plástica, o relacionamento puro (GIDDENS, 1993) e o conceito de orientação íntima (BOZON, 2004) se aplicam bem ao tipo de relacionamento encontrado, hoje, no ambiente virtual. A base de afinidade dos relacionamentos que envolvem a sexualidade virtual se processa por intermédio de um sistema de comunicação digital. Nesse ambiente, os relacionamentos traduzem outra realidade, ou seja, uma realidade virtual. Considera-se, assim, que a virtualização é a propriedade que exprime a essência dessa modalidade de sexualidade. Ao falarmos de virtualização, reportamo-nos a Lévy (1999, p. 46), que aponta:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”. Acontece uma espécie de desengate que os separa do espaço físico ou geográfico ordinário, da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do ‘espaço-tempo’ de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde.

O referido autor prossegue, esclarecendo que a oposição ‘enganosa’ entre o real e o virtual se deve a uma das principais modalidades pertinentes ao virtual, ou seja, a desterritorialização, que consiste no desprendimento do aqui e do agora,

sugerindo a indicação da "não-presença. Virilio (1999) relaciona a virtualidade à compressão espaço-tempo produzida por uma aceleração da realidade e pela desterritorialização, onde a 'instantaneidade abole definitivamente a realidade das distâncias' e assim o autor aponta que na falta de um 'fim da História' assistimos ao 'fim da Geografia'. Desta forma, segundo Senft (1997), o que torna a sexualidade virtual diferente é a forma pela qual esse o relacionamento é capaz de propiciar efeitos na vivência de milhões de performances em diferentes localizações ao mesmo tempo onde, os internautas podem criar fantasias mágicas relacionadas com as necessidades da própria sexualidade. Assim sendo, o sexo se transforma em excitação tão imediato que o simples fato dos internautas estarem frente ao computador, pode levá-los ao desencadeamento de estímulos sexuais. Assim, de acordo com Gonçalves (2000) homens e mulheres que vivem as próprias fantasias sexuais através de imagens e simulações excitantes , via de regra, tornam-se sexualmente satisfeitos.

Os adeptos da tecnologia virtual vivem a sexualidade, sem contato físico podendo até sugerir uma maneira velada de masturbação com a imagem do outro e para Carvalheira & Gomes (2002) essa vivência da sexualidade pode ser vista como salutar, já que a máquina pode agir como facilitadora da desinibição dos desejos e das fantasias e sedução. Entretanto, os relacionamentos virtuais podem esconder perigos, pois o foco do desejo, na sexualidade virtual, fica centrado na virtualidade dos anseios sexuais e isso pode contribuir para o alcance de insatisfações e de frustrações, como também, para os isolamentos sócio-afetivos, podendo gerar verdadeiros enclausuramentos virtuais. Desta forma, para alguns internautas, a vida em frente ao computador pode passar a ser um sucedâneo às atividades mantidas pela vida off line, conduzindo-os ao isolamento, às negligências laborais ou a outras obrigações morais (TURKE, 1995 apud DANEBACK, COOPER & MÄSSON, 2005).

É importante lembrar, como nos ensina Bakhtin (1981), que o tempo em que duram as interações virtuais só existe porque esse espaço o concretiza, quer dizer, a virtualidade promove as interações quando existe a própria virtualidade. É claro que, na "vida real", todos nós projetamos imagens, mas são imagens acopladas a um corpo físico, responsável por projetá-las. Em contrapartida, quando falamos de sociabilidade virtual, estamos tratando de imagens desencarnadas, independentes

de um corpo físico, existindo realmente enquanto “puras projeções” no ciberespaço (PALÁCIOS, 1998).

Assim, uma relação mediada pela máquina pode ser rompida a qualquer momento e se torna mais fácil quando se desenvolve num chat, pois basta um clique no ‘mouse’ para desconectar uma conversa desinteressante e começar uma nova, que também só será mantida enquanto os envolvidos estiverem satisfeitos (SEMERENE, 1999). Mesmo nos relacionamentos mais duradouros, com troca de emails e contatos constantes, é possível simplesmente cortar a comunicação, basta que uma das partes não responda mais às tentativas de contato do outro. Com essa prerrogativa, os usuários dos chats, não correm o risco de encontrarem seus parceiros virtuais na rua e, mesmo que os encontrassem, não os reconheceriam (TAMANINI, 2003).

A virtualização, portanto, é a propriedade que exprime a essência dessa modalidade de sexualidade. Segundo Lévy (1999, p. 48)

(...) os corpos das pessoas que se virtualizam estão, ao mesmo tempo, aqui e lá. Conquistam novos espaços e adquirem novas velocidades. Não desencarnam, reencarnam-se a partir da (re) construção da identidade, assumindo uma ‘quase presença’.

Sintetizando, a percepção do senso comum sobre a sexualidade virtual está dominada por duas posições polares. Uma primeira posição apresenta-se munida de ordem conservadora, que enfatiza essa relação virtual como sendo uma transgressão, como algo desfigurado de propriedades corporais e sem preceitos morais, arraigados desta forma de preconceitos. Para os adeptos dessa corrente de pensamentos, a sexualidade virtual está deslocada da normalidade. Sendo assim, associam essa forma de vivenciar a sexualidade à comportamentos que classificam como amorais, permissivos e promíscuos (RHEINGOLD, 1996). Por outro lado, há uma visão da sexualidade virtual como sendo libertária, consagrando o direito ao prazer e à igualdade sexual entre homens e mulheres (CARVALHEIRA & GOMES, 2002).

Segundo os ensinamentos de Giddens (2002) em relação à prática da sexualidade virtual, estudos apontam que a Internet reproduz a prática do carnaval, em que o casal mascarado libera a repressão do ano inteiro num único momento e

depois retorna, novamente, à rotina até o próximo carnaval que pode ser a qualquer momento: amanhã, ou à uma hora ou mesmo um minuto. Essa facilidade é que origina a adição e, junto com a frequência, a mudança, tornando possível a troca de parceiros, 'a cada baile', mesmo sendo essa troca realizada de modo virtual. Desta forma, de acordo com Semerene (1999) as relações românticas foram cedendo espaço para as relações não condicionadas à fidelidade, ao laço afetivo e à implicação pessoal em profundidade e permanência, originando, como vimos, o 'relacionamento puro' de Giddens (1993) que aponta essa relação como sendo uma situação que evidencia a relação social apenas pela própria relação podendo ser derivada por cada pessoa na associação com outra, tendo continuidade enquanto ambas as partes extraírem, desta relação, satisfações suficientes para cada uma individualmente.

Finalizando Bozon (2004), esclarece que sendo uma construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura.

3.2.2 Cibersexo

Adeus, camisa de Xanto!
 adeus, camisa de Vênus!
 O sêmen flui. Nem pranto
 nem riso. Estamos serenos.
 Baixou a noite seu manto
 sobre a cansada virilha.
 (Sexo e noite formam ilha.)
 Adeus, camisa de Vênus,
 adeus, camisa de Xanto!
 Já gozamos. Já morremos.
 E o tempo marca, em seu canto,
 a garupa da novilha (...)
 (Carlos Drummond de Andrade)

A clandestinidade é latente ao sexo, e o espaço da Internet veio ao encontro dessa característica, pois, ao mesmo tempo em que o vela, incentiva-o pela própria condição do ocultamento. Há muitas especulações em relação ao sexo virtual que, para uns, é normal, enquanto para outros, é uma atividade considerada anormal. Rheingold (1996) relata que a maioria das pessoas que não tem conhecimento do que é o sexo virtual o trata com preconceito, classificando-o como pornografia. O sexo virtual é uma forma de masturbação,¹⁴ comum em 'salas específicas' de 'bate-papo', em comunidades na Internet e nos sites que proporcionam videoconferências com webcams. Essa prática que atrai cada vez mais adeptos é conhecida por Cibersexo que permite a liberação das fantasias e a realização dos desejos mais íntimos do indivíduo. Para vivenciá-los, basta apenas conectar-se com a Internet e, em de frações de segundos é possível mergulhar nas famosas salas de 'bate-papo', em subgrupos específicos voltados ao prazer sexual. Nessas salas, o internauta adentra em meio a um universo paralelo, onde a realidade dá vazão ao imaginário e onde é preciso interação e muita imaginação, a fim de atingirem o chamado prazer 'on-line' (HAMMAN, 1996).

No campo da sexualidade, não se pode determinar exatamente o que seja normal ou anormal. Isso vai depender de como e do quanto esse comportamento está se manifestando, de maneira geral, na vida de seus praticantes (GREGERSEN, 1983; LEBRUN, 2004). Entretanto, as pessoas precisam relacionar-se com as outras para sua própria definição como pessoa, relações que devem ser cotejadas tanto de direitos, quanto de obrigações. Em época de exaltação das liberdades individuais e respeito aos princípios democráticos, vale a pena estar atento as diversas propostas de regulamentações e orientações nas mais variadas áreas de ação dos seres humanos. Citaremos alguns direitos contidos nas 'Declarações dos Direitos Sexuais'¹⁵ considerados, no momento, pertinentes, haja vista, serem direitos humanos universais baseados na liberdade, na dignidade e na igualdade de todos

¹⁴ A masturbação da era virtual advém da criação de histórias ou de fantasias, em que duas ou mais pessoas contribuem para tal. Geralmente essas pessoas escolhem fantasias próprias, que lhes proporcionem mais prazer. Isso faz aproximar muito a masturbação simples do sexo virtual. É muito comum a idéia de voyerismo, quando se tem acesso a informações íntimas das outras pessoas.

¹⁵ Durante o XV Congresso Mundial de Sexologia, ocorrido em Hong Kong (China), a Assembléia Geral da WAS – World Association for Sexology, aprovou as emendas para a Declaração de Direitos Sexuais, decidida em Valência, no XIII Congresso Mundial de Sexologia, em 1997.

os seres humanos que devem estar presentes tanto nas relações reais, quanto virtuais, pois, atualmente, com a facilidade de acesso à Internet, quando os contatos sexuais se tornam dificultosos, muitas pessoas tendem a recorrer ao mundo virtual, objetivando buscar maneiras mais fáceis de relacionarem. Vejamos:

Direito à liberdade sexual – A liberdade sexual diz respeito à possibilidade dos indivíduos em expressar seu potencial sexual. No entanto, aqui se excluem todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situação da vida.

Direito à autonomia sexual – Este direito envolve habilidade de uma pessoa em tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social. Também inclui o controle e o prazer de nossos corpos livres de tortura, mutilações e violência de qualquer tipo.

Direito à privacidade sexual – O direito de decisão individual e aos comportamentos sobre intimidade desde que não interfiram nos direitos sexuais dos outros.

O direito à igualdade sexual – Liberdade de todas as formas de discriminação, independentemente do sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiências mentais ou físicas.

O direito ao prazer sexual – Prazer sexual, incluindo auto-erotismo, é uma fonte de bem estar físico, psicológico, intelectual e espiritual.

Direito à expressão sexual – A expressão sexual é mais que um prazer erótico ou atos sexuais. Cada indivíduo tem o direito de expressar a sexualidade através da comunicação, toques, expressão emocional e amor.

Direito à livre associação sexual – Significa a possibilidade de casamento ou não, ao divórcio e ao estabelecimento de outros tipos de associações sexuais responsáveis.

Direito às escolhas reprodutivas livres e responsáveis – É o direito em decidir ter ou não filhos, o número e o tempo entre cada um, e o direito total aos métodos de regulação da fertilidade.

Direito à informação baseada no conhecimento científico – A informação sexual deve ser gerada através de um processo científico e ético e disseminada em formas apropriadas e a todos os níveis sociais.

Direito à educação sexual compreensiva – Este é um processo que dura a vida toda, desde o nascimento, e deveria envolver todas as instituições sociais.

Direito à saúde sexual – O cuidado com a saúde sexual deveria estar disponível para a prevenção e tratamento de todos os problemas sexuais, preocupações e desordens.

Os direitos acima expostos deveriam ser respeitados não só no mundo real, como também no mundo virtual, já que, segundo Ávila (1999) a saúde sexual é o resultado de um ambiente que reconhece, respeita e exercita estes direitos sexuais.

Certas dificuldades de relacionamentos resultam das diferenças sociais, financeiras e, principalmente, de preconceitos, que se formam e variam de sociedade para sociedade (GEERTZ, 1989). No Brasil, por exemplo, os relacionamentos entre homossexuais¹⁶ ainda estão longe de serem, ‘verdadeiramente’, aceitos por nossa sociedade. De acordo com alguns autores, a análise da história mostrou que o preconceito contra os homossexuais é uma construção histórico-cultural (CATONNÉ, 1994; COSTA, 1994; LIEBERT, 1989). A fim de viverem o sexo de forma menos constrangedora e mais libertadora, os homossexuais recorrem às salas virtuais específicas, para fazerem uso de suas prerrogativas tanto de cidadã quanto de cidadão exercitando, assim, o liberalismo sexual que consiste na operação de liberação da sexualidade, em relação à moral. O liberalismo sexual outorga, desta forma, a cada homem e a cada mulher a liberdade de escolher e fazer o que julgar conveniente, desde que haja consentimento mútuo (BREMNER, 1995). De acordo com estudo realizado, os homossexuais são os que mais perdem tempo em cibersexo se comparados com os heterossexuais em razão da liberdade que este grupo sente nas salas de bate papo por não sofrerem qualquer tipo de discriminação ou censura social segundo

¹⁶ Nos dias atuais, a figura do homossexual ainda está eminentemente associada à dicotomia machista frente às subjetividades homoeróticas. Passividade e atividade, masculinidade e feminilidade são construtos ainda usados para designar algumas práticas da ‘sexualidade dos sujeitos homoeróticos’, conforme apontam as críticas encontradas nos trabalhos de Costa (1992, 1994) Silva (1997), entre outros.

Daneback, Cooper & Månsson (2005). Assim sendo, a possibilidade de se criar uma nova identidade, aproveitando-se do anonimato, poderá contribuir para essa liberdade tão almejada nos encontros virtuais e, principalmente nas práticas sexuais virtuais. Segundo os ensinamentos de Nicolaci da Costa (2005a), o anonimato pode contribuir para essa liberdade, bem como, para a criação de fantasias, de outras identidades ou de um mundo imaginário.

Ainda de acordo com Nicolaci da Costa (2002); Sampaio (2002) e Porto (1999), o uso da Internet para encontros sexuais é visto com reservas pelo público em geral, sendo que aqueles que se valem desse recurso ainda receiam em revelar que utilizam esses sites (de relacionamentos) porque temem se tornar objetos de depreciação e chacota. Entretanto, o cibersexo é considerado, por muitos, como uma maneira bastante favorável para relacionamentos sexuais com pessoas também conectadas à rede. De acordo com Piscitelli (2005) seus usuários enviam mensagens explícitas sobre sexo e descrevem experiências sexuais, é uma espécie de role-playing, ou seja, um jogo no qual os participantes fingem estar fazendo sexo. O Role – playing na definição geral é o adaptar de um papel, o assumir a pele de uma personagem que, num contexto de um jogo evolui nos mais diversos aspectos, seja socialmente, materialmente, ou a nível de valências pessoais. Em se tratando de sexo, os envolvidos nesse jogo descrevem suas ações e respondem às mensagens dos outros participantes, a fim de estimularem desejos e fantasias sexuais (PISCITELLI, 2005).

A qualidade de uma reunião do cibersexo depende, geralmente, da capacidade dos participantes de evocarem uma imagem viva e sedutora na mente dos seus parceiros, condição fundamental no jogo da fantasia (HAMMAN, 1996). Da mesma maneira como em outros lugares, no mundo virtual, as pessoas se encontram socialmente, com os mais variados objetivos (dentre eles, o sexo). Portanto, de acordo com Porto (1999) participar do cibersexo nos chats é entrar numa relação com alguém, com o objetivo de realizar uma atividade sexual, através da comunicação escrita (textual), em tempo real, de conteúdo erótico-sexual objetivando uma excitação sexual que pode acontecer com um ou vários parceiros. Nesses encontros virtuais voltados as práticas sexuais há a possibilidade de se utilizar a webcam, que permite a visualização dos parceiros também em tempo real .

Encontramos, na literatura, outras definições de cibersexo, como a de Noonan (1998), que afirma que o cibersexo é uma troca de mensagens eróticas ou fantasias sexuais com outras pessoas, que estão online ao mesmo tempo, em que há, muitas vezes, a masturbação associada. Assim, os encontros sociais de índole sexual, denominados de cibersexo, encontram no ciberespaço uma total reformulação em relação àquilo que é habitual na “vida real”.

O sociólogo britânico, Hamman (1996), afirma que o cibersexo, nas salas de bate-papo ‘on-line’, configuram-se de duas formas principais: pela masturbação interativa, mediada por computador em tempo real, e através de relatos interativos, mediados pelo computador, também em tempo real, de histórias sexuais, com o objetivo de provocar excitação. Na primeira forma, os usuários, ou seja, os parceiros virtuais escrevem instruções e descrições entre si daquilo que estão fazendo juntos ou sós, enquanto se masturbam. Normalmente, os participantes dessas práticas sexuais virtuais escrevem apenas com uma mão e masturbam-se com a outra. Já na segunda forma de cibersexo, os participantes relatam uns aos outros histórias sexuais para se excitarem e excitarem os envolvidos nessa relação (SCHNARCH, 1997).

As duas formas de cibersexo, acima mencionadas, podem ser tão satisfatórias ao ponto de provocar orgasmos físicos em seus participantes. É importante salientar que não se deve confundir esse tipo de masturbação com a masturbação meramente solitária, pois é relevante lembrar a natureza recíproca e interativa desse ato (HAMMAN, 1996). Por outro lado, devido às suas características peculiares, como por exemplo, o anonimato, os usuários podem ficar mais desinibidos em relação à sua sexualidade, proporcionando a descoberta de novas maneiras de verem os outros e a si próprios (CARVALHEIRA & GOMES, 2002). De acordo com Pereira e Chippari (1998/99), o cibersexo possibilita e potencializa a exploração de outros campos da sexualidade que, normalmente, são reprimidos social e moralmente, pois o recurso do anonimato liberta os participantes dos chats dos papéis sociais que eles tendem a representar contribuindo para que eles vivam diversos personagens, inclusive de outros aspectos de suas próprias personalidades, pois essa liberdade os leva a expressarem os seus desejos mais reprimidos .

Boa parte das falas, nas salas virtuais, localiza-se nas categorias *'Incitar e Propor'*. Isso significa que a interlocução se assemelha a um "jogo", em que os participantes estão o tempo todo, provocando e aceitando provocações. Embora saibamos que ambos os sexos utilizam de forma vigorosa o cibersexo, foi descoberto que as mulheres tendem a se interessar mais pelas atividades sexuais 'online' interativas, enquanto os homens se orientam mais para os aspectos visuais (COOPER, et al., 2003, apud DANEBACK, COOPER & MÅNSSON, 2005).

Grande parte do universo masculino que pratica o cibersexo afirma que as mulheres que entram nesses sítios virtuais 'devem' e 'têm' de estar dispostas a participarem ativamente desse "jogo", sinalizando positivamente e com rapidez, se forem convidadas para encontros mais particulares e picantes por meio do MSN. Isso porque, segundo Botti (2003), a mulher divulga padrões de comportamento socialmente construídos e mantém-se na posição de objeto do desejo canonizado pelos veículos da indústria cultural, o modelo mais adequado do que é "ser mulher". Com isso, a mulher continua a ser artificializada de forma a ser desejada e aceita como consumível. Entretanto, quando essas mulheres são convidadas para um bate papo mais picante e não aceitam o convite nem se pronunciam a respeito, automaticamente são, classificadas, com rigor, por meio do uso da 'Esfera de Avaliação' – categoria Avaliar. Nessas avaliações, que são voltadas, via de regra, para o julgamento dos comportamentos femininos, essas usuárias passam a ser taxadas de 'frescas', 'lésbicas' e de outros adjetivos depreciativos, por não aceitarem o convite ou mesmo responder com o silêncio. É importante ressaltar que, geralmente, essas avaliações são feitas por parte de usuários do sexo masculino que, quando se encontram nas salas no momento do convite expandem opiniões, via de regra, arraigadas de princípios machistas, historicamente definidos (PEREIRA e CHIPARI, 1998/99).

Ilustrando a colocação supracitada, recorreremos às idéias de Friedan (1971) ativista dos direitos da mulher, também conhecida como o 'ícone do feminismo'. Friedan, em discurso feito no ano de 1969 nos Estados Unidos apontava que a imagem da mulher, em peças de vanguarda, romances, filmes e nas novelas de televisão seria a de mães, ou a de monstros canibais devoradores de homens, ou então, a de lolitas, objetos sexuais. Ao lançar, em 1963 o livro intitulado 'A Mística Feminina', a autora deu voz a milhões de mulheres silenciosas. A idéia central do

livro está na observação de que a mulher foi mistificada após a Crise de 1929 sendo considerada fundamentalmente como mãe e esposa zelosa. Baseada em entrevistas, a pesquisadora, traçou um painel das mulheres definidas apenas em termos de sua relação com o homem e de seu papel de mãe. Desse modo, denunciava a perda do potencial criativo, intelectual e científico das mulheres que eram obrigadas a encontrar satisfação de forma indireta, através dos êxitos do marido e dos filhos.

Nas salas de 'bate papo', a interação em 'open channel', ou seja, conversa geral aberta a todos os participantes, é muito reduzida, pois os usuários reservam as suas conversas mais íntimas e os seus relacionamentos sexuais para os pvt's, considerando que, praticamente, não existem 'diálogos picantes' fora desses domínios. Se há 'navegadores' nas salas gerais, via de regra, é com o objetivo de captarem parceiras ou parceiros sexuais, com o intuito de adentrar nas salas reservadas, desta forma, para o 'olhar' de todos em geral ficam apenas os registros de entrada, saída e até mesmo de expulsão dos canais de alguns dos participantes do cibersexo, por parte dos seus operadores, ficando registrados, também, pedidos ou convites diretos para essa prática. Dessa maneira, todos os 'acontecimentos' são reservados para a intimidade dos pvt's, e, portanto, interditados para o olhar do público em geral (BIRMAN, 1997; DANEBACK, COOPER, & MÄNSSON, 2005).

Um relacionamento sexual virtual torna-se viável quando se dá através de discursos picantes e eróticos que levam os seus participantes ao nirvana, através da masturbação. Assim, todo esse processo deve acontecer em espaços mais íntimos, para o bom desempenho dos cibernautas que materializam seus discursos nesses mesmos espaços privados, ou seja, os pvt's os quais além de se transformarem em cenário virtual apropriado para um relacionamento sexual, conferem um sentido de perfeita concordância entre as aparências e os papéis esperados nessa relação a dois ou entre mais participantes (PISCITELLI, 2005). Assim sendo, o discurso erótico, bem como, o desempenho do cibernauta, neste caso, devem se materializar nesses espaços cênicos privados, próprios para verdadeiras produções teatrais.

Segundo o resultado dos estudos de Silva et al. (2002), existe uma ambigüidade estratégica movida pelos atores no cibersexo, onde as omissões e as insinuações são técnicas de comunicação que permitem "mentir", sem ter efetivamente "mentido". De acordo com os autores, um desempenho no cibersexo

não pode ser totalmente verdadeiro, no sentido de sincero e/ou honesto, porquanto pode conter planos engendrados, a priori, apesar de se poder reconhecer que, em contextos específicos de interação, um indivíduo age de acordo com os momentos e a evolução dos discursos eróticos. Assim sendo, a transação entre um papel e outro no cibersexo, mediada entre a verdade e a mentira, não é apenas uma característica de um ator em interação virtual, mas uma característica que, à luz da tese de Goffman (1984) pode ser considerada como um 'fenômeno de representação teatral'.¹⁷

Estudos realizados, na atualidade, por instituições norte-americanas demonstram que cerca de 15% dos americanos utilizadores da Internet já visitaram, pelo menos uma vez, um site pornográfico sobre sexo. De acordo com estudos divulgados durante uma conferência sobre cibersexo, promovidos pelo 'National Council on Sexual Addiction and Compulsivity' (Conselho Nacional de Toxodependência sexual) sobre questões do sexo-vício, do cibersexo, da toxicodependência e comportamentos compulsivos, pesquisadores concluíram que quase 9% das pessoas que usam a Internet para procurar sexo gastam mais de 11 horas por semana em busca de conteúdos eróticos e a psicóloga e pesquisadora, Ana Carvalheira, fez um estudo com o Dr. Allen Gomes, sobre "Cibersexo nos chats", com um universo de 400 pessoas, e constataram que há um predomínio da participação masculina nestes chats sendo a maioria jovens dos 15 aos 24 anos. Os resultados também apontaram que 8,3% destes usuários gastam mais de duas horas por dia em cibersexo. Ana Carvalheira & Gomes (2002) objetivaram caracterizar os utilizadores do cibersexo, buscando saber o perfil das pessoas que se envolviam nessa prática, o porquê desses envolvimento e o que animavam estes sujeitos a desenvolverem esta prática virtual. Como vimos anteriormente, os referidos autores procuraram apreender e identificar alguns comportamentos relativos ao cibersexo, avaliar o tempo gasto nessa atividade e conhecer o papel do anonimato que pareceu ser efetivamente, protetor e libertador para todos os que têm poucas competências sociais, pareceu ser, também, facilitador da desinibição social servindo mais para se tirar máscaras do que para colocá-las.

¹⁷ Referente ao trabalho publicado na coletânea de textos, "Sociologia em Diálogo" (SILVA, CARLOS e SEBASTIÃO, PEDRO, 2002) "**Interacção e Ciberespaço**", *Sociologia em Diálogo*, Évora: Universidade de Évora, Departamento de Sociologia.

Ainda nesse estudo, os autores supracitados, constataram que existiam duas tendências significativas ou dois grupos com atitudes diversas, ou seja, um grupo de sujeitos que utilizam estes chats como ponto de partida para futuros encontros reais, com a pretensão de chegarem rapidamente ao sexo, sem os jogos de sedução e outro grupo preferindo o cibersexo, sem nenhum interesse de encontros reais pretendendo manter-se on-line. Observaram, ainda, que para esse grupo de internautas, considerados como minoria, o anonimato pareceu ser o grande atrativo dessas relações virtuais. Diante do exposto, afirma-se que através da Rede Mundial de Computadores, pessoas no mundo inteiro são capazes de liberar suas capacidades criadoras e imaginativas, simulando e chegando a orgasmos reais, embora que de forma virtual.

O uso dessa forma de obtenção de satisfação, ou seja, o prazer virtual é matéria considerada relativamente nova, assim sendo, a cada dia novos estudos surgem buscando entendimentos referentes a essa nova realidade (NEGROPONTE, 1995). Evidentemente, que tudo o que é usado demasiadamente pode ser prejudicial ao ser humano, desta forma, a 'Associação Americana de Psicologia' (APA) reconheceu oficialmente uma nova doença batizada de 'Uso Patológico da Internet'. Segundo estudos realizados pela associação foi estimado que pelo menos 200 000 americanos perderam o controle sobre o uso da Internet e hoje sofrem de um mal catalogado como PIU (Pathological Internet Use) ou 'Uso Doentio da Internet', cujo sintoma básico é o uso preferencial e, muitas vezes, exclusivo da Internet sobre todas as outras atividades do cotidiano e aos portadores dessa doença, dá-se o nome de Webaholics, ou seja, viciados em Internet (SENFT, 1997).

O estudo realizado constatou que suas vítimas se tornam incapazes de controlar o número de horas que permanecem ligadas à rede, numa onda compulsiva que acaba isolando-as de familiares e amigos e até mesmo comprometendo seu desempenho profissional (GALAFASSI, 1999). Assim sendo, quando o envolvimento passa dos limites, as pessoas se dedicam inteiramente aos diversos atrativos que a 'rede' proporciona, ou seja, e-mails, salas de bate papo, sexo virtual e jogos deixando, desta maneira, de se interessarem pelos prazeres e obrigações do mundo real. Esse vício está sendo comparado com outros tipos de vícios como o álcool ou as drogas, uma vez que os 'viciados', normalmente buscam

na Internet amparo social, plenitude sexual, ou a formação de uma personalidade (SILVA, 2003).

De acordo com Santos e colaboradores do Grupo de Pesquisas em Informática da Sociedade Paranaense de Ensino e Informática – Faculdades SPEI, os dados sobre doenças psicológicas causadas pelo uso do computador, são escassos, tornando ainda difícil avaliar o perfil do usuário brasileiro. Temos no Brasil, entretanto, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que estabeleceu o Núcleo de Pesquisas de Psicologia em Informática (NPPI) com a tarefa de salvar náufragos no oceano virtual.

Enquanto utilizado com moderação e sem nenhum desvio psicológico, o sexo virtual pode ser somente uma nova forma de satisfação sexual que, como as sociedades, vêm se adaptando à informação e à evolução tecnológica (CARVALHEIRA & GOMES, 2002).

A respeito da prática do sexo virtual:

... {estas} tendências têm sido crescentes no âmbito das novas tecnologias que emergem, como nos E.U.A., onde vários milhões de pessoas que recorrem ao cibersexo, segundo a rede de televisão CBS, oito milhões de pessoas, praticamente, sete dias por semana, têm relações sexuais mediadas pela Internet (...) Não há dúvidas de que a rede tornou-se uma caixa atraente que, graças à sua interface, é capaz de estimular diferentes sentidos, onde os usuários encontram prazer nas mais incríveis fantasias, que podem começar com o seu computador e equipamentos numa ligação à Internet.

A coisa interessante em tudo isto é que o cibersexo nos mostra que a sexualidade está se movendo mais para o campo da sedução e do lúdico, longe da genitália e dos papéis reprodutivos. Neste caso, é apenas o prazer que impulsiona os usuários a participarem de tais viagens eróticas - sexuais, de modo que a mediação 'bits' apenas visa elevar o reino da fantasia (...)

Mas uma coisa é clara sobre todas estas questões, parece que a cibersexualidade é essencialmente um relacionamento unidirecional (...) é uma partilha de sexo, embora simbólico, mas que se reflete no corpo de cada um dos participantes nesses relacionamentos. Em qualquer caso, o fato é que cibersexualidade é apenas um reflexo de desmaterialização que vivemos na área da sexualidade e que certamente irão se multiplicar em um futuro próximo (Publicada no Diário Milênio, 10 de abril de 2005).

O cibersexo pode, enfim, ser a confirmação de que o sexo não está nos órgãos genitais, mas nas mentes das pessoas. Está claro, portanto, que, se não houver espaço para a expressão e circulação do desejo, o indivíduo é transformado

em objeto e perde a sua história, visto que os ideais constitutivos do sujeito, como sua origem, cultura, valores ético-morais, perdem o seu lugar ao se assimilarem modelos coletivos padronizados e globalizados (NUNES, 1987) e segundo Carvalheira & Gomes (2002), o sexo na Internet pode assumir uma grande diversidade de formas e objetivos, numa variedade de contextos.

Encerrando este ponto, para fins ilustrativos, ressaltamos parte do resultado da tese defendida por Ana Carvalheira que lhe concedeu o título de Doutora em Salamanca, Espanha. A autora em seu estudo propôs apreender o que os portugueses, sujeitos da sua amostra, entendiam por cibersexo e com que motivações se entregavam a esta prática e quem o fazia e de que maneira. Assim, a psicóloga e pesquisadora investigou se os entrevistados mantinham com alguém alguma comunicação de conteúdo erótico objetivando conseguir excitação e satisfação sexual em tempo real, desta forma, a pesquisadora obteve os seguintes resultados: mais de 41% dos participantes responderam inequivocamente que sim; 55,2% responderam que dedicavam ao sexo virtual uma hora por semana; 7,9% mais de uma hora diária e 2,5% mais de seis horas por dia. E, para mais da metade dos entrevistados ficou evidente que a relação virtual tornava-se tão intensa que era transportada para o mundo real (CARVALHEIRA, 2003).

Sintetizando, a prática do cibersexo pode ser encarada como uma face da 'emancipação sexual', tal como aponta Giddens (1993) ao ressaltar as transformações da intimidade enquanto 'mudança psíquica e social'.

CAPÍTULO IV

"Com ordem e tempo se encontra o segredo de fazer tudo, e fazê-lo bem."
(Pitágoras)

4 METODOLOGIA

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Teoria das Representações Sociais, em princípio, não se associa, obrigatoriamente, a nenhum método específico de pesquisa. Não queremos dizer com isso, que todo e qualquer método se preste ao estudo das representações sociais, independentemente do enquadre teórico, do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa eleitos pelo pesquisador. Moscovici (1995, p. 14) é enfático sobre esse ponto quando afirma ser contra a ‘fetichização’ de qualquer método, seja ele experimental ou não experimental, como garantia de acesso ao conhecimento. Ele assevera que “a Teoria das Representações Sociais (...) permanecerá criativa por tão longo tempo, o quanto ela souber aproveitar as oportunidades que cada método disponível possa oferecer”.

Observa-se que a postura epistemológica assumida pelo campo de estudo das representações sociais se contrapõe à excessiva preocupação com a questão do rigor metodológico, comum ao campo de estudos de orientação behaviorista. A questão metodológica relacionada ao campo de estudos em representações sociais tem recebido intensa e profícua atenção, derivando daí uma diversidade de análises e proporções.

Análises e discussões acerca da questão metodológica têm estado fortemente presentes na pauta de eventos acadêmicos na área de representações sociais, a exemplo da II Jornada Internacional sobre Representação Social¹, que a tomou como tema principal. Assim sendo, vários autores têm debruçado sobre essa questão, entre eles: Jodelet (1991), Spink (1994), Sá (1993), Wagner (1998) dentre outros estudiosos da área.

Com base na Teoria das Representações Sociais, formulamos o seguinte problema:

- Quais as representações sociais das alunas do Curso de Enfermagem acerca da sexualidade feminina, em tempos de Internet?

¹ A II Jornada Internacional sobre representações sociais tratou, sobremaneira, das questões metodológicas e aconteceu em Florianópolis - SC, no período de 19 a 22 de setembro de 2001.

A partir do problema, estabelecemos a seguinte hipótese:

- Para as alunas de Enfermagem da Escola Materdei, a Internet é um espaço de expressão livre da sexualidade.

Para desenvolver esta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa porque ela possibilita uma aproximação do universo de significações, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores das alunas de enfermagem que são os sujeitos deste estudo. A pesquisa qualitativa enfatiza as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado, permitindo-nos um mergulho em profundidade dentro do grupo em estudo, que favorece o desvelamento de questões importantes acerca da sexualidade em tempos de Internet. Sem dúvidas, o tema do presente estudo leva em conta o cotidiano das alunas de enfermagem da Escola Materdei, no que concerne a sua busca de representações no campo da sexualidade feminina, mas não se restringe apenas ao momento atual vivido por estas estudantes pois, de acordo com Franco (2005) diríamos que a vida cotidiana não se resume no aqui e agora, pois, indiscutivelmente, a vida cotidiana é fruto de um longo, conflitivo e complexo processo histórico e social. Desta forma, para compreendermos as situações que ocorrem cotidianamente, torna-se indispensável considerarmos que essas situações ocorrem em determinado ambiente e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional que, por sua vez, são mediados por modalidades técnicas de construção e transmissão de mensagens, cada vez mais complexas nos dias atuais.

4.2 OBJETIVOS DO ESTUDO

4.2.1 Objetivo geral

- Analisar as Representações Sociais das alunas do Curso de Enfermagem da Escola Materdei em relação à sexualidade feminina em tempos de Internet.

4.2.2 Objetivos específicos

- Levantar informações sobre as representações sociais das alunas do Curso de Enfermagem relacionadas à sexualidade feminina em tempos de Internet;
- Caracterizar as representações sociais das alunas do Curso de Enfermagem;
- Relacionar as representações sociais com as características sócio-demográficas do grupo pesquisado.

4.3 UNIVERSO E GRUPO DE PESSOAS ENTREVISTADAS

4.3.1 O universo

A Materdei Administradora Ltda foi criada em agosto de 1996, em Manaus – AM, com o intuito de administrar Instituições de Saúde, frente aos problemas enfrentados com pessoal desqualificado atuando nestas Instituições. Desta maneira, idealizou-se a abertura de uma Unidade de Ensino que desenvolvesse e qualificasse os profissionais destas Instituições oferecendo-lhes tanto suportes teóricos, quanto suportes práticos, visto que as instituições de Saúde locais não possuíam recursos para aperfeiçoar, atualizar ou mesmo especializar seus profissionais. Diante desse quadro, foi com o intuito de atender a estes profissionais e a comunidade, que surgiu a Materdei UDTH com o seu primeiro Curso Técnico de Enfermagem, com o ideal de tornar menos sofrida a vida dos pacientes, mais eficientes os profissionais, bem como, amenizar as dores daqueles que recebiam os atendimentos nas Instituições de Saúde local. Com o mesmo propósito, a equipe da Escola de Enfermagem Materdei partiu para a abertura de uma filial em João Pessoa - PB, visando melhorar os padrões de atendimentos na educação profissional, não só na área da Enfermagem, como também, em outras áreas necessitadas de melhores qualificações para os profissionais que atuavam no mercado de trabalho. A Escola Materdei em João Pessoa - PB conta, atualmente, com quatro cursos técnicos, a saber: Técnico de Enfermagem, Técnico em Radiologia, Técnico em Laboratório e

Técnico em Segurança do Trabalho. O Curso Técnico de Enfermagem é composto por, aproximadamente, cem alunos de ambos os sexos distribuídos nos três turnos, ou seja, manhã, tarde e noite. Para o ingresso na Escola Materdei é necessário que se tenha o Ensino Médio completo e idade igual ou superior a 18 anos e esse ingresso acontece através de provas eliminatórias e classificatórias durante dois períodos que são pré – fixados por esta Instituição de Ensino.

4.3.2 Grupos de pessoas entrevistadas

Para a coleta dos dados, entrevistamos cinco estudantes de Enfermagem, cujos nomes fictícios para este trabalho são: Andréa, Beatriz, Carla, Débora e Fernanda. As entrevistadas deveriam ter apenas dois pré-requisitos: sexo feminino e estudante da Escola de Enfermagem Materdei. De acordo com Goldenberg (1997, p.50), "O número de pessoas é menos importante do que a teimosia em enxergar a questão sob várias perspectivas" e com aporte na Teoria das Representações Sociais recorremos aos ensinamentos de Madeira (1998, p.239).

A representação social traz em si a história, na história particular de cada um. Nas variâncias de sua estrutura estão as particularidades de cada sujeito e, em suas invariâncias, as marcas do sentido atribuído, por determinados segmentos ou grupos ou, por sua totalidade, a dado um objeto.

A preocupação com a viabilidade da pesquisa empírica sempre foi uma constante, haja vista sabermos o quanto é difícil obter a fala das pessoas sobre aquilo que de mais íntimo carregam ou seja, a vergonha, o pudor e o comedimento sobre tudo o que circunscreve o tema sexualidade, pois, indubitavelmente, atendem a uma hierarquia social e cultural sobre as emoções selecionando, assim, os assuntos que podem ser expressos ou não. Foucault (1984) descreve como o contexto social das sociedades disciplinares enquadra o amor e a sexualidade como assuntos que se deve reprimir. O referido autor vai mais além, mostrando que por trás desta injunção, o que se esconde é o desejo de conduzir as condutas de acordo com os valores institucionais vigentes atrelando-se, desta forma, amor e sexualidade à um conjunto de valores morais.

O fato de participarem de uma pesquisa por vontade própria não impediu que as entrevistadas se sentissem um pouco constrangidas em falar de suas intimidades. Acreditamos, porém, que a nossa postura de distanciamento de juízos de valor foi o que permitiu que elas se expressassem mais livremente. Mesmo que as estudantes tenham concordado em conceder as entrevistas e conhecendo antecipadamente o assunto a ser tratado, pudemos perceber, a princípio, um certo clima de artificialidade. Assim sendo, no começo das entrevistas deparamo-nos com atitudes de racionalização e preocupação com a exatidão das informações, o que nos levou a incentivá-las que emitissem suas opiniões pessoais sem se preocuparem com qualquer tipo de objetividade ou formalidade científica. Os percalços não foram poucos, porém superáveis. Desta forma, coube-nos fazer as aproximações com as nossas entrevistadas durante todo o percurso do trabalho de campo.

No primeiro momento, expusemos às alunas o que desejávamos investigar, a importância do estudo, o nosso objetivo de pesquisa, o problema, o sigilo das entrevistas e a possibilidade de desistência no decorrer da pesquisa. Ao aceitarem a participação no estudo, escolhemos os pseudônimos e solicitamos a autorização e um canal de comunicação (telefone fixo, celular, endereço eletrônico) para mantermos contato com as colaboradoras informalmente. Esclarecemos, também, que as entrevistas seriam individuais, sigilosas e feitas, exclusivamente, por nós. O local da entrevista foi deixado à escolha das entrevistadas, também com o intuito de fazer com que elas pudessem se sentir o mais a vontade possível. Por comodidade, a maioria optou pela própria Escola de Enfermagem.

Ao delimitarmos o nosso campo e os sujeitos de pesquisa priorizamos que o sexo feminino, estudantes de Enfermagem e conhecedoras ou freqüentadoras das salas de bate-papo virtual. Foram entrevistadas alunas que tinham acesso aos meios de comunicação eletrônica virtual. Não houve peculiaridades sobre as entrevistadas, já que todas eram alunas do Curso de Enfermagem e cursavam os mesmos módulos, no mesmo turno.

Segundo Heilborn (1997b), a forma como o pesquisador entra num determinado grupo social marcará, definitivamente, a pesquisa a ser realizada, e esse gesto inicial é que vai determinar os futuros contatos com os membros desse grupo.

Com o intuito de melhor situar o leitor, transcrevemos um breve dossiê das entrevistadas, com os respectivos pseudônimos utilizados nas entrevistas.

4.3.2.1 Perfil das entrevistadas

Todas as estudantes que entrevistamos residem em João Pessoa, capital paraibana, onde se situa a Escola de Enfermagem Materdei. Todas elas, no período das entrevistas, terminavam o último módulo do curso técnico de enfermagem no turno da noite.

A primeira entrevistada foi Andréa, nascida e criada em João Pessoa. Ela sempre viveu na capital, cursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas particulares. Está, hoje, com 24 anos e traz consigo uma característica bem peculiar: é extremamente autêntica em suas respostas que carregam um certo tom de liberdade e de descomprometimento social. Filha de pais separados, Andréa foi criada apenas por sua mãe e, desde cedo, acostumou-se a fazer suas tarefas sozinhas, já que sua mãe trabalhava nos dois turnos. Andréa não chegou a conhecer os avós, que faleceram quando ela ainda era muito criança. O pai casouse novamente, mas nunca deixou de assistí-las. Andréa tem um irmão mais velho, que “tomou às vezes de pai” (sic), o que não lhe agrada muito. Apesar das diferenças que diz ter com seu irmão, Andréa faz de tudo para preservar a harmonia do seu lar. Pretende tornar-se técnica de enfermagem por opção, apostando na sua vocação. Atualmente, somente estuda. Ela tem um ciclo de amizades consideravelmente grande que nos finais de semana se reúnem para se divertirem. Andréa nos revelou dar muito valor a sua mãe, pois admira a sua luta para criá-los. Sempre que pode, ela acessa a Internet, sobretudo, os sites de relacionamentos, por perceber as relações virtuais de forma muito satisfatória.

A segunda estudante que entrevistamos foi a aluna Beatriz, que tem 24 anos. Beatriz nasceu e criou-se em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte e sempre viveu, harmoniosamente, com sua numerosa família composta por seu pai, mãe, duas irmãs e avós maternos. A aluna Beatriz viveu no interior até no momento de prestar vestibular. Desde que veio morar na capital paraibana, divide apartamento com mais duas amigas, também do interior. Teve uma infância tranqüila, típica de cidade interiorana, com ‘boneca de pano’ e ‘comidinha de areia’.

Sempre que pode, Beatriz retorna ao seu interior para matar as saudades da família, que considera muito importante na sua vida. Atualmente, trabalha todas as tardes como atendente, no consultório odontológico do seu noivo. Antes de ingressar no curso de enfermagem, ela fez alguns cursos profissionalizantes. Beatriz diz gostar muito do seu noivo e pretende se casar logo que se formar. Porém, a aluna, não abre mão de navegar pelas salas de bate-papo embora faça escondido do noivo.

Em outro momento, entrevistamos a estudante Carla, de 25 anos, que nasceu e se criou na capital paraibana. A aluna Carla teve a sua infância pautada nos padrões de conforto. Quando criança, tudo o que sonhava em conseguir, seus pais concediam para satisfazê-la. Ainda hoje, reside na casa dos pais, com dois irmãos mais velhos. Carla nos revelou que pretende ter um filho depois que se formar e se estabilizar profissionalmente. Nunca trabalhou fora de casa, porém deseja conseguir um emprego logo que se formar. Carla considera-se uma pessoa tranqüila, mas admite ainda ter muitos preconceitos, devido a sua criação. Enxerga os relacionamentos virtuais como um trampolim para os relacionamentos reais, apesar de ser totalmente descrente dos relacionamentos, puramente, virtuais. Ela tem um namorado, mas não pretende se casar tão cedo, pois ama a sua liberdade. Carla gosta do curso que faz e diz ter o 'dom de cuidar'. Atualmente, não trabalha, estuda para prestar concursos quando se formar. A aluna diz não ter muito mais tempo para ficar em salas de bate-papo, porém acessa sempre a Internet para pesquisar e confessa não abrir mão dessa medida, mesmo lhe faltando tempo.

Na quarta entrevista, abordamos a aluna Débora, que tem 25 anos, nasceu no interior da capital paraibana e passou grande parte da sua vida no interior do sertão paraibano, na casa dos avós maternos por quem praticamente foi criada. Débora é filha de pais separados e vive, atualmente, com o pai e trabalha como auxiliar de enfermagem nos finais de semana em hospitais de João Pessoa. A sua mãe voltou para o sertão por não adaptar-se a vida da Capital. Para essa aluna, os relacionamentos virtuais não passam de um grande engodo. Ela diz desaproveitar os relacionamentos constituídos virtualmente. A aluna confessa que adora namorar e acariciar seu companheiro, porém, atualmente está sozinha, mas segundo a aluna sentindo-se feliz. Pretende terminar o curso e prestar concursos na área da saúde. Navega na Internet para buscar material para consultas acadêmicas. É conhecedora

do que acontece nas salas de relacionamento virtual por conversar muito com suas amigas, usuárias desses chats.

Por fim, entrevistamos a Fernanda, estudante de 23 anos, que nasceu e se criou em João Pessoa. Ela leva uma vida agitada devido aos seus afazeres. Terminou o curso de magistério e trabalha em uma escola infantil. Tem aproximadamente 20 alunos e adora lecionar. Fernanda frequenta as aulas do curso de enfermagem, porém não gosta muito da área de saúde e nos fala que está no curso técnico somente para satisfazer os seus pais. Fernanda vive com seu pai, sua mãe e com mais duas irmãs mais novas. Desde pequena, sempre gostou de crianças e de estar em salas de aula. A sua mãe era professora primária e quando Fernanda era ainda criança acompanhava a sua mãe no trabalho. A aluna enxerga a Internet como sendo uma grande conquista da humanidade, uma bela forma de se trocarem conhecimentos, porém, não suporta a idéia de relacionar-se apenas virtualmente. Ela considera os relacionamentos virtuais perigosos e ameaçadores, para as pessoas menos esclarecidas. Faz três anos que namora e se diz realizada. Fernanda pretende formar-se, mas não pensa em abandonar a docência com a qual muito se identifica. Acredita que, um dia, possa vir a gostar de enfermagem, uma possibilidade que ela não descarta.

4.4 INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS

Por ser a nossa pesquisa descritiva e de caráter qualitativo acreditamos na conversa como sendo um diálogo infalível entre, pesquisadores e os sujeitos da pesquisa. Por isso, adotamos como instrumento essencial de coleta de dados a entrevista individual e não dirigida partindo apenas de uma questão geral referente ao próprio objeto de pesquisa, ou seja, utilizamos a entrevista não diretiva, proposta por Thiollent (1987) que contempla não só a vivência particular dos indivíduos entrevistados como também, possíveis interferências culturais que possam recair sobre os mesmos influenciando seus modos de relacionamento. Desta forma, segundo o referido autor, o objetivo da entrevista não-diretiva consiste em captar as identificações através da fala dos indivíduos, mediante a superação das censuras que nelas se manifestam permitindo, assim, uma apreensão da ideologia com suas dimensões social e individual.

Ouvidas e transcritas as falas das entrevistadas e após uma análise preliminar dessas entrevistas, percebemos que alguns temas e questões se repetiam com uma certa frequência. Assim sendo, levando em consideração tais repetições e a importância de algumas dessas questões para o estudo do objeto e dos objetivos da nossa pesquisa, resolvemos retomar as entrevistas elaborando um sutil roteiro com alguns pontos que pudessem clarificar alguns aspectos referentes, sobretudo, ao tema Cibersexo.

De acordo com os ensinamentos de Lefebvre (1983) é importante frisarmos que na pesquisa qualitativa, a natureza eminentemente discursiva do pensar dos indivíduos deve ser respeitada: no plano individual quando os indivíduos emitem respostas discursivas a questões abertas e no plano coletivo quando estes discursos individuais são sintetizados sob formas igualmente discursivas.

CAPÍTULO V

"Um relato honesto se desenrola melhor se o fazem sem rodeios" (William Shakespeare).

5 ANÁLISES DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram analisados qualitativamente buscando nas entrevistas a percepção das estudantes do curso de enfermagem acerca da sexualidade feminina voltados à atender aos objetivos e à verificação da hipótese levantada no presente trabalho. Utilizamos a técnica da análise de conteúdo pois, ela nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores e atitudes.

Em seus estudos, Sá (1998, p. 86) ressalta que, “a prática articulada mais comum na pesquisa – quase o ‘Romeu e Julieta’ das representações sociais – combina a coleta de dados através de entrevistas com a técnica para o seu tratamento conhecida como ‘análise de conteúdo’. Bardin (1979) aponta que, em uma comunicação existem três pólos, ou seja, o locutor, o objeto de discurso e o entrevistador. Assim, na comunicação). O locutor exprime com toda sua ambivalência os seus conflitos de base, a incoerência de seu inconsciente, mas na presença de um terceiro, a sua fala deve respeitar a exigência da lógica socializada.

O instrumento de coleta de dados – a entrevista – de acordo com Spink (1993, p. 100) “permite elucidar um rico material, especialmente quando referido às práticas sociais relevantes ao objeto estudado e às condições de produção das representações sociais”. Com os dados coletados através das entrevistas, isto é, das falas das alunas do Curso de Enfermagem, buscamos apreender as suas representações, acerca da sexualidade, presentes no conteúdo dos seus discursos.

Os dados coletados foram processados e analisados a partir do método de análise qualitativa, com os instrumentais do método de análise de conteúdo desenvolvido na vertente de Bardin (1979). Adotamos essa análise por ser caracterizada como um dos métodos mais apropriados para o estudo de motivações, de opiniões, de crenças e de atitudes, elementos que constituem as representações sociais. Por certo, o campo de aplicação da análise de conteúdo torna-se cada vez mais vasto Henry e Moscovici (1968) apud Bardin (1979, p. 33) afirmam: “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo”.

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis e em constante aperfeiçoamento, que se aplicam aos discursos sendo, pois, uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre o rigor da

objetividade e entre a fecundidade da subjetividade despertando, assim, no investigador a atração pelo escondido, pelo latente, pelo não-aparente, pelo potencial do inédito, ou seja, do não dito, retido por qualquer mensagem. Através da análise de conteúdo, o investigador obriga-se a desempenhar uma tarefa paciente de desocultação de emoções, sentimentos e silêncios com verdadeiras atitudes de um voyeur honesto e preocupado com o rigor científico. Para Bardin (1979) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visam a obtenção, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que podem ser quantitativos ou não e que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens e para cumprir seu objetivo, ou seja, atingir os significados manifestos e latentes nas mensagens emitidas por determinada fonte, a análise de conteúdo lança mão de várias técnicas, tais como: análise de relações, de expressões, de enunciação e análise temática.

Neste estudo, para processar e analisar os dados coletados em entrevistas elegemos a associação entre a 'análise de enunciação' e a 'análise temática'. Essa eleição foi realizada a partir da afirmação feita por Bardin (1979, p. 175): "a análise da enunciação é complementar de uma análise temática previamente efetuada." Essa complementaridade alarga as possibilidades de análises, pois, para se realizar a análise de enunciação, "(...) cada entrevista é estudada em si mesma como uma totalidade organizada e singular" (Idem). A autora prossegue apontando que a análise temática é transversal, ou seja, recorta o conjunto das entrevistas através de grelhas de categorias projetadas sobre os conteúdos levando-se em conta a frequência dos temas extraídos (dados segmentáveis e comparáveis) do conjunto dos discursos.

Justifica-se a escolha da análise temática por ser uma técnica cuja função é a de descobrir temas que se consubstanciam em núcleos de sentido que permeiam uma comunicação, significando algo para o objeto analisado. Esses temas indicam valores de referência e modelos de comportamento presentes nos discursos coletados,

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências (...) respostas às questões abertas, às entrevistas individuais ou de grupo de inquérito ou de psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são freqüentemente, analisadas tendo o tema por base (BARDIN, 1979, p. 106)

Assim sendo, uma afirmação, uma alusão, um fragmento de um texto, expresso através de um parágrafo, de uma frase ou mesmo de uma palavra, podem se constituir um tema, para cuja análise, a autora supracitada, define três etapas básicas de operacionalidade: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Na pré-análise, efetuamos a “leitura flutuante”, que foi o primeiro contato com o material empírico colhido. Procuramos nos impregnar do conteúdo das falas das estudantes entrevistadas, deixando-nos invadir por impressões e suscitar as primeiras orientações. Como realizamos as entrevistas, sua transcrição e digitação, durante o desenvolvimento dessas atividades, procedemos à “leitura flutuante”. Nessa fase, partindo das primeiras impressões e orientações, elaboramos um agrupamento de temas e subtemas, ainda provisórios, fundamentados ora pela significação destes para a problemática central desta pesquisa, ora pela intensidade com que apareciam nas comunicações das estudantes entrevistadas.

Na fase de exploração do material, fizemos uma leitura vertical e outra horizontal do conjunto das entrevistas, buscamos rever, como também, aperfeiçoar o agrupamento de temas elencados na fase da pré-análise e verificar a sua organicidade junto à totalidade das comunicações. Desse modo, foram elencados diversos temas, tais como: sexo, sexualidade, sala de bate-papo, fantasia, relacionamentos.

Essas fases também são comuns à análise de enunciação. Os elementos de sentido procurados no discurso é que são diferentes e, por isso, uma técnica é complementar à outra. Diferentemente da análise temática, a análise de enunciação entende o discurso como um processo, e não, como um dado. Assim, funciona desviando-se das estruturas formais do discurso e vai à busca de elementos relevantes na configuração de sentidos que a fala vai revelando e escondendo, ou seja, os elementos que indicam conflitos subjacentes ligados às contradições entre os elementos manifestos e os latentes do discurso (BARDIN, 1979). Entre esses elementos, podemos destacar as seguintes figuras lingüísticas: recorrência, coocorrência, disjunção de pessoa, tempo, lugar, ilogismos, figuras paralingüísticas: risos, pausa, silêncios, gaguejamentos e lapsos.

A fase de interpretação de dados, seguindo os fundamentos da análise de conteúdo, constou da elaboração de inferências e amarrações de interpretações, com base em categorias da Teoria das Representações Sociais, relacionando-as ao contexto social das entrevistadas.

5.1 REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE E O CONTEXTO SOCIAL

No que concerne aos aspectos que envolvem a relação sexualidade e contexto social, temos claramente definido que a sexualidade é um componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros e de sentir.

Segundo Costa (1994), a sexualidade é o aspecto central da nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, procriar, ter prazer. Para Butler (2003, p. 164), o conceito biológico de sexualidade é um efeito dissimulado do poder e das normas heterossexistas, pois a categoria sexo é tão culturalmente construída quanto o próprio gênero: "a categoria sexo é politicamente investida, naturalizada, mas não natural".

Assim, a sexualidade não é qualquer coisa de puramente biológica, mas se refere, antes de tudo, ao núcleo íntimo da pessoa e compreende o homem em sua totalidade, desta maneira, a sexualidade está intimamente ligada, seja na sua origem, seja na sua expressão ou finalidade, a todas as dimensões de ser da pessoa (COSTA, 1994).

A representação da sexualidade, para a estudante Andréa, resume-se como algo inerente e natural, em que ela não coloca sentimentos. Pelo contrário, Andréa faz questão de se distanciar de qualquer tipo de sentimento. Ela nos revela que enxerga a sexualidade como uma força que lhe dá muito prazer e muita satisfação de sentir; revela-nos também que a sua sexualidade é sentida a cada instante, nos mínimos detalhes vivenciados por ela:

(...) quando eu me sinto bem comigo mesma, me sinto mais bonita, me sinto feliz ... e aí eu consigo perceber a minha sexualidade saindo pelos meus poros ... daí eu gosto de externá-la no meu próprio jeito de me vestir (...)

A aluna nos revela não poder compartilhar essa felicidade vivida, pois, na sua casa, não circulam temas relacionados ao sexo, nem tampouco, à sexualidade. Confirmamos essa colocação mediante a fala da aluna:

(...) lá em casa...sou eu, Fábio e mãeinha...não conversamos de nada a este respeito, porque este assunto não entra na minha casa, porque quem fala dessas coisas é safada (...).

Para a aluna Andréa, a sexualidade é tudo. Podemos perceber, nitidamente em sua fala, a representação que faz da sexualidade:

(...) prá mim, a sexualidade vem com a gente... a sexualidade vem embutida entro da gente, é tipo assim ... ela nasce com a gente e vai crescendo...e chega num determinado tempo, independentemente da pessoa, ela aflora e aí...segure a onda!!!

Andréa, a todo o instante da nossa conversa pareceu-nos a vontade. O mais interessante é que ela mesma procurava complementar a sua fala o que nos dava a impressão de estar gostando de falar de algo que invadia todo o seu ser e que conseguia nos envolver também. Andréa prossegue falando:

(...) eu acho que, realmente, a gente nasce munida de sexualidade que com o passar dos anos, ela cresce com a gente e aí... Bom! Aí? A gente tem que dar conta ... sinceramente ... eu não acho ruim, não! Eu acho é bom!

O que torna evidente, nesta fala da aluna é que a vivência da sexualidade para ela é pautada em valores e conceitos que favorecem a aquisição do seu prazer de viver. Como dissemos, anteriormente, Andréa nos passa em sua entrevista uma imagem de pessoa que vive bem com ela mesma, pois consegue viver a sua sexualidade sem maiores problemas. Vejamos o que ela nos fala:

(...) me considero uma mulher realizada...e é por isso que eu digo que eu sou sexualidade 24 horas (...)

Segundo Range (1995), a vivência da sexualidade pode ser relacionada a dois fatores: a identidade sexual e ao comportamento sexual. A identidade sexual, para o referido autor, refere-se às características sexuais biológicas e psicológicas que marcam a auto-imagem e a imagem social de um indivíduo, no que diz respeito à sua definição sexual, enquanto que, o comportamento sexual refere-se a toda e qualquer resposta aberta ou encoberta que envolva alguma excitação na direção de um objeto sexual.

De fato, parece-nos evidente que Andréa exala sexualidade por seus poros, uma sexualidade que ela construiu para ela, uma sexualidade que é sentida e vivenciada em resposta a uma excitação em direção àquilo que possa lhe satisfazer. Notadamente, Andréa desvincula a sua sexualidade de qualquer sentimento maior. Percebemos, com muita facilidade quando a aluna Andréa nos fala:

(...) Olha só! Prá mim, a sexualidade é tudo na minha vida que me deixa bem... é tudo que me cerca e tudo o que cerca todo mundo..., eu sinto a minha sexualidade num cheiro, numa música..enfim em tudo que me dá prazer...a minha sexualidade fala mais alto quando eu me sento atraída por um “gato”, é uma onda! Ei?!...num tô falando de amor, não! Tô falando de ‘ficar’ (...)

Podemos observar que a representação é opaca em si mesma, isto é, ela não se coloca no discurso como uma representação, e sim, como forma de verdade, como aponta Rouquette (1994, p. 72): “A maior parte do tempo, cada um está convencido de que fala da realidade das coisas, quando apenas exprime sua própria compreensão daquilo que percebe”. Pois bem, a forma como Andréa enxerga a sexualidade não se distingue da representação, pois para ela não existe o sentimento de ‘arbitrário’ ou ‘relativo’, com respeito à representação da mesma. Assim, essa imagem que Andréa tem da sexualidade torna-se, para ela, a própria sexualidade.

No momento em que fomos conversar com a aluna Beatriz, a princípio, sentimos um toque de hostilidade nas suas respostas quando expusemos o fio condutor da entrevista, ou seja a sexualidade feminina. Sentimos, naquele momento, como se a aluna quisesse esquivar-se de alguma coisa, o que nos ficou muito evidente em sua opinião sobre o tema:

(...) Namoro, paquera e sexo são importantes para qualquer pessoa, em qualquer idade e em algum lugar (...)

Aos poucos, na medida em que nossos contatos foram se estreitando conseguimos convencê-la da importância da sua contribuição para o nosso estudo.

A forma como o pesquisador entra num determinado grupo social marca de forma definitiva a pesquisa a ser realizada e, os contatos com os membros desse grupo, estão impregnados por esse gesto inicial (HEILBORN, 1997b).

A partir do momento em que Beatriz sentiu-se mais a vontade para conversarmos, pudemos perceber, de fato, como a aluna percebia a sexualidade

feminina, pois a partir daí, tivemos a possibilidade de articular elementos afetivos, sociais e cognitivos da aluna Beatriz, elementos estes que participam ativamente da construção dos significados que se atribui ao social.

(...) as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais vão intervir (JODELET, apud LANE, 1995, p. 61)

A representação da aluna Beatriz, no que concerne à sexualidade feminina, fica muito evidente na sua fala, como também na emoção transmitida por ela. Assim, a sexualidade, para ela, é articulada pelo sentimento. Para esta aluna a 'sexualidade-amor' define o objeto amado, personalizando-o. Desta forma, conforme Beatriz nos expressa, o "eu" deixa de ser o centro e objeto único da sexualidade para valorizar a dinâmica do "nós", que segundo a própria aluna, dignifica a sexualidade dando-lhe sentido de retorno, de responsabilidade e de participação mútua. Vejamos:

(...) prá mim ... viver a minha sexualidade é viver pensando em alguém, querendo estar com alguém, repartindo o que tu tem de melhor com quem tu ama (...)

Através das nossas conversas ficou muito evidente, para nós, que a posição da aluna em relação à sexualidade é valorizada por uma comunhão dos seres que se amam. Em meio à entrevista, Beatriz nos revelou de forma um pouco sufocada:

(...) eu mesma fico meio encabulada de falar as coisas assim de frente ... besteira minha, mas eu tô bem melhor, eu era muito fechada, mas o curso me ajudou um bocado ... também porque eu sou noiva e às vezes eu acho que eu não tô sendo muito legal com ele.

Por instantes o silêncio pairou no ar e Beatriz calou-se. Passados alguns segundos, ela nos revelou:

(...) na verdade a sexualidade prá mim é uma energia que me motiva a procurar o amor, o contato e a intimidade (...)

Vejamos que na fala da aluna fica expressa a importância do conjunto de valores que definem a sexualidade para ela. Lipovetsky (2000) em 'A terceira mulher' firma que, de fato, a sexualidade, a sensualidade e o afeto não se restringem, simplesmente ao coito.

Beatriz, nos deixa muito claro a sua representação, o seu ponto de vista em relação à sexualidade e podemos conferir a seguir:

(...) quando quero, busco o meu desejo mais escondido, no amor e é aí que consigo encontrar a minha sexualidade ... o meu prazer...mas, veja bem... eu acredito que, a gente não pode falar que na sexualidade está presente o amor...prá mim vai depender muito de como a pessoa busca e encara esta sexualidade ..., entende?.

A fim de elucidarmos a colocação da aluna, recorremos ao “Pequeno Tratado das grandes Virtudes” onde Sponville (1999) sugere uma tentativa de superarmos a visão maniqueísta que rege as nossas relações, fazendo-nos prisioneiros das regras sociais, e justifica-se afirmando que o sexo e o cérebro não são músculos e por isso, decorrem várias conseqüências importantes, dentre elas a que não amamos o que queremos, mas o que desejamos.

Percebemos nas falas e expressões da Beatriz que ela representa a sexualidade de forma ampla na medida em que a relaciona com o sentimento, com o amor.

Segundo Muraro,(1996) as mulheres, via de regra, desejam erotizar uma relação que leve em conta não apenas o corpo, mas também o psiquismo como zona erógena buscando, assim, extrapolar a ‘unidimensionalidade’ de um corpo reprodutor e ‘multidimensionaliza-lo’ num corpo de prazer, de criação. De fato, Beatriz ao vincular a sexualidade ao amor ela busca, no seu entender, o sentido completo para falar e viver a sexualidade.

Como vimos, em capítulos anteriores, uma das funções das representações é a produção e defesa de identidades, como afirma Abric (1998). E neste sentido, assinala Woodward (2000, p. 17)

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. (...). A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os símbolos nos quais ele se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os sujeitos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Concluindo, a aluna Beatriz representa a sexualidade sempre mediada pelo sentimento e busca um significado baseado na troca. Fucs (1998) em sua obra

aponta um mundo repleto de descobertas, eliminando toda e qualquer visão preconceituosa, a começar pelo próprio corpo onde a sexualidade feminina é difusa nele e está vinculada ao afeto tendo um significado baseado na troca, entrega e comunhão.

Na perspectiva de analisarmos as representações da referida aluna, voltamo-nos aos ensinamentos de Abric (1998). Para este autor, as representações sociais são formas de visão global e unitária de um objeto e de um sujeito. Para o mesmo autor, portanto, a representação é tida como uma visão funcional do mundo que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim, ao indivíduo, se adaptar e encontrar um lugar nesta realidade.

A aluna Carla nos revelou durante a nossa conversa ter um namorado muito amado por ela e, na vivência da aluna, a sexualidade pode ser despertada a qualquer momento, pois ela a percebe num toque das mãos, em um beijo, em uma boa música, enfim... Carla percebe a sua sexualidade com sendo algo inerente a ela. Em sua fala a aluna nos deixa claro acreditar numa sexualidade envolvida de sentimentos, fato este que se assemelha muito com a maneira pela qual a aluna Beatriz encara a sexualidade. Podemos confirmar essa colocação no discurso da aluna Carla:

(...) eu tô namorando há cinco meses acho importante ter um companheiro com o qual a gente possa conversar, desabafar, sorrir, chorar ... e ... transar ... mas não é só pelo sexo que eu tô com ele, não! È que eu gosto dele e me sinto segura quando tô com ele. Eu gosto quando ele me beija, quando ele me faz carinho ... quando paramos para ouvir as músicas que curtimos...até quando discutimos...o melhor, ainda é que ele é uma 'delíciaaaa'!"

Por instantes, percebemos que o sexo para esta aluna realizado com a pessoa que estima, ou seja, com o seu namorado deixa de ser simplesmente uma compulsão instintiva para tornar-se uma verdadeira comunicação, traduzindo toda a verdade e autenticidade que o sexo sugere. E assim, prossegue Carla em seu discurso:

(...) quando fazemos amor é diferente de tudo!!! ... a gente consegue falar um pro outro o quanto a gente se ama sem maiores ardeios ... é bem legal!!!

Para Cavalcanti (1990) o sexo tido somente como prazer ou simplesmente como forma de reprodução, dá uma idéia incompleta da sexualidade e, assim sendo, não consegue satisfazer, plenamente, o homem. Neste sentido, o referido autor, esclarece que sem deixar de ter os dois sentidos, ou seja, o prazer e a reprodução, a sexualidade humana, numa concepção mais profunda e abrangente é, sobretudo, uma forma de comunicação.

A aluna ainda nos esclarece em sua fala a importância que atribui a conjugalidade 'sexo- sentimento' e assim, nos revela que considera importante se relacionar com uma pessoa por quem se sente, no mínimo afeto. Podemos identificar a posição da aluna na seguinte fala:

(...) transar por transar não dá prá mim não ... eu procuro muito mais do que só prazer ... procuro prazer com cumplicidade, com sonho, com vontade!(...)

Segundo nos ensina Fucs (1998) para se viver com plenitude a sexualidade, o ideal seria associar o sexo e o amor, pois, segundo a autora, o prazer do ato sexual imbricado ao amor deixa de ser apenas físico para se tornar um prazer global, ou seja, psicológico, físico e emocional. Diante disso, prossegue a autora, a sexualidade nunca deveria se limitar a um simples comportamento estereotipado, pelo contrario, deveria envolver toda a forma de sentir, pensar e desejar, assim como a aluna Carla nos relatou.

Prosseguindo, Carla nos fala que sempre fez confusão ao falar de Sexo e de Sexualidade por achar seus conceitos muito próximos. Apesar dessa colocação feita pela aluna, percebemos que a mesma sabe, indiscutivelmente, distanciar o sexo da sua sexualidade. Vejamos o que diz a aluna Carla:

(...) já falei e falo prá todo mundo, amo de paixão o meu namorado ... fazemos amor (realce da aluna) quase sempre que dá ... mas quando ele me faz muita raiva ou alguma 'sacanagem', eu traio ele, na boa, com o meu 'ex' ... é isso aí... "eu transo" com ele só de raiva, só prá me vingar (...)

Assim, neste momento da conversa, percebemos nitidamente na fala da aluna, a diferença de 'fazer amor' e de 'transar', diante de suas expressões que sugeriam carinho ao pronunciar a expressão 'fazer amor' e raiva quando falava de vingança.

Segundo Heilborn (1997b) a sexualidade, assim como o corpo, é uma construção cultural e social. Afirma a autora ser, a sexualidade, portanto, uma

invenção ocidental. Para ela, em todos os lugares e em todos os momentos da história sempre houve e sempre haverá a atividade sexual e o sexo com os mais diversos significados atribuídos a ele e prossegue afirmando que, o que chamamos de sexualidade tem um significado específico para a sociedade ocidental moderna sendo muito importante para a definição de cada pessoa.

A representação da aluna Carla nos remete a uma sexualidade direcionada ao sentimento e valorizada na medida em que a aluna diz que ama e é amada. De acordo com Del Priore (2005) o amor romântico, inaugurado na Idade Moderna, foi visto como sendo o ideal de relacionamento entre homens e mulheres no início do século XX. De acordo com a autora, não foram poucos os arranjos inventados para se viver o amor ao longo dos séculos. Modernamente, inauguramos a combinação entre amor e liberdade, mas não sem consequências.

A aluna Carla representa a sexualidade vivenciando-a de forma plena, ou seja, ela percebe a sexualidade no momento em que se sente bem com a pessoa a qual elegeu para si como companheiro, como amigo e como amante. No entanto, segundo a aluna, vivê-la em um contexto apropriado é importante, pois a sexualidade vivida fora do contexto esperado não passa de instinto, ou seja, não passa de sexo. Complementando a colocação da aluna, recorreremos a Wagner (1998, p. 4), que aponta a representação social como sendo, “um conjunto mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social”.

Para a aluna Débora, a melhor coisa da vida é poder estar com alguém, beijar este alguém, amar e sentir o que nos revela ser próprio dela, ou seja, a sua sexualidade. Observamos, entretanto, que a aluna convive com a sua sexualidade, sobre intenso controle de seu pai o que nos parece evidente na fala a seguir:

(...) Ah! ... eu acho mesmo que todo mundo devia ter o direito de viver a sua sexualidade do jeito que achasse melhor ... é tão bonito ver as pessoas se amando ... se beijando ... fazendo planos ... isto prá mim é tudo!... lá em casa o papo é bem outro, meu pai acha que eu não sou de carne e osso, que eu não tenho sentimentos como todo mundo ou então ele acha que tem uma filha doente ... das duas uma ... é complicado, viu?”

Na revolução sexual da década de sessenta, o discurso emancipatório veio em companhia de uma pressão normativa que diferenciava moralmente as

mulheres, principalmente no tocante as práticas sexuais desvelando, sobremaneira, o 'lado oculto' de uma revolução que também invertia valores para reproduzi-los em seguida, ou seja, um conservadorismo às avessas. É por essa operação que chegamos ao que Del Priore (2005) classifica como 'ditadura do orgasmo', vivida até hoje por grupos de mulheres.

Durante a conversa com a aluna Débora ficou-nos claro, em determinados momentos, através da entonação da sua voz, bem como pelas suas expressões, certo ressentimento arraigado à sua sexualidade. Apesar disso, Débora nos revela que acredita que a sexualidade pode ser vivida de muitas maneiras, sobretudo, a dois. Observamos que a aluna considera a sexualidade como sendo algo majestoso e místico, vejamos o seu discurso:

(...) a sexualidade é uma explosão de energias sobrenaturais que a pessoa tem que ter muita cabeça prá 'sacar' ... é tudo muito mágico e você se sente mais bonita, mais gostosa, mais inteligente ... a sua pele fica bela quando você se descobre como mulher e deixa a sua sexualidade estampar seu rosto ... eu já vivi isso um dia ... (momento em que visivelmente expressou tristeza, decepção).

Buscamos em Catonné (1994) um aporte para entendermos as expressões de decepção apresentada pela aluna. Segundo o autor supracitado, a sexualidade é parte integrante de qualquer indivíduo e muito influencia seu modo de ser estando intimamente relacionada com os padrões culturais da sua formação. Vejamos:

(...) mas meu pai conseguiu estragar tudo com a ignorância dele!''.

Para Suplicy (1982) conversar sobre sexualidade é muito mais do que transmitir informações. Requer a transposição de barreiras, como a idade e valores, em favor de uma proximidade que facilite a percepção do momento existencial. Conforme percebemos, a representação da sexualidade para Débora é tida como algo muito especial, porém, de difícil expressão, pois ela se sente podada em todos os seus atos, como demonstra em sua fala:

(...) parece até brincadeira, mas não é não ... meu pai quer controlar até as minhas roupas ... eu heim ... mas dou meu jeito ... não sou tão 'lesinha' assim, não!

Consideramos importante, no momento, fazer alguns esclarecimentos a respeito da relação de poder acima citada. Foucault jamais dedicou um livro somente com o tema 'poder'. No entanto, é possível afirmar que esse é um assunto

que se espraia ao longo de toda a sua obra, sob as mais variadas formas, seja no contexto das sólidas análises históricas que empreendeu, seja na voz desafiadora que tantas vezes levantou cumprindo aquilo que acreditava ser o verdadeiro papel de um intelectual. Assim, Foucault (1999) entende que a sexualidade se subordina às condições de reprodução das relações sociais, visto que é uma forma de poder, por estar muito marcada pelas relações assimétricas entre os sexos, e fazer aparecerem, notadamente, as relações entre o biológico e o social.

Apesar dos obstáculos que a aluna enfrenta para viver a sua sexualidade de forma satisfatória, busca a todo o momento desvincular-se dos seus problemas com seu pai, pois acredita que merece ser feliz e para ela a sua felicidade relacionase com o viver a sexualidade de forma 'descomplicada' e assim, a aluna Débora nos fala:

(...) Eu acho mesmo que as pessoas devem viver as suas sexualidades de forma natural ... prá que complicar uma coisa tão normal, né? Sinceramente (...)

A aluna durante as conversas mostrou-se indignada com o valor que seu pai atribui à sexualidade. Podemos verificar com esta fala de Débora:

(...) não ... prá ele tudo é sexo, tudo é pouca vergonha, num sei não, viu? Só meu pai mesmo!

Segundo Catonné (1994) foram a história, as crenças, as lições e a sociedade que colocaram em muitas mentes, a sexualidade como sinônimo de genitalidade, reduzindo-a a uma expressão carnal. Na realidade, quando enfocamos o ser humano é importante percebemos sua a sexualidade como um processo de transformação contínua, cujas características peculiares são semelhantes às transformações que ocorrem em toda a sua estrutura biopsicossocial, considerando que a sexualidade traz toda uma carga cultural e ideológica.

Sabemos que representar é um ato de construção, reconstrução, criação e recriação de um objeto e não é, simplesmente, a captação do externo para o interno. Observamos em Débora que, realmente, ela busca a todo o instante, reconstruir uma maneira de perceber a sexualidade recriando visões e conceitos, que considera pertinente a partir da convivência que tem com seu pai e com o grupo social o qual convive.

Nas palavras de Nóbrega (1996, p. 21)

O fato de que a representação se inscreve sempre sobre um sistema de idéias pré-existentes, de um 'déjà' pensado, permite a coexistência de dois fenômenos opostos no interior do processo formativo das novas representações. É o movimento de 'incorporação social da novidade' atrelada a 'familiarização do estranho'.

Desse modo, Nóbrega (1996, p.15) nos ensina que a representação social

torna possível a reconstrução do real através da interpretação dos elementos constitutivos do meio ambiente, em uma dimensão ordenada e significativa para os membros de uma comunidade determinada. Esta interpretação da realidade é traduzida em um conjunto lógico de pensamento que vai constituir a visão de mundo para uma certa coletividade.

A nossa ultima entrevistada foi Fernanda. A representação da sexualidade no contexto social para esta aluna assemelha-se às representações que fazem as três alunas de enfermagem: Beatriz, Carla e Débora entrevistadas anteriormente. Desta forma, percebemos que, a aluna Fernanda, enxerga a sexualidade como expressão de amor, ela vincula, pois, como as demais alunas citadas, a sexualidade ao sentimento. Vejamos a fala de Fernanda ao expressar a sua percepção a respeito da sexualidade:

(...) sexualidade prá mim é amor, paixão, experiência, emoção, enfim ... é tudo a meu ver ... vivo a minha sexualidade de forma bonita, pois eu relaciono a minha sexualidade com as coisas boas da minha vida e é assim que vejo ... ela tá presente na minha vida e eu faço questão de não deixar que ninguém interfira na minha vivência ... no que eu acredito (...).

O que torna evidente nessa fala é que para Fernanda a sexualidade é algo que ela preserva como sendo especial na sua vida, pois, diante das falas, do posicionamento, da sua firmeza ela, indubitavelmente, já formulou o seu significado, seu conceito e já criou também, uma imagem do que a sexualidade representa para ela. Laplanche e Pontallis (1992, p. 125), definem a sexualidade simbolizando o desejo, pois para os autores ela, a sexualidade, "não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do aparelho genital, mas toda uma série de excitação e de atividades".

A aluna nos chamou a atenção no momento em que frisava o modo pelo qual comunicava com seu corpo enfatizando-o como uma arma de sedução. De acordo com Nóbrega (1996), cada forma de comunicação tem por efeito a produção de representações sociais específicas, de acordo com a dinâmica das interações realizadas entre os sujeitos e o objeto articulado no âmbito do pensamento social. Assim, a aluna Fernanda, além de atribuir os significados à sexualidade conforme Beatriz, Carla e Débora, ressalta, também, a beleza do corpo, como facilitadora da vivência da sexualidade. Podemos observar esta particularidade, claramente, nesta fala da aluna:

(...) sempre gostei de me vestir assim ... desde pequeninha (a aluna trajava bermuda e blusa bem justas), não suporto parecer gorda ... e olha que eu malho dia sim dia não ... ah!!! eu me sinto poderosa quando eu passo e os garotos ficam mexendo comigo...levanta o ego da gente! ... mainha falava que as minhas pernas eram bonitas e eu cresci acreditando nisso ... então ... o que é bonito é prá se olhar, né? Menina ... eu me sinto desejada, bonita, gostosa, sensual ... isto faz parte de mim ... completa a vivência plena, pelo menos para mim, da minha sexualidade ... Aff! Meu namorado detesta que eu fale isto!”.

Para Catonné (1994) a sedução abre o jogo da promessa de prazeres desconhecidos, supondo, veladamente, uma resposta sobre a origem da sexualidade, assim sendo, a sedução passa a se portar como um jogo em espelho onde, ao menos por um momento, cada olhar e cada palavra reafirmam que o corpo é falo. De acordo com a aluna Fernanda, seu corpo desempenha uma imagem e também, uma linguagem que possibilita uma leitura de sedução ligada à sua sexualidade. Foucault (1984) esclarece que a sexualidade constitui-se de uma construção cultural, histórica e social, sendo, assim, um fenômeno cultural. Resumindo, a sexualidade deve ser entendida como as diferentes formas através das quais homens e mulheres vivem seus desejos e seus prazeres corporais em sentido amplo (LOURO, 1999).

Na vivência da aluna Fernanda a sexualidade está ligada aos mais diversos sentimentos, como amor, paixão, sedução. Esta relação de sexualidade e sentimento é vivida por Beatriz que valoriza, também, a dinâmica do “nós” em detrimento do ‘eu’ como centro da sua sexualidade. Com isto, a aluna Fernanda dá sentido de participação mútua, bem como de responsabilidade à sexualidade. A aluna Carla percebe a sexualidade da mesma maneira que Fernanda, Débora e

Beatriz, porém, a aluna Carla, vive a sua sexualidade através do sexo, no momento em transforma-o em comunicação envolvendo a forma de sentir, pensar e desejar.

Para a aluna Débora a sexualidade está diretamente ligada aos sentimentos, porém ela ainda sente o peso da repressão, mesmo assim, ela considera a sexualidade como uma energia boa capaz de ultrapassar todos os obstáculos. Andréa nos deixa claro que enxerga a sexualidade aportada em valores e conceitos que a levam ao prazer de vivê-la, independentemente, de sentimentos. Segundo Hegel (2005), o processo por onde marcha o pensamento é exteriorizado pelo que o indivíduo produz, ou seja, o ser e a idéia que se faz do objeto que são interiorizados e voltados para si, reconhecendo sua produção.

De acordo com Moscovici apud Spink (1993), as representações sociais são o resultado de um contínuo burburinho e um diálogo permanente entre os indivíduos, assim, a conversação está no epicentro do universo consensual moldando e animando e dando vida às representações sociais. Segundo o referido autor, os fenômenos sociais são capazes de identificar de maneira concreta as representações, bem como, de trabalhar sobre elas incidindo, sobretudo, nas conversações locais onde os saberes populares e o senso comum são elaborados.

Bozon (1994) e Loyola (1998), por exemplo, efetuando o balanço das idéias, conceitos e interesses em torno do termo sexualidade, constataram que a mesma pode ser abordada por diversas formas, ou seja, em relação a família, parentesco, casamento e aliança, como constitutiva da subjetividade, da identidade individual e coletiva, como representação, como desejo, como ameaça da ordem social, como problema biológico, genético, político, moral, ou simplesmente como uma atividade sexual. A sexualidade, contudo, é um conjunto de valores que precisam ser entendidos para que se possa vivenciá-la.

5.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SEXUALIDADE COMO RELACIONAMENTOS: (DO VIRTUAL AO REAL)

O segundo aspecto a ser tratado nas representações sociais das alunas de Enfermagem da Escola técnica Materdei é a sexualidade feminina mediada pela Internet ressaltando seus aspectos positivos e negativos, segundo suas percepções.

Castells (2003) enfatiza que na sociedade informacional surge a comunicação eletrônica como uma nova forma de comunicação que se estabelece com base na interação 'humano-máquina'. Através dessa interação, os homens podem articular como queiram esta tecnologia, porém, em contra partida, a máquina também pode atuar de forma tanto saudável, quanto desastrosa sobre a vida do homem. Na realidade, segundo o mesmo autor, a Internet se sobrepõe aos desejos meramente individuais, pois, ela está arraigada a uma série de representações e percepções politicamente informadas e coletivamente assumidas como necessárias sugerindo, por vezes, desejos de consumo, e conseqüentemente, a subjetivação do controle das vontades dos homens.

Desta maneira, só entra no mundo virtual quem quer experimentar aquilo que já é cultural, social e interpretado a luz de necessidades já estabelecidas, como práticas de consumo sobre as emoções, a organização e a dinâmica das relações sociais (TAMANINI, 2003). É importante lembrarmos a descrição abrangente que Nicolaci da Costa (2002) faz acerca do ambiente virtual usando como referência tanto seus próprios estudos quanto os de outros autores:

Pelo ciberespaço circulam informações e bens imateriais, como também, são implementadas novas formas de vigilância, controle e poder. Mas isso não é tudo, pois, segundo autores da área como Lévy (1996), Castells (2000/2003) e Palácios (1996), o ciberespaço também é o espaço no qual são colocadas em prática diferentes formas e manifestações de solidariedade, de coesão social, de resistência, de movimentos políticos, de vida comunitária. Segundo Nicolaci da Costa (2005a) o ciberespaço é também um espaço que se tornou um palco imaginário – vivido como real – de novas formas de vida que abrangem, praticamente, todas as áreas do nosso cotidiano: trabalho, educação, lazer, informação, conversas intelectuais, bate-papos informais, sedução, paquera, namoro, solidariedade, etc. Atualmente, nós podemos ver o prefixo "cyber" (ou "ciber") em quase tudo: cibersexo, ciberespaço, etc. Cada expressão forma, com suas particularidades com semelhanças e/ou diferenças, o conjunto da cibercultura.

A nossa primeira entrevistada, ou seja, a aluna Andréa percebe a sexualidade virtual como uma invenção fantástica. A aluna adora entrar na Internet em sites informativos relacionados a sexo e também nas salas de bate-papo a procura de emoções. Vejamos o que diz Andréa:

(...) Eu adoro namorar na net, via chats ... porque eu acho que o jogo de sedução que o virtual permite proporciona a gente um prazer diferente sem precisar, necessariamente, de um envolvimento emocional... e o melhor disso tudo, é que não atrapalha em nada o meu dia – a – dia e, além disso, quando tô na net me informo sobre assuntos ligados à sexo e a sexualidade... acho isso muito importante!

Para a referida aluna, a Internet com suas salas de bate-papo, representa uma maneira descompromissada de vivenciar a sua sexualidade, já que em todos os momentos da entrevista, Andréa procura desassociar a sexualidade dos sentimentos. A aluna tem um jeito todo especial ao tratar do tema. Podemos perceber como se ela sentisse prazer de externar o que pensa e o que acha do sexo e dos assuntos correlatos, como a sexualidade. Durante a entrevista, podemos notar também uma total descontração, principalmente quando abordamos o tema Sexualidade Virtual.

A aluna Andréa nos revelou em diversos momentos de conversa, se identificar muito com a Internet. Por ser estudante, grande parte do seu tempo é dedicado às pesquisas e, assim, utiliza os recursos que a Internet lhe oferece. Nos momentos livres, além de dedicar-se aos seus amigos, acessa a Internet e, especialmente, as salas de bate-papo. A aluna nos deixou bem clara a sua posição em relação aos relacionamentos virtuais. Vejamos:

(...) às vezes, eu penso que me relacionar virtualmente é uma forma de me complementar ... outras vezes penso que não passa de um exercício de criatividade em torno das minhas fantasias que ... diga-se de passagem... não são poucas.

No momento em que a aluna falava, com a mudança de entonação na sua voz, sentimos certa dúvida nos motivos que levavam-na, de fato, relacionar-se virtualmente. Prosseguimos com a conversa, no intuito de, minuciosamente, percebermos o que poderia haver nas entrelinhas das falas da aluna, ou seja, como realmente Andréa percebia, vivia e comportava-se diante das sexualidades que são mediadas pela Internet. Para Moscovici (1978) existem duas funções básicas pertinentes às representações sociais sendo uma inerente à outra, ou seja, a conduta e a comunicação. Segundo o mesmo autor, tanto a conduta, quanto a comunicação dos indivíduos se entrelaçam, isto é, o conteúdo das comunicações se faz de acordo com a conduta assumida em relação a determinadas questões. A conduta, por sua vez, se estrutura e se estabelece a partir da comunicação que se

configura entre os indivíduos. Assim, a representação social encaminha a formação de conduta pelo fato de ser ela quem dá forma e orientação ao processo de elaboração do comportamento, ao mesmo tempo em que justifica a expressão deste comportamento.

A aluna prossegue nas suas falas expondo o valor que atribui aos relacionamentos virtuais e como consegue vivenciar a sua sexualidade virtualmente:

(...) Bem, a minha vida tem sido muito mais intensa desde que passei a acessar a rede ... eu tenho conhecido pessoas muito legais, paqueras interessantes, cabeças muito boas ... eu já tive experiências desagradáveis também, afinal, cafajestes tão por toda parte ... inclusive nos bate-papos da rede, assim mesmo ... vivo a minha sexualidade de forma plena ... pena que é virtualmente.

Neste momento da fala de Andréa, novamente, percebemos uma lacuna em relação ao valor atribuído, por ela, em relação à vivência da sua sexualidade de forma virtual. Andréa nos apresenta como uma pessoa muito descontraída, fato que muito contribuiu para a realização dessa entrevista. Para Andréa a economia de tempo e de dinheiro faz os relacionamentos virtuais mais interessantes. Vejamos:

(...) olha só, se tu tem um computador em casa e tá sem grana, não é por isso que tu vai deixar de namorar, de se sentir desejada ... ah! ... é muito simples tu vai prô 'Par Perfeito'¹, que tu conversa, tu ri, tu se transforma em quem tu bem entender ... daí tu pode viver a tua sexualidade de uma maneira bem legal...tu mesmo escolhe como.

De acordo com Daneback, Cooper & Månsson (2005) esta forma virtual de relacionamento possibilita a exploração da sexualidade individual de cada um e também facilita e encoraja os usuários a conhecerem formas novas em relação a relacionamentos, por vezes, ainda não tentadas ou mesmo sem nenhuma intenção de tentar em relações reais. Andréa enfatiza a possibilidade de assumir outras personalidades ao se relacionar virtualmente deixando muito claro que, considera esta possibilidade de grande valia para as pessoas tímidas e com dificuldade de relacionamentos – o que não é o seu caso. Vejamos a fala da aluna:

(...) é muito legal você poder conversar com alguém fingindo ser o que você gostaria de ser ... magrinha, com pernas grossas, olhos azuis, (risos). tu me entende? Olha ... quando eu tô com tempo, eu entro nas sala e cada hora falo de um jeito, às vezes, sou uma menininha, às vezes sou 'um mulherão'..."(aspas gesticuladas pela aluna).

De acordo com Baudrillard (1999) o corpo é um objeto social, um objeto público, no sentido em que as representações que dele temos são socialmente construídas e partilhadas sendo, desta forma, um objeto de troca social. O corpo é, pois, matéria e signo. Assim sendo, segundo o mesmo autor, o corpo é o mais belo objeto de troca e de consumo. A aluna prossegue seu raciocínio dizendo:

(...) ah! já fui homem também ... todo mundo mente, nem pense que não, esta facilidade de você esconder o que você é, é o que aumenta o número de navegadores como eu ... na verdade, dependendo do meu astral..., sou eu mesma, lógico que com outro nome ... mas eu prefiro brincar e deixar toda a minha sexualidade falar mais alto...

Turkle (1997) e Suller (2000) acreditam que a ausência de identificação e de contato físico, próprios do mundo virtual, pode facilitar a exploração dos usuários, tanto de um lado da tela do computador, quanto do outro lado, num ambiente de relativo controle e segurança. Assim, a falta de pistas de orientação, comuns nas interações face a face, sugere, no mundo virtual, a oportunidade de construção e experimentação de diferentes personagens, dentro de um contexto considerado como seguro e lúdico. Segundo os autores supracitados, a proteção oferecida pelo anonimato permite a experimentação de papéis e a realização virtual de fantasias que, via de regra, não seriam admissíveis ou possíveis para a maioria das pessoas na vida real de forma desinibida. Os autores acreditam também que, a rede oferece a possibilidade de desvinculação dos estereótipos sexuais, já que as diferenças de gênero encontradas em relacionamentos face a face podem ser diminuídas ou mesmo apagadas na internet.

Um dos fatos que fica evidenciado na fala da aluna é a importância que ela atribui à vivência da sua sexualidade, mesmo usando de subterfúgios para isso. A sexualidade virtual parece ser facilitadora da desinibição social e, por conseguinte, serve mais para tirar máscaras do que colocá-las como nos ensina Carvalheira (2003). Assim, a sexualidade virtual, de acordo com Piscitelli (2005) pode romper barreiras construídas ao longo dos anos, desatando as amarras sexuais impostas, sobretudo, às mulheres. Através desta sexualidade virtual, a mulher de hoje, busca resgatar seus anseios e desejos que foram históricos e socialmente frustrados. De acordo com Cooper et al. (2003) apud Daniback, Cooper & Månsson (2005), embora ambos os sexos sejam utilizadores desta prática on-line, as mulheres tendem a interessar-se mais por estas atividades interativas

Para Andréa, o anonimato, de fato, auxilia muito para uma livre vivência da sexualidade, porém, a aluna de acordo com seus relatos não enxerga só vantagens na utilização desse recurso virtual deixando bem evidente que, assim como ela mente, ludibria e brinca com as pessoas do outro lado da tela do computador, acredita que infinidades de pessoas também o fazem. Por isso, a aluna Andréa clarifica suas falas relatando que ao entrar nas salas de bate-papo o faz, na verdade, com o intuito de diversão aproveitando o ensejo para vivenciar a sua sexualidade de forma plena e sem remorsos. Podemos comprovar suas idéias observando sua fala:

(...) adoro zoar ... a minha vida já tem muita coisa prá eu me preocupar ... e além do mais, quando eu tô nas salas não há cobrança nenhuma de ninguém ... ninguém conhece a "Andréa", mesmo! ... tenho a absoluta certeza que assim, como eu, as pessoas buscam seu jeitinho de expressarem e vivenciarem as suas sexualidades ... só tem uma coisa, basta um 'click' e tu tá fora da jogada...eu tenho ódio disso (...).

De acordo com Bakhtin (1981) o tempo em que duram as interações virtuais só existe porque o espaço virtual o concretiza, ou seja, a virtualidade promove as interações desde que haja a própria virtualidade.

Andréa nos passa a impressão de que possui muito respeito por sua mãe, com a qual convive juntamente com mais um irmão. A aluna deixa claro que prefere relacionar-se virtualmente, já que conta com a privacidade da máquina, à desagradar sua mãe, principalmente, com uma gravidez e dessa forma, assim nos fala:

(...) viver uma sexualidade legal não é preciso de sexo, pode até ter ... coisa que eu amo! ... mas o que eu tô falando é que não é necessário ir às vias de fato, tu tá entendendo? ... eu posso me satisfazer até com uma cantada bem dada e ninguém precisa nem de saber ... e é aí que eu dou valor as salas de bate papo (...)

Segundo Carvalheira (2003) a vivência da sexualidade virtual permite a satisfação dos mais diversos desejos sexuais longe de uma gravidez indesejada ou de uma possível contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, prossegue a autora, enfatizando que esta forma de relacionamento permite àqueles que a utilizam, experimentarem pensamentos e sentimentos de natureza sexual.

Prosseguindo em nossa conversa, a aluna fez questão de nos esclarecer que se ela tivesse a oportunidade de escolher entre relacionar-se nas salas de

batepapo ou conviver com uma pessoa, física e não virtual, optaria pela segunda opção. Neste momento da entrevista, a aluna calou-se como se estivesse pensando e, passados alguns minutos, ela nos revelou que, no fundo se considerava uma pessoa prática, e por isso preferia ir buscar formas de se realizar, como pessoa e como mulher, através dos chats. Podemos conferir com sua fala:

Olha só ... na verdade eu uso a net para pesquisar, pois adoro me informar sobre as coisas de sexo, num pensava em trocar carninha nenhuma por máquina ... um belo dia ... algumas amigas me instigaram prá eu entrar nas salas de bate-papo ... no começo achava uma 'babaquice' esse negócio de ficar imaginando ... depois fui vendo que a coisa não era tão mau assim, porque eu conseguia me sentir muito mulher, embora que virtualmente ... mas, na verdade não tem nem comparação poder pegar numa carninha macia (risos), credo!"

Alguns autores, como Turke (1997) e Suller (2000) supõem que as salas de bate-papo, por possibilitarem o anonimato e o uso da imaginação e da criação de personagens, poderiam estar revolucionando o falar-de-si, bem como, as relações interpessoais e a própria identidade dos indivíduos. A rede, portanto, ao possibilitar o anonimato, oportunizaria aos homens a faculdade de falarem mais abertamente de seus sentimentos e emoções, longe de preocupações e sem colocar em risco imagens pessoais. Com isso, as mulheres usuárias das salas virtuais, também se mostram mais livres para revelarem seus desejos mais secretos (PISCITELLI, 2005).

Se inicialmente a tecnologia, para a aluna Andréa, aparece como possibilidade de diversão e de distração, em um segundo momento, acaba tornando-se motivo de realização, na verdade, daquilo de que sente falta, ou seja, de uma relação interativa.

Parece-nos então, tratar-se de uma questão de competência, pois procurar por algo e ter a necessidade de usar um intermediário, para isso, sugere assinar um atestado de 'impotência', pois é nesta conjuntura que a fala de nossa entrevistada Andréa adquire sentido quanto ao fato de recorrer aos chats, por não conseguir ter, no mundo real, tudo que almeja como mulher. Vejamos:

(...) enfim ... eu acho o cúmulo que uma mulher como eu – 'que não sou de se jogar fora' – ... tenha que ficar sozinha na frente de uma máquina por falta de opções masculinas mais razoáveis ... credo!"

Já a aluna Beatriz representa a sexualidade virtual como forma de distração e de descoberta. Descoberta não só no campo acadêmico, através de pesquisas, mas, também, no campo pessoal. Podemos conferir na seguinte fala:

(...) bem ... na verdade, eu uso a internet prá pesquisar assuntos do meu interesse, por exemplo ... eu gosto muito de entrar em muitos sites como o 'Portal da sexualidade'², que dá muitas dicas sobre sexo e sexualidade ... este site aí, é de um bocado de psicólogos e é muito interessante! ... além disso ... mantenho contato com minhas colegas de faculdade ... e nos momentos livres, é claro ... entro em chats prá me divertir ... mas nunca eu levo nada a sério ... porque eu prefiro relacionamentos "reais" ... eu acho que os relacionamentos, à distância, são sempre muito, muito sedutores ... porque o foco do desejo fica mais centrado na sexualidade ... além de que ... eu acho, também, que os relacionamentos, via internet são apenas mais uma maneira da gente conhecer novas pessoas ... eu acho que os relacionamentos reais tendem a ser mais duradouros... Porque? Ahhh ... eles dividem uma convivência e um cotidiano... e, não um mundo "invisível" como os dos chats.

A aluna Beatriz contou-nos ser noiva. Porém revela-nos a necessidade de chamar a atenção de alguém que não seja o seu noivo, o que percebemos na fala a seguir:

(...) eu acho que meu noivo se acostumou com a minha cara ... tem vezes que eu sinto que ele não me vê como mulher ... isso me deixa muito 'grilada' ... daí uso a Internet prá vê se o problema tá é comigo ..., ao mesmo tempo sei que não é comigo, pois sou capaz de viver a minha sexualidade, me lembrando sozinha de algo emocionante que tenha acontecido com a gente ... de uma super noite (...).

A Internet, sobretudo através das salas de bate-papo permite que seus usuários falem de si e também que se conheçam de forma verídica ou não e, ainda, permite atração de olhares, bem como, a atenção dos que estiverem navegando no mesmo momento causando, desta maneira, impressões que podem sugerir ou possíveis relacionamentos. Neste ponto podemos perceber que a aluna Beatriz instrumentaliza as suas relações virtuais para auferir seu bem estar, valendo-se da privacidade que este tipo de relação oferece. Ela enfoca toda a sua sexualidade, apropriando-se da sedução que lhe é própria. Observamos esta maneira de ser da aluna no decorrer das entrevistas, pois Beatriz se expressa sempre de forma meiga,

² O Portal da Sexualidade surgiu com o intuito de disponibilizar conhecimento a respeito da saúde sexual, para três segmentos de internautas: a população, os profissionais de saúde e educadores, e os médicos.

mansa, porém um tanto sarcástica. Notamos, pois na sua fala, que há um jogo de sedução em seus encontros virtuais:

(...) envio poesias eróticas ... crônicas picantes, letras de músicas ... enfim ... tento seduzir e ... seduzo ao máximo quem estiver disposto a relacionar-se comigo virtualmente ... e como adoro escrever, me valho das poesias para atingir os meus objetivos momentâneos ..., ou seja, deixar o parceiro virtual louco por mim, ou pelo menos pelas minhas redações (...)

Freitas (2000) em 'a escrita dos adolescentes na Internet' destaca o prazer de se estar com outras pessoas em um novo espaço de vida e ressalta o resgate do prazer da escrita interativa, nos relacionamentos virtuais, assim como nos aponta a aluna Beatriz.

O ponto de vista expressado na fala da referida Beatriz remete-nos, novamente, aos ensinamentos de Soares (1999), quando afirma que a mulher que pensa e diz o erotismo livremente é a mesma que pensa e diz seu papel, enquanto construtora da sociedade.

Em meio a nossa conversa, Beatriz evidencia uma característica presente nas salas de bate-papo, ou seja, a efemeridade das relações lá estabelecidas, característica que a aluna considera ser um dos motivos do aumento do número de usuários dos chats. Vejamos:

(...) olha só, se você entra numa sala de bate-papo, assim como eu faço quando tenho tempo, você pode fazer o jogo que quiser prá atingir o seu ideal ... pode usar as pessoas ... e se por acaso, o papo te encher é só você sumir ... daí se você quiser voltar prá sala, é só mudar seu apelido e, pronto! Começa tudo outra vez... eu gosto da efemeridade dessas relações, enquanto válvula de escape (...)

Segundo Lévy (1996) os corpos das pessoas que se virtualizam estão ao mesmo tempo em diversos lugares, pois eles sempre conquistam novos espaços e adquirem novas velocidades. De acordo com o autor, estes corpos não desencarnam e sim, reencarnam-se a partir de uma (re) construção da identidade, assumindo, assim, uma 'quase presença'. E a aluna prossegue em suas colocações:

(...) você sabe que nas salas de bate papo a gente pode ter mil 'ciber gatos' de diversos lugares e ao mesmo tempo, né? ... mas se der na cabeça deles, amanhã eles te excluem dos seus contatos e aí ...'ba-bau' ... acabou-se ... É muito bom!!! ... mas no fundo, dá medo da gente se envolver com 'fantasmas' ... (risos)

As falas da aluna Beatriz traz à baila a análise de alguns autores que apontam o fenômeno da desterritorialização que ocorre na Internet, como: Virílio (1999), Lévy (1999), Castells (2000), Nicolaci da Costa (2005a) e outros e de acordo com esses autores, as pessoas de diferentes locais geográficos, ao mesmo tempo, podem se encontrar e trocar idéias independentemente de diferenças culturais e distâncias territoriais. Ao mesmo tempo estes círculos sociais que se formam virtualmente, podem esvair-se sem a menor explicação deixando uma sensação de vazio e uma fragmentação dos laços de afetividade conquistados virtualmente. (LIPOVETSKY, 1989).

Sobre os relacionamentos que se estabelecem no ambiente virtual, a aluna Beatriz representa-os como sendo vazios e precários. Podemos observar seu ponto de vista na seguinte fala:

(...) como é que a pessoa vai gostar de alguém, ter envolvimento afetivo com quem nunca viu ou nunca tocou? A aluna prossegue deixando clara a sua opinião sobre os relacionamentos virtuais: (...) enquanto a gente não conhece pessoalmente o parceiro com o qual nos envolvemos virtualmente a gente pode até ficar curiosa e entusiasmada ... mas se apaixonar? ... é outra história ... e tem outra, é complicado manter um relacionamento de carne e osso, imagine um virtual (...).

(...) essa visualização generalizada é o espaço marcante daquilo que atualmente recebe o nome de virtualização. A famosa realidade virtual não é tanto a navegação no ciberespaço das redes, mas antes a 'ampliação da espessura ótica' das aparências do mundo real (VIRILIO, 1999, p. 21).

Os relacionamentos estabelecidos tanto no ambiente virtual, quanto no ambiente da realidade física, têm em comum o fato de serem difíceis de manter-se por muito tempo, por um lado pela efemeridade da relação e por outro lado pelas tribulações próprias da vida moderna (SCHNARCH, 1997).

Segundo Beatriz fazer amizades e ter relacionamentos virtuais é mais uma das possibilidades que a tecnologia permite, porém àquelas que são passíveis de serem levadas para a realidade, têm maior chance de estabelecerem um laço afetivo, embora que a aluna tenha nos falado de inúmeras dificuldades de se manter relacionamentos reais e virtuais. Vejamos a fala da aluna a esse respeito:

(...) na convivência cotidiana a gente tem que aceitar as pessoas como elas são, conviver com elas e se proteger de doenças ... isto faz parte do social ...

como faz parte também o toque, o abraço, o carinho, o beijinho ... e tudo mais ... e, se isto não acontece ... fica tudo no 'faz de conta' ... realmente, tem gosto prá tudo! ... deve ter gente que sente muito prazer nisso, mas eu ... prefiro o calor humano, é bem mais excitante!. (risos)

Reforçando o pensamento desta aluna, Quintás (1995) afirma que o encontro é uma experiência fundamental para cada um de nós, pois o homem é um ser de encontros.

Percebemos nas falas das alunas Andréa e Beatriz que suas representações da sexualidade mediada pela Internet, em muitos pontos se convergem e em outros se distanciam. Vejamos: a aluna Andréa percebe a sexualidade virtual como uma grande invenção e adora entrar nas salas de bate-papo a procura de emoções enquanto, a aluna Beatriz, representa a sexualidade virtual como forma de distração e de descoberta pessoal.

A idéia da realidade virtual é proporcionar a sensação do 'estar lá' oferecendo pelo menos ao olho o que ele teria visto se estivesse lá e mais importante que isto, fazendo com que a imagem mude instantaneamente de acordo com o ponto de vista (NEGROPONTE, 1995, p. 115).

É importante salientarmos a postura do referido autor, se opondo de maneira frontal à posição extremamente crítica de Virilio (1999) que acredita que, pela força de ver através da realidade virtual, o homem acaba por não enxergar a não ser aparências.

As alunas concordam, no momento em que se voltam para a Internet como fonte de pesquisa. Andréa revela que grande parte do seu tempo é dedicado às pesquisas e Beatriz a valoriza como fonte de descobertas no campo acadêmico. Andréa busca relacionamentos virtuais, como uma forma de se complementar ou para exercitar a sua criatividade em torno das suas fantasias, enquanto Beatriz enxerga os relacionamentos virtuais como uma maneira de chamar a atenção de alguém que não seja o seu noivo, como uma maneira de auto afirmar-se.

Andréa enfatiza a possibilidade de assumir outras identidades diante do recurso do anonimato e considera isto de grande valia para as pessoas tímidas e com dificuldade de manter relacionamentos. Já Beatriz, acredita que a mudança de identidade calcada no anonimato facilita as pessoas começarem e terminarem as relações virtuais a qualquer tempo e assim, confirma com sua fala:

(...) Às vezes gosto de ser eu mesma ... às vezes crio personagens para brincar, mas quando a brincadeira começa a ficar 'pesada', eu sumo e reapareço sendo eu mesma ... às vezes crio personagens marcantes como a de Angelina Jolie³ ... (risos)

De acordo com Andréa, é positiva a privacidade das relações virtuais, o que Beatriz também enxerga de forma muito positiva. Enquanto Beatriz instrumentaliza as relações virtuais para auferir seu bem estar, Andréa busca nas relações virtuais uma maneira descompromissada de vivenciar a sua sexualidade. Andréa por sua vez, acredita que a vivência da sexualidade virtual permite a satisfação dos mais diversos desejos sexuais e, além disso, virtualmente não há perigo de se contrair doenças sexualmente transmissíveis. Há uma concordância com a opinião da aluna Beatriz. De acordo com Dery (1996) o amor com as máquinas e as aventuras nos mundos virtuais são uma alternativa bastante sedutora na era da Aids, das gravidezes não desejadas e das doenças sexualmente transmissíveis.

Tanto Andréa quanto Beatriz percebem a efemeridade nos relacionamentos virtuais, porém, Andréa enxerga como algo negativo pois não suporta ser deletada sem motivos, em contra partida, Beatriz gosta da efemeridade dessas relações virtuais, enquanto válvula de escape o que expressa na sua fala:

(...) se não gosto... desligo-me da chatice na 'horita' ... não tô nem aí. e é por isso, também, que eu adoro o mundo virtual, (...)”

Entendemos que na hora de interromper um relacionamento, a aluna Beatriz, não leva em conta o Outro ao nos revelar que neste ponto, a diferença entre a realidade do ambiente físico e a realidade virtual é bem-vinda por ela.

A aluna Andréa revela-nos a possibilidade de trocar qualquer relacionamento virtual por uma convivência no mundo real o que Beatriz também concorda, pois segundo seus relatos, não acredita em relacionamentos afetivos com quem nunca viu ou nunca tocou. Ambas as estudantes valorizam muito o beijo, o toque, o abraço, enfim tudo o que um relacionamento no mundo real proporciona e permite.

A representação da sexualidade como relacionamento, segundo a estudante Carla, confere com a representação que faz a aluna Beatriz acerca da sexualidade

³ Angelina Jolie Voight – reconhecidamente é uma das atrizes de maior sucesso em Hollywood, devido não só a sua beleza, como também, a papéis em filmes como “Colecionador de Ossos”, “Sr. e Sra. Smith” ou “Garota, Interrompida”, onde ganhou o óscar para melhor atriz secundária.

virtual. Para Carla a sexualidade, assim como para a aluna Beatriz, está diretamente relacionada com os sentimentos e por isso, segundo a aluna Carla, no mundo virtual não deve acontecer ao contrário. Vejamos sua fala:

(...) ah ... eu vejo a sexualidade virtual, mais ou menos, parecida com a sexualidade que se desenvolve no mundo real...Prá mim, viver uma sexualidade virtual, significa viver uma sensação tão boa quanto se tá junto de quem você ama...pena que eu não tenho mais nem um tempinho sobrando (...)

A aluna nos revela que, atualmente, não frequenta as salas de bate-papo da Internet por falta de tempo, porém faz consultas diárias em sites de psicologia por gostar da clareza que os assuntos referentes a sexo e sexualidade são tratados:

(...) no Sbrash⁴...você tem toda novidade em matéria de sexo ... muito confiável, faço os meus trabalhos por lá (...)

Prosseguindo a conversa, a aluna Carla nos revelou o valor que atribuía aos seus relacionamentos virtuais:

(...) a gente se conheceu no chat, ficamos conversando por muito tempo até que um dia me vi completamente apaixonada, assim como estou hoje...sinceramente a única diferença, na época foi a expectativa do primeiro encontro...e foi perfeito!"

O mundo virtual, segundo Turkle traduz-se em um "...laboratório social significativo para a realização de experiências com as construções e reconstruções do eu que caracteriza a vida pós-moderna. Na realidade virtual, moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos" (1997, p. 265).

Carla percebe a sexualidade virtual com naturalidade e acha ainda ser uma ótima sugestão para motivar um relacionamento real. De acordo com a fala da aluna, pudemos perceber que a mesma não tem problemas em relacionar-se real ou virtualmente, ou, ainda real e virtualmente simultaneamente:

(...) prá mim tá tudo na boa ... a gente tem que saber conviver com o novo e dele tirar proveito ... se eu posso expressar minha sexualidade no mundo real e no mundo virtual, porque não vou fazer? ... eu enxergo a sexualidade

⁴ Em maio de 1986 a Sociedade brasileira de estudos em sexualidade humana (Sbrash) iniciou atividades congregando profissionais que atuam e estudam a sexualidade humana em diversas áreas do saber. Desde 1990 a SBRASH publica a Revista Brasileira de Sexualidade Humana, que, indexada, permite a divulgação de novos conhecimentos e discussões que estudiosos e cientistas estão desenvolvendo, socializando o conhecimento, distribuindo-o com outros profissionais e estudantes interessados na sexualidade.

como tudo de bom que há ... eu vivo ela num olhar, num afago, num cafuné ... num discurso picante, num convite prá sair ... enfim, se a gente gosta, não tem essa de virtual ou real não (...)

A sexualidade virtual pode ser usada como um complemento para uma relação amorosa já existente, como uma forma de efetuar experiências com a sexualidade ou ainda, como uma alternativa para grupos minoritários (DANEBACK, COOPER & MÄSSON, 2005).

Ao contrário da representação de Andréa e Beatriz, Carla percebe a sexualidade virtual, exatamente como percebe a sexualidade real e acredita no anonimato como sendo um recurso que existe no ambiente on-line que pode ajudar seus usuários com poucas aptidões sociais, com dificuldades de relacionamento interpessoal ou mesmo os portadores de estigmas, pela ausência da avaliação social, pelo medo do embaraço e pelo medo da rejeição dos outros. Assim, a aluna Carla valoriza os relacionamentos do mundo virtual da mesmamaneira que valoriza os relacionamentos reais, fazendo uma ressalva no tocante à presença física a qual é muito evidenciada por ela. Vejamos assim a fala da aluna:

(...) eu acredito que em algum momento, qualquer relação virtual deva caminhar para o mundo real, porque prá mim ... o toque, o cheiro, o sorriso do Outro é coisa sem preço...é uma loucuuuuura! ... e mais ... eu acho que , um relacionamento virtual é uma relação por si mesma, tipo assim ... enquanto tá só na Internet, a gente pode manter aquela imagem ideal que a gente construiu do outro... e isso também me fascina muito!"

Para Andréa o recurso do anonimato age como facilitador de relacionamentos para pessoas tímidas e com tal dificuldade, enquanto que para a aluna Beatriz, o anonimato facilita a reentrada nas salas de bate-papo com nova identidade e Carla enxerga este recurso como facilitador das relações de pessoas portadores de estigmas e de acordo com Carvalheira & Gomes (2003) o anonimato, para os sujeitos com dificuldades no relacionamento interpessoal e poucas aptidões sociais, favorece a expressão de desejos e fantasias que não são vivenciadas de outras formas. Podemos verificar a posição da aluna Carla em sua fala:

(...) minha amiga nunca arrumou um namorado por causa do defeito na perna, ela teve paralisia infantil ... virtualmente ela costuma se apelidar de 'Sedutora 23' ... tá vendo como é bom? ... na net todo mundo é igual!

Desta maneira, diante das falas das alunas Andréa, Beatriz e Carla, fica nitidamente expresso que elas percebem o recurso do anonimato, no mundo virtual, de maneiras diversas, assim são capazes de concretizá-lo e materializá-lo.

Segundo Nóbrega (1996, p. 16) a objetivação “consiste em materializar as abstrações, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, enfim, transformar em objeto o que é representado (...) As palavras são acopladas às coisas, o abstrato é tornado concreto.”

Para a aluna Carla a privacidade da relação virtual lhe atrai, bem como a privacidade da relação real. A sexualidade na perspectiva dessa aluna não é a genital, ou seja, a que se centraliza no ato sexual. Ao contrário, para ela, a sexualidade está difusa não só no corpo todo, como também, está no ambiente e em todos os atos que não são, propriamente, sexuais. Desta forma, a aluna Carla percebe a sexualidade arraigada de sentimentos de naturezas diversas como, o ciúme, o carinho, a paciência e, sobretudo, o amor. De acordo com Boff (2002, p. 43) “(...) a sexualidade-amor é a força mais poderosa de modelagem das existências e de geração de sentido para a vida que historicamente conhecemos”.

Vejamos o que expressa a aluna Carla:

(...) no dia que percebi que eu tava apaixonada por um ‘gato virtual’ foi muito parecido com o dia que eu me toquei que tava também apaixonada pelo meu atual namorado ... aff!! ... eu tava louca de ciúmes de uma tal de ‘Honney 17’ que não parava de dar em cima do meu gato na sala de batepapo e, agora foi a mesma coisa...ciúmes também.

De acordo com o exposto no capítulo – Sexo e Sexualidade - do presente estudo, os relacionamentos, atualmente, não estão pautados somente nas convicções tradicionais, histórica e socialmente impostas. Ao contrário, os relacionamentos estão baseados, via de regra, na satisfação e realização do momento presente. Mesmo sendo a sexualidade virtual gerada fora do seio familiar e construída em um espaço virtual, ela baseia-se também nas relações interpessoais que visam à realização e a felicidade pessoal tornando-se, de acordo com Giddens (1993) a expressão mais evidente do processo da “transformação da intimidade”. Vejamos o que diz a aluna Carla a esse respeito:

(...) tanto faz...se na net ou não ... o meu ideal é viver feliz, então preservo os meus relacionamentos até o dia que dá...quando vejo qualquer ‘embaraço’, sou a primeira a cair fora (...).

Bauman (2004) fazendo comparações entre o amor tradicional e o buscado no ambiente virtual, critica a velocidade e a efemeridade das relações virtuais, mas não chega a abordar a questão pelo ângulo da ambigüidade entre a construção da experiência tradicional e aquela vivida no ambiente da virtualidade.

Nesta mesma vertente, dentro da discussão sobre a presença e a não presença, como sobre a realidade e a virtualidade, o amor de verdade e o amor virtual, verificamos que, para a aluna Andréa e para a aluna Beatriz, o virtual não significa real, diferentemente da aluna Carla que não coloca distâncias entre essas duas maneiras de relacionamentos. Observamos também que tanto a aluna Andréa quanto a aluna Beatriz fazem uma ressalva aos relacionamentos virtuais por não saber se as pessoas com as quais se relacionam falam ou não a verdade sobre si mesmas. Desta forma, as alunas elaboram suas próprias visões e conceitos sobre os relacionamentos virtuais. Para Jodelet (2001), a representação social é uma forma de conhecimentos, socialmente elaborado e compartilhado, que tem uma intenção prática e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Carla nos revela que, como estudante de Enfermagem, preza muito pela sua saúde e é neste ponto que consegue diferenciar os relacionamentos virtuais e reais. Para a aluna poder namorar sem o risco de contaminação com qualquer tipo de bactéria ou vírus já é uma grande vantagem dos relacionamentos virtuais sobre os reais e assim, Carla expressa nos fala:

(...) hoje em dia não dá prá brincar, não! ... o que tem de bactérias e vírus sofrendo mutação por aí, eu heim?!? ... eu tenho é medo até de beijar (risos)

Este modo de perceber a questão saúde/ doença coaduna com a percepção das alunas Andréa e Beatriz, que também priorizam um estado de saúde saudável. Tanto Andréa, quanto Beatriz valorizam a Internet por reconhecerem o valor da privacidade nos relacionamentos virtuais. Observa-se que as duas primeiras alunas, Andréa e Beatriz, priorizam o relacionamento real em relação ao virtual por acreditarem que estes relacionamentos virtuais não passam de imagéticos e que o alcance de suas realizações está, verdadeiramente, no mundo real, enquanto a terceira entrevistada, a aluna Carla, percebe os relacionamentos virtuais e reais de certa forma, como sendo iguais, porém não abre mão do contato físico. Vejamos a fala da aluna Carla:

(...) eu mesma não vejo muita diferença, pois na net existe de tudo ... as mesmas pessoas que usam a Internet são as mesmas pessoas que andam na rua...aqui na faculdade ... prá mim, não tem nada de estranho ou de sobrenatural (...).

Para a aluna Carla o que tem de diferente na Internet é, além do 'botão de desligar', a carência de tocar e de sentir o parceiro. Observamos um esforço contínuo de apagamento de diferenças entre a realidade física e a realidade virtual quando a aluna Carla fala que o que ocorre na realidade física também se encontra na virtual. Podemos observar que a aluna percebe o mundo virtual da mesma maneira que Lévy (1996) aponta na sua obra intitulada: O que é o virtual?

Segundo Senft (1997) o que torna a sexualidade virtual diferente é a forma como seu relacionamento, com essa base tecnológica, propicia efeitos de vivência de milhões de performances cooperativas que ocorrem em diferentes localizações, no mesmo momento.

A representação social da aluna Débora da 'Sexualidade em tempos de Internet', se contrapõe às representações das alunas supracitadas, ou seja, Andréa, Beatriz e Carla. A aluna Débora nos revela detestar o mundo virtual, ou seja, detesta relacionamentos virtuais, por não acreditar na existência de afeto sem que as pessoas se conhecem e, assim, nos revela que usa a Internet para pesquisas e esclarecimentos de toda natureza. Além disso, a aluna Débora enxerga o mundo virtual fracionando as pessoas de uma maneira imperceptível. Vejamos a sua fala:

(...) com essa mania de ficar navegando na Internet as pessoas não tão percebendo que elas estão perdendo as suas subjetividades...a máquina ta tratando de tornar todo mundo igual a ela...ave Maria.!!!"

A aluna Débora, católica praticante, prossegue em seu discurso, um tanto exaltado, falando como enxerga a sexualidade virtual:

(...) a sexualidade é divina, é coisa dada por Deus prá ser sentida entre somente entre o casal abençoado por Deus e não entre homens e máquinas... tenho pena das pessoas que se passam por incompetentes e não conseguem se relacionar aqui neste mundo em que vivemos, neste mundo de meu Deus (...).

De acordo com Azzi (1993), a igreja, como instituição religiosa, cumpriu seu papel conservador dos valores sociais, por intermédio da impregnação do medo religioso e do pecado. Ela tentou manter a vergonha ligada a tudo que se relacionasse a sexo; defendeu a manutenção da virgindade feminina e a aceitação

da relação sexual somente após o casamento, instituindo, dessa forma, o controle da sexualidade feminina.

Turkle (1997, p. 264) assevera como funciona a Internet: “(...) na Internet, você se vê atuando em sete janelas abertas na tela, assumindo literalmente diferentes personalidades(...)”.

A aluna Débora é conhecedora do mundo virtual, porém só o utiliza para fins de pesquisas por considerar inviável se estabelecer um relacionamento via Internet. Vejamos o que a aluna fala a esse respeito:

(...) Prá mim é o companheirismo, a sensação agradável, o respeito, a necessidade de ficar junto, esse jogo limpo, essa parceria da vida que se vive a sexualidade de maneira plena ... é através de um sentimento de gostar de alguém, de querer estar com alguém (...).

Segundo Vidal (1978, p. 260), “(...) a sexualidade é uma linguagem de comunicação entre pessoas em sua dimensão mais profunda de intersubjetividade”.

Desta forma, de acordo com o autor, a sexualidade é a grande possibilidade que o homem tem para o encontro com os outros, é, pois, a força que estimula as pessoas abrirem-se e a sair delas próprias, esta compreensão da sexualidade evita restringir a sexualidade à genitalidade. Como conhecedora dos assuntos pertinentes às salas de bate-papo, Débora ressalta dois pontos positivos nas relações virtuais concordando com as alunas: Andréa, Beatriz e Carla, entrevistadas anteriormente, que são: a privacidade que se tem ao relacionar-se virtualmente e a não vulnerabilidade para doenças.

Em alguns casos, ‘affairs online’ podem conduzir a ‘affairs offline’, potencializar danos, como também, pode aumentar o risco das doenças sexualmente transmissíveis (FREEMAN-LONGO, 2000, apud DANEBACK, COOPER & MÅNSSON, 2005; MICHAEL, MC GRATH & CASEY, 2002).

Segundo Débora, as coisas de Deus não podem ser mediadas pela máquina e a exemplo cita a vivência da sexualidade. Em sua fala ela expressa seu posicionamento:

(...) Prá começar, acho esse negócio de relacionamento virtual o império da mentira! A minha opinião sobre relacionamentos virtuais é muito simples e fácil de entender ... eu acho que as pessoas estão se relacionando virtualmente porque elas sentem necessidade de anular as imperfeições aparentes que elas têm que ficariam muito nítidas nas relações

normais...assim estas pessoas, virtualmente, assumem, quase sempre outra forma, ou simplesmente destacam detalhes que elas consideram valoráveis aos olhos dos seus parceiros virtuais...prá mim, relacionamento virtual é coisa de maluco! ... sinceramente não entendo como pode alguém gostar de uma pessoa que não pode ver nem tocar ... eu mesma, prefiro as relações normais com todas as imperfeições que possam existir (...).

A aluna Débora faz uma articulação da característica do anonimato presente nas salas de bate papo associada à possibilidade da criação de uma identidade, segundo ela, mais verdadeira e nos fala:

(...) se, ao menos, as pessoas fossem mais verdadeiras poderiam viver no mundo virtual, sem se esconderem por trás de apelidos as coisas que na realidade física elas não se permitem viver, de maneira que estas pessoas se tornariam mais felizes.

Retomando à fala da aluna Débora, percebemos que ela censura, no seu modo de enxergar, aqueles relacionamentos virtuais que não atingem o real. A aluna percebe esta possibilidade como algo retrógrado na vida do ser humano, haja vista, a aluna acreditar na sexualidade como troca. Vejamos sua fala:

(...) tanto a sexualidade, quanto o amor real devem ser construídos no cotidiano mesmo ... no dia a dia ... e não de qualquer jeito da noite pro dia ... eu, sinceramente, acho que a minha felicidade não depende, exclusivamente, do outro..eu acho que quando a gente está bem, tudo dá certo...e mais, eu acho que a vivência de uma boa sexualidade tem muito a ver com o investimento que a pessoa faz nela própria e no Outro. Prá mim a sexualidade sempre está relacionada com o interesse em se dedicar à pessoa amada ... prá que a gente possa estar com alguém, vivendo de forma saudável a sexualidade, a gente tem que cativar, falar as verdades de frente, olho no olho ... e mais, tem que existir haver toda uma disponibilidade de troca, de cumplicidade (...).

De acordo com Goffman (1985) o encontro face a face supõe uma condição de controle da situação e é isto que escapa na realidade virtual. A aluna Débora prossegue nas suas colocações enfatizando a causa que a faz não acreditar nos relacionamentos virtuais:

(...) no mundo virtual todo mundo se comporta como uma criança num fiteiro ... assim ... ela olha os bombons experimenta, experimenta ... e ... depois quer levar tudo prá ela ... ou, se chateia e abandona tudo por lá mesmo ... parece que a criança não consegue se satisfazer com um bombom ou com um chiclete ou com uma pipoca ... ela quer tudo de uma só vez ..., ou nada!!! Assim é que eu enxergo as pessoas que se envolvem nas salas de bate papo ... querem tudo e nada ao mesmo tempo ... ainda bem que há um ponto positivo nas relações virtuais, a privacidade, porque senão o mundo se acabaria numa sem vergonhice geral (...).

E prossegue a aluna Débora:

(...) por isso e por outras coisas é que eu não acredito em amor, amizade, afeto que, por nada se acabam ... isso tudo é uma farsa ... uma grande mentira de vida ... eu mesma não acredito em nenhum tipo de sentimento virtual... prá mim a Internet deveria ser vista como uma ponte para um companheirismo com respeito, jogo limpo ... parceria de vida, você entende?"

Diante das falas da aluna Débora, pudemos perceber quase que uma aversão pela prática da sexualidade de forma virtual que chega a classificá-la como sendo o império da mentira. A sua representação difere das demais alunas, principalmente da representação da aluna Carla que percebe a sexualidade virtual quase sem nenhuma diferença da sexualidade vivida no mundo real. Já Andréa e Beatriz representam a sexualidade mediada pela Internet como um fenômeno pertinente e comum a realidade atual: enquanto Andréa a percebe como sendo facilitadora de emoções, Beatriz a enxerga como sendo uma maneira de distração e descoberta de si, como pessoa e mulher. Há unanimidade nas visões e conceitos formados pelas alunas no que diz respeito aos relacionamentos reais. Para Andréa, apesar de adorar as salas de bata-papo e não atribuir sentimentos à sexualidade se pudesse escolher um tipo de relacionamento, escolheria um relacionamento real para viver, pois ela preza por carinhos, beijos, enfim pela presença física do companheiro. A aluna Beatriz concordando com a visão de Andréa também prima por relacionamentos reais, onde as pessoas podem trocar carícias e afagos e, assim, afirma a aluna Beatriz:

(...) porque se gosto de alguém eu quero estar com esta pessoa de verdade, ao vivo e a cores ... tocando, cheirando, beijando ... preciso sentir o cheiro, preciso de ver ... de tocar (...).

Carla apesar de perceber a vivência da sexualidade no mundo virtual igualmente a do mundo real prioriza a sexualidade do mundo real por valorizar o contato físico. Débora por considerar o mundo virtual um mundo sem expectativas, sequer considera a existência da vivência de uma sexualidade virtual pela própria efemeridade que rodeia a relação virtual. Para a referida aluna, as pessoas que desejassem experiências passageiras e fúteis deveriam se valer da Internet com suas salas de bate papo, pois, para ela, os relacionamentos virtuais agem como uma ferramenta que permite aos seus usuários travarem suas próprias guerras ao

se relacionarem com várias pessoas ao mesmo tempo, mudando de nomes e, conseqüentemente de perfis. Vejamos a fala da aluna Débora:

(...) espaço é espaço ... tempo é tempo ... que conversa é essa que nas salas de bate-papo não tem espaço nem tempo? ... eu não entendo como as pessoas podem manter um diálogo, ou relacionamentos com uma porção de gente ao mesmo tempo ou mesmo com aquelas pessoas que aproveitam das outras mudando de nomes e de perfis ... tudo ocorre em questões de minuto no mundo virtual ... se agora alguém te curte ... daqui a pouco some ... não! ... isso é ridículo!.

A aluna Fernanda, nossa última entrevistada é fã incondicional da Internet e procura material de informação sobre temas relacionados ao sexo, pois considera fundamental buscar este tipo de esclarecimento, já que convive em um ambiente onde é muito requisitada. A aluna leciona para vinte crianças em uma escola pública de ensino fundamental, na Capital. Para a aluna Fernanda, a representação da sexualidade real e/ou virtual relaciona-se com os sentimentos igualmente como Beatriz e Carla percebem. Enquanto as alunas: Beatriz, Carla, Débora e Fernanda percebem a sexualidade imbricada ao mais nobre dos sentimentos, ou seja, o amor, a aluna Andréa, consegue desassociar o fenômeno da sexualidade de qualquer tipo de sentimento enfatizando-a somente como parte da personalidade humana. De acordo com os ensinamentos de Vidal (1978, p. 258) “(...) o fenômeno da ‘sexualidade’ dentro da realidade humana tem adquirido nos últimos anos uma nova valorização”. Quanto ao recurso do anonimato presente nas salas de bate-papo percebemos maneiras diferentes das alunas o enxergarem:

Na vivência da aluna Andréa o anonimato no mundo virtual, nas salas de bate-papo, facilitam as relações das pessoas mais tímidas que sentem dificuldade de se expressarem. Para a aluna Beatriz, o anonimato, age como facilitador numa troca identidades que, para ela, pode ocorrer durante um diálogo estabelecido, a qualquer tempo e a qualquer hora. Já a aluna Carla deixa bem claro que, o anonimato ajuda as pessoas que se sentem estigmatizadas a se relacionarem sem o peso da pressão social que recai sobre as suas diferenças. Na vivência da aluna Débora, o anonimato poderia ajudar as pessoas a se tornarem mais transparentes e verdadeiras nos seus relacionamentos e a aluna Fernanda percebe o anonimato, simplesmente, como uma medida de proteção, já que, os relacionamentos virtuais envolvem um universo de pessoas desconhecidas. Vejamos a fala da aluna Fernanda:

(...) nem pense ... nas salas virtuais a gente tem que ficar atenta a tudo, pois rola de tudo ... ainda bem que a gente entra lá e ninguém fica sabendo, de verdade, quem a gente é (...).

O anonimato, portanto, serve, ao mesmo tempo, segundo as alunas entrevistadas, como um recurso que ameaça e protege. Podemos perceber em suas falas que elas enxergam o anonimato, nas salas virtuais, como uma proteção no sentido de impedir que o Outro, mal ou bem intencionado, tenha acesso direto às usuáries das salas virtuais e, como ameaça no momento em que os usuáries das salas virtuais mentem e se fazem passar por outras pessoas. Sendo esta opinião unânime entre as nossas entrevistadas, a proteção e a desproteção parecem estar muito próximas de uma sensação de ameaça que é propiciada pela compressão espaço-tempo, bem como, pela negação do impossível e pela multiplicação de estímulos e informações afetando, diretamente, a capacidade crítica das pessoas, próprias do mundo contemporâneo (BAUDRILLARD, 1999; LEBRUN, 2004; VIRILIO, 1999).

No tocante a privacidade das relações virtuais, todas as alunas entrevistadas, Andréa, Beatriz, Carla, Débora e Fernanda, mostraram-se unânimes em afirmar o quanto valorizam a questão da privacidade em relação aos relacionamentos virtuais. Para a aluna Fernanda, a sexualidade virtual, tem algumas vantagens dentre as quais a privacidade. Vejamos sua fala:

(...) ainda bem que a vivência da sexualidade virtual pode acontecer escondida de todo mundo ... ainda bem que tem privacidade neste mundo!" (risos)

Outro ponto em comum nas representações destas cinco alunas se refere ao distanciamento das doenças nas relações estabelecidas via Internet e assim, Fernanda nos fala:

(...) pelo menos a gente sabe que nessa loucura virtual ... as doenças passam bem longe, já que o contato físico é zero ... eu acho isso muito legal, pois, as pessoas portadoras de doenças contagiosas podem viver e aproveitar de sua sexualidade, mesmo que praticando o sexo, sem contaminarem seus parceiros (...).

Durante a nossa conversa foi levantada a questão da durabilidade das relações travadas nas salas de bate-papo, e nesse sentido as alunas Andréa, Beatriz, Carla e Débora enxergam os relacionamentos virtuais como efêmeros

enquanto que, a aluna Fernanda, já não o percebe dessa forma onde sua opinião fica expressa de maneira muito clara em sua fala:

(...) eu acho que os relacionamentos virtuais, muitas vezes, podem trazer uma satisfação muito superior do que certos relacionamentos reais... porque eles estão mais imunes às interferências externas, aos 'pitacos' de terceiros, entende? ... apesar de que eu prefiro relacionar-me 'ao vivo' ... eu penso que... na maioria das vezes, os relacionamentos virtuais podem ser mais intensos e mais duradouro, uma vez que escrever o que a gente sente, é mais fácil e mais romântico do que falar (...).

Interessante observar que a aluna Fernanda foi a única entrevistada evidenciar a escrita como sendo mais fácil e romântica. Prossequindo, a aluna Fernanda conclui sua idéia e nos fala, claramente, da representação que faz da sexualidade virtual:

(...) eu acredito que ... a internet pode e deve servir de ponte para que as pessoas mais tímidas possam adquirir confiança nelas mesmas e possam viver na realidade, o que foi começado virtualmente, nas salas virtuais...eu penso, ainda, que viver a sexualidade via net é uma maneira muito gostosa e muito mais segura de curtir novas aventuras, especialmente quando a gente não pode se expor muito por ser casada, noiva ou namorada ... enfim, por ser comprometida.

Percebemos através da fala da aluna Fernanda que para ela, a sexualidade vivida virtualmente pode e deve servir de trampolim para um futuro relacionamento real, já que facilita a desinibição das pessoas mais tímidas e ainda, a aluna considera estes relacionamentos virtuais salutareis e mais seguros em certos contextos sociais. E prossegue a aluna dizendo:

(...) acredito que em algum momento, qualquer relação virtual deva caminhar para o real, porque prá mim ... o toque, o cheiro e o sorriso do Outro é coisa sem preço ... é bom demais! ... mais ... eu acho que, um relacionamento virtual é uma relação por si mesma, tipo assim... enquanto tá só na Internet, a gente pode manter aquela imagem ideal que a gente construiu do outro... isso é meio que louco (...).

Retornando, parece-nos muito claro que as alunas, por nós entrevistadas, associam as suas sexualidades aos sentimentos, exceto, a aluna Andréa, que como vimos, percebe e vivencia a sua sexualidade, de forma plena, independentemente de qualquer tipo de sentimento, fato esse que a faz destoar das demais entrevistadas.

De fato, a sexualidade independe de socialização, de aprendizagens de regras, de roteiros e de cenários sexuais para ter um significado e ser exercida. Desta forma, as idéias, as concepções sobre as pessoas, sobre suas condutas e sobre seus corpos “(...) não podem ser generalizadas para toda a sociedade e tomadas como verdades imutáveis” (HEILBORN, 2002, p. 56). As alunas Beatriz e Fernanda expressam as suas sexualidades através dos relacionamentos virtuais e demonstram distingui-los dos relacionamentos do mundo real. Diferentemente das alunas Andréa e Carla que os vê da mesma forma, porém, priorizam os relacionamentos reais por valorizarem o presencial. Vejamos a fala da aluna Fernanda:

(...) podes crer ... os relacionamentos virtuais são um passatempo gostoso, prá você ter noção, eu falo com vários homens e até já me apaixonei muitas vezes ... depois acordo do sonho e corro para os braços do meu namorado ... (risos) ... sabe porque? ... porque eu, pessoalmente, consigo separar o mundo real do mundo virtual...eu sei, muito bem, o que quero de cada um (...)

Depois, de um breve silêncio, a aluna Fernanda concluiu:

(...) hoje eu tenho certeza que um relacionamento virtual pode fazer muito bem para o ego da gente, pode botar a gente pra cima ... e prá mim, a possibilidade de uma relação virtual virar real é que torna tudo mais mágico ainda (...).

Segundo Carvalheira & Gomes (2002) o sexo na Internet pode assumir uma grande diversidade de formas e objetivos, numa variedade de contextos. Assim sendo, na percepção das estudantes entrevistadas a sexualidade virtual está dominada por duas posições polares: uma, de ordem conservadora que enfatiza a transgressão de modo que, a sexualidade virtual apresenta-se ladeada de conotações morais, a exemplo da percepção da aluna Débora e por outro lado, há quem enxergue a sexualidade virtual como libertária consagrando, sobretudo, o direito a felicidade, como percebem as alunas Andréa, Beatriz, Carla e Fernanda.

Portanto, a sexualidade é uma construção e como construção é histórico-social e culturalmente determinada, com a qual se aprende atribuições e significados para as vivências, as práticas e as experiências sexuais. Desta forma, como pudemos observar com nossas entrevistadas, a sexualidade não assume a mesma importância para todas as pessoas. Ela varia de acordo com o lugar que

cada um ocupa em cada sociedade e em cada cultura estando inserida no contexto dos corpos, como sujeito de construções culturais e sociais. (LOYOLA, 1998).

As entrevistas acima nos permitiram, de acordo com Oliveira (1996), elucidar e recuperar os elementos constitutivos das representações das alunas entrevistadas, bem como, conhecer a organização desses elementos, sua importância relativa e sua hierarquia e também, recuperar o núcleo central dessas representações.

5.3 REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE COMO FANTASIA SEXUAL

Através do Dicionário de Psicologia, verifica-se que a definição de fantasia, está voltada claramente para a construção mental consciente de imagens, de eventos ou objetos. Geralmente, a fantasia, é uma atividade prazerosa que pode indicar saúde psicológica e pode ser útil na exploração criativa de possíveis cursos de ação (STRATTON & HAYES, 1993). Durante a fantasia é possível criar e recriar situações, episódios, mudar, tirar, colorir cenas, como também, reviver situações, comportamentos e experiências satisfatórias e prazerosas, expressar criatividade, satisfazer os mais variados desejos.

Já as fantasias sexuais são entendidas como imagens eróticas de relações sexuais, incluindo variações como encontros homossexuais, sexo grupal ou até mesmo a prática do sadomasoquismo. Estudos indicam que a maioria das pessoas tem sete ou oito dessas fantasias todo dia, e que as mais comuns são a substituição do parceiro usual, encontros sexuais forçados e a observação de atividades sexuais. (GOLDENSON & ANDERSON, 1989). A evocação de cenas eróticas, durante as fantasias sexuais, é o alimento do desejo sexual podendo, as fantasias sexuais, acompanhar uma masturbação solitária e também um coito heterossexual ou homossexual. Por sua vez, elas também podem ocorrer quando se está quieto, ouvindo músicas, caminhando e em muitas outras situações, como a que vamos observar mais adiante, nas falas das nossas entrevistadas. Enfim, as variedades das fantasias são infinitas e diversificadas podendo ser construídas sobre situações imaginárias ou reais.

Cada indivíduo constrói as imagens que lhe é mais excitante fazendo-as desfilerem por sua mente. Desta forma, as fantasias sexuais variam de pessoa para pessoa e podem ou não incluir o parceiro. A grande vantagem das fantasias sexuais é poder inventá-las, do jeito que se quiser. Assim sendo, as fantasias sexuais classificam-se da seguinte maneira:

- Experimentação: são experiências que nunca tenham sido tentadas na vida sexual. Em alguns casos, é importante a emoção do proibido, enquanto em outros é o desejo;
- Conquista: neste tipo, existem dois papéis: o conquistador e o conquistado que procura se sentir comandado, forçado ou seduzido;
- Troca de parceiros: é uma das variedades mais comuns; trata-se de imaginar uma relação de sexo com um parceiro diferente do real;
- Sexo em grupo: a imagem de sexo em grupo está relacionada ao padrão anterior e apresenta grandes variações;
- Sadomasoquismo: este tipo de fantasia invoca imagens de pessoas sendo espancadas, amarradas, chicoteadas, acorrentadas ou agredidas de qualquer forma que provoque agressão.

A Internet, com seus sites de relacionamentos, mais especificadamente, as salas privativas são ótimos recursos eróticos para a vivência da sexualidade como fantasias sexuais, assim sendo, praticar o sexo virtual é entregar-se a uma fantasia erótica e esta prática a cada dia vem somando mais adeptos.

Foi-se o tempo em que ‘transar’ era sinônimo apenas de contato físico, penetração, beijos e carícias. Revolucionou-se a maneira de viver o sexo e atualmente, com um simples acesso a determinados sites da Internet tem-se prazeres e sensações que, somente, eram vividas entre quatro paredes. O chamado sexo virtual ou cibersexo, como vimos anteriormente, é uma forma de masturbação que a cada dia atrai mais adeptos e curiosos. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, nos envolvendo naquilo que Giddens (1993) chamou de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar.

A representação da sexualidade como fantasia sexual é percebida pela aluna Andréa como um fenômeno novo, interessante e crescente. Andréa, como já havíamos percebido em encontros anteriores, não tem problemas de falar sobre Sexo e Sexualidade. No momento em que expusemos o tema da conversa sentimos, de imediato, uma animação por parte dela que deu-nos seu parecer:

(...) fantasias sexuais... isso é muito bom...é muito picante num relacionamento... A pessoa que está do outro lado não sabe quem você é então, tudo que a gente criar, disser e fizer não traz consequências prá gente (...).

A imaginação não impõe limites, assim sendo, nas fantasias só acontece o que o indivíduo realmente quer e como quer, porque tudo é permitido. “O bonito da fantasia é que ela dá liberdade para experimentar várias situações sexuais, além dos limites da realidade. A imaginação não impõe limites. O homem se realiza na fantasia, pois aí, ele reina absoluto. Só acontece o que ele realmente quer e como quer, porque tudo é permitido. “O bonito da fantasia é que ela dá liberdade para experimentar várias situações sexuais, além dos limites da realidade” (HEIMAN & LOPICOLLO, 1992, p. 89). Considerando-se que uma das principais características das fantasias, é a ausência de limites e a magia que as envolve, de acordo com Parker (1991, p.169) a fantasia “dissolve as repressões e restrições da realidade. Como todo imaginário erótico, ela se enfoca na satisfação do prazer”.

Em Goffman, (1983) encontramos que na vida social os indivíduos tentam representar-se a si mesmos perante os outros com base naquilo que supõem que o outro possa pensar, utilizando uma estratégia de controle das impressões. E aluna Andréa prossegue em suas colocações:

(...) olha só... a minha madrinha me falava que no tempo dela tinha os bailes de máscaras onde as pessoas podiam se soltar... se beijar e..., eu acho que até transar também,... (risos) e ninguém ficava sabendo... hoje a gente tem a Internet prá brincar, fingir e criar cenas e cenários de prazer, só nossos... e com a vantagem de ser ainda mais seguro, longe de doenças (...)

Andréa nos revela que esta nova forma de ter relações sexuais, ou seja, relação sexual munidas de fantasias virtuais possibilita a exploração da sexualidade individual na tentativa de conhecer sempre algo novo ainda não tentado ou, mesmo quando não há a intenção de tentar em relações reais. Vejamos o que expressa Andréa:

(...) a excitação de entrar em uma suíte de sexo virtual é semelhante a sensação de assistir a um filme erótico, mas... a vantagem é que agente participa do'script'...adoro esse tipo de 'filme'...o mais legal é que a todo instante mudam-se os atores, aí você pode ir conhecendo e vivendo de tudo um pouquinho e sem se prender a nada (...)

Bauman (2004) ressalta Sennett no momento em que ele versa sobre as dificuldades dos indivíduos em lidarem com os seus compromissos lembrando a busca de oportunidades e de experiências diversas, caracterizando-o como 'coleccionador de sensações' e de experiências que remetem ao próprio sexo como resultado e por isso, segundo o autor, os envolvidos nessas relações sabem da separação dos caminhos, mais cedo ou mais tarde. De acordo com Bauman (2004) a medida que o sexo foi sendo isolado de outras formas de relacionamento social acabou-se transformando-se em um instrumento de privatização e mercantilização.

A aluna prossegue em sua fala:

(...) na net, a gente pode inventar muitas coisas, viver muitos outros papéis ... aqui fora não! ... assim, na realidade física, eu não posso ser eu ... pois não posso fazer tudo àquilo que eu gostaria e que me deixaria feliz em fazer, isso só por conta das más línguas, tu me entende?

A frequência com que o indivíduo fantasia, o que ele se permite imaginar e, como ele vai compartilhar suas fantasias sexuais, dependem dos valores que ele construiu ao longo de sua vida, em relação a sexo e uma coisa é certa: não há idade para as fantasias sexuais. Pois, segundo Masters e Johnson (1988) a fantasia liberta e enriquece a vida sexual.

A aluna Andréa durante a nossa conversa deixa claro que se sente incomodada com a repressão sexual que ainda, segundo ela, existe e muito atrapalha a sua vida. Se o sexo é reprimido, isto é fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem, coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder, desordena a lei, antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. Daí essa solenidade com que se fala, hoje em dia, do sexo (FOUCAULT, 1984).

A aluna Andréa nos revela que através da Internet, as fantasias sexuais podem ser exercitadas bem mais facilmente. Vejamos:

(...) na net a gente pode se deliciar com as nossas fantasias sexuais que ficam escondidinhas no fundo do baú (...).

Smmel (2002a) analisa as aventuras e entende que as mulheres que se dirigem aos sites sem intenção precípua de um compromisso, podem estar procurando por diversão ou puramente por fantasias sexuais ou ainda, por uma vivência avventuresca e não aventureira no sentido estereotipado da mulher depreciada que se oferece, simplesmente, ao puro gozo masculino.

Ao navegar pela Internet existem diversas possibilidades das pessoas se depararem com sites que são criados para usuários que se engajam, explicitamente, em aventuras eróticas. Segundo a aluna Andréa, o cibersexo aconteceu em sua vida, por intermédio das suas colegas e, no momento em que experienciou o prazer e as fantasias sexuais virtualmente, passou a se conhecer mais como mulher. Vejamos o que nos fala a aluna:

(...) claro que eu já tive orgasmos teclando... mas confesso que fiquei meio lesa, pois eu nunca pensava que eu seria capaz... eu jurava que era viagem de gente maluca, mas aconteceu comigo!... fui tomada por uma excitação tal e quando vi já tinha acontecido... poxa!! ..foi muito gostoso., muito especial (...).

A representação da aluna Andréa acerca da sexualidade como fantasia sexual é, evidentemente, distanciada de preconceitos e satisfatoriamente aceita., entretanto, a aluna ressalta que se a fantasia for vista como uma condição para a relação, deixa de ser excitante e passa a ser um transtorno. E assim a aluna expressa:

(...) tu tem que tá a fim de criar as suas próprias fantasias ou ouvir as fantasias do Outro que está do lado de lá... entenda...se a fantasia não for idealizada por vontade ela passa a ser doença... 'Deus me livre! (...)

Conforme a constatação de Giddens (1993), hoje as mulheres comportam-se de modo diferente daquele tradicional, onde eram passivas e tinham que seguir regras rígidas de comedimento e recato. Em conversa com a aluna Andréa percebemos que a mesma valoriza o cibersexo, pois, segundo ela, é através desta prática que consegue realizar suas fantasias sexuais as quais muito se diverte com o jogo da sedução. De acordo com Daneback, Cooper & Månsson (2005) a prática do cibersexo pode ser entendida como uma partilha de fantasias sexuais secretas

ou uma recriação interativa de um romance sexual e também como uma forma de usufruir de diferentes regras ou diferentes papéis.

A referida aluna nos revela a importância que dá a seu corpo como facilitador do jogo da sedução que envolve seus relacionamentos sexuais. O jogo da sedução, segundo Poesia (1995) também foi bem expressado por Cleópatra, a última rainha do Egito e talvez a mais famosa entre todas as rainhas de todos os tempos que soube representar a inteligência, o charme, a força e a ginga da mulher egípcia, (embora não corresse em suas veias sequer uma gota de sangue egípcio). Em relação a sua realização como mulher no cibersexo, a aluna considera importante nos processos de interlocução virtual e sexual, a reprodução de estereótipos presentes em materiais pornográficos que atuam tanto no corpo, quanto no próprio encontro:

(...) se eu tô sentindo o meu corpo legal, consigo externar o meu bem estar através de insinuações... incitações, enfim... faço todo o jogo da sedução que faria se estivesse com a pessoa presencialmente, mas prá isso eu tenho que me sentir sedutora, gostosa... feito aqueles mulherões da 'Playboy'⁵... (risos)

Para Baudrillard (1992) a sedução é um jogo cujos que consiste em transformar os desejos em sinais perceptíveis que os denunciem e esses sinais variam, indo desde as palavras indiretas com significados dúbios e confusos até o gestos mais sutis.

A aluna Andréa nos revela que as fantasias sexuais criadas por ela, via de regra, não assumem outras identidades isto é, a aluna coloca em prática as suas próprias fantasias, segundo a aluna, as mais sensuais possíveis, sem mudar de personalidade. Vejamos:

(...) na criação das fantasias sexuais eu sou sempre eu mesma... mas quando só quero brincar, mudo totalmente de identidade, mas na maioria das vezes assumo as minhas próprias características e vontades...só quando quero me divertir mesmo, ou apenas relaxar é que invento ser outra pessoa...aí vai depender do meu estado de espírito (...)

De acordo com Daneback, Cooper & Månsson (2005) os valores, a cultura e a própria identidade pessoal são determinantes dos tipos de fantasias sexuais,

⁵ Playboy é o nome dado a uma revista voltada para o público masculino que trata de diversos assuntos e contém artigos e fotografias eróticas.

assim, o que não é aceito pela sociedade, ou seja, determinadas formas de expressão sexual, dificulta ou mesmo impede que a experimentação de fantasias sexuais correlatas. Assim sendo, os frequentadores de sites de relacionamentos procuram vivenciá-las através da expressão da sexualidade virtual.

Portanto, quando a aluna pratica o cibersexo com suas fantasias sexuais e através dele consegue viver sua sexualidade, segundo a mesma aluna, há uma plena satisfação. Vejamos a fala da aluna Andréa:

(...) prá mim a fantasia sexual é um componente importante e um grande facilitador do prazer sexual e quando agente fantasia uma relação virtual , a gente consegue descobrir muito de nós com o Outro e também os nossos desejos mais íntimos, sufocados e latentes (...)

Andréa parece-nos muito revolvida nas suas questões de ordem sexual confirmando, de fato, a representação que ela faz da sexualidade tanto virtual, quanto da real. Fato este que pudemos perceber claramente em suas falas e nas entrelinhas. Como afirma Moscovici (1985), as representações sociais são todas as coisas que nos impressionam no mundo que nos cerca; são, pois o efeito de nossas representações compartilhadas, assim como suas causas.

A aluna prossegue com a sua representação acerca da sexualidade baseada na sua vivência do mundo virtual e assim, enxerga o cibersexo:

(...) sexo virtual é coisa de maluco... mas de “maluco beleza” ...sinceramente, eu reconheço que existe uma grande distância entre uma masturbação solitária, acompanhada ou não de fantasias sexuais e o orgasmo conseguido virtualmente onde envolve interação com outra pessoa real em algum lugar do mundo....já falei, o sexo virtual é quase que participar de um filme pornô ou ver uma revista erótica, mas mesmo assim...eu penso que é coisa entre dois malucos, um de cada lado da tela...mais doido ainda é quando a gente pode se vê na tela, com a’ webcam’ ligada...porém, sem tela... pessoalmente...aí não tem nem comparação (...)

De acordo com Virilio (1999) com uma câmera é possível se descobrir, em tempo real, o que acontece do outro lado do mundo em um mesmo instante. O computador, desta forma, não é apenas uma máquina em que se obtêm informações, mas uma máquina de visão automática, operando no espaço de uma realidade geográfica integralmente virtualizada.

No caso do uso de ‘webcam’ os usuários trocam o anonimato, que o ambiente virtual lhes permite, pela possibilidade de se mostrarem, ou de pelo menos

mostrarem os seus genitais ao Outro pela câmera, como se a experiência sexual não se bastasse apenas com o verbo, mas precisasse, fundamentalmente, da imagem. Reforça-se, assim, a tese de Pease (2000) a respeito da objetificação do corpo, no momento em que ressalta a necessidade de materializar o corpo por meio da troca de imagens insistindo-se no registro imagético como concretização das interlocuções, ao mesmo tempo mantendo-se uma relação a nível corpóreo.

Desta forma, no tocante aos aspectos que envolvem a sexualidade e as fantasias sexuais, temos claramente definido que, a aluna Andréa as representa de forma positiva. Andréa percebe as fantasias sexuais, quando facilitadas pela webcam, como um claro movimento de prazer ligado ao exibir-se ou ao observar. A necessidade do contato visual, ou concretizado, corrobora também as considerações de Piscitelli (2005, p. 285) quando diz que “os sites voltados para viajantes à procura de sexo, longe de mostrarem um uso das novas instituições sexuais criadas pela tecnologia, reiteram formas masculinas ‘tradicionais’ de imaginar, ‘experenciar’ e representar a sexualidade”. Isso significa que permanecem representações sociais ligadas à masculinidade como sendo, também, um conjunto de atributos físicos a serem ostentados.

Para a aluna Andréa a sexualidade vivida através do cibersexo é uma prática como um fim em si mesma. Vejamos a sua fala:

(...) O que eu acho legal no cibersexo é que ninguém sabe quem tu e aí a gente consegue desinibir desejos e nossas fantasias sexuais que, muitas vezes, ficam sufocadas... o sexo virtual prá mim é só uma forma segura que eu encontrei de viver minhas fantasias sexuais mais malucas (...).

As fantasias compartilhadas são uma técnica bem legítima, já que é simplesmente um modo de excitar-se e podem ser divertidas, se representadas.

Ao término da nossa conversa Andréa nos fala que enxerga a sexualidade virtual como uma verdadeira fantasia sexual e como facilitadora e desinibidora de possíveis práticas sexuais presenciais, pautadas em fantasias experimentadas virtualmente. Vejamos:

(...) é muito bom...depois que você vive uma fantasia sexual virtualmente, o ato de fantasiar passa a ser uma nova fantasia que você pode curtir no relacionamento real, dá prá tu me entender?...é uma fantasia da fantasia (...).

A entrevista seguinte foi feita com a aluna Beatriz que expressou a representação da sexualidade como fantasia sexual da seguinte maneira:

(...) Acho quase impossível, alguém alcançar verdadeiramente o orgasmo sem estar fisicamente com outra pessoa...eu acho que atingir o orgasmo é a melhor sensação do mundo e deve ser acompanhada de uma temperatura, respiração, cheiro.... prá mim tem de haver pelo menos dois seres, ocupando o mesmo lugar no espaço!"(risos) .

Para Butler (2003), não somos apenas culturalmente construídos, como, em certo sentido, construímo-nos a nós mesmos. De acordo com a aluna Beatriz, a fantasia do homem leva-o à extremos que ele mesmo desconhece, porém, em se tratando de sexo, e principalmente tratando-se de orgasmos, é necessário um oposto real e não virtual para uma completa realização. Vejamos a fala da aluna:

(...) eu acho que fantasiar ajuda a apimentar uma relação, é bem interessante..pode te levar ao nirvana....mas daí você ficar fazendo sexo, gozando com a máquina só com fantasias criadas...eu heim!?! ... prá mim não rola...aí não dá...sexo sem tocar no companheiro.....ninguém merece! (...).

De acordo com Muraro (1996) tocar um corpo é uma das mais doces experiências que é dado ao ser humano. Desta forma, tocar, acariciar com as mãos as formas corporais de nos assumirmos, verdadeiramente como seres. Para a aluna Beatriz o sexo deve ser praticado apenas no real e com quem se ama. Ela atribui significados aos relacionamentos sexuais virtuais, muito diferentes do sentido dado pela aluna Andréa que o desvincula de qualquer sentimento. Enquanto Andréa considera a vivência da sua sexualidade através de fantasias sexuais muito gratificante, a aluna Beatriz se contrapondo a esta opinião não acredita no cibersexo como um facilitador de emoções e desta forma nos fala:

(...) A verdade é que todo mundo que se relaciona virtualmente carrega uma porção de fantasias na esperança de poder realizá-las mas, no mundo real não são capazes de externar nenhuma delas... aí ficam procurando um jeito de se satisfazerem buscando emoções de forma mentirosa ...considero isso uma grande incompetência (...).

Beatriz expressa de forma muito clara como percebe o cibersexo e o que se pode alcançar com a sua prática. Vejamos, então a sua fala:

(...) eu penso também, que virtualmente as pessoas se viciam...porque não há nenhum sentimento nesta relação...é como quem precisa de tomar um golinho de café todo dia prá não dar dor de cabeça...sinceramente, sexo

virtual deve ser muito sem graça, com certeza eu jamais me viciaria numa bobagem dessa (...)

Depois de fazer um gesto de reprovação, a aluna retoma a sua fala:

(...) o sexo virtual é uma coisa muito distante, você não pega...o sexo real é muito bom... mas a 'nossa intimidade' tem que ser preservada e só deve ser revelada se existir amor ... (aspas colocadas por gestos da própria aluna)... pois a gente toca no parceiro, sente o seu cheiro...é uma coisa que assim... meio animal, é... coisa de verdade... faz parte da natureza da gente, é como um instinto que nos leva a loucura!"

Diante do desejo de encontrar um parceiro mesmo que seja de forma ilusória e passageira, as pessoas recorrem as práticas sexuais virtuais por motivos que se contrapõem à natureza humana, assim é com a aluna Beatriz enxerga os usuários do cibersexo. Visão esta que podemos confirmar na sua fala:

(...) Realmente eu acho muito difícil uma pessoa ter orgasmo sem contato físico, o máximo que pode acontecer é ela sentir tesão, mas daí a ter um orgasmo, tá longe hein... para se alcançar o orgasmo a gente precisa estar envolvida com carinho, pele, cheiro e uma série de coisas...diferentemente, as pessoas recorrem ao cibersexo e acabam por criarem situações , às vezes até perversas com elas mesmas, e sem notarem são apreendidas numa malha imaginária, chegando até a anular-se como pessoa fingindo viver o que, na verdade, não passa de mentira e ilusão (...).

Para Goffman (1984), elementos como os olhares, os gestos, as afirmações verbais, os rituais, as rotinas e os posicionamentos dos atores, conferem sentido à ordem normativa que caracterizam a interação humana. Diante das suas colocações, percebemos que a aluna sentiu necessidade de se esclarecer e assim nos falou:

(...) você expressar a sua sexualidade conversando, brincando numa sala de bate-papo é muito diferente de você partir para as 'vias de fato' com uma pessoa que a gente não conhece e nem mesmo nunca viu... que pode falar que é homem sendo uma mulher, fantasiando emoções... não!... são valores, entende?

Em um momento da nossa conversa pudemos perceber que, ao contrário da Andréa , a aluna Beatriz enxerga o cibersexo não de forma positiva como a aluna Andréa. Moscovici (1997) aponta que, os fenômenos sociais que nos permitem identificar de maneira concreta as representações e de trabalhar sobre elas são as conversações, onde são elaborados os saberes populares e o senso comum. Para ela esta prática pode transformar-se em um vício enquanto que, para a aluna Andréa

o cibersexo possibilita a exploração da sexualidade individual visando algo novo. O anonimato para Andréa auxilia nesta prática, pois segundo a aluna, através desse recurso ninguém se conhece no mundo virtual. Por esta mesma razão expressada por Andréa é que Beatriz não acredita na prática do sexo virtual, pois segundo a aluna, em sua escala de valores não cabe um ser com identidade e personalidade construídas imgeticamente, pois, de acordo com Beatriz as emoções devem partir do presencial.

Desta forma, as representações sociais são quase tangíveis, elas circulam, cruzam e se cristalizam continuamente no transcorrer da vida cotidiana e isso estamos tendo a oportunidade de perceber através das falas das nossas entrevistadas. Estas representações podem, como vimos no capítulo referente às Representações Sociais, ser apreendidas através da fala, de um gesto, em suma, através dos discursos verbais e não verbais que circulam no domínio social. Assim, a aluna Beatriz, em meio da conversa ressalta:

(...) eu penso que... se não há uma concretude... algo que se toque e se perceba com o toque, não existe, verdadeiramente uma relação sexual...uma relação gostosa...uma relação amorosa (...)

Costa (1998, p. 12) comenta que vivemos em uma sociedade que nos incita a pensar que “sem amor estamos amputados de nossa melhor parte. (...) nada substitui a felicidade erótica; nada traz o alento do amor-paixão romântico correspondido”.

Em relação às fantasias sexuais como sendo facilitadoras do prazer as duas alunas, tanto Andréa quanto a Beatriz, a enxergam de forma muito satisfatória, porém com uma ressalva da aluna Beatriz que faz das suas opiniões tão iguais se tornarem opostamente diferentes, ou seja: a aluna Beatriz acredita ‘somente’ nas fantasias sexuais vividas no mundo real como sendo propulsoras de prazeres. Já a aluna Andréa deixa-nos evidente que através delas consegue ‘virtualmente’ conhecer melhor a si mesma e os seus desejos mais íntimos. Enquanto que Andréa gosta de exibir-se virtualmente através de câmeras, Beatriz preserva a sua intimidade e só a expõe se há sentimento envolvido na relação presencial. Por fim, as alunas falaram da satisfação de realizarem fantasias sexuais em seus relacionamentos. No entanto, Beatriz usa a sua imaginação para a realização de fantasias sexuais voltada para seus relacionamentos do mundo real, enquanto que a

aluna Andréa cria as suas fantasias sexuais e as vivencia, plenamente, em seus relacionamentos virtuais.

No tocante aos aspectos que envolvem a prática do sexo na Internet, temos claramente definido que no Cibersexo, a virtualização produz não dois corpos, mas um híbrido. Assim, os corpos transcendem os processos puramente orgânicos e dessa forma, a concepção de corpo natural torna-se insuficiente e acaba por fundir-se a uma outra dimensão artificial/tecnológica passível de manipulação. Essas práticas de manipulação corporal proporcionam a sensação de controle sobre os próprios corpos tornando visíveis os sinais de auto-identidade quando o Cibersexo é praticado (PISCITELLI, 2005).

A aluna Carla, a nossa próxima entrevistada, evidenciou certa semelhança na sua representação com a representação da aluna Beatriz acerca da sexualidade como fantasia sexual. De acordo com a aluna Carla, a representação da sexualidade como fantasia sexual não é percebida muito satisfatoriamente por não acreditar no prazer sexual que não seja intermediado pelos sentimentos e com o calor do parceiro. Vejamos como a aluna Carla se expressa:

(...) Acho uma besteira o chamado "orgasmo virtual", proporcionado pelas fantasias sexuais, pois deve ser a mesma coisa que se sente quando a gente vê revistas e filmes pornôs..., ou seja, nada!

E a aluna Carla prossegue de forma segura em sua fala:

Esse papo de virtual não cola!... ao vivo e a cores é muuuuuuito mais legal, você não acha? Tem o olho no olho, o toque, o carinho... Eu não substituo o sexo real... a pele com pele... Confio, sim, em todos os meus cinco sentidos para me levarem ao orgasmo... papo de prazer virtual, não dá!

Nesse momento um silêncio pairou no ar... E em seguida a aluna continuou a se expressar. Vejamos:

Olhe, eu mantenho um relacionamento fixo há três anos e é maravilhoso... a gente compartilha todas as nossas fantasias aí, sim... Realmente eu acho muito difícil uma pessoa ter orgasmo sem contato físico, o máximo que pode acontecer é ela sentir tesão, mas daí a ter um orgasmo, tá longe hein...nunca tentei porque nunca senti vontade. Acho bem complicado... para ter orgasmo, prá sentir prazer... preciso estar envolvida com carinho, pele, cheiro e uma série de coisas(...).

Segundo Veyne (1989); Rougemont (2003); Del Priore (2005) quando se fala de amor, cai-se no ideal romântico no qual a nobreza dos sentimentos elevados deve sobrepor-se à paixão dos sentidos.

Assim, como a aluna Beatriz, no meio da conversa, a aluna Carla, achou ser interessante estabelecer diferenças entre vivenciar a sexualidade virtualmente e praticar o cibersexo e dessa forma nos relata:

(...) sexo é transa e isso eu só faço com meu namorado ou com o meu exnamorado, porque há um envolvimento de afeto...não busco sentir prazer com estranhos ou com fantasmas...prá viver a minha sexualidade basta que eu esteja bem comigo mesma, porque, como já lhe falei, tem que haver todo um contexto (...).

Segundo Bozon (2004, p. 13) como “construção social, a sexualidade humana implica, de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendida ambas através da cultura.”

A aluna revela que sexualidade virtual e a real andam muito próximas, porém, o sexo virtual – o cibersexo – e o sexo real enveredam por caminhos opostos dos quais só um lhe apetece, ou seja, o relacionamento firmado e vivido no mundo real, já que ela, Beatriz, percebe o sexo como um todo. Segundo Baudrillard (1992) a nossa sexualidade é sensualíssima e advém de uma sede irresistível dos corpos, das carícias e afetos.

Em relação às fantasias sexuais virtuais, a aluna Carla as representa da seguinte maneira:

(...) a meu ver... o cibersexo é a própria fantasia virtual... virtuais são fantasias... são expectativas... e sonhos irrealizáveis..., eu acho que pessoas que não tem um contato físico... jamais podem proporcionar e sentir o prazer de verdade...eu acho que através do cibersexo as pessoas sempre procuram uma válvula de escape para os seus problemas e aí elas fogem evitando encontros reais...isto porque eu acho que estas pessoas tem medo da própria realidade...aí fica tudo na imaginação delas...até o próprio prazer (...).

Retomando as representações das alunas Andréa, Beatriz e Carla pudemos observar, nitidamente, as posições convergentes das alunas Beatriz e Carla acerca da prática do cibersexo ao se posicionarem como descrentes do prazer que esta prática pode proporcionar aos seus praticantes. Isto porque, estas alunas, voltam suas visões às emoções obtidas pelo contato físico, através do toque, do beijo, do ‘estar presente’. No entanto, como vimos, a representação da aluna Andréa se contrapõe ao modo pelo qual Beatriz e Carla percebem o cibersexo, ou seja, o prazer virtual para a aluna Andréa, emerge da mesma maneira que no mundo real, independentemente do contato físico. O sexo virtual, neste caso, proporciona

prazeres mediados por fantasias sexuais que o tornam mais excitantes a qualquer hora, em qualquer lugar e com qualquer pessoa, assim, para que isto aconteça, necessitando apenas de imaginação. Ainda, através deste posicionamento da aluna Andréa, a prática do cibersexo mediada pela fantasia sexual virtual torna-se no mundo real uma fantasia para estimular uma relação sexual presencial.

Carla nos revela o quanto teme pelas pessoas menos avisadas que se envolvem com a prática do cibersexo, por pensar que estas práticas podem envolver valores e estragarem muitas vidas. Vejamos a preocupação da aluna Carla em sua fala:

(...) na Internet existe muita gente que super valoriza os prazeres que dizem alcançar, assim sentem-se onipotentes e munidos de um superpoder pessoal superior ao do mundo real... estas pessoas, muitas vezes, mudam as formas de perceberem seus corpos ou inventam um corpo virtual como sendo todo poderoso....assim vivem o cibersexo de forma excêntrica e podem até praticar crimes como a pedofilia... Deus me livre...é muito perigoso, você não saber com quem tá transando...credo!.

Segundo Pereira e Chappari (1998/99) o cibersexo possibilita e potencializa a exploração de outros campos da sexualidade que normalmente são reprimidos social e moralmente. A possibilidade do anonimato liberta os sujeitos dos papéis sociais que eles representam, possibilitando, assim, a vivência de diversos personagens, inclusive de outros aspectos de suas próprias personalidades, como também, a experimentação e a vivência dos seus desejos mais reprimidos. As alunas Beatriz e Carla apresentam mais um ponto em comum na forma de perceberem o anonimato no cibersexo. Estas duas alunas o percebem negativamente, pois só acreditam no que sentem e desta forma, se opõem mais uma vez à posição da aluna Andréa que o valoriza na prática do sexo virtual.

Segundo Moscovici (1978) as representações sociais agem como formadoras de condutas, modelando os comportamentos e justificando as suas expressões.

Débora, a próxima aluna entrevistada, por nós, pareceu-nos chateada quando expusemos o tema de nossa conversa, mas mesmo assim, deu a sua cota de participação com seus pontos de vista. A aluna Débora representa a sexualidade como fantasia sexual de maneira segura e intransigente. Podemos conferir com a sua fala:

(...) Sinceramente o orgasmo virtual pra mim não existe... que coisa ridícula, ainda bem que na net as pessoas ainda têm privacidade para viver essa mentirada nojenta... prá mim não há nada no mundo que possa substituir o contato físico, quando expresso com muito amor e carinho... o contato físico é algo sublime e muito importante para o ser humano. Aposto que Skinner⁶ quando fez seus experimentos sobre condicionamentos e reflexos apoiou a tese de que os chamados orgasmos virtuais não passam de uma exploração da mídia..”(risos)

A aluna Débora prossegue em seu discurso emitindo sua opinião sobre o valor que atribui ao relacionamento presencial:

(...) conhecer alguém, conversar um pouco online, deixar rolar um clima de romance... Tudo isso é muito gostoso... Mas sexo?... não!... esse só presta ao vivo, a cores e com amor... Sexo virtual só pode ser uma fuga da realidade..é um pecado!. Eu acredito que as pessoas insatisfeitas em sua vida afetiva procuram encontrar realização em pseudo-orgasmos virtuais... Acho que essas pessoas, com certeza, ficariam mais felizes e realizadas se encontrassem um amor... uma paixão de carne e osso (...).

Heilborn (2004) assevera que, nos últimos anos, houve um longo processo de autonomização da sexualidade em relação à moralidade, principalmente nas sociedades ocidentais e este processo propiciou o questionamento e a separação entre ‘moral e sexualidade’ e entre ‘sexo e amor’.

Para a aluna Débora, que hoje é freqüentadora assídua de uma Igreja, a sexualidade virtual não ultrapassando nem infringindo os valores morais é aceita como uma forma de distração, porém enxerga o sexo virtual- o cibersexo – como uma infração aos bons costumes e uma negação da presença do Criador. Segundo.

De acordo com Doise (1990) é fundamental estudarmos os aspectos da realidade social sobre os quais as representações estão ancoradas. Desta forma, vejamos como a aluna percebe a sexualidade virtual:

(...) As pessoas estão se envolvendo muito com os encontros, namoros e mesmo com o sexo nesse mundo online... elas estão vivendo isso como sendo, de fato, realidade... e com isso estão se isolando e tornando-se mais frias e descrentes do valor da vida e do amor ao próximo (...)

⁶ Skinner baseou suas teorias na análise das condutas observáveis. Dividiu o processo de aprendizagem em respostas operantes e estímulos de reforço, o que o levou a desenvolver técnicas de modificação de condutas. A sua teoria baseia-se na idéia de que o aprendizado ocorre em função de mudança no comportamento manifesto. Assim sendo, as mudanças no comportamento são o resultado de uma resposta individual a eventos (estímulos) que ocorrem no meio.

Porém, Deleuze (1992) e Castells (2003) apontam que a Internet não é a causa dos desencontros ou do isolamento das pessoas, mas seu efeito.

A aluna completa o seu raciocínio dizendo:

(...) não se tem leis na Internet...as pessoas transam e não respeitam seus companheiros como pessoa humana...eu acredito no sexo feito com amor, assim como aprendemos em casa e na Igreja... e quando o ser humano não tiver mais capacidade de entender quais são as normas daqui e quais são as normas de lá?... aí é que vai morar o perigo mesmo (...)

Heilborn (2004) aponta que nos últimos anos houve um longo processo de autonomização da sexualidade em relação à moralidade, principalmente nas sociedades ocidentais e este processo propiciou o questionamento e a separação entre 'moral e sexualidade' e entre 'sexo e amor'

De acordo com Gomes, Sá e Oliveira (2003) por meio do conhecimento de uma representação social torna-se possível um entendimento mais adequado dos processos de constituição simbólica encontrado na sociedade, onde indivíduos se engajam para dar sentido ao mundo e nele construir sua identidade social.

A aluna evidencia, durante a conversa, a não valorização de algumas mulheres, no ambiente virtual, frente aos seus comportamentos e atitudes:

(...) tem mulheres que não se valorizam e se expõem e expõem seus corpos para pessoas estranhas...depois não querem ser vistas como objeto de consumo do homem...é fogo!...enquanto a gente se reserva as outras se soltam (...)

Podemos encontrar em Del Priore (2005) uma análise pormenorizada da moralidade evidenciada, especialmente, no Brasil. A esse respeito, a autora, em sua obra aponta de que forma a 'moça de família' deveria comportar-se, ou seja, seu comportamento e suas atitudes deveriam enquadrar-se dentro dos paradigmas impostos pela sociedade. De acordo com Botti (2003) a mulher divulga padrões de comportamento socialmente construídos e mantém-se na posição de objeto do desejo canonizado pelos veículos da indústria cultural, que vão difundindo, também, o modelo mais adequado do que é 'ser mulher'. Com isso, a mulher passa a ser artificializada de forma a ser desejada e aceita como consumível.

Parece-nos paradoxal que apesar de podermos contar com os avanços tecnológicos do séc. XXI, ainda hoje, haja resquícios das décadas de 30 a 50 do século passado onde, segundo Del Priore (2005) ainda se distinguiam as mulheres

‘casáveis’ e ‘sérias’ das outras consideradas ‘safadas’ porque se davam aos prazeres do sexo.

A aluna Débora através das suas representações da sexualidade deixou-nos bem claro a imagem empobrecida que faz do ambiente virtual como mediador de relacionamentos, bem como, de facilitador de fantasias sexuais e desta forma, expõe a sua posição:

(...) nos envolvimento virtuais, são os seres humanos que estão presentes com suas qualidades e defeitos... claro que com mais qualidades do que defeitos (risos) por isso acho que as pessoas correm o risco de se machucarem de verdade... eu acho que é por isso, que elas se escondem delas mesmas ao criarem falsos nomes e exacerbarem no jogo da sedução, via net ... Veja, eu acredito que uma troca de e-mails e até mesmo um bate papo nos chats podem, por vezes, criar até uma certa excitação, mas falar em sentir prazer e viver fantasias sexuais virtuais... é demais!... eu vejo esse fenômeno do sexo virtual como uma simples leitura de pornografia em rede (...)

De acordo com Lipovetsky (2005) a sedução tomou o lugar do dever, o bemestar tornou-se Deus, e a publicidade é seu profeta.

E prossegue a aluna, ainda meio exaltada transmitindo-nos tamanha indignação:

(...) quando o sexo virtual é vivido de forma habitual eu acho que, além de tornar-se uma doença pode chegar a trazer até a destruição de relacionamentos afetivos, pois o parceiro pode considerar isso como uma forma de traição sentimental e sexual...eu mesma vejo desta forma!

Acerca do impacto que a relação virtual pode exercer sobre a estrutura social, Ben-Ze'ev (2004), diz que há um relaxamento das normas sociais e morais, entretanto, esse processo não deve ser considerado uma ameaça, pois para o referido autor, não são as modificações online que põem em perigo os relacionamentos românticos, mas, sim, a falta de habilidade para nos adaptarmos a elas.

A aluna nos fala a respeito da exposição dos corpos enquanto objeto de fantasias sexuais:

(...) sinceramente, não é por nada não...mas eu acho muito horrível as pessoas que ficam se expondo, se mostrando com uma webcam só prá excitar quem está do outro lado da tela...eu não tenho nada com isso, mas eu acho isso uma safadeza muito grande, isso porque não se sabe nem quem tá do outro lado e só Deus sabe fazendo o quê...horrível! (...)

Butler (2003) estabelece uma correlação entre as fronteiras do corpo e os tabus sociais e sugere que todos os discursos estabelecidos sobre as fronteiras do corpo servem ao propósito de legitimar certos tabus, instaurando-os e naturalizando-os, cujos limites e posturas são dados como limites do socialmente hegemônico.

Débora em meio a nossa conversa ressaltou sentir-se muito feliz desde o momento em que optou por seguir os ensinamentos da Igreja a qual frequenta. Segundo a aluna, agora ela consegue enxergar o prazer do sexo de uma outra maneira, de um modo mais completo. Vejamos:

Agora eu percebo a minha sexualidade de forma correta, pois quando a gente tem amor no coração e segue as leis de Deus, tudo fica mais claro... até o significado de sexo pra mim já não é como o de antes (...).

Para Bozon (2004), em uma sociedade individualizada como a ocidental, desejos e relações sexuais se estabelecem por meio de improvisações mentais pessoais e interpessoais que dependem dos cenários culturais. As condutas sexuais, portanto, são construídas a partir de interpretações de experiências vividas pelos indivíduos, em função de suas representações sociais. Estes saberes construídos são capazes de intervir na produção de novas normatividades das condutas sexuais.

A nossa última entrevistada foi a aluna Fernanda que também, de forma, muito informal prestou-nos grande colaboração. Esta aluna representa a sexualidade como fantasia sexual positivamente, já que participa do cibersexo e através desta prática consegue se realizar como mulher. Vejamos a fala da aluna:

(...) Não vejo o orgasmo virtual como algo negativo... só acho perigoso se a pessoa se esquece da vida afetiva fora da rede... No mundo virtual, todas as sensações podem ser experimentadas e a gente só tem que cuidar pra não virar um hábito senão... vira vício e vício é doença... Eu acho delicioso antes de desconectar meu computador visitar algum site de relacionamentos só pra ser assediada por vários homens... assim posso curtir momentos agradáveis antes de dormir (...)

Entusiasmada a aluna prossegue:

Orgasmo? Já tive vários... é muito delicioso!.. na verdade....eu sinto mais prazer dando prazer...entende?... eu fico excitada quando sei que do lado de lá existe um alguém literalmente caído e envolvido por mim e pelos meus encantos virtuais... e que, provavelmente, também sentirá prazer com meus carinhos virtuais (risos)..."

Os relacionamentos descritos por Giddens (1993), que implicam no bem estar mútuo, na confiança e na negociação das diferenças e não mais na obrigação moral de fidelidade e duração vitalícia, bem caracteriza a descrição de relacionamento virtual para a nossa entrevistada. Para Fernanda, o sexo virtual é mais uma conquista da mulher que, segundo ela, consegue ocupar o seu lugar em uma relação sexual saindo da condição de passividade que lhe foi imposta durante séculos e que fez da mulher um ser submisso em relação ao sexo masculino. Assim, Fernanda nos fala:

(...) é muito legal porque por mais machão e durão que o cara seja, ele não resiste aos carinhos virtuais e aos encantos da gente... essa é a diferença do mundo virtual... a gente não precisa nem se esforçar para dominar a relação...a gente fica com a faca e com o queijo na mão..”(risos).

De acordo com Giddens (1993), as mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno. Podemos perceber, claramente, as considerações do referido autor na fala da aluna Fernanda:

(...) é isso aí...as coisas mudaram muito, só é preciso que todas as mulheres entendam isso...a dominação do homem é coisa prá ficar no passado, a gente vive em pleno século XXI e tem que fazer jus ao nosso posto de mulher...” (risos)

Para as autoras, Narvaz e Koller (2006) a supremacia masculina imposta pelo patriarcado valorizou as atividades masculinas em detrimento das atividades femininas e legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia das mulheres, estabelecendo lugares e papéis vantajosos para os representantes do universo masculino.

Em relação às fantasias sexuais, a aluna Fernanda as percebe como sendo facilitadoras de prazeres virtuais, bem como de prazeres reais e para vivenciá-los vale-se da privacidade que encontra na Internet. Vejamos a fala da aluna ao referir-se a privacidade encontrada na Internet:

(...) se não fosse isso, essa privacidade...como é que eu iria brincar?...gosto desta privacidade também nos meus relacionamentos reais...é muito importante (...).

Para Fernanda, em toda relação sexual deve haver fantasias, jogos de sedução, erotismo e, cumplicidade no caso das relações reais. A aluna nos revela também que não enxerga os relacionamentos sexuais virtuais como ato de

infidelidade da parte de quem os pratica em relação ao parceiro presencial e, desta forma, prossegue justificando a sua maneira de encarar o mundo virtual:

(...) eu vejo o cibersexo como uma maneira da gente se sentir a gente mesma ...eu adoro me insinuar para os homens, porém não faço isto aqui...só lá na net...e além do mais, tudo não passa de brincadeirinha...eu não troco o meu namorado por ninguém, muito menos por uns desses caras virtuais... aff!...é por isso que eu acho o anonimato da net muito legal...a gente se solta feito passarinho e consegue viver até sonhos considerados impossíveis...(risos)

De acordo com Rouquette (1994, p. 172), “a maior parte do tempo, cada um está convencido de que fala da realidade das coisas, quando apenas exprime sua própria compreensão daquilo que percebe”.

Por fim, a aluna Fernanda nos fala que, para ela, o sexo no ambiente virtual é um fim em si mesmo no momento em que enxerga diferenças que são ao mesmo tempo criativas e necessárias entre as relações ‘virtualizadas’ e as relações ‘corporeizadas’. A aluna também expressa que embora gostando de relações sexuais virtuais, tem preferência pelas relações vividas no mundo. Desta forma, Fernanda reconhece que as sensações que ela busca na rede, não passam de um jogo de sedução, de poder e de excitação, diferentemente, do que o esperado e procurado nos relacionamentos presenciais. Vejamos a fala da aluna:

(...) eu, sinceramente, consigo separar os dois mundos, o mundo real do mundo virtual... sei também distinguir as vantagens e desvantagens de cada um... e, com certeza o mundo real me atende muito mais nas questões de relacionamentos... mas, na maioria das vezes, as fantasias do virtual me fazem muito bem... por quê? Ah! Porque eu posso exercitar o meu poder de sedução... e assim, a minha autoconfiança e o meu ego ficam em alta. (risos)

Diante da fala da aluna observamos o grau de erotismo que ela carrega consigo. A sexualidade, o desejo e a sensualidade são elementos que se complementam fornecendo características ao erótico. O erotismo designa, pois, uma arte de amar, característica da humanidade e, de acordo com Catonné (1994, p.20) “o papel do erotismo é fundir sexualidade, desejo, sensualidade, prazer, fantasia e não cabem a ele preocupações procriativas, pois o erotismo tem como princípio o jogo em busca do prazer.”

Fernanda, interrompeu a sua fala com se quisesse pensar em algo, e em seguida nos falou:

(...) Transformar o virtual em real é o sonho de quase todo internauta, menos o meu... porque daí a fantasia acaba... e você acaba correndo o risco do seu príncipe virar sapo. (risos) (...)

Sabemos que as transações entre um papel e outro nos relacionamentos virtuais, mediadas entre a verdade e a mentira, não se tratam apenas de características de atores em interações virtuais, mas sim de características que, à luz da tese de Goffman, podem ser consideradas como verdadeiros ‘fenômenos de representações teatrais’. Entusiasmada prossegue a aluna em sua fala:

(...) o problema é que é tentador trocar àquela pessoa real que tem milhares de defeitos por uma pessoa virtual que sempre nos parece perfeita...mas isso é a maior roubada do século!”

Segundo Fernandes y Freitas (1996), nas relações goffmanianas, ou seja, nas relações face a face, a presença física dos atores sociais é uma característica fundamental, portanto, é uma relação de ‘presença-presença’ onde o olhar, ao mesmo tempo descobre e revela. Já nas relações não reais, ou seja, nas relações fictícias ou virtuais encontramos o reverso da medalha em que, a ausência corporal é a particularidade primordial das trocas relacionais. De certa maneira, podemos dizer que as relações fictícias são essencialmente de ‘presença-ausência’ em que desconhecidos falam ou escrevem com outros desconhecidos.

Todas as cinco alunas, por nós entrevistadas, enxergam a mudança de identidade no mundo virtual, como sendo uma forma de mentir sem ter mentido. Fernanda com o recurso do anonimato consegue se libertar mais e assim, viver de forma satisfatória as suas fantasias sexuais no mundo virtual. Andréa, por sua vez, valoriza este recurso, já que com ele há a possibilidade de se fazer o que se queira no mundo virtual libertando e protegendo-se ao mesmo tempo. Para a aluna Beatriz o recurso do anonimato lhe traz segurança para sair e entrar das salas virtuais, sem ser reconhecida. De acordo com Semerene (1999), as pessoas, para o bem e para o mal, transformam-se em personagens, simulam identidades, adotam traços de personalidade conforme a conjuntura. Assim sendo, o jogo de sedução pode ser recommençado quantas vezes se desejar, com um novo personagem, uma nova imagem e um novo jogo argumentativo.

A aluna Carla enxerga o anonimato nas relações virtuais, como sendo uma máscara que pode ser usada para que as pessoas se passem por outras. Goffman (1984) afirma que todo o desempenho numa relação, evidencia nos indivíduos

certos aspectos comportamentais e dissimulam outros. Assim sendo, todo o indivíduo possui uma ‘máscara’ que caracteriza o seu próprio ‘eu’.

Para a aluna Débora, no mundo virtual, as pessoas trocam de nome porque não conseguem ser o que verdadeiramente sonham em ser. Andréa, em relação às fantasias sexuais virtuais, posiciona-se satisfatoriamente, por acreditar que através delas as pessoas se relacionam sexualmente melhor. A aluna Beatriz acredita que as fantasia sexuais são muito importantes, pois segundo ela, os relacionamentos podem tornar-se mais excitantes quando mediados por fantasias sexuais. É importante ressaltar que a mesma aluna, só acredita nas fantasias que são criadas e vivenciadas no mundo real. Seguindo esta linha de raciocínio a opinião de Carla não percebe as fantasias sexuais virtuais de forma satisfatória, pois a aluna acredita ser apenas possível vivenciar e criar fantasias com a presença do parceiro. Como a aluna Débora percebe a sexualidade como fantasia sexual de forma negativa, da mesma forma percebe o prazer sexual virtual. Esta aluna se contrapõe, veementemente, a representação acerca da sexualidade da aluna Fernanda que percebe as fantasias sexuais virtuais como sendo libertadoras e facilitadoras de prazeres virtuais.

De acordo com o exposto e com apoio nos ensinamentos de Spink (1993) podemos afirmar que as representações sociais são expressões de permanências culturais e são o locus da multiplicidade, da diversidade e da contradição.

As cinco alunas entrevistadas envolvem-se com o mundo virtual não somente para relacionarem-se , mas sim à busca de informações, sobretudo, relativas aos temas Sexo e Sexualidade e matérias correlatas.. No tocante aos relacionamentos reais e virtuais, as cinco alunas entrevistadas foram unânimes ao contemplarem os relacionamentos entre homens e mulheres que envolvam contatos físicos, ou seja, o tocar, o acariciar, o beijar, o sentir. Portanto, as alunas, Andréa, Beatriz, Carla, Débora e Fernanda diante de tamanha transformação social valorizam, ainda, os relacionamentos tradicionais. Em outras palavras, as representações sociais dessas estudantes são, de acordo com Jodelet (2001, p. 22). “... construções mentais que surgem de uma necessidade e ajudam a orientar a conduta no dia-a-dia, sendo verdadeiras ‘teorias do senso comum’.”

A aluna Andréa troca os relacionamentos virtuais, incondicionalmente, pelos reais. Beatriz por sua vez, jamais trocaria um relacionamento real por virtual. As

alunas Carla e Débora prezam o contato físico como condição ‘sine qua non’ para se relacionarem e por fim, a aluna Fernanda compactuando com as demais alunas, evidencia o relacionamento real descartando, sobremaneira, o virtual. As alunas, também, são unânimes em apoiar as práticas virtuais enquanto protetoras e conservadoras da saúde.

De acordo com Heilborn (2004) apesar da gravidade do quadro e do risco cabível a qualquer pessoa de contaminação com o vírus HIV, o ‘fantasma’ do discurso moralizante, nem bem retornou para ser, logo depois, afugentado pelas pesquisas sobre os modos de transmissão e evolução da doença. Assim sendo, a autora adverte que a chamada ‘Revolução Sexual’ deva ser olhada com cautela posto que, mesmo com os movimentos contestatórios da rigidez moral, o cenário da sexualidade muito se alterou no que diz respeito à família, mas não produziu, de fato, um panorama de liberdade.

Para o grupo de alunas entrevistadas tanto o mundo virtual, quanto o mundo real, possibilita a construção do ‘eu’ que é tido, como verdadeiro e traduz as suas próprias imagens, independentemente, do lado em que elas se encontrem, virtual ou real. As alunas são unânimes ao valorizarem a Internet por uma de suas características essenciais, ou seja, a privacidade. Quanto à obtenção do orgasmo, fenômeno perseguido por todos os seres humanos, significa para as alunas Andréa, Beatriz, Carla, Débora e Fernanda algo muito satisfatório, bem como, um direito adquirido.

Segundo Lipovetsky (2005) após o imperativo moralizante da era vitoriana até o início do séc. XX surge com o movimento da contracultura, o slogan ‘é proibido proibir’, com o qual a palavra ‘dever’ perdeu seu caráter de irredutibilidade da abnegação pessoal, para assumir outra conotação, assim, abrir mão de si mesmo em prol do coletivo, tornou-se politicamente incorreto.

Desta forma, com base no slogan acima mencionado as alunas, participantes da presente pesquisa, nos revelam como percebem as suas sexualidades voltadas à prática do sexo, especificadamente, ao orgasmo. Vejamos:

(...) independente, muito livre e... sem problemas de fronteiras” (Andréa)

A linha de raciocínio apontada segue na direção contrária de que seja preciso encontrar a outra metade para sentir-se inteiro – corolário da tradição binarista – onde os opostos se atraem para fazer a completude (BUTLER, 2003)

(...) ao vivo e a cores e... com o meu companheiro” (Beatriz)

O encontro face a face supõe uma condição de controle da situação (GOFFMAN, 1984) e é isto que escapa na realidade virtual.

(...) somente no mundo real e... com a pessoa amada” (Carla)

A sexualidade, que antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência do casal, formando a linguagem básica do relacionamento (BOZON, 2004).

(...) jamais no mundo virtual... sublimo e tenho reservas...” (Débora)

O sexo, em um passado muito próximo, ao regular o amor, apoiava-se na moral, na Igreja, na família, na escola, enfim, em todas as instituições que Foucault (1997) denominou de disciplinares.

(...) como diversão no mundo virtual e... intensamente no mundo real” (Fernanda)

De acordo com Foucault (1988), o prazer se dá em relação a si mesmo e está diretamente ligado à sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma.

Podemos dizer que, basicamente, as representações aqui estudadas, são formas de produção e propagação dos conhecimentos das alunas de Enfermagem que se constituíram no mundo e em suas vidas cotidianas. Como vimos anteriormente, autores especialistas nesse campo de estudo como: Moscovici (1978), Denise Jodelet (2001), Valla (1993), Sá (1993), dentre vários outros, definem as representações sociais como um modelo de conhecimento específico embasado no senso prático do saber comum que tem como função estruturar a comunicação, o conhecimento, o comportamento e as práticas sociais.

As alunas também são unânimes em afirmar que jamais trocariam um relacionamento real por um relacionamento virtual, haja vista, durante todo o percurso do presente estudo, as entrevistadas terem sido categóricas, implícita e

explicitadamente, ao expressarem que contemplam os relacionamentos tradicionais entre homens e mulheres.

Conforme Jodelet (2001), devemos compreender que uma representação social sempre está simbolizando algo, uma pessoa, um objeto, ou mesmo um acontecimento. Assim sendo, ela não é uma simples tradução da realidade e sim, uma nova leitura dessa realidade. Portanto, buscamos com as representações das alunas, compreendê-las a partir da relação que estabelecem com o mundo e com as coisas, através de seus olhares, de suas percepções, de suas falas e expressões. Por certo, há uma construção simbólica da realidade, que elas fazem dando novos sentidos aos fatos que circundam suas vidas. Segundo a referida autora, as representações sociais configuram-se como formas de conhecimentos, interpretações e pensamentos sobre a realidade cotidiana. Esses pensamentos compartilhados fazem com que os grupos apropriem-se do mundo de uma determinada forma, dando entendimento prático às questões para as quais, até então, não havia explicação.

Bem sabemos que a paridade entre o Sexo e o Corpo naturalizado é tão evidente que é estranho pensarmos em sexo na ausência do corpo. Portanto, é neste ponto que afunilamos o foco da nossa análise, buscando clarificar sob que base é engendrada a sexualidade feminina no espaço virtual e também como ela é percebida pelas alunas entrevistadas. Nesse momento de reflexão, tratamos da fragilidade da relação entre sexualidade e sentimentos e percebemos que esse dueto representa, de fato, um avanço para nós mulheres, na medida em que deslocamos as restrições impostas ao exercício da nossa sexualidade e evidenciamos as iniciativas e desejos como assunto também feminino. Diante das análises por nós realizadas, encontramos certa concordância simétrica nos seguintes resultados:

Os estudos de Ana Carvalheira e Allen Gomes (2002) sobre cibersexo nos chats chegaram às conclusões que o recurso do anonimato parece ser, efetivamente, protetor e libertador para todos os que têm poucas competências sociais, agindo como um facilitador da desinibição social e, por conseguinte, servindo mais para tirar máscaras do que para colocá-las. Resultado também constatado nas análises das entrevistas realizadas com as alunas de Enfermagem.

Segundo o resultado dos estudos de Silva, Carlos, Sebastião e Pedro (2002) existe uma ambigüidade estratégica movida pelos atores no cibersexo, onde as omissões e as insinuações são técnicas de comunicação que permitem 'mentir', sem ter efetivamente 'mentido'. Da mesma maneira, pudemos observar no presente estudo que, as alunas ao procurarem os relacionamentos virtuais, independentemente, do objetivo particular que as levem a esta procura, têm em mente a regulação das condutas dos outros, através de subterfúgios que lhes parecem convincentes.

Percebemos com clareza, que a maioria das nossas entrevistadas valoriza as fantasias sexuais incrementando e conduzindo os seus relacionamentos tanto virtuais quanto reais, a fim de conquistarem uma vivência plena de suas sexualidades.

As novas formas de perceber, sentir e valorizar a sexualidade também são alvo de atenção em outros estudos. Lanzari (2000), por exemplo, enfatiza o uso da fantasia na invenção de um corpo virtual, como também, a Tese de Hamman (1996) afirma que é a fantasia o que conduz os relacionamentos nas salas de conversa online.

Para as alunas de Enfermagem, o uso abusivo da tecnologia virtual pode vir a acarretar doenças, como os vício, por exemplo. Da mesma forma, Young (1998; 2001) e Greenfield (1999), consideram que o excesso de horas de conexão à Internet gera uma nova patologia (o vício na Internet). Se contrapondo a essas idéias, as visões críticas a respeito da patologização do uso da Rede são encontradas nos trabalhos de Tapscott (1997) e de Nicolaci da Costa (2002), vinculando a emergência desta categoria patológica ao preconceito e à dificuldade em registrar que novos modos de subjetivação estão sendo gerados a partir da emergência de um novo espaço de vida.

São também unânimes as opiniões das alunas entrevistadas ao revendar a privacidade da Internet. De acordo com os estudos de Solove (2004), devemos repensar nossa compreensão sobre o que seja privacidade e seu significado na era digital e afirma que a privacidade é apenas um entre inúmeros aspectos éticos que permeiam a sociedade em rede.

As nossas entrevistadas ressaltam também outros valores atribuídos, por elas, à Internet, como sendo horizontes em busca de conhecimentos, especificadamente, do sexo e da sexualidade. Enfim, como afirma Moscovici (1986), representações sociais são todas as coisas que nos impressionam no mundo que nos cerca; são, portanto, o efeito de nossas representações compartilhadas, assim como suas causas.

Diante disso, todas as entrevistadas asseguram que não a utilizam, somente, com a finalidade de viverem a sexualidade, mas, sim de se informarem a respeito do assunto. Utilizam-se, portanto da Internet, para outros fins, como trabalho, pesquisas, entre outras, numa demonstração do quanto a tecnologia já ocupa diversos espaços na vida quotidiana de acordo com (CASTELLS, 2003; NICOLACI DACOSTA, 2005a).

A opinião da valorização dos relacionamentos reais de forma tradicional foi unânime dentre as nossas entrevistadas, por acreditarem que a sexualidade feminina é vivida e sentida plenamente enquanto relacionamento real. Assim, a fala de Nolasco (2006) traz quase um resumo daquilo que encontramos na nossa pesquisa, com relação às nossas entrevistadas. O autor citado, acredita que nos relacionamentos deva existir alguém que seja acolhedor, a fim de trazer segurança para a relação, evidenciando, desta forma, uma das características existentes nos relacionamentos tradicionais. Evidentemente, que o corpo também é levado em consideração. Mas a valorização apenas desse quesito está associada, geralmente a relações superficiais (NOLASCO, 2006).

Finalizamos com os ensinamentos de Giddens (2002, p. 39), pelo fato de considerarmos pertinente nesse momento de reflexão,

[...] ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo [...] As convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do 'seguir em frente' nas diversas situações de nossas vidas. A consciência reflexiva nesse sentido é característica de toda ação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade eminentemente tecnológica como é a nossa, viabilizou-se um novo modo de se encarar a sexualidade. A partir de meados do século XX o sexual ganhou uma expressão inusitada, pois começou a ser objeto de uma visibilidade pública muito maior, bem como, ser uma temática de interesse social crescente. Desta forma, a valorização social do terreno sexual “não teria sido possível se não se tivessem verificado um conjunto de fatores que, associados sinergicamente, possibilitaram esta autêntica ‘revolução sexual’ (PACHECO, 1998, p. 274).

Quando o tema é Sexualidade Feminina parece que a necessidade de saber sobre o encoberto se torna mais premente, talvez por ser esta, via de regra, alvo de preconceitos apreendidos ao longo dos tempos com constante dinamismo das interações sociais. As expressões verbais e corporais das entrevistadas foram indicativas de que o assunto despertou atitudes num verdadeiro ritual de aproximação-evitação, ou seja, de aproximação (satisfação) e, por outro lado, de evitação (cuidado em se desvendar). Assim sendo, tivemos a sensação de estar pisando num terreno sagrado, onde foi preciso bem cuidá-lo para não violá-lo.

No decorrer do trabalho, verificamos que a percepção das entrevistadas sobre a sexualidade mediada pela Internet estava dominada por duas posições polares: uma de ordem conservadora que enfatizava a transgressão e percebia a sexualidade virtual como algo desfigurado de propriedades corporais, erradicada de conotações morais, associada a comportamentos sexuais promíscuos enquanto que, a outra posição, percebia a sexualidade virtual como libertária e consagrava o direito ao prazer e a igualdade sexual entre homens e mulheres.

Entendemos que o processo característico da formação de uma representação social costuma estar ligado à ocorrência de eventos significativos, que levam os sujeitos a reverem seus valores, suas expectativas e seus próprios conceitos a exemplo da forte marca deixada pela Revolução Sexual ocorrida na década de sessenta que, dentre outros propósitos procurou desmistificar a concepção de Pitágoras que acreditava na existência de um princípio bom que teria criado a ordem, a luz e o homem e de um princípio mau que teria criado o caos, as trevas e a mulher (PITÁGORAS apud BEAUVOIR, 1997). Constatamos, no decorrer

do trabalho, que as representações sociais das alunas acerca da sexualidade feminina contemplavam as mudanças ocorridas após esses movimentos sociais, ou seja, as entrevistadas, externavam uma busca da igualdade de direitos com mais autonomia e uma maior expressão feminina nos campos da vida cotidiana.

Como Bozon enxergamos as representações sociais desempenhando um importante papel na construção social da sexualidade, assim "se não existissem rituais e representações da sexualidade, nem histórias que a encenassem, não haveria a atividade sexual humana nem relações sexuais" (2004, p. 113). Desta forma, enquanto construção social, a sexualidade humana implica de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal que devem ser aprendidas, evidentemente, através da cultura e esta 'nova' maneira de enxergar e viver o mundo, sugere diversas discussões, sobretudo, na esfera da saúde por envolver o corpo, a mente e o espírito. Feitas essas ressalvas, apresentamos as considerações finais a seguir:

A Teoria das Representações Sociais, serviu-nos de referencial para a compreensão das idéias, falas, atitudes e expectativas das estudantes de enfermagem construídas acerca da sexualidade feminina. Eleito o aporte teórico imergirmos nas relações existentes entre os processos cognitivos e as práticas sociais com suas significações socialmente partilhadas que orientavam e justificavam as nossas entrevistadas e as suas representações.

As representações sociais analisadas no presente estudo, apresentam-se como construções mentais dos objetos, inseparáveis, todavia, das suas atividades simbólicas, bem como, das inserções sociais que serviram como um sistema de interpretação da realidade e como regulador das relações das alunas com seus meios ambientes físico e social orientando os seus comportamentos e suas práticas sociais. Importante frisarmos que, as representações sociais, podem até não determinar inteiramente as decisões das nossas entrevistadas. No entanto, elas têm a capacidade de limitar e orientar os diversos universos de possibilidades colocadas às suas disposições.

Observamos no decorrer do estudo que, a tecnologia virtual para as estudantes entrevistadas não trouxe muitas novidades no que diz respeito às suas sexualidades. Apesar das facilidades virtuais, as estudantes mostraram priorizar a reprodução dos elementos das relações homem/mulher calcadas nos modelos

tradicionais de relacionamentos. Porém, no ambiente virtual, valiam-se da não presença face-a-face das pessoas envolvidas, descritas por Golffman (1984).

Pareceu-nos claro a busca constante dos relacionamentos tradicionais homem/mulher, num contexto contemporâneo onde as entrevistadas não enfatizavam os valores como coabitação, oficialização ou mesmo durabilidade vitalícia dos relacionamentos. Pelo contrário, elas expressavam as suas sexualidades calcadas em critérios de confiança, afeto, satisfação sexual e implicação na manutenção mútua da relação. As alunas também evidenciaram uma desconstrução em termos de relacionamentos virtuais que atendessem às expectativas de uma conjugalidade satisfatória ficando evidente que, a tecnologia virtual para as mesmas, ocupava um lugar de diversão e distração reproduzindo as necessidades de expressão da sexualidade marcadas de diferenças qualitativas nos laços estabelecidos.

Ainda com relação aos relacionamentos virtuais, constatamos que a criação de fantasias sexuais ou de personagens, figuravam como indício de libertação e extravasamento de desejos, porém, de acordo com as entrevistadas, a sexualidade virtual, não está livre das estratégias de controle e dominação, assim como acontece no mundo real, pelo do uso do poder, bem descrito por Foucault. Diante disso, compreendemos uma importante característica das representações sociais, ou seja, o seu caráter 'prescritivo' capaz de impôr uma espécie de "força irresistível" que incorpora estruturas de pensamentos pré-existentes a elas próprias. Segundo Cavedon (1999), as representações ditam, de certa forma, o que deve ser pensado a respeito de um dado objeto.

Para as estudantes, Imbricam-se cada vez mais na teia dos relacionamentos virtuais a construção de desejos e expectativas, sobretudo, de satisfações rápidas, seguras e garantidas, valorizadas pela privacidade que a Rede propícia e a utilização de 'máscaras' como auto-camurflagem divergindo, desta forma, das bases dos relacionamentos almejados por elas. Com os recursos oferecidos pela Internet, as alunas, afirmam buscarem esclarecimentos de temas relacionados ao Sexo e a Sexualidade Humana.

Finalizando, constatamos que para as estudantes de enfermagem da Escola Materdei, em termos práticos, o fenômeno da sexualidade feminina, observado em suas representações, pouco mudou na relação homem/mulher e em se tratando de

sexo, as alunas contemplam os valores tradicionais de masculinidade e de feminilidade. Portanto, de acordo com as mesmas, a razão principal da mediação virtual na vivência da sexualidade feminina, além da distração é a busca de saciar desejos e satisfações que não exijam, necessariamente, contemplar os critérios impostos e sancionados pela sociedade. Diante do exposto, concluímos que a sexualidade virtual, para estas alunas, é uma expressão que emerge não em contraposição a sexualidade reprodutiva (hegemônica) em si, mas ao modelo de conduta excessivamente rígido e normativo imposto pela sociedade.

Este estudo das representações sociais acerca da sexualidade feminina em tempos de Internet não se esgota neste trabalho, pois sendo uma prática que apenas está iniciando, certamente, ensejará a necessidade de se averiguar as mudanças que, evidentemente, ocorrerão através da sua própria utilização e re-significações produzidas pelas próprias experiências e vivências virtuais, ficando-nos muito evidente que é o Outro generalizado que permite ao sujeito uma unidade enquanto EU, já que não há desenvolvimento do EU sem a internalização de Outros.

Sem dúvidas, a teoria moscoviciana mostrou-se imprescindível na busca de uma melhor compreensão das práticas coletivas, pois por meio do conhecimento de uma representação social somos capazes de buscar um entendimento mais adequado dos processos de constituição simbólica encontrados na sociedade, onde indivíduos se engajam dando sentido ao mundo e construindo identidades sociais.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. (1996). Prefácio. In: Sá Celso Pereira *Núcleo Central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- ABRIC, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In: A. S. P. Moreira & D. C. de O. (1998). Org. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia, A.B.
- ALMEIDA, M. V. (1995). *Senhores de si: uma interpretação da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- ANDRADE, D. C. (1992). *“O amor natural”*, Rio de Janeiro: Editora Record.
- ANDRÉ, S. (1995). *A Impostura Perversa*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ARAÚJO, E. (2007). A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: Del Priore, M (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. Ed. São Paulo: Contexto.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023(NB 66): Informação e documentação: referências – elaboração*. Rio de Janeiro, 2000.
- AURÉLIO. (1999). *Minidicionário Aurélio*. São Paulo, Nova Fronteira.
- ÁVILA, M. B. M.; CORRÊA S. (1999). O movimento de saúde e direitos reprodutivos no Brasil: revisitando percursos. In: Galvão, L, Diaz, J. (Org.). *Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo: Hucitec/Population Council.
- AZZI, R. (1993). Família e sexualidade na igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, M. L. (org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola.
- BAKHTIN. (1981). *The dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press.
- BARBOSA, R. M. (1997). *Negociação sexual ou sexo negociado? Gênero, sexualidade e poder nos tempos de AIDS*. [tese] Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Medicina Social da UERJ.
- BARDIN, L. (1979). *A análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BATINDER, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BANZATO, D. S. G.; GRANT. W. H. Sexualidade em sala de aula, representações em entrevistas de professores. *Revista Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 17, n. 1, janeiro/abril, 2003..
- BAUDRILLARD, J. (1992). *Da sedução*. Campinas, São Paulo: Papirus.

- BAUDRILLARD, J. (1999). *Tela total: mito ironias da era do virtual e da imagem*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina
- BAUMAN (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BEAUVOIR, S. de (1997). *O segundo sexo*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BELLINI, L. (1989). *A Coisa Obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense.
- BIRMAN, J. (1977). *Se eu te amo, cuide-se*. Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. Em M. T. Berlink (org), *Histeria*. São Paulo: Escuta
- BIRMAN, J. (1997). Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível: sobre Denise está chamando, de Hal Salwer. Em J. Birman. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 221 – 233..
- BOFF, L.; MURARO, R. M. (2002). *Feminino e Masculino*. Rio de Janeiro: Sextante.
- BONZON, M. (2004). *Sociologia da Sexualidade*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: ed. FGV.
- BOTTI, M. M. V. (2003). *Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher*. *Cadernos Pagu* (21). Campinas: Unicamp.
- BRANDÃO, J. S. (1996). *Mitologia Grega*. Volume II, Petrópolis: Vozes, 7. Edição.
- BREMMER, J. (1995). Pederastia grega e o homossexualismo moderno. In: BREMMER, J. (Org), *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papirus.
- BROWN, P. (1990). *Corpo e sociedade: o homem a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de janeiro: Zahar.
- BUTLER, J. (2003). *Problemas de Gênero*. Tradução. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARIDADE, A. (1995). Sexo, reprodução, amor e erotismo. *Rev. Bras. Sexualidade Humana*, v. 6, n. 1.
- CARVALHEIRA, A. A.; GOMES, F. A. (2002). Sexo online em Portugal: Estrutura Factorial do “Questionário de Comportamentos Sexuais nos Chats”. *Psiquiatria Clínica*, Abr/Jun, vol. 24, nº 2, p.123-130.
- CARVALHEIRA A. A. (2003) Cibersexo em Portugal. In, GOMES, F. A.; NUMES, J. S.; Albuquerque, A. (Eds) *Sexologia em Portugal*. Reedição. Texto Editora..
- CASTELLS, M. (1999a). *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra,

CASTELLS, M. (2000). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS, M. (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

CAVEDON, N. R.; FACHIN, R. C. Homogeneidade versus heterogeneidade cultural: um estudo em Universidade Pública. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24, 2000, Florianópolis. *Anais...* Rio de Janeiro: Anpad, 2000. (CD-rom)

CATONNÉ, G. (1994). *A sexualidade ontem e hoje*. São Paulo: Cortez.

CAVALCANTI, M. S. L. (1998). *"Gosto de ser mulher": representação da sexualidade feminina em uma comunidade rural*. Ribeirão Preto, 190p. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.

CAVALCANTI, R. (1990). *Saúde Sexual e Reprodutiva: ensinando a ensinar*. São Paulo: Vozes.

CHAIB, M. (2002). *Franskstein na sala de aula: as representações sociais docentes sobre informática*. *Nuances*, n. 8, set.

CHARTIER, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

CHAUÍ, M. (1990). *Laços do desejo*. In: NOVAES, Adauto. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 19 – 66.

CHAUÍ, M. S.; FRANCO, M. S. C. (1985). *Ideologia e mobilização popular*. 2 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CHAVES, A. M.; BARBOZA, M. F. (1998). Representações Sociais de crianças acerca da sua realidade escolar. *Revista Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 15, nº 3, p. 29 – 40, set/dez.

COMTE, S. A. (1999). *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes. Pequena enciclopédia de moral e civismo. Enciclopédia verbo da sociedade e do Estado.

COSTA, C. L. (1994). O leito do procusto: Gênero, linguagem e as teorias femininas. In: *Cadernos Pagu*, vol. 2.

COSTA, J. F. (1995). *A face e o verso: estudo sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.

COSTA, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

CRISTAL, D. (2001). *Language and the internet*. Cambridge. University press.

CUNHA, H. P. (1999). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)* / organizadora: Helena Parente Cunha. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

DANEBACK, K.; COOPER, A.; MÅNSSON, S. A. (2005). *An Internet Study of Cybersex Participants*, *Archives of Sexual Behavior*, 34, 321 – 328.

DEL PRIORE, M. (1995). *Dossiê: a história do corpo*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 3.

DEL PRIORI, M. (Org.). (2007). *Historia das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto.

DELEUZE, G. 1992. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações: 1972 – 1992*. Rio de Janeiro: Editora 34. Disponível em: <<http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/mídias/controle.pdf>>. Acesso em: jun. 2007.

DERY, M. (1996). *Escape velocity: cyberculture at the end of the century*. New York: MacMillan.

DOISE, W. (1990). Les représentations sociales. In: R. Ghiglione; C. Bonnet; J.-F. Richard. *Traité de psychologie cognitive*, v. 3. Paris: Dunod,. p. 111-174.

DOISE, W.; PALMONARI, A. (1986). *L'Étude des Représentations Sociales*, Paris: Delachaux & Niestlé.

DUBY, G. (1994). *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. São Paulo: Cia das Letras.

DURKHEIM, E. (1978). “*As regras do Método Sociológico*”. Pensadores. São Paulo: Abril.

DURKHEIM, E. (1992). Aula inaugural do curso de Ciências Sociais. In: CASTRO, A. M., DIAS, E. F. (Orgs.). *Introdução ao pensamento sociológico*. 9 ed. São Paulo: Moraes.

ECKER, L. A. (2002). *Condição Feminina Protestante: Um Estudo de Caso na Igreja Presbiteriana do Brasil*. 410 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo.

ENGEL, M. (2007). *Psiquiatria e feminilidade*. In: Del Priore, M (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto.

ERCÍLIA, M. (2000). *A internet*. São Paulo: Publifolha.

FARIA, N. (1998). *Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista*. São Paulo: SOF.

FARR, M. L. (1998). *As raízes da Psicologia Social Moderna*. Petrópolis: Vozes.

FARR, R. M. (1995). Representações sociais; a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S.. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

FERNANDES, J. (1998). *Ciberespaço: Modelos, Tecnologias, Aplicações e Perspectivas: da Vida Artificial à Busca por uma Humanidade Auto-Sustentável*. Sociedade Brasileira de Computação, v. II Disponível em: <<http://www.cic.unb.br/docentes/jhcf/MyBooks/ciber/ciber.pdf>>. Acessado em: 10 de julho de 2008.

FERNANDES, Y.; FREITAS, R. L. (1996). *L'Inconnu et l'imaginaire sur les réseaux de télécommunication: téléphone, Minitel et Internet*, Tese de Doutorado, Université René Descartes, Sorbonne, Paris V, U.F.R. de Sciences Humaines.

FOUCAULT, M. (1984). *História da sexualidade: vol I,II,III*. Tradução M. Thereza Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1997). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, M. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo, Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (2003). *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro, Forense. Universitária.

FRANCO, M. L. P. B. (2004). *Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência*. São Paulo. Cadernos de Pesquisa. v. 34, jan/abril.

FRANCO, M. L. P. B. (2005). *Análise do conteúdo*. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora.

FREIRE, G. (1997). *Casa grande e senzala*. 18. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.

FREIRE, P. (2003). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

FREITAS, M. T. (2000). *A escrita dos adolescentes na Internet*. Em *Psicologia Clínica*. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREUD, S. (1976 [1908]). *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*. Em Edição Standard das Obras Psicológicas Completas. v. IX. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1977). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Trad. de Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago.

FRIEDAM, B. (1971). *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes.

FUCS, G. B. (1987) *Por que o sexo é bom? Orientação para todas as idades*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo.

FUCS, G. B. (1998). *Sexo sem Vergonha: a Sexualidade Discutida sem Preconceitos*. São Paulo: Editora: Gente.

FURTADO, B. (2002). *Imagens eletrônicas e paisagem urbana, intervenções espaço-temporais no mundo da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

GALAFASSI, M. C. (1999). *Medicina do Trabalho: Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional*. São Paulo: Atlas.

GALANTE, A.C. (2000). *A enfermagem e o processo*. Coren, n. 28.

GEERTZ, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

GIDDENS, A. (1993). *A Transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

GIDDENS, A. (2002). *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record.

GODOY, A. (2006). *Matriz: a arte de controlar reações e ser uma pessoa eficaz*. Virtual Book. Vivali Editora Eletrônica Ltda.

GOFFMAN, E. (1983). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

GOFFMAN, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água.

GOLDENBERG, M. (1997). *A Arte de Pesquisar: como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

GOLDENSON, R. M.; ANDERSON, K. N. (1989). *Dicionário do Sexo*. São Paulo: Ática.

GOMES, M. N. L. M.; SÁ, C. P.; OLIVEIRA, D. C. (2003). Representações sociais do ato infracional por adolescentes em conflito com a lei: uma comparação estrutural. In: Jornada Internacional, 3. Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, 1., 2003. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, Observatório de Pesquisas e Estudos em Memória e Representações Sociais.

GONÇALVES, M. S. (2000). *Comunicação, virtual e amor na sociedade contemporânea*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GREENFIELD, D. (1999). *Virtual Addiction: help for netheads, cyberfreaks, and those who love them*. Oakland: New Harbinger Publications.

GREGERSEN, E. (1983). *Práticas sexuais – A história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca.

GRUPO CERES. (1981). *Espelho de Vênus: Identidade Social e Sexual da mulher*. São Paulo: Editora Brasiliense.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.) (1994). *Teoria das Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Vozes

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S., (1995). Introdução. In: *Textos em Representações Sociais* (P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch, org.), Petrópolis: Editora Vozes, p. 17-25.

GUARESCHI, P. (Org.). (1997). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.

HAMMAN, R. (1996). "Cyborgasms – Cybersex Amongst Multiple-Selves and Cyborgs in Narrow-Bandwidth Space of America Online Chat Rooms", MA Dissertation, Department of Sociology, University of Essex, Colchester, UK. Disponível em: <<http://www.socio.demon.co.uk/Cyborgasms.html>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2007.

HARAWAY, D. (1995). *Ciencia, cyborgs y mujeres*. La reinvención de la naturaleza. Manuel Talens. Valencia: Madrid: Ediciones Catedra.

HEGEL, G. W. F. (2005). *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Rideel.

HEIMAN, J. R.; LOPICCOLO, J. (1992). *Becoming orgasmic: A sexual and personal growth program for women* (Rev. ed.). New York: Prentice-Hall.

HEILBORN, M. L. (1997b). O Traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, F. R. *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos/UNICEF.

HEILBORN, M. L. (2002). *Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. (org.) BARBOSA, et al. Campinas – São Paulo: UNICAMP..

HEILBORN, M. L. (Org.) (2004). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

IBÁÑEZ GRACIA, T. (1988). "Representaciones sociales: teoría y método". In: Ibáñez Gracia, T. (coord.). *Ideologías de la vida cotidiana*. Barcelona, Sendai.

JODELET, D. (1991). Representações sociais: um domínio em expansão. In JODELET, D. *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF.

JODELET, D. (1992). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: S. Moscovici (ed.). *La psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.

JODELET, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

JOVCHELOVITCH, S. (1997). (org). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.

KEHL, M. R. (1998) *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.

KRAUT, R. et al. (1998). *Internet Paradox: A Social Technology That Reduces Social Involvement*.

LAGACHE, D. (1978). Prefácio. In: MOSCIVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.

LANE, S. T. M. (1982). *O que é psicologia social?* São Paulo. Editora brasiliense.

LANE, S. T. M. (1984). *O Que é Psicologia Social*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos).

LANE, S. T. M. (1995). Usos e Abusos do Conceito de Representação Social. In: SPINK, M. J. (org.) *O conhecimento no cotidiano*. As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.

LANZARI, C. (2000). *A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio*. Em Psicologia: Ciência e Profissão. Conselho Federal de Psicologia, 1(3).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1992). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

LEBRUN, P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

LEFEBVRE, H. (1983). *Lógica formal/lógica dialética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LE MOS, A. (2002). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.

LEON, D. T.; ROTUNDA, R. J. (2000). Contrasting case studies of frequent internet use: Is it pathological or adaptative? *Journal of College Student Psychotherapy*, 14, 9-18.

LÉVY, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

LEVY, P. (2000). *As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34.

LHOMOND B. (1999). Sexualidade e juventude na França. In: HEILBORN, M. L.

(org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

LIEBERT, R. S (1989). A história da homossexualidade masculina da Grécia antiga até a Renascença: implicações para a teoria psicanalítica. In: G. I. Fogel, F. M. Lane,

& R. S. Liebert (Orgs), *Psicologia masculina: novas perspectivas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LIPOVETSKY, G. (1989). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água.

LIPOVETSKY, G. (2000). *A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.

LIPOVETSKY, G. (2005). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.

LOURO, G. (1997). *Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

LOURO, G. (1999). "Pedagogia da Sexualidade": In LOURO Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

LOYOLA, M. A. (1998). (org). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EduERJ.

MADEIRA, M. C. (1998). Um aprender do viver: educação e representação social. In: MOREIRA, A. S. P. e OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora.

MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. (1988). *A resposta sexual humana*. São Paulo: Roca.

MAZOTTI, A. J. A. (1994). Representações Sociais: Aspectos teóricos e aplicações à educação. In: *O Fracasso Escolar*. Em Aberto, Brasília: INEP, ano 14, n. 61.

MC KENNA, K. Y.; GREEN, A. S.; GLEASON, M. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58, 9-31.

MINAYO, M. C. S. (1995). O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica. In: *Textos em Representações Sociais*. (P. A. GUARESCHI & S.JOVCHELOVITCH, orgs.), Petrópolis, RJ: Vozes, p. 89 – 111,

MICHAEL, G.; MC GRATH, M. D. F.; CASEI, E. (2002). Forensic psychiatry and the internet: practical perspectives on sexual predators and obsessional harassers in cyberspace. *The Journal of the American Academy of psychiatry and the Law*, 30.

MOITA LOPES, L. P. (2003) Sócio construcionismo: Discurso e Identidades Sociais. In: MOITA LOPES, L. P. (Org) (2004) *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. São Paulo: Mercado de Letras.

MOSCOVICI, S. (1976). *La psychanalyse son image son public*. Paris: PUF.

MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

MOSCOVICI. (1985). *Psicologia Social, I – Influencia y cambio de actitudes. Individuos y grupos. Cognición y desarrollo humano*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.

MOSCOVICI, S. (1986). A Era das Representações Sociais. In: DOISE e PALMONARI, A. (orgs). *L'études des representations sociales*. Paris: Delachaux ET Niestlé.

MOSCOVICI. (1995). Prefácio. In: GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOSCOVICI, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ, Vozes

MUGNY, G.; CARUGATY F. (1985). *L'intelligence au pluriel*. Cousset: DelVal.

MURARO, R. M. (1996). *Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos.

NAKANO, A. M. S. (2003). *As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser “o corpo para o filho” e de ser “o corpo para si”* [Tese]Ribeirão Preto (SP), Escola de Enferma de Ribeirão Preto / USP.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S.H. (2006). Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*; 18 (1): jan/abr.

NEGROPONTE, N. (1995). *A vida digital*. São Paulo: Companhia da Letras.

NICHOLSON, L. (2000). Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista Estudos Feministas*, 8 (2).

NICOLACI DA COSTA, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2).

NICOLACI DA COSTA, A. M. (2005a) O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília: [s.n.] v. 21, n. 3, set/dez.

NÓBREGA, S. M. (1996). *O que é Representação Social*. Paris: École des Hautes Études em Sciences Sociales.

NOONAN, R. J. (1998). The Psychology of Sex: A Mirror from the Internet. In Jayne Gackenbach (Ed.), *Psychology and the Internet: Intrapersonal, Interpersonal and Transpersonal Implications*, p. 143-168, Academic Press.

NUNES, C. A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papirus.

OLIVEIRA, D. C. (1996). *A promoção da saúde da criança: Análise das práticas cotidianas através do estudo de representações sociais*. Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo.

PACHECO, J. (1998). *O tempo e o sexo*. Lisboa: Livros Horizonte.

PALÁCIOS, M. (1996). "Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço". In: *Indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim.

PARKER, R. (1991). *Bodies, pleasures and passions: Sexual culture in contemporary Brazil*. Boston: Beacon Press.

PEASE, A.; PEASE, B. (2000). *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?: uma visão científica e (bem humorada) de nossas diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante.

PEASE, A. (2000). *Modernism. Mass culture, and the Aesthetics of obscenity*. Cambridge: Cambridge University Press.

PEDRO, J. M. (1994). Relações de gênero na pesquisa histórica. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: UFSC.

PEDRO, M. J. (2007). Mulheres do Sul. In: Del Priore, M (Org). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto.

PELÁ, N.T.R. et al. (1995). A sexualidade no contexto da enfermagem. *Rev. Bras. Sexualidade Humana*, v. 6, n. 1, Disponível em: <<http://www.hospedenet.com.br/info/Login.html>>. Acesso em: 30 de julho de 2008.

PEREIRA, M. R. A.; CHIPPARI, M. (1998/1999). Disponibilidade dos internautas para auto-revelação. *Revista psicólogo informação*. São Bernardo do Campo: Umesp, ano 2/3 n. 2/3.

PIMENTEL, M. G. (2002). *Hiperdiálogo: uma ferramenta para diminuir a perda do contexto*. Dissertação (Mestrado). Núcleo de Computação Eletrônica (NCE), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PISCITELLI, A. (2005). *Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual*. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro. POESIA A. (1995) *Estudo sobre o Egito antigo*. Niterói.

POESIA A. (1995) *Estudo sobre o Egito antigo*. Niterói.

PORTER, R.; TEICH, M. (org.) (1998). *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

PORTO, Sergio (org.). (1999). *Sexo, afeto e era tecnológica*. Um estudo de Chats na internet. Brasília, Editora UNB.

PRIMO, A. F. T. (1998). *Interação Mútua e Interação Reativa*. Texto apresentado no GT de Teoria da Comunicação para apresentação do XXI Congresso da Intercom – Recife, PE, de 9 a 12 de setembro. Disponível em: <<http://www.psico.ufrgs.br/aprimo/pb/intera.htm>>. Acesso em: 12 de agosto de 2007.

QUINTÁS, A. L. (1995). *O Amor Humano*. Rio de Janeiro: Vozes.

RANGE, B. (1995). *Psicoterapia Comportamental*. São Paulo: Psy.

- RANGEL, M. (2001). Fracasso Escolar: de representações a soluções. *Revista Educação*. Rio Grande do Sul, ano XXIV, nº 45, p.133-142, nov.
- RANKE-HEINEMANN, U. (1996). *Eunucos pelo reino de Deus*: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Ventos.
- REALE, G. (1993). *História da Filosofia Antiga*. São Paulo, vol. IV, Edições Loyola.
- RECUERO, R. (2002). Identidade e Comunidades Virtuais no IRC: Estudo do Canal Pelotas. *Revista ECOS*, Pelotas, Brasil. v. 6, n. 2.
- REID, E. M. (1991). *Electropolis*: communication and community on internet relay, honours thesis, University of Melbourne. Disponível em:
<<http://www.ee.mu.oz.au/papers/emr/index.html>>. Acesso em: 05 de setembro de 2007.
- RHEINGOLD, H. (1996). *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona.
- ROBERTS, N. (1998). *As Prostitutas Na História*. Editora Rosa dos Tempos.
- RODRIGUES, J. A. (org). (1978). *Durkheim*: sociologia. Tradução de Laura N. Rodrigues. São Paulo: Ática.
- ROGEMONT, D. (2003). *História do amor no ocidente*. São Paulo: Ediouro.
- ROSADO, E. M. da S.; ANDRADE, D. (1998). Adolescentes de 1º grau e Aids: estudo de representação enfocando prevenção. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v.15, nº 1. p.3 – 26, jan/abril.
- ROUQUETTE, M. L. (1994). *Sur la connaissance des masses*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- SÁ, C. P. (1993). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, M. J. (org). *O conhecimento no cotidiano*: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.
- SÁ, C. P. de (1996). *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis, Vozes.
- SADER, E. (1988). *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SALLES, C. (1982). *Nos submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense.
- SAMPAIO, A. (2002). *Amor na Internet*: quando o virtual cai na real. Rio de Janeiro: Record.
- SCHNARCH, D. (1997). Sex, Intimacy and the Internet. *Journal of Sex Education and Therapy*, v. 22, n. 1.
- SCOTT, J. (1995). *Gênero*: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade.

SEMERENE, B. (1999). Abrindo as portas dos salões virtuais. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

SENFT, Theresa M. (1997). "Performing the digital body – a ghost story". In: *Woman & Performance. A Jornal os feminist theory*. n. 1. Issue 17. Woman & Performance Project.

SENNETT, R. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. (trad.) Lygia Araújo Watanabe, 7. reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, C.; SEBASTIÃO, P. (2002). Interação e Ciberespaço in: *Sociologia em Diálogo*, Évora: Universidade de Évora.

SILVA, L. D. (2000). "A Internet – A Geração de um Novo Espaço Antropológico". In: LEMOS, A.; PALACIOS, M. (org.). *Janelas do Ciberespaço: Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.

SILVA, L. J. O. L. (2003). *Comunicação: A Internet – A Geração de um Novo Espaço Antropológico*, disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.html>.

SILVA, S. G. (1999). O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. *Revista Brasileira da Sexualidade Humana*.

SIMIÃO, D. S. (2000). Gênero no mundo do trabalho. Mimeo.

SMEL, G. (2002a). El concepto y la tragedia de la cultura. In: _____. *Sobre La aventura*. Barcelona: Ediciones Península.

SIMON, I. (2000). "O Impacto das redes: estudos de Informação e Comunicação (EdIC)". Disponível em: <<http://www.usp.br/iea/infocom.html>>. Disponível em: 20 de dezembro de 2007.

SOARES, A. (1999). *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Difell.

SÓCRATES, A.; NOLASCO (2006). *O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller.

SOLOVE, D. J. (2004). *The Digital Person: Technology And Privacy In The Information Age*. New York: New York University Press.

SPENCER, C. (1996). *Homossexualidade: uma história*, Rio de Janeiro: Record.

SPINK, M. J. P. (1993). O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 9 (3): Jul/set.

SPINK, M. J. P. (1994). *O conhecimento no cotidiano – As representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.

SPINK, M. J. P. (1999). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.

STRATTON, P.; HAYES, N. (1993). *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Editora Pioneira.

SULLER, J. (2000). *Hypotheses about online text relationships*. Disponível em: <<http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/textrel.html>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2007.

SUPLICY, M. (1982). *Conversando sobre sexo*. São Paulo: Editora Vozes Ltda.

TAMANINI, M. (2003). *Novas tecnologias reprodutivas conceptivas à luz da bioética e das teorias de gênero: casais e médicas no Sul do Brasil*. 2003. 363f Tese (doutorado). Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC/CFH, Florianópolis.

TAPSCOTT, D. (1997). *Growing up digital: the rise of the Net Generation*. New York: McGraw-Hill.

THIOLLENT, M. J. M. (1987). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo : Polis.

TRINDADE, A. (2007). *Os direitos fundamentais em uma perspectiva autopoietica*. Porto Alegre: Livraria dos Advogados.

TURKE, S. (1997). *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. Vida na tela: identidade na Era da Internet. New York: Simon and Schuster. Nova Iorque: Simon e Schuster.

VAINFAS, R. (1997). *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

VALA, J. (1993). “*Representações Sociais – Para Uma Psicologia Social do Pensamento Social*”, *Psicologia Social*. VALA, J.; MONTEIRO M. (Eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

VALLADARES, L. P.; MEDEIROS, L. (2003). *Pensando as favelas do Rio de Janeiro, 1906-2000: uma bibliografia analítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, Urbandata.

VEYNE, P. (1986). A homossexualidade em Roma. In: P. Aïès, & A. Béjin (Orgs), *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

VEYNE, P. (1989). O império romano. In: ARIES, P. e DUBY, G. *Historia da vida privada*. vol 1: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras.

VIDAL, M. (1978). *Novos caminhos da moral*. Da “Crise moral” à “Moral crítica”. São Paulo: Paulinas.

VIRILIO, P. (1999). *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade.

WAGNER, W. (1998). Sócio-gênese e características das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiás: A. B. Editora.

WEBER, M. (1977). *Conceitos Básicos de Sociologia*. São Paulo: Editora Moraes.

WEREBE, M. J. A. (1998). *Sexualidade, Política e Educação*. São Paulo: Editora Autores Associados.

WOODWARD, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis; Vozes.

YOUNG, K. (1998). *Caught in the Net: how to recognize the signs of the Internet Addiction and winning strategy for recovery*. New York: John Wiley & Sons.

YOUNG, K. (2001). *Tangled in the web: understanding cybersex from fantasy to addiction*. Boston: Houghton Mifflin.

ANEXOS

ANEXO 1 – Glossário

Arpanet (Advanced Research Projects Administration) – Administração de Projetos de Pesquisa Avançada

Arroba – O sinal "@", arroba, signifca "at", ou "em". Somente em português é usado o nome "arroba", já que em inglês pronuncia-se "at", o que é bem mais prático e lógico, Ray Tomlinson foi quem escolheu o símbolo "@" como separador do nome do usuário do nome da máquina.

Babaquice – bobice, tolice

BBN – Originalmente conhecido como Bolt Beranek e Newman, empresa de alta tecnologia. Hoje a BBN conduz uma vasta gama de investigações e de desenvolvimentos de projetos incluindo a padronização de esforços para a arquitetura da segurança da Internet.

Bulletin Board System – sistema de painel de mensagens, um BBS é um sistema de computador que permite a discagem para os usuários através de um telefone celular pode-se também, enviar e-mails, participar dos grupos de discussão, e baixar arquivos.

Canais – também conhecidos como salas de bate-papo virtual

Cavalos de tróia – Programas que agem como verdadeiras portas de acesso ao conteúdo do computador e, assim sendo, independentemente do sistema operacional, os cavalos de tróia favorecem ilegalmente, a obtenção de controle sobre todos os dados da máquina alheia.

Ciber gato – na gíria brasileira significa um menino ou um homem bonito, atraente que navega pela internet

Ciber. ou Cyber – expressão ligada ao universo da navegação, onde quem vai direcionar o rumo de acesso a sites é justamente quem está por detrás da tela, assim, é o usuário quem comanda o universo, ou seja, o ciber.

Cibercultura – O termo está recheado de sentidos mas pode-se compreendê-lo como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70.

Ciberespaço – É o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, incluindo o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos que transmitem informações provenientes de fontes digitais. Este termo foi criado pelo escritor Willian Gibson na obra intitulada Neuromancer.

Cibersexo – refere-se a atividade sexual ou excitação que se realiza dentro de ambientes mediada por computador.

Contexto nosocomial – Contexto das instituições hospitalares

Correio Eletrônico (e-mail) – Meio de comunicação que permite transmitir mensagens eletronicamente. O formato: nome@provedor.com.br, indica nome do usuário cadastrado, nome do provedor, o tipo de empresa (comercial) e país de origem, respectivamente. O símbolo arroba é apenas um caráter gráfico utilizado na separação das informações.

Cyberspace ou Ciberespaço – Termo criado pelo escritor Willian Gibson em seu livro Neuromancer. É o espaço virtual que favorece uma comunicação em grande escala e representa grande avanço tecnológico rumo as novas e mais evoluídas formas de inteligência coletiva.

Desterritorialização – No mundo virtual não há um local físico – um território delimitado - mas sim, um local representativo e de pertencimento, pois o local, no mundo virtual, é entendido como espaço de representação onde ocorrem as trocas comunicacionais: sociais, econômicas e políticas da comunidade ou dos grupos virtuais.

Emoticons – emotion (emoção) + icon (ícone) - São formas de comunicação paralingüística. São caracteres usados para simbolizar sentimentos e estados de humor em comunicações pela Internet. (ver anexo I)

Falo – Na doutrina freudiana, o falo não é nem uma fantasia (no sentido de um efeito imaginário), nem um objeto parcial (interno, bom, mau), nem tampouco o órgão real, pênis ou clitóris. O falo está na encruzilhada entre corpo, objeto do desejo, gozo do Outro e sentido.

Ficar – É uma gíria brasileira que designa uma relação afetiva sem compromisso e normalmente tem natureza efêmera.

File Transfer Protocol – Protocolo de Transferência de Arquivos

Fiteiros – pequenos estabelecimentos que vendem desde chicletes e lanches a canetas, cadarços de sapato etc..., possuem alta rotatividade de clientes por se localizarem em pontos estratégicos como escolas, praças públicas, saída de estacionamentos, etc.

Grilada – gíria brasileira que significa estar com dúvidas

Hyperlink – Em uma página da Web, um hiperlink (ou simplesmente 'link') é um texto ou um gráfico que o usuário clica sobre ele, a fim de avançar ou mover para uma página relacionada

Ícones – A palavra ícone vem do Grego "eikon" e significa imagem, já na informática ícone é um pequeno símbolo gráfico, usado geralmente para representar um software ou um atalho para um arquivo específico.

Internet Relay Chat - Sistema que permite estabelecer conversações em tempo real

Links – as direções possíveis que ligam um site a outro, ou direções a serem tomadas dentro do próprio site.

Login – Verbetes em inglês, muito usado na Internet, que significa: autenticar (log) + dentro (in). Por exemplo: no endereço eletrônico joao@terra.com.br, o login é o nome que o usuário usa para acessar a rede, neste caso joao. Para entrar na rede, precisa-se digitar o login, seguido de uma senha (password).

Milnet – Rede Militar

mIRC – é um popular cliente Internet Relay Chat usado por milhões de pessoas e milhares de organizações afim de se comunicarem, partilharem, jogarem e trabalharem uns com os outros em redes do IRC em todo o mundo. O mIRC evoluiu para uma poderosa, confiável e divertida peça de tecnologia.

Mito – Crença ou tradição popular que surge em torno de algo ou alguém. Pode ser uma figura falsa ou não comprovada

Mouse – Dispositivo do computador que permite, ao ser movimentado, um deslocamento do cursor na tela, pelo usuário

MSN Web Messenger – Recurso que permite, de modo rápido e fácil, o envio de mensagens instantâneas usando um navegador da Web em qualquer computador, sem a necessidade de instalar software (disco rígido).

Multi-User Dungeon – Ambiente interativo constituído por jogos que têm por objetivo proporcionar entretenimentos aos seus utilizadores.

Navegador – Software para visualização e circulação pela web, como o Microsoft Internet Explorer

Navegar – Ato de percorrer diversos hipertextos acionando os links

Off line – Estar offline representa a indisponibilidade de acesso do usuário à rede ou ao sistema de comunicações

On line – Estar online ou estar em linha, significa estar disponível e ao vivo. No contexto de um web site, significa estar disponível para acesso imediato a uma página de Internet, em tempo real. Na comunicação instantânea, significa estar pronto para a transmissão imediata de dados, seja por meio falado ou escrito. Num contexto de um outro sistema de informação, significa estar em plena operação, de acordo com as funções desempenhadas nessa rede ou sistema.

PAISM – Programa criado em 1984 pelo Ministério da Saúde que marcou uma ruptura conceitual com os princípios norteadores da política de saúde das mulheres e os critérios para eleição de prioridades neste campo. O PAISM inclui ações educativas, preventivas, de diagnóstico, tratamento e recuperação, englobando a assistência à mulher em clínica ginecológica, no pré-natal, parto e puerpério, no climatério, em planejamento familiar, DST, câncer de colo de útero e de mama, além de outras necessidades identificadas a partir do perfil populacional das mulheres brasileiras.

Periférico – Denominação dada a todo dispositivo utilizado para comunicação ou interface entre o computador e o usuário ou entre um computador e outro.

Pitaco – substantivo masculino que significa palpite, opinião ou sugestão que podem ou não ter fundamento técnico ou profissional.

Role play – O próprio termo revela a sua natureza: roleplay. jogar (play), ou assumir, um papel (role).

Screensaver – Protetor de tela também conhecido como descanso de tela

Site (Sítio) – Endereço na World Wide Web

Sítios virtuais – A vida na rede é composta de ‘endereços’ conhecidos como sítios virtuais e formalmente expressos como ‘URLs’ (Uniform Resource Locators localidades na rede).

Software – É um programa de computador que geralmente é desenvolvido por programadores que utilizam linguagens de programação para construí-lo.

Spam – Na sua forma mais popular, um spam consiste numa mensagem de correio eletrônico com fins publicitários e geralmente têm caráter apelativo e, na grande maioria das vezes, são incômodos e inconvenientes

Tabu – É um assunto de que simplesmente não se fala, porque é alvo de opiniões contraditórias ou porque é um assunto que interfere com a sensibilidade das pessoas, etc. Também pode ser considerado como qualquer assunto inaceitável ou proibido em uma determinada sociedade

TPC/IP – É a abreviação de "Transmission Control Protocol/Internet Protocol", ou protocolo de controle de transmissão/protocolo internet. O TPC/IP permitiu que as várias pequenas redes de computadores do exército Americano fossem interligadas, formando uma grande rede, embrião do que hoje conhecemos como Internet.

UOL – Universo Online - É um provedor de conteúdo e provedor de acesso à Internet brasileira, que foi criado pela empresa Folha da Manhã editora do jornal Folha de S. Paulo.

Virtual – É o que pode ser mediado ou potencializado pela tecnologia; produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos

Virtualidade – Qualidade de entidade que denota seu grau de extrapolação do concreto; ou grau de rompimento com as formas tradicionais de ser e acontecer. Usualmente associada às extensões tecnológicas.

Voyerismo – Prática que tem como característica-chave a não interação do objeto com o indivíduo que está sendo observado normalmente a uma relativa distância com o auxílio de binóculos, câmeras, etc. Essa observação escondida, geralmente, serve como facilitadora de estímulo para masturbações, durante ou após a observação.

Web – Abreviação de World Wide Web e de acordo com seu inventor Tim Berners-Lee deve ser escrito com um 'W' (maiúsculo)

Web ou Net – São siglas usadas para designar o conteúdo da Internet.

Webaholics – Nome dado às pessoas que têm compulsão pela vida digital.

Webcam – Webcam (Brasil) ou Câmara web (Portugal). Como o próprio nome diz, Webcam é uma câmera de vídeo projetada para computadores e que tem um baixo custo. Ela capta imagens, transferindo-as de modo quase instantâneo para o computador.

Webchat ou Chat – É um sistema que permite aos utilizadores comunicarem em tempo real usando interfaces facilmente acessíveis através da Internet. É um tipo de bate-papo on-line distinguidos pela sua simplicidade e acessibilidade permitindo aos usuários acesso instantâneo (ver anexo II)

WWW – World Wide Web – Grande Teia Mundial - Sistema baseado em hipertextos que permite a procura e a utilização dos recursos disponíveis na Internet.

Yahoo – É um dos primeiros e mais prestigiados mecanismos de busca da Web. Começou como um hobby de dois estudantes, candidatos ao Curso de Engenharia Elétrica da Universidade de Stanford (EUA), David Filo e Jerry Yang que, em 1994, começaram a catalogar links para que não perdessem tempo em novas buscas.

ANEXO 2 – Como Ingressar na Sala de Bate-Papo

COMO INGRESSAR NA SALA?

- ☒ **Acesse o site >>> www.brasilchat.com.br**

Se for o seu primeiro acesso a sala, faça o Cadastro clicando no canto superior direito da pagina em "Cadastro" como descrito na figura abaixo, preencha todos os campos corretamente, para realizar um cadastro sem perder tempo e corretamente para futuros acessos sem problemas.

Caso já esteja cadastrado clique na Sala Brasil, onde na pagina inicial voce pode acessar por duas opcoes:

-  Uma clicando na categoria GERAL;
-  Outra clicando em TODAS;
-  E a terceira por sua vez mais rapida, clicando em **BRASIL** como indicado na pagina abaixo ao lado da seta rosa.



- ☒ **Fazendo o cadastro:**

Procedimento passo a passo para voce realizar cadastro: insira seus dados, informe um e-mail **válido** e aguarde o e-mail de confirmação na sua caixa de entrada, onde voce confirmara o cadastro.

OBS: "confirmacao" Essa e uma medida de seguranca adotada pelo portal para que o servico seja oferecido a usuarios reais e com qualidade.

BrasilChat

Brasil Chat

Início
Ajuda & Suporte
Criar sala
Código de conduta
Fórum
Localizar um amigo
Quem somos

Salas de bate-papo

Adolescentes
Geral
GLS
Informática
Religião
Romance
Todas...

Cadastro

Nome Completo *

Data de nascimento *

Dia Mês Ano

E-mail *

Digite um e-mail existente. Você deverá ativar sua conta através dele.

Apelido (nick) *

Ex: Brasilero1347

Login (usuário) *

Apenas números, letras, pontos e traços. Comece com uma letra e termine com letra ou número.
Exemplo: nome.sobrenome997

Senha *

Redigite a senha *

Mín. de 6 caracteres, sem espaços.
Diferença maiúsculas e minúsculas.

Ao clicar em **Cadastrar**, você afirma que **concorda** com os termos do Código de Conduta.

Cadastrar

Todos os campos marcados com * são obrigatórios.

**Aguarde a confirmação
do cadastro**

☒ **Ingressando na Sala Brasil**

Para ingressar na sala será necessário fazer o download do Chat Control (que no bom português significa, controle de bate papo).

Este download será iniciado automaticamente, aguarde alguns instantes para que o mesmo seja concluído.

Caso não seja iniciado, aparecerá uma mensagem : *Este site deseja instalar o seguinte complemento* ➤ *MSN Chat Control..*

Libere portanto para que seja iniciado o download.

Aguarde por alguns e uma caixa se abrirá, clique em instalar.

Após a instalação do Chat Control, aparecerá uma carinha dizendo: *Estou vendo o rosto Sorridente!*

ANEXO 3 – Utilizando os Emoticons

Emoticons

😊 você tecla :p

😊 Sorriso	:-) ou :)	😃 Boca aberta	:D ou :d
😮 Surpreso	:O ou :o	😛 Mostrando a língua	:P ou :p
😏 Piscando	;-) ou ;)	😞 Triste	:(ou :(
😕 Confuso	:S ou :s	😓 Desapontado	: ou :
😭 Chorando	:('	😳 Envergonhado	:-\$ ou :\$
😡 Irritado	(H) ou (h)	😡 Bravo	:-@ ou :@
😇 Angelical	(A) ou (a)	😈 Diabo	(6)
😬 Guardando segredo	:#	😬 Rangendo os dentes	8o
😎 Nerd	8-	😏 Sarcástico	^o)
😬 Contando um segredo	:-*	😖 Nauseado	+o(
😞 Eu não sei	:^)	😐 Pensativo	*-)
🥳 Festeiro	<:o)	😏 Virando os olhos	8-)
😴 Sonolento	-)	☕ Xícara de café	(C) ou (c)
👍 Polegar para cima	(Y) ou (y)	👎 Polegar para baixo	(N) ou (n)
🍺 Caneca de cerveja	(B) ou (b)	🍷 Taça de Martini	(D) ou (d)
👧 Garota	(X) ou (x)	👦 Garoto	(Z) ou (z)
👉 Abraço pela esquerda	{}	👈 Abraço pela direita	}
🦋 Morcego vampiro	:-[ou :[	🎂 Bolo de aniversário	(^)
❤️ Coração	(L) ou (l)	❤️ Coração partido	(U) ou (u)
💋 Lábios vermelhos	(K) ou (k)	📦 Presente com um laço	(G) ou (g)
🌹 Rosa vermelha	(F) ou (f)	🌿 Rosa murcha	(W) ou (w)
📷 Câmera	(P) ou (p)	🎞️ Película fotográfica	(~)
🐱 Gato	(@)	🐶 Cachorro	(&)
☎️ Telefone	(T) ou (t)	💡 Lâmpada	(l) ou (i)
🎵 Oitava nota musical	(8)	🌙 Meia-lua dormindo	(S)
★ Estrela	(*)	✉️ E-mail	(E) ou (e)
🕒 Relógio	(O) ou (o)	👤 Ícone do MSN Messenger	(M) ou (m)
🐌 Caracol	(sn)	🐏 Ovelha Negra	(bah)
🍽️ Prato de jantar	(pl)	🍲 Tigela	(ll)
🍕 Pizza	(pi)	⚽ Bola de futebol	(so)
🚗 Carro	(au)	✈️ Avião	(ap)
☂️ Guarda-chuva	(um)	🌴 Ilha com uma palmeira	(ip)
💻 Computador	(co)	📱 Telefone Celular	(mp)